



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

UM PASSEIO

PELA

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Obras que se achão á venda na mesma livraria :

DO MESMO AUTOR

- Historia do Brasil (Lições da)** para uso dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II. 2 v. in-4º enc..... 8\$000
O tomo II vende-se separadamente..... 5\$000
- Historia do Brasil (Lições da)** para uso das escolas de Instrução Primaria. Obra adoptada pelo conselho superior da Instrução Publica. 1 v. in-4º, enc.... 3\$000

DE DIVERSOS AUTORES

- Historia geral do Paraguay** desde sua descoberta até nossos dias por L. ALFREDO DEMERSAY. Seguida de uma noticia geographica do seu estado actual, pelo DR. J. M. L. 1 v. in-8º br..... 2\$000
- Curso de Historia Universal**, pelo Monsenhor DANIEL, Bispo de Coutances e d'Avranches, traduzido e continuado até nossos dias, pelo DR. JOAQUIM MARIA DE LACERDA. 4 v. in-8º..... 8\$000

Cada volume se vende separadamente :

- Historia Antiga**, contendo : Historia Sagrada, Historia dos Egyptios, dos Assyrios, Medos e Persias; Historia da Grecia e dos Romanos 1 v..... 2\$000
- Historia da Idade Media**. 1 v. in-8º..... 2\$000
- Historia Moderna**. 1 v. in-8º..... 2\$000
- Historia Contemporanea**. 1 v. in-8º... 2\$000
- Compendio da Historia da Idade Media**, ornado de um grande e magnifico mappa da invasão dos barbaros, e de quadros synchronicos, por J. B. CALOGERAS, obra adoptada pelo Conselho de Instrução com approvação do Governo Imperial. 1 v. in-8º, enc..... 8\$000
- Elisa Lynch**, Por ORION, precedida de uma sembranza do auctor, por EMILIO CASTELLAR. 1 v. grande in-4º, br. 6\$000, enc..... 7\$000
- Historia Sagrada** illustrada, para uso da infancia, seguida de um appendice, contendo : 1º, uma relação analytica dos livros Antigo e Novo Testamento ; 2º, uma tabella chronologica dos principaes acontecimentos ; 3º, um vocabulario geographico explicativa dos nomes dos povos e paizes mencionados na mesma historia, pelo Conego J. C. FERNANDES PINHEIRO. 4ª edição correcta e augmentada, 1 bello v. in-8º enriquecido de numerosos gravuras, enc..... 3\$000
- Compendio de Historia Antiga** pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO, adoptado pelo Conselho Director da Instrução Publica. 8ª edição correcta e augmentada, impressa em Paris. 1 v. enc..... 8\$000

Mappas do Imperio :

- Mappa da provincia da Bahia**..... 2\$000
- Mappa da provincia do Rio de Janeiro**..... 2\$500
- Mappa da provincia de S. Paulo e Paraná**..... 2\$500
- Mappa da provincia de Goyaz** (2 folhas)..... 5\$000
- Mappa da provincia de Matto-Grosso**..... 2\$000
- Mappa Imperio do Brasil** (2 folhas)..... 7\$000
- Mappa Corographico da provincia do Rio de Janeiro**, mandado organizar por decreto da Assembléa Provincial, encarregando aos engenheiros Pedro de Alcantra Bellegarde e Conrado Jacob Niemeyer, impresso em 4 grandes folhas reunidas e grudadas sobre panno e molduras de madeira, envernizadas 26\$000

NO PRELO :

- Historia da Guerra do Paraguay** por THEODORO FIX, Capitão d'Estado Maior. Traduzida por A. J. FERNANDES DOS REIS e annotado. 1 v. in-4º enc..... 5\$000

UM PASSEIO

PELA

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

NOVA EDIÇÃO

TOMO II

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

Livreiro-editor do Instituto Historico do Brasil

69 — RUA DO OUVIDOR — 69

UM PASSEIO

Pela Cidade do Rio de Janeiro.

XXIII.

O IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II.

Ainda temos conventos e muitas igrejas que visitar ; é porém indispensavel que a variedade dos assumptos venha em meu soccorro, para que eu tenha ainda companheiros e não me ache só nos meus *Passeios*.

Levar-vos-hei hoje ao imperial collegio de Pedro II ; mas em vez de seguirmos já para a rua Larga de S. Joaquim, onde existe o externato, ou para o Engenho-Velho, onde se acha o internato deste importante estabelecimento, voltaremos ainda á rua de S. Pedro, e pararemos defronte do sobradinho antigo e humilde que é contiguo á igreja de S. Pedro, e della uma dependencia.

Assim como ha grandes e caudalosos rios que em sua nascente são apenas tenues arroios, assim tambem se vêem bellas e consideraveis instituições, cujo

berço modesto e pobre mal deixára adivinhar o seu futuro brilhantismo.

O imperial collegio de Pedro II está neste caso.

Diz-se e pôde lêr-se, pois está escripto, que este collegio foi fundado no dia 2 de Dezembro de 1837; certo é porém que a sua verdadeira origem data de um anno que não me é possível bem determinar, e que no entanto foi positivamente anterior ao de 1739 e posterior ao de 1733.

E, mais ainda, a sua origem primitiva seria tudo quanto quizerem, menos fidalga.

Essa bella instituição, de que hoje tanto nos ufamamos, é filha de humildes pais; porque ha um século e vinte e alguns annos derão-lhe o ser a caridade, que nunca foi altiva, e um simples sacristão-mór, que provavelmente não era de nobre estirpe.

E o brilhante collegio que não se lembre de protestar contra estas verdades, negando esta sua procedencia, e sustentando que nunca teve parentesco com o seminario de S. Joaquim; porque é publico e está provado que elle herdou-lhe os bens, sem que os recebesse por legado expresso em testamento, e por consequencia herdou-os por ser parente legitimo, e é incontestavelmente da familia.

Vou resumir em duas palavras o capitulo da nossa historia do outro tempo, capitulo que trata deste assumpto, e que infelizmente não se encontra, nem nos livros, nem nos archivos, mas cuja veracidade julgo poder assegurar, porque pude lê-lo escripto na lem-

branca de tres velhos muito respeitaveis, sendo um delles sacerdote, e todos absolutamente concordes na relação do que tinham ouvido de seus pais e de seus maiores.

Logo que se inaugurou a igreja de S. Pedro, foi escolhido para sacristão-mór desse templo um homem, cujo nome ficou esquecido, talvez um padre, e em todo o caso homem de costumes sãos e de reconhecida virtude.

O sacristão-mór não tinha fortuna, e o pouco que podia ganhar dividia com os pobres. Era um pobre a dar esmolas, partindo pelo meio o pão que apenas para elle chegava.

Doia-lhe sobretudo a sorte dos meninos orphãos, que perdendo seus pais, ficavão em miseria... em duplice miseria... sem pais e sem pão.

O sacristão-mór conhecia e soccorria um homem pobre, viuvo, doente, e com dous filhos ainda muito pequenos ; e meninos de doze e treze annos de idade. Um dia foi ver o seu protegido, e encontrou-o morto. Os dous orphãos choravão, e mal pensavão quanto devião chorar !

O caridoso sacristão levou comsigo os dous meninos, e durante a noite levou horas inteiras a reflectir sobre a vida que os esperava : elle não tinha meios para educalos : que faria dos dous orphãos?... pensando nestes, pensou tambem que muitos outros estarião nas mesmas circumstancias.

Tanto pensou, que o anjo da caridade veio inspirar-

lhe uma idéa feliz, embora um pouco difficil, e cujo resultado se mostrava muito problematico.

Mas, apesar de todas as duvidas que a enublavão, a idéa, a inspiração fez sorrir ao homem caridoso, que dormio tranquillamente, e resolvido a executar o projecto que concebêra.

Dias depois vio-se o sacristão-mór sahir de casa em pleno dia, conduzindo os dous meninos orphãos, a quem vestira de habito e mursa de baêta branca, pondo-lhes ainda no lado esquerdo do peito uma cruz de baêta encarnada.

Ninguem se rio, ninguem se lembrou de deixar ouvir o mais leve epigramma, vendo passar aquelle grupo singular : apenas levados por um explicavel impulso de curiosidade, alguns curiosos forão seguindo de perto e em respeitoso silencio o ancião e os dous meninos.

O sacristão-mór commovido e um pouco receioso do bom exito do seu projecto, dirigio-se em primeiro lugar a casa do governador, e apresentando-lhe os seus dous filhos adoptivos, disse-lhe com uma simplicidade, que as lagrimas que derramava enchião de eloquencia :

— Senhor, estes dous meninos são pobres orphãos, a quem a morte privou dos pais ; precisão do pão que alimenta o corpo, e do pão que alimenta o espirito ; acolhi-os eu que sou quasi tão pobre como elles : posso, graças a Deos, repartir com elles o prato da minha mesa ; faltão-me porém os recursos necessarios para educa-los : muitos outros infelizes estarão em circumstancias identicas ; e veio-me a idéa de sahir com estes a pedir esmo-

las para fundar um pequeno hospício, onde recebem alguma instrução e educação religiosa *os orphãos*, que bem podem vir a chamar-se de *S. Pedro*; porque foi rezando ao Senhor *S. Pedro* que este pensamento nasceu na minha alma.

O sacristão-mór entregou então uma folha de papel ao governador, que, depois de examina-la, e vendo que era uma subscrição em que elle era convidado a assignar em primeiro lugar, tomou logo a penna, escreveu o seu nome, e adiante a quantia de 400\$000.

Da casa do governador partio o sacristão-mór com os dous orphãos a fallar ao bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe, que promptamente assignou na subscrição uma quantia igual á que assignára o governador.

Depois do bispo seguirão-se os negociantes e homens e senhoras ricas, que forão contribuindo com esmolas mais ou menos avultadas, de modo que, no fim de poucos dias, já se mostrava animadora a colheita para *os orphãos de S. Pedro*, e assim achou-se o sacristão-mór em circumstancias de realisar a bella obra que tinha concebido, rezando ao Senhor *S. Pedro*.

Mas aonde, quando, e como principiou esta instituição é o que não me é possível dizer, porque tanto não pude conseguir saber, apesar de todas as minhas investigações e de todos os tributos em que puz a paciencia e a memoria dos meus bons informantes.

É positivo que o bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe não só patrocinou a idéa do sacristão-mór da igreja de *S. Pedro*, mas ainda veio a merecer as honras de funda-

dor do collegio dos orphãos de S. Pedro, porque com a influencia que lhe dava o seu merecimento, a sua posição e a sua autoridade, tomou a peito dar, e deu á obra da caridade um desenvolvimento que o sacristão-mór não podia realizar.

O zeloso e benemerito bispo comprou ao padre Manoel Marques Esteves o terreno contiguo a igreja de S. Pedro, e nelle fundou o seminario que *se dizia dos orphãos de S. Pedro* (assim escreve Pizarro), por provisão de 8 de Junho de 1739.

As palavras de que se serve Pizarro, *que se dizia dos orphãos de S. Pedro*, prestão-se a duas interpretações : ou indicão que havia já um collegio com esse titulo, e eis-ahi o collegio fundado pelo sacristão-mór, ou Pizarro assim se exprimio, porque quando escreveu já o collegio tinha outro nome e se chamava de S. Joaquim.

Mas não resta duvida a respeito da existencia da instituição um pelo menos, ou alguns annos antes de 1739 ; porquanto o mesmo Pizarro, dando conta da fundação do seminario de S. José, e dizendo que ella foi effectuada por provisão de 3 de Fevereiro de 1739, acrescenta logo depois que : « ao mesmo tempo que se trabalhava naquella casa collegial, *continuou a ultimar o zeloso bispo a primeira por elle fundada para educação e instrucção da desgraçada e desvalida mocidade de meninos orphãos e pobres do bispado*, a quem a falta de mestres, de protectores e de outros meios mais promptos, negava a esperanza de serem uteis a si mesmos, á patria, e ás sociedades tanto ecclesiastica como civil.

Com esse fim comprou ao padre Manoel Marques Esteves, etc. »

Portanto, quando se fundou o seminario de S. José estava já fundado o collegio que *se dizia dos Orphãos de S. Pedro*, e Pizarro attribue a fundação desta primeira casa collegial ao bispo, e não ao sacristão-mór da igreja de S. Pedro, ou porque ninguem mais vio a *sobrepelis* do sacristão desde que apparecêra a mitra do bispo, ou porque o modesto e humilde sacristão, em proveito da obra caridosa que concebêra, immediatamente deixou o bispo tornar-se o fundador do collegio.

Nem seria esta a primeira vez em que um general recebesse exclusivamente os louvores e as honras de uma victoria, para alcançar a qual um simples soldado tivesse vencido alguma difficuldade antes d'elle.

Em todo o caso bom foi que o bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe abraçasse e desenvolvesse a idéa do sacristão-mór.

Como já notei, Pizarro nos diz que para fundar o collegio, o bispo comprou ao padre Esteves o terreno contiguo á igreja de S. Pedro; creio porém que não foi sómente comprado o terreno, mas tambem um sobradinho nelle existente, que é o mesmo que ainda hoje ali se vê.

Esta minha persuasão nasce das proprias condições da casa: é inadmissivel que o bispo Guadalupe fizesse construir para um collegio um sobradinho tão acanhado, tão mesquinho e tão improprio para o fim que

se tinha á vista; se porém estou em erro, e aquella construcção foi devida ao bispo, ruim gosto, nesse caso, teve S. Ex. Reverendissima.

Quem quizer póde ir ver e examinar a humilissima casa de que se trata, e quem não se animar a fazê-lo, conceba um sobradinho, para o qual se sobe por uma escadinha, e que todo se resume em uma salinha e em alguns quartinhos, e com todos os seus commodos acabados em inhos, e em inhas, e terá feito uma idéa completa do collegio dos *orphãos de S. Pedro*, fundado pela provisão de 8 de Junho de 1739.

Nesse collegio, que ficou desde logo isento da jurisdicção parochial, forão creadas uma aula de grammatica latina, uma de musica e uma de cantochão, sendo o seu primeiro reitor o padre Sebastião da Motta Leite.

Apezar da insufficiencia da casa ahi ficarão os *orphãos de S. Pedro* durante 27 annos, e por consequencia é claro que muito limitado devia ser o numero dos meninos que então se aproveitavão da instituição.

Tambem é claro que a instrucção que nesse collegio se offerecia aos pobres orphãos era demasiadamente limitada, e parecia tendente a dispô-los e prepará-los para a vida ecclesiastica.

Fracos erão os recursos do estabelecimento, e quasi que provinhão todos de uma unica fonte, a caridade publica, que provavelmente começou desde o principio a ser despertada pelos proprios collegiaes que sahião a pedir esmolas.

Diz-se que não tendo o collegio nessa época patri-

monio algum, e não chegando para sua sustentação a colheita de esmolos, concorrião os estudantes ás festividades religiosas e aos enterros para que erão convidados, percebendo por isso esportulas que revertião em beneficio do estabelecimento. Este uso iremos encontra-lo durante algum tempo ainda no seminario de S. Joaquim.

Diz-se tambem que já nessa mesma época recebia o collegio alumnos contribuintes, e se assim era, não sei como se accommodavão os collegiaes naquelle sobradinho contiguo á igreja de S. Pedro.

A 12 de Maio de 1742, o bispo D. Fr. João da Cruz reformou os estatutos que tinhão sido dados ao collegio pelo seu antecessor D. Fr. Antonio de Guadalupe, e procurou abrandar um pouco algumas disposições mais rigorosas desse regulamento, que era quasi todo copiado de outro observado em um collegio semelhante que havia na cidade do Porto.

A infancia da importante instituição dos orphãos de S. Pedro durou vinte e sete annos, cuja historia é hoje quasi toda tradicional e em muitos pontos obscura: não ha nem documentos, nem livros em que ella possa ser estudada, e sómente é licito affirmar que o collegio marchava embaraçadamente e lutando com todas as difficuldades do noviciado e da pobreza.

Entretanto a instituição estava fundada: a arvore muito nova ainda não estendia em torno grandes e vigorosos ramos, a cuja sombra pudesse vir acolher-se um elevado numero de orphãos; o solo porém era fertil, e o que mais faltava devia pouco a pouco ser conseguido.

Um velho de nome Manoel de Campos Dias tinha levantado no anno de 1758 uma capella consagrada a S. Joaquim, no sitio em que principiava a rua do Vallongo, e notando as proporções acanhadas da casa do collegio dos orphãos de S. Pedro, offereceu para estes a capella que fizera erigir.

Secundando esta acção piedosa um homem cujo nome não chegou até nós, mas que se sabe ter sido morador de Minas-Geraes, fez tambem e pelo mesmo tempo e para o mesmo fim doação de algumas braças de terra que possuía junto daquella ermida, e que devião servir para se edificar ali um seminario.

Era então reitor do collegio o padre Jacintho Pereira da Costa, que recebeu as doações feitas e deu principio ás obras do seminario, que activou tanto que as entregou muito adiantadas ao seu successor o conego Antonio Lopes Xavier.

Este novo reitor concluiu a parte principal do seminario, e teve a satisfação de ver no seu reitorado, em principio de Dezembro de 1766, mudarem-se os orphãos de S. Pedro para a sua nova casa.

Entretanto perdêrão os meninos nesse dia a denominação por que erão conhecidos, e os *orphãos de S. Pedro* ficarão desde então sendo chamados a principio *orphãos de S. Joaquim*, e emfim *seminaristas de S. Joaquim*.

O sobradinho contiguo á igreja de S. Pedro foi depois de algum tempo destinado a hospedar o sacristão-mór da competente igreja, e ainda hoje, creio eu, continúa a ter este destino.

Debaixo das vistas e da protecção dos bispos forão os diversos reitores do seminario de S. Joaquim ampliando este estabelecimento, e pouco a pouco fazendo construir a igreja de S. Joaquim, conforme erão mais ou menos animadores os recursos que *offerecia aos orphãos* a caridade publica.

Pouco a pouco tambem conseguirão elles ir preparando o pequeno patrimonio que teve depois o seminario, e que constou de nove predios, que se devêrão a alguns legados pios, e ás sobras das despezas do estabelecimento, sobras que a economia dos reitores pôde muitas vezes fazer apparecer.

Mas o patrimonio dos orphãos de S. Pedro ou de S. Joaquim começou logo sob máos auspicios; porque o primeiro, ou um dos primeiros bemfeitores, que foi o padre Sebastião da Motta Leite, legou *em proveito do collegio e dos collegiaes uma chacara que possuia na Gambôa, determinando que nunca ella pudesse ser vendida nem obrigada a cousa alguma*; fez-se porém o contrario disso, ficando o seminario sem a chacara, como depois ficarão os pobres orphãos privados de tudo quanto era propriedade sua.

A 20 de Julho de 1777 o bispo D. José Joaquim Justiniano Castello-Branco determinou que o seminario de S. Joaquim recebesse gratuitamente meninos orphãos pobres até o numero de vinte e seis; esse numero porém foi elevado a vinte e nove no anno de 1795, em consequencia de tres legados de 1:200\$000 cada um, feitos por Domingos de Souza Guimarães, sob a condição de se crea-

rem no seminario mais tres lugares perpetuos para meninos pobres.

Mas o seminario contava tres classes de alumnos: a primeira era a dos meninos ricos, chamados pensionistas, que pagavão oitenta mil réis annuaes; a segunda a dos menos ricos, chamados meio-pensionistas, que contribuião com quarenta mil réis annuaes; e a terceira dos pobres, que erão gratuitos, ou antes que pagavão tanto ou mais que os outros; graças ao concurso da caridade publica, e graças tambem ao seu trabalho, como d'aqui a pouco terei de mostrar.

Nos primeiros tempos as duas classes de ricos e menos ricos contribuião com sessenta mil réis annuaes a primeira, e com trinta mil réis a segunda.

Até aqui nada ha que notar. Chamavão-se alumnos gratuitos no seminario de S. Joaquim os seminaristas que não tinbão pais, ou protectores que pagassem immediatamente a sua annualidade, embora com o *seu patrimonio e com as esmolas que elles proprios obtinhão fizessem igual ou maior pagamento*, isso pouco importa.

D'aqui por diante porém encontraremos differenças e distincções que estão em completa desharmonia com os sentimentos de uma verdadeira caridade.

Vou principiar pelo principio. Fação de conta que battia á porta do seminario de S. Joaquim um menino que queria entrar para ali; havia lugares vagos em qualquer das tres classes de seminaristas: abria-se a porta.

O menino devia ser admittido com certas formalidades, e eis-aqui o que se praticava.

Se o menino era rico, o reitor o conduzia á igreja, cujas portas se abrião ao publico, e depois de benzer os habitos de seminarista, que o novo alumno trocava pelos seus vestidos seculares, fazia-o escolher e tomar o nome de algum santo, como se praticava nas casas professoras, e emfim entoava um *Te-Deum* com toda a solemnidade.

Mas se o menino era pobre, arranjavão-se todas essas ceremonias á capucha no côro da igreja, e dispensava-se o *Te-Deum*.

Por consequencia os louvores a Deos erão rendidos pelo dinheiro que o menino rico vinha pagar, e não pelo novo alumno que o seminario recebia, e que ia educar de modo conveniente ao Estado.

Passo a dizer-vos como se vestião os seminaristas de S. Joaquim.

No interior do seminario trazião uma tunica de linho branco apertada com um cinto preto, e calçavão meias brancas e sapatos pretos; os pobres porém usavão a principio de sapatos de couro branco e trazião cinto de couro preto, em vez de cadarço dessa côr, com que se cingião os ricos.

Nas solemnidades dentro e fóra do seminario os habitos erão os seguintes: tunica, mursa e barrete de baetilha branca, cinto de cadarço preto, uma cruz vermelha no lado esquerdo da mursa.

Dessas vestes brancas proveio aos seminaristas a alcunha de *carneiros*, porque erão conhecidos na cidade, e que provavelmente lhe foi posta pelos estudantes dos

outros seminarios, que aliás tambem forão alcunhados, como opportunamente direi.

O padre Placido Mendes Carneiro, sendo reitor do seminario de S. Joaquim, fez desaparecer completamente as differenças que se notavão nos habitos dos seminaristas ricos e pobres, bem como veremos que pôz termo a outras distincções e usos inconvenientes.

Este mesmo reitor obteve do bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, por despacho de 17 de Agosto de 1811, a mudança dos habitos dos seminaristas, que ficarão usando de tunica preta, barrete e meias da mesma còr, cinto roxo com uma pequena faixa, mursa tambem roxa com uma cruz vermelha ao lado esquerdo, e sapato com fivella.

Quando os seminaristas sahião em communidade para alguma funcção ou cerimonia religiosa, ião assim trajados e levavão cruz alçada, cruz que se chamava pontifical, por isso que sustentava a tiára pontificia, e as chaves de S. Pedro: aos lados da cruz mostravão-se os competentes ciriaes, e os seminaristas que levavão estas insignias, trajavão sobrepellizes que o seminario lhes fornecia.

Passados alguns annos, e tendo succedido no reitorado ao padre Placido Mendes Carneiro, que fôra nomeado conego da capella real, o abbade de Alverca José dos Santos Salgueiro, o bispo D. José Caetano permittio a pedido deste, que os seminaristas usassem de sobrepelliz, trazendo sobre esta a mursa roxa e cabeção encarnado, com o que exultarão os jovens alumnos por se acharem mais bonitos e vistosos que d'antes.

O mesmo reitor conseguiu tambem do Sr. D. João VI para os seminaristas a concessão de uma medalha de honra, que elles trazião pendente de uma fita de seda preta, quando usavão de habito, e presa ao lado esquerdo do peito quando se apresentavão de casaca.

A medalha era dourada e de figura oval : em uma de suas faces via-se em relevo um livro atravessado por um cajado, lendo-se na circumferencia pouco mais ou menos a seguinte inscripção : « *Pulitatum orphanotrophium divo Joachinodicatum* » e na outra face estava a effigie do rei com esta outra inscripção : « *Joannes Portugaliæ, Brasiliæ et Algarbiorum Rex et orphanorum Pater* ».

Asseverão-me que estas inscripções forão dictadas pelo celebre e venerando Silvestre Pinheiro.

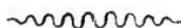
Já se vê que os orphãos de S. Pedro depois de terem mudado de nome uma vez pelo menos, mudarão ainda mais vezes de vestidos; parece porém que gozárão de alguma consideração no reinado do Sr. D. João VI, pois que merecêrão a concessão de uma medalha de honra ; mas isso não os livrou de perderem nessa mesma época o seu seminario, como teremos de ver em breve.

Cabia em tal caso lembrar o dictado que diz : « pobre quando vê muita esmola, desconfia ».

É porém conveniente não atropellar os factos, nem confundir a historia.

Ainda tenho bastante que dizer antes de chegar a essa primeira violencia feita aos *orphãos de S. Joaquim*.

Ficarei aqui por hoje.



XXIV

O IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II.

A administração do antigo seminario dos orphãos de S. Joaquim foi a principio, e durante muitos annos, da maior simplicidade, e pouco mais ou menos como fôra primitivamente a do collegio dos orphãos de S. Pedro.

O chefe supremo do estabelecimento era o bispo diocesano do Rio de Janeiro, sendo por provisão delle nomeados o reitor, o vice-reitor e os professores.

Os superiores do seminario erão quatro, a dous dos quaes estava especialmente incumbida a administração.

O reitor governava o seminario, nomeava algum empregado subalterno de que havia necessidade, e respondia pelo comportamento moral e religioso dos seminaristas.

O vice-reitor era o economo da casa, dava todas as providencias a fim de que nada faltasse daquillo que se garantia a os meninos, velava pela pontualidade dos actos da communitade, fazia as compras necessarias, cobrava as rendas do patrimonio do seminario, bem como de uma terça parte do rendimento de um trapiche que se chamava *da Ordem*, e a que o estabelecimento tinha direito; assistia ao refeitório, e celebrava missa todos os dias ás sete horas da manhã.

Os outros dous superiores erão um professor de latim que dava lições diarias das oito ás dez horas da manhã, e das tres ás cinco da tarde, á excepção das quintas-feiras

que erão dias feriados ; e um professor de cantochão, que leccionava duas vezes por semana sómente, nas tardes das quartas-feiras e sabbados.

Creou-se tambem no seminario uma aula de musica, que em pouco tempo desapareceu, deixando os seminaristas reduzidos ao monotono cantochão.

Já se vê que em materia de administração nada podia haver mais simples, e em materia de instrucção nada podia haver mais pobre e limitado.

Não poderia merecer uma queixa razoavel este simplicissimo systema administrativo: não se sentia necessidade de uma administração complicada, nem de um grande pessoal della incumbido.

Não me refiro ao que se passa no imperial collegio de Pedro II, que em seu governo interno está felizmente livre de notaveis complicações ; se porém quizesse fallar de outras instituições e de diversos ramos da administração publica, provaria sem a menor difficuldade que quanto maior é a náa maior é a tormenta, que quanto menos simples é o mecanismo do serviço e a têa administrativa, e mais numerozo o pessoal envolvido nelles, tanto mais sensivel é a atrapalhação, e tanto mais larga a sangria que recebe o thesouro publico, sem que o Estado colha um proveito que realmente corresponda á elevação da despeza.

É verdade que as atrapalhações administrativas devidas ao pessoal numerozo empregado no serviço, que se subdivide, e se sujeita a trinta mil secções, distincções, e mais isto e mais aquillo, são ás vezes indispensaveis para se arranjamem afillhados de excellentissimos padri-

nhos, e por consequencia não ha que dizer, nem que notar : pague o thesouro as custas, e faça-se em quinze dias o que se podia acabar em dous ou tres.

Direi opportunamente quaes as modificações por que teve de passar a administração do seminario dos orphãos de S. Joaquim.

Quanto á instrucção, que era impossivel que mais resumida fosse, ainda assim era um apreciavel beneficio naquelle tempo.

Os meninos que concluião os seus estudos de latim e cantochão no seminario dos orphãos de S. Joaquim, achavão nos seminarios de S. José e da Lapa, e em uma ou outra aula, recursos para completar o seu curso de humanidades.

A maior parte dos seminaristas de S. Joaquim destinava-se ao sacerdocio, e neste seminario gastavão quatro, cinco e ás vezes mais annos em aprender o latim, embora sómente de latim e de cantochão se occupassem.

Ficais sem duvida tomados de espanto depois de receber esta informação.

Comparais os estudantes de outr'ora com os estudantes de hoje, e vos sentís abysmados considerando a facil comprehensão da mocidade do nosso tempo.

Façamos justiça aos nossos maiores.

Houve então, como hoje ha, bellas intelligencias e estudantes igualmente applicados e talentosos ; hoje porém os systemas de instrucção se achão aperfeiçoados, os livros sobraão, os mestres não faltão, e póde-se aprender muito mais e mais depressa.

Entretanto é preciso não confundir a verdade com o sophisma.

Podeis relatar-me trinta ou quarenta factos de meninos-prodigios que em dous ou tres annos, e até mesmo em alguns mezes, aprendêrão latim, francez, inglez, historia, geographia, arithmetica e geometria, philosophia, rhetorica e outras cousas mais, e forão *approvedos com louvor* em seus exames de preparatorios em certas academias do Imperio.

Não ponho em duvida os factos ; mas não creio no *prodigio* ; todos sabem como esses milagres se arranvão, e apezar do patronato, o menino-prodigio não passará de *um nihil in omnibus*.

Aprendia-se antigamente o latim durante cinco annos e mais nos seminarios ; mas os estudantes sahião das aulas sabendo alguma cousa, e os padres lião o seu breviario com consciencia e entendendo o que lião, o que era por certo muito melhor do que vêr-se um analfabeto que aborrecido da taverna em que é caixeiro, determina ser padre, e no fim de alguns mezes toma ordens de presbytero sem saber como concorda o sujeito com o verbo, sem poder cantar uma epistola se não entre um chuveiro de syllabadas, e fazendo ouvir a palavra de Deos sem comprehendê-la, como um papagaio que repete : *Quem passa ? é o rei que vai á caça ?*

Salvas honrosas excepções, o nosso clero nunca foi grande cousa, quanto á illustração ; mas tambem nunca se mostrou tão ignorante, nem tão abaixo da sua

muito nobre e veneranda missão, como hoje, salvas ainda honrosas excepções.

Por consequencia era mil vezes melhor aprender latim durante quatro ou seis annos, do que engorolar um *dominus vobiscum*, em dous ou tres mezes.

Mas onde vou eu com as minhas costumadas divagações?... deixemos em paz os improvisos de padres e de academicos e vamos continuar a historia do seminario dos orphãos de S. Joaquim.

Já fallei da administração do estabelecimento; vou outra vez occupar-me com os seminaristas.

O refeitório do seminario era como podia ser o de uma casa de pobres, e resentia-se por certo de uma ruim disposição logo na primeira comida; porque durante muitos annos não houve almoço prestado pelo estabelecimento: os alumnos almoçavão á sua custa, e por consequencia, os pobres ficavão á mercê dos ricos, ou de alguns recursos devidos á caridade, ou emfim não almoçavão, o que aliás raramente acontecia.

Nos domingos porém e nos dias de festa fazia-se uma excepção a esta regra duramente economica, e dava-se a cada seminarista um opiparo almoço, que constava exclusivamente de um pão com manteiga.

Ao jantar e á cêa a mesa era simples, mas farta.

Ao jantar, que tocava ao meio dia, havia carne de vacca cosida com couves e toucinho, carne guisada, a que os seminaristas chamavão *serrabode*, e a esse prato se ajuntava arroz, e por sobremesa fruta do tempo.

Nos dias de preceito a carne de vacca era sempre substituída por bacalhão ou peixe grosso salgado.

Um vice-reitor do seminário deixou a esse constante e infallível prato de carne cozida ou guisada o nome de *purgante da casa*, porque era de regra que raramente falhava, que os meninos que entravam para o seminário, ainda mesmo amarellos e magros, mostravam-se no fim de dous mezes corados e brilhantes de saúde, depois de haverem passado por um *pro fluvio ventris*, que durava algumas semanas.

À noite constava a cêa de um unico prato e fruta do tempo, e nos dias de preceito esse prato era simplesmente de hervas, ou de arroz com camarões, que os seminaristas tinham alcunhado com uma certa propriedade chamando-o — *o ponto e virgula*.

Mas nem a falta do almoço nem a parcimonia da mesa do refeitório do seminário dos orphãos de S. Joaquim me causão verdadeira estranheza : a casa era pobre, não podia dar mais, e portanto devião todos ter paciencia ; o que porém se tornava muito censuravel era o costume vil e indigno que fazia excluir no mesmo seminário da mesa dos alumnos contribuintes os alumnos gratuitos ! Não se permittia que os pobres comessem *serrabode* nem *ponto e virgula* com os ricos ! Em uma instituição filha legitima da caridade, offendia-se mortalmente a caridade para se render cultos ao ouro ! Em uma casa de Jesus-Christo dobravam-se os joelhos a Plutus ou ao diabo !...

Felizmente, sendo reitor o padre Placido Mendes Carneiro, forão por suas repetidas reclamações abolidas

essas excepções odiosas, e que devião envergonhar áquelles que as tinham estatuido.

Além dos seus estudos de latim e cantochão os seminaristas de S. Joaquim occupavão-se em exercicios de piedade christã.

Todos os dias resavão no côro da igreja o officio de nove lições, como os sacerdotes, isto é, desde matinas até nôa de manhã, e de vespervas até completas á tarde. Este trabalho foi dispensado pelo bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, ficando porém os seminaristas sempre obrigados a recitarem o officio em todos os domingos e dias santos. Nos dias feriaes cantavão a *Stella celi*, dava a oração um diacono, e elles ouvião missa. À noite ião para a capella do seminario, ás sete horas e meia, e lá resavão o terço de Nossa Senhora, e voltavão em communidade para o refeitório, onde ceiavão sob a presidencia do vice-reitor, e enfim, depois de darem graças a Deos e de recitarem o psalmo *miserere*, retiravão-se, indo cada um para o seu cubiculo.

Além destes exercicios de piedade tinham os seminaristas durante o anno algumas grandes solemnidades religiosas, que se celebravão na igreja do seminario, e em que elles tomavão uma parte muito notavel.

A festa do patriarcha S. Joaquim era feita com toda a pompa e precedida de novenas, nas quaes prégavão os seminaristas que o reitor escolhia d'entre aquelles que lhe parecião mais capazes de desempenhar esse serviço, e é escusado dizer que acudia um numeroso concurso para ouvir e apreciar os prégadores imberbes, alguns

dos quaes creárão uma fama que não desmentirão depois. Na vespera da festa havia matinas cantadas pelos seminaristas.

Notava-se com interesse que appareção nesta solemnidade alguns sacerdotes que vinhão espontaneamente pagar ainda um tributo de amor e de saudade ao seminario, de que erão filhos.

A festa do patriarcha S. Joaquim era sem duvida a principal ; celebravão-se porém ainda mais duas, a de Nossa Senhora das Dôres e a de S. José, cujos festeiros erão sempre seminaristas, admittindo-se no entanto o concurso de devotos de fóra do seminario, fazendo-se para esse fim eleição annual de juizes, juizas, procuradores, etc.

Vou agora mostrar com a simples exposição de outros costumes e usos observados no seminario de S. Joaquim, como os pobres orphãos, os alumnos chamados não contribuintes ou gratuitos, erão de facto contribuintes pouco mais ou menos como os outros.

Os seminaristas tinhão por obrigação varrer a igreja do seminario e cuidar da sacristia, trazendo-as sempre no mais completo asseio, e dividião entre si este serviço, fazendo semanas, de modo que cumprissem todos o mesmo dever.

Até aqui a regra era geral: apparece porém em seguida uma excepção, que vai tornar, como disse, os seminaristas gratuitos em nome, contribuintes de facto.

Os alumnos pobres do seminario de S. Joaquim

fazião semanas de côros, indo dous para o côro de S. Pedro, dous para o da Candelaria, e dous para o da Misericordia, recebendo por esse serviço o seminario uma quantia annual.

Costumavão tambem sahir em commuidade para acompanhar enterros, porque nos testamentos deixados por alguns finados achava-se a clausula de uma esmola de quatro centos, duzentos, e cem mil réis no minimo legada *aos pobres orphãos de S. Joaquim*, com a obrigação de irem estes acompanhar ao ultimo jazigo os restos mortaes dos legatarios, entoando na rua o psalmo *miserere*, e na igreja, depois da encomendação, um bem garganteado *libera-me*, dando o reitor do seminario a oração.

Ainda alguns devotos mandando cantar missas por qualquer intenção, entendião-se ás vezes com o reitor do seminario de S. Joaquim, e lá ião os seminaristas entoar o seu cantochão mediante uma esmola mais ou menos elevada, que pertencia sempre ao estabelecimento.

Segue-se portanto que não podia haver *gratuitos* menos onerosos do que os pobres orphãos de S. Joaquim, que durante muito tempo andarão com sapatos e cintos diferentes dos que trazião seus collegas ricos, e nem ao menos comião com elles toucinho á mesma mesa, e tinham ou recebião á parte o seu *purgante da casa* e o seu *ponto e virgula*, como se até nos pontos e virgulas e nos purgantes se devesse estabelecer differença entre pobres e ricos !

Outro costume foi por muitos annos observado, pelo qual os orphãos pobres de S. Joaquim recolhião auxilios certos e ás vezes avultados, que aproveitavão aliás a todos os seminaristas; porque vinhão a pertencer ao seminario.

Sabião os pobres meninos com as suas vestes, que os fazião chamar — carneiros —. e levando nas mãos uma bolsa, corrião os diversos bairros da cidade, entoando em alta voz estas palavras despertadoras da caridade publica: « Dai esmola aos meninos orphãos de S. Joaquim pelo amor de Deos ».

E não é preciso dizer que as bolsas voltavão recheadas dos obulos da caridade, mas tambem é verdade que os meninos vião-se expostos aos motejos e ás zombarias dos garotos, e dos rapazes sem juizo ou sem generosidade.

Semelhante prática tinha em verdade graves inconvenientes: não era certamente a mais propria para o complemento da educação moral dos meninos, e podia mesmo facilitar a sua desmoralisação.

Outros meios havia para chamar a caridade publica em soccorro do seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim, e foi assim que entendeu o reitor padre Placido Mendes Carneiro, que acabou com esse triste costume.

Faz a maior honra á memoria do padre Placido o facto de se encontrar o seu nome ligado a todas essas pequenas, mas importantes reformas tendentes a melhorarem a posição dos alumnos pobres do seminario, e a pôrem um termo a todas as distincções mesquinhas

e repugnantes, que fazião correr uma linha divisoria entre os seminaristas contribuintes e os chamados gratuitos, com offensa evidente da caridade, e aviltamento dos pobres.

Taes erão os systemas de administração e de estudos, e os costumes do seminario dos orphãos de S. Joaquim.

No principio do seculo actual tinhão os seminaristas por mestres de latim o padre João Baptista de Meirelles, que depois foi vigario da freguezia, hoje cidade de Vassouras, e por mestres de musica, piano e cantoção o padre José de Oliveira e José Joaquim, que era ainda mais conhecido pela alcunha *Os cinco sentidos*, e tantos progressos mostravão os estudantes, e tanto credito merecia o seminario, que logo depois da chegada da familia real um e outro recebêrão uma prova de consideração da parte do principe regente o Sr. D. João.

Tratando-se de celebrar a semana santa na *capella real*, mandou o principe regente que o cura da capella, o padre Antonio Pedro, escolhesse em todos os córos existentes na cidade do Rio de Janeiro cantores com boas vozes e capacidade reconhecida para ajudar ás ceremonias d'aquella sumptuosa solemnidade, e só do seminario de S. Joaquim forão tirados sete meninos, que depois recebêrão do Sr. D. João, em nome da rainha, a nomeação de capellães cantores, e desses vive ainda hoje um, que é o Sr. padre-mestre Joaquim Severino Gomes de Abreu.

No thesouro do imperial collegio de Pedro II con-

serva-se ainda actualmente uma ambula de ouro de grande merecimento artistico, que pertencêra desde longa data ao seminario de S. Joaquim. O Sr. D. João, principe regente, notando que ella precisava de concerto, mandou effectuar este á sua custa, mostrando neste facto, aliás muito simples, que se interessava pelo estabelecimento, e depois distinguio os seminaristas de S. Joaquim, concedendo-lhes a medalha de que já fallei.

Mas esta protecção da magestade arrefeceu no fim de breves annos, e em 1818 recebeu o seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim o primeiro golpe e a primeira injustiça.

Acabava de chegar em Outubro de 1817 ao Rio de Janeiro uma divisão de tropas portuguezas, e sendo necessario accommodar os soldados, e não bastando para isso os quartéis existentes e alguns que se improvisarão, transformou-se tambem em quartel o seminario de S. Joaquim.

Por decreto de 5 de Janeiro de 1818, e sob informações e parecer do bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, foi extincto o seminario de S. Joaquim, sendo o edificio e suas dependencias encorporados aos proprios da corôa, percebendo os rendimentos do patrimonio do extincto seminario, o episcopal de S. José, para o qual devião passar os alumnos que tivessem vocação e habilitações para o estado ecclesiastico, ficando os outros addidos ao corpo de artifices engenheiros da divisão portugueza, que para quartel de um dos seus corpos re-

cebêra aquella casa, que era propriedade dos orphãos pobres.

Este *arranjo* violento foi uma especie das celebres aposentadorias que logo depois da chegada da familia real portugueza fizerão o tormento dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro.

Admira a sem-ceremonia com que se arrancou uma propriedade a seus legitimos donos! mas ao menos naquelle *bom e suavissimo* tempo o governo não dava contas de seus actos, e fazia violencias sem receio de responsabilidade.

Deve-se suppôr, para de algum modo desculpar este acto cruel, que o seminario de S. Joaquim se apresentava em lamentavel decadencia em 1818, e que parecendo arvore incapaz de dar bons fructos, o governo julgou acertado corta-la pela raiz.

Admittindo-se porém essa hypothese, o que cumpria ao governo fazer era regenerar a instituição, dar-lhe elementos de vida e de prosperidade, chegar terra á arvore e cultiva-la, e trata-la com esmero e zelo para que ella fructificasse.

Se a instituição fosse filha do governo, se o patrimonio do seminario pertencesse por alguma condição ao governo, o decreto de 5 de Janeiro de 1818 seria apenas um erro, uma medida mal aconselhada e inconveniente; sendo porém a instituição inteiramente alheia do governo, e o seminario e o seu patrimonio propriedade dos orphãos pobres de S. Joaquim, e propriedade havida

por doações explicitas e claras, aquelle decreto foi uma violencia que não tem explicação e ainda menos escusa.

E no entanto o decreto de 5 de Janeiro de 1818 teve a seu favor a informação e o parecer do bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, um principe da igreja venerando e sabio!...

Quandoque dormitat Homerus.

Aquelle que deveria ser o natural defensor do seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim, abandonou-o no momento supremo, e concorreu de sua parte para que se desmantelasse a obra concebida e começada a realizar pelo sacristão-mór da igreja de S. Pedro, e desenvolvida pelo bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe, e por seus successores com o auxilio e o concurso de alguns homens beneficos e piedosos.

E sobre um mal veio logo outro.

Em 1818 desaparecêrão com o archivo do seminario de S. Joaquim os títulos e documentos do respectivo patrimonio.

O ministro conde dos Arcos acudio em soccorro do patrimonio: está visto que devia mostrar-se algum cuidado com o espolio do seminario morto.

O Dr. José da Silva Lisboa, depois visconde de Cairú, e uma das maiores illustrações do Brasil, foi encarregado de colher as possiveis informações sobre a origem e historia da instituição sacrificada: recebeu a missão de escrever a necrologia da defuncta, e fez tudo quanto pôde para desempenha-la: dos dous ultimos reitores, que ainda vivião, o abbade José dos Santos Salgueiros e o

conego Placido Mendes Carneiro, e dos bemfeitores Joaquim Antonio Insúa, e José Severino Gesteira, obteve algumas noticias e esclarecimentos que lhe servirão para descobrir e recolher os poucos documentos que hoje se possui a respeito do seminario de S. Joaquim.

Ha, porém, coincidencias e acasos singulares que o povo não deixa passar despercebidos.

Era notavel e quasi proverbial o constante e feliz estado sanitario do seminario de S. Joaquim. Os reitores, os seminaristas e toda a gente da casa gozavão sempre de excellente saude, e tornára-se raro o caso de alguma enfermidade.

Observára-se mesmo que durante a terrivel *zamperini* ninguem adoecêra no seminario de S. Joaquim, e ainda mais notavel observação se fizera quando reinou a não menos fatal epidemia que recebêra a alcunha de *carcunda*, e que tantas vidas ceifára no Rio de Janeiro; porque, habitando então dentro do seminario cerca de oitenta pessoas, forão quasi todas atacadas do mal, e não houve uma só que succumbisse a elle.

Passou o seminario a ser quartel de soldados, e começou logo entre estes a-colheita da morte.

As molestias se multiplicárão, e as victimas forão numerosas, entrando na conta dellas um official e o capellão do corpo aquartelado.

E além das enfermidades occorreu tambem um desastre.

Diz uma tradição que um grande muro que havia, como hoje ha, para o lado da rua da Imperatriz, rua

que então se chamava do Vallongo, veio a cair um dia inexperadamente, e esmagou em baixo de suas pedras um menino, que ia passando.

Tudo isto podia muito naturalmente acontecer ; o povo, porém, que é credulo, e que se deixa dominar por idéas que a razão nem sempre aceita e explica, acreditou que o decreto de 5 de Janeiro de 1818 não tinha sido nem podia ser abençoado por Deos, que é pai dos orphãos e de todos os pobres, e que, portanto, condemnava a injustiça e a violencia feita aos orphãos pobres de S. Joaquim.



XXV.

O IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II.

A extinção do seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim era um factu consummado desde Janeiro de 1818. O poder absoluto havia arrancado aos *pobres orphãos* uma doação feita pela caridade de não poucos bemfeitores, e não se admittia nesse tempo a menor opposição ao quero e mando do governo, que assim mostrava desprezar o direito de propriedade.

Entretanto dous annos e quatro mezes tinham apenas corrido, e já o governo corrigia arrependido o erro que commettêra, revogando todas as disposições do decreto de 5 de Janeiro de 1818.

Ignoro completamente as razões que levárão o governo a dar semelhante passo, e, como é de crer que em dous annos e quatro mezes tivessem arrefecido as queixas dos bemfeitores da instituição, se é que estes por ventura ousárão alguma vez murmurar, devo suppôr que a medida fosse aconselhada pelo reconhecimento do direito que assistia aos orphãos pobres de S. Joaquim, ou tambem pelo natural desejo que tinha o novo governo do Brasil de recommendar-se á estima da população.

Porque é preciso não esquecer que as datas do primeiro e do segundo decreto nos estão indicando que o de 5 de Janeiro de 1818 pertence ao Sr. D. João VI, rei de Portugal, Brasil e Algarves, e a do outro, que foi de 19

de Maio de 1821, pertence ao Sr. D. Pedro, então príncipe regente e lugar-tenente de el-rei seu pai no Brasil.

Póde ser que não tenha importancia ou significação alguma politica o facto de ter o Sr. D. Pedro, príncipe regente, revogado aquella medida tomada pelo governo do rei seu pai ; sempre é bom porém conservar de memoria essas datas, que recordão duas épocas bem distinctas e bem diversas em idéas, em aspirações e em esperanças, duvidas e sonhos de futuro.

O certo é em todo o caso que, logo depois da retirada do Sr. D. João VI para Portugal, o Sr. D. Pedro por decreto da data já marcada mandou restabelecer o seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim, no mesmo pé em que d'antes se achava, ordenando igualmente que o patrimonio, de que estava de posse o seminario de S. José, revertesse para aquelle, como era de direito.

E como para deixar bem patente o seu interessé pela instituição que regenerava, o príncipe procurou chamar para ella o patrocínio e dedicação de alguns individuos cujos nomes já se achassem ligados á historia do caridoso estabelecimento.

Assim lembrou-se de que um negociante de fazendas da rua de S. Pedro, negociante chamado José Severino Gesteira, era sobrinho de outro Gesteira que gastára com o antigo seminario cerca de quarenta mil cruzados, e que Joaquim Antonio Insúa, morador na rua do Vallongo, fôra tambem bemfeitor dos pobres orphãos de S. Joaquim ; mandou-os pois chamar a palacio, e declarou-lhes

que os nomeava syndicos do seminario de S. Joaquim, e que a elles e outros bemfeitores da instituição, que formarião uma junta administrativa e economica, entregava o patrimonio do seminario, acabando emfim por dizer-lhes que queria que se preparasse tudo para que dignamente se fizesse a festa do patriarcha, cujo dia se approximava.

Os homens não tiveram que dizer ; aceitarão sem hesitar, e antes alegremente, a commissão, retirando-se do palacio muito penhorados das maneiras obsequiosas do principe regente.

A administração economica do seminario estava pois arranjada e entregue a homens zelosos.

Faltava a direcção superior dos estudos e da casa.

O principe regente appellou ainda para as recordações do passado do seminario, e logo lhe veio á lembrança o nome do conego Placido Mendes Carneiro, que tinha já sido reitor e que com tanta solicitude, caridade e intelligencia servira, e procedendo com o conego Placido como havia procedido com Gesteira e Insúa, não encontrou a menor difficuldade em dar um excellente reitor ao seminario, que immediatamente começou a funcionar.

Foi assim que o principe regente deu em muito poucos dias nova vida ao seminario de S. Joaquim : é impossivel desconhecer a boa vontade do Sr. D. Pedro ; suppôz elle porém que bastavão essas medidas para fazer prosperar a instituição, e nisso se enganou ; ou lutava com graves embaraços financeiros, que realmente se fizeram sentir naquella época, e não pôde por isso dar o

necessario desenvolvimento nem acudir com recursos pecuniarios indispensaveis ao estabelecimento ; e em tal caso não ha que observar.

Outra vez restabelecido, mas de certo não melhorado na sua organização e condições, o seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim continuou como d'antes a offerer aos seus alumnos instrucção limitadissima, e a arrastar uma vida difficil.

A mão da caridade não lhe trazia meios sufficientes para que lhe fosse possivel desenvolver-se convenientemente, e a mão do governo não se estendia para elle a fim de eleva-lo a um gráo mais nobre e que mais utilidade offerecesse á juventude e portanto ao paiz.

Um fraco batel não póde resistir a grandes e violentas tempestades, e dez annos depois da reorganisação do seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim rebentou no seio do paiz uma borrasca politica que pôz tudo em movimento, e determinou em quasi tudo mudanças mais ou menos importantes.

Em 1831, na ma drugada do dia 7 de Abril, o imperador o Sr. D. Pedro I abdicou a corôa em seu augusto filho o Sr. D. Pedro II.

A abdicación do primeiro imperador importou um triumpho completo do partido liberal, que lhe fizera decidida e constante opposição desde o dia da dissolução da constituinte em 1823.

Digo decidida e constante opposição ao imperador, e não ao governo, porque o partido liberal, representado pelos seus deputados nas camaras, nunca pretendeu go-

vernar no primeiro reinado, e até olhava com desconfiança para um ou outro dos seus membros que, acudindo ao convite do monarcha, aceitava uma pasta ministerial.

Aponto o facto sem entrar em considerações sobre elle : a verdade historica é essa.

O triumpho do partido liberal deu incremento a novas idéas : os pensamentos tomavão outra direcção, mas os tumultos e as *rusgas* que se forão logo succedendo fazião estremecer os estabelecimentos organizados e as instituições de diversas naturezas.

Os tres primeiros annos depois da abdicação forão de grandes lutas, de grandes receios e de grandes dedicações.

Não haverá jámais um historiador imparcial e justo que não reconheça e proclame os serviços relevantissimos e o patriotismo do partido liberal moderado, que salvou a monarchia constitucional e a integridade do imperio nessa época difficil.

Entre as instituições que mais vacillárão no meio da crise, notava-se o seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim, que ia em uma decadencia completa.

Em Dezembro de 1831 o governo olhou para esse seminario.

Era então ministro do imperio o Dr. José Lino Coutinho, deputado pela provincia da Bahia.

O Dr. Lino Coutinho era um medico de alguma e variada instrucção, e muito cedo foi ainda mais politico do que medico.

A provincia da Bahia o mandou em 1821 como um dos seus deputados á constituinte de Lisboa, e ahí, Lino Coutinho foi um corajoso defensor da causa da sua patria.

De volta ao Brasil, teve assento na camara temporaria logo na primeira legislatura, e foi um dos mais vigorosos e ardentes oradores da opposição liberal.

Lino Coutinho sentava-se na camara ao lado de Vasconcellos, o celebre lidador do nosso parlamento, e, se não era como este um discutidor profundo, mostrava-se em compensação muito mais ameno; primava pela graça, pelo espirito, e ás vezes por um sarcasmo pungente; e o povo, que muito se aprazia de ouvi-lo, chamava-o *o deputado das galerias*, isto é, o deputado querido das galerias.

Em 1830 a camara temporaria, achando-se em desacordo com o senado a respeito do orçamento, nomeou para uma commissão que devia ir propôr ao senado a fusão das camaras, os tres deputados liberaes Vasconcellos, Lino Coutinho e o Sr. Limpo de Abreu, actual visconde de Abaeté; e, quando a commissão partia, o povo enthiasmado arrancou as bestas do carro e levou em triumpho os tres deputados de sua confiança.

Não applaudo o facto, não gósto de ver o povo rebaiando-se a fazer papel de cavallo ou de besta de tiro; mas vou dizendo as cousas como ellas se passarão.

José Lino Coutinho, muito estimado da população, influente na camara temporaria, justamente apreciado por seu talento, instrucção, e por uma grande e bem mere-

cida reputação de probidade, foi logo chamado pela regencia permanente para o primeiro ministerio que ella organisou em 1831, e aceitando a pasta do imperio, teve por companheiros no gabinete, entre outros, o padre Feijó e Vasconcellos.

Lino Coutinho foi um ministro do imperio activo e dedicado. Apesar das difficuldades da situação, achou tempo e meios de reformar as academias de medicina, a imperial academia das bellas artes, e, além de muito mais, de attender á situação em que se achava o seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim.

Vou dizer o que elle fez deste estabelecimento.

Ou porque achasse que bastava o seminario de S. José para habilitar os jovens que se destinassem á carreira ecclesiastica, ou porque julgasse que o de S. Joaquim, com as suas aulas de latim e de cantochão, não era o mais util aos orphãos pobres, o certo é que mudou completamente a natureza da instituição, como se vai ver.

Por decreto de 12 de Dezembro de 1831 foi reformado o seminario de S. Joaquim, dando-se a inspecção delle á camara municipal, e adoptando por fim do estabelecimento *educar convenientemente e habilitar os orphãos desvalidos nos exercicios de misteres honestos e proveitosos*. Admittião-se tambem pensionistas que devião pagar cincoenta mil réis por trimestre, e determinava-se que, em identidade de circumstancias, fossem preferidos para os lugares de alumnos gratuitos os filhos de militares e empregados publicos.

Creárão-se no estabelecimento as seguintes cadeiras — de primeiras letras pelo methodo de Lancaster, de mathematicas e de desenho —, e ensinavão-se os misteres de torneiro, entalhador, lithographo e abridor.

E ensinava-se mais o jogo das armas e o exercicio e manejo da guarda nacional.

Evidentemente pois o seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim perdeu com o decreto de 12 de Dezembro de 1831 a sua natureza primitiva. O systema de administração e inspecção da casa estava mudado, e era outro o fim da instituição.

Em consciencia me parece que a reforma do seminario de S. Joaquim, executada pelo ministro Lino Coutinho, devia e podia ser ainda mais util aos pobres orphãos do que a antiga instituição tal qual fôra por muitos annos, porque nesta a instrucção secundaria limitava-se apenas ao latim, e a educação era só tendente a preparar os jovens a seguir a carreira ecclesiastica, que aliás exige, mais do que outra qualquer, uma decidida vocação, ao mesmo tempo que no estabelecimento organizado pelo governo da regencia, offerecia-se instrucção menos resumida e muito bem calculada para aproveitar aos jovens em qualquer dos misteres que ali tambem se aprendião, e que podião dar aos alumnos meios de vida diversos, seguros e honestos.

Póde-se notar que ainda se limitava bastante o ensino de officios e artes, mas convém não esquecer que a 12 de Dezembro de 1831 o governo da regencia começava

apenas a ensaiar uma instituição que podia depois receber um grande desenvolvimento.

A reforma de que trato apresenta ainda dous pontos que erão proprios da época, duas idéas que erão frutas do tempo.

Uma dellas era a inspecção do estabelecimento confiada á camara municipal. Naquelle tempo dava-se uma consideração muito elevada ás camaras municipaes e aos juizes de paz, chegando-se até ás vezes a exagerar as suas attribuições e a atarefa-los exageradamente, e d'ahi resultavão não poucos inconvenientes: veio depois a reacção, que, em vez de parar em um meio termo que seria muito util, atirou-se desenfreada no extremo opposto, reduzio os juizes de paz a juizes de conciliação e fazedores de eleições, e foi pouco a pouco despojando as camaras municipaes de todas as suas attribuições até colloca-las em tão apertada dependencia do governo, que ellas hoje quasi que não passão de simples commissões do poder executivo.

E o que é verdade na materia de que estou tratando é que o governo não se arrependeu de ter confiado á camara municipal da cidade a inspecção do estabelecimento que fundára, reformando o seminario de S. Joaquim, porque essa inspecção foi sempre zelosa e digna, e produzio sensiveis vantagens.

A outra fruta do tempo era o ensino do manejo da guarda nacional.

O ministro do imperio de 1831 não se contentou com mandar que os alumnos do estabelecimento que substi-

tuio o seminario de S. Joaquim se preparassem para ganhar a vida com um trabalho honesto ; quiz tambem que se habilitassem para com as armas na mão e como soldados da patria defenderem o paiz e a ordem publica em caso de necessidade.

Cousas daquella época ! a guarda nacional estava então muito na moda.

Mas é preciso lembrar que não era uma guarda nacional que se limitava a fazer grandes paradas e rondas, ou montar guardas no thesouro nacional e em outros lugares.

Em 1831 póde-se dizer que todos erão soldados, ou antes guardas do paiz, e em exercicio activo.

Rondavão senadores e deputados, e até o bispo do Rio de Janeiro fez rondas.

E a guarda nacional não brincava ; e se duvidão, lembrem-se do anno de 1832, em que ella acudio por vezes ao toque de rebate, e marchou impavida a combater as phalanges politicas desvairadas que se arrojavão ao campo armado.

E, quem o diria hoje?... foi isso no tempo em que os officiaes da guarda nacional erão eleitos pelos guardas!... Com essa *utopia* politica salvou-se a capital do imperio e o Brasil, e tivemos uma guarda nacional como não se conseguiu mais ver entre nós, mesmo depois que se substituiu a *utopia popular* pela verdade prática dos officiaes nomeados pelo governo.

O que era essa guarda nacional filha da *utopia*, que

confiança chegou a merecer, pôde-se bem deduzir das respostas que deu um ministro de estado a um deputado.

Era ministro da justiça desde 1831 o energico e honradissimo padre Diogo Antonio Feijó, que em 1832 apresentou ás camaras um relatorio notavel pela fortaleza e valentia de proposições que atacavão de frente o espirito exaltado e violento dos partidos em opposição.

Mal tinha o ministro acabado a leitura do seu relatorio na camara temporaria, quando um deputado chegou-se a elle e perguntou-lhe sorrindo-se :

— V. Ex. tem na côrte quarenta mil homens para sustentar as idéas que apresenta no seu relatorio ! ?...

— Não, respondeu promptamente o padre Feijó ; não tenho quarenta mil homens, mas tenho quatro mil guardas nacionaes.

A' vista do que acabo de expôr pôde-se bem comprehender as razões que levárão o ministro Lino Coutinho a mandar ensinar o manejo da guarda nacional aos alumnos do seminario de S. Joaquim que elle reformára.

Não estou habilitado para informar precisamente se a principio prosperou ou não o estabelecimento organizado pela regencia no seminario de que fallo : é muito de presumir que não houvesse produzido os resultados que se esperavão, porque, se assim não fosse, não teria apparecido a reforma de 2 de Dezembro de 1837, de que vou em breve fallar, ou pelo menos não se acabaria com a instituição creada pelo ministro Lino Coutinho, embora se fun-

dasse, como era preciso e justissimo, o imperial collegio de Pedro II.

Se porém não prosperava o ensino no seminario, a administração deste, correndo debaixo das vistas desveladas da camara municipal, se apresentava em uma situação realmente animadora, graças em grande parte ou particularmente á actividade e á caridade exemplar do vereador Felippe Ribeiro da Cunha, que das obras do seminario com um cuidado especial se occupava, sendo para isso commissionedo pela camara.

O ensino, como disse, ia tão mal que, segundo as informações de diversas pessoas, o seminario chegou por fim a fechar-se ; mas a administração economica corria tão regular e animada que a casa se augmentava com obras novas, e começava-se a executar o plano da conclusão da igreja.

No fim do anno de 1837 porém entendeu o governo do regente o Sr. Pedro de Araujo Lima, depois marquez de Olinda, sendo ministro da justiça e interinamente do imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos; entendeu o governo, digo, e entendeu bem, que era tempo de crear um grande collegio publico de instrucção secundaria, e resolveu por decreto de 2 de Dezembro desse anno converter o antigo seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim em uma bella instituição daquelle genero, que digna e acertadamente denominou *Imperial Collegio de Pedro II.*

A realisação desta idéa exigia promptos trabalhos na casa, e assim era preciso que a administração economica

do novo estabelecimento entrasse em exercicio logo, e antes de funcionar o collegio, que devia abrir as suas portas á mocidade estudiosa no anno seguinte, que era o de 1838.

O governo nomeou pois um thesoureiro, entendendo que cumpria libertar a camara municipal daquella administração alheia das attribuições della.

Então o vereador Felipe Ribeiro da Cunha exhibio na camara municipal, nesse tempo presidida pelo actual conselheiro Francisco Gomes de Campos, as suas contas escripturadas com clareza, precisão e minuciosidade em um *in-folio* que deve achar-se no respectivo archivo, e do qual se deprehendia que havião custado as obras feitas no seminario, inclusive a casa n. 66 da rua Estreita de S. Joaquim, casa em que depois habitárão os reitores do imperial collegio de Pedro II, para cima de cem contos de réis, e que ficavão no corpo da igreja cerca de dez contos de réis em materiaes que se destinavão para a conclusão do templo.

Felipe Ribeiro da Cunha tinha tomado amor ao seminario, e interessava-se tanto pelo adiantamento das obras que fiscalisava, que por vezes não poupára a sua propria bolsa, occupava-se dessa commissão como se de seus proprios negocios tratasse, e, segundo consta, cou-lhe um pezar profundo o ver passar a outrem o cuidado daquella administração.

Entendo que o governo procedeu acertadamente tirando á camara municipal uma tarefa que não lhe era propria ; pena foi porém que não se lembrasse de apro-

veitar uma vontade tão decidida e uma dedicação tão provada como a do vereador Felippe Ribeiro da Cunha, que prompto se mostraria a continuar a prestar bons serviços.

Termina aqui a historia do seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim, e vai começar agora a do imperial collegio de Pedro II ; mas por certo que incompleta eu deixaria aquella, se me esquecesse de dar conta do *patrimonio dos pobres orphãos*, patrimonio formado á custa de doações e de esmolas feitas determinadamente aos *pobres orphãos*, e não devidas ao governo.

Esta informação é indispensavel por duas razões :

Primeira, porque ella ha de servir-me para base de uma argumentação que terei de apresentar.

Segunda, porque com a propriedade alheia e com o dinheiro dos outros não se brinca, e é preciso muita clareza a tal respeito.

Termino pois este *passeio* transcrevendo a nota seguinte, que offerece perfeito esclarecimento sobre o patrimonio de que fallo :

PROPRIOS DO IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II, INVENTARIADOS EM 24 DE OUTUBRO DO ANNO DE 1838, COM SEUS VALORES, E RENDIMENTOS.

Rua das Violas. — Uma morada de casas de sobrado de duas janelas, n. 102. Está alugada a Gabriel José Gonsalves Pereira Bastos :

Rende por anno	168#000
Valor do predio na razão de 5% (sobrado).	3:360#000

Loja do sobrado acima, alugada a Manoel Antonio da Silva :

Rende por anno	96#000
Seu valor na razão de 5% _o	1:920#000

Rua das Violas. — Uma morada de casas de sobrado de duas janellas, n. 104. Está alugada a Antonio Vieira de Souza Meirelles :

Rende por anno	168#000
Valor do predio na razão de 5% _o (sobrado).	3:360#000

Loja do sobrado acima, alugada a José Paim :

Rende por anno.	84#000
Seu valor na razão de 5% _o .	1:600#000

Rua da Alfandega. — Uma morada de casas terreas com o n. 309. Está alugada a Ventura Simões, preto forro :

Rende por anno	144#000
Valor do predio na razão de 5% _o	2:880#000

Rua Estreita de S. Joaquim. — Uma morada de casas de sobrado com cinco janellas de peitoril e as lojas com tres janellas, e corredor separado, n. 66. Estão alugasdas á condessa Sustrouvil :

Rendem altos e baixos por anno	482#000
Valor do predio na razão de 5% _o	8:640#000

Apolicies entregues na recebedoria do municipio :

163 do valor de 1:000# cada uma.

2 do valor de 400# cada uma.

Já se vê que os pobres orphãos de S. Joaquim não erão, ou não estavam tão pobres como se podia suppôr.



O IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II.

O antigo seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim tinha chegado a uma situação tal em 1837 que ou existia apenas em nome, ou se estava debatendo na extrema fatal da mais triste agonia.

O principe o Sr. D. Pedro, regente, e depois primeiro imperador do Brasil, o havia regenerado em 1821, sem poder comtudo engrandecê-lo; o ministro do imperio Lino Coutinho em 1831 viera mudar-lhe a natureza e os fins, sem conseguir por esse meio resultados animadores: e o tempo acabava por demonstrar que a instituição não podia ir adiante.

Abandonar o seminario nessa agonia longa e cruel seria, além de uma impiedade inexplicavel, um erro grave, que deixaria perder o rendimento dos patrimonios, que felizmente se conservava sempre. Reanima-lo com as suas mesquinhas condições fôra um cuidado que pouco proveito offerencia.

O ministro Bernardo Pereira de Vasconcellos, na regencia do Sr. Pedro de Araujo Lima, actual marquez de Olinda, fazendo converter o seminario dos pobres orphãos de S. Joaquim em um grande collegio de instrução secundaria, a que deu o nome de — imperial collegio de Pedro II —, realisou uma reforma digna dos maiores elogios, e capaz de satisfazer todas as exigencias do paiz.

Fez mais do que pudera fazer o governo do príncipe regente o Sr. D. Pedro ; porque salvando e mantendo a instituição, deu-lhe um immenso desenvolvimento, creando um bacharelado em letras, onde sómente se conseguia aprender latim e cantochão ; e emendou, ou corrigio o erro do ministro Lino Coutinho ; porque restabeleceu a instituição com a sua primitiva natureza, e com fins, embora muito mais elevados, legitimos e proprios, correspondentes ao pensamento que devia sempre ter dirigido aquelle estabelecimento.

A data do decreto que creou o imperial collegio de Pedro II. é, como já ficou dito, de 2 de Dezembro de 1837, dia anniversario natalicio de S. M. o Imperador ; a inauguração porém do collegio sómente foi effectuada a 25 de Março do anno seguinte.

O tempo que corren entre 2 de Dezembro de 1837 e 25 de Março de 1838 foi empregado activamente em melhorar e augmentar os commodos da casa do antigo seminario de S. Joaquim, continuando as obras ainda depois por muitos mezes, e tanto empenho mostrava o ministro Vasconcellos em vê-las acabadas, que, apezar de atarefado com as pastas ministeriaes do imperio e da justiça, e com a direcção da marcha politica do gabinete de que era indubitavelmente o chefe, e apezar emfim da sua cruel paralyisia dos membros superiores e inferiores, apresentava-se repetidas vezes no collegio, activando os trabalhos com a sua presença, e fazendo promptamente desaparecer as difficuldades que se oppunhão ao rapido desenvolvimento delles.

A 5 de Fevereiro de 1858 foi nomeado 1º prior do imperial collegio de Pedro II, e essa nomeação recahiu em D. Fr. Antonio de Arrabida, bispo de Anemuria. Os novos professores forão nomeados em Abril do mesmo anno, tendo sido a 31 de Janeiro publicado o regulamento contendo os estatutos do collegio, que comprehendêrão não menos de 239 artigos, marcando as funcções do reitor, vice-reitor, professores, e todos os empregados, estabelecendo o plano de estudos, dividindo o ensino em oito aulas, ou annos lectivos, em que se devia ensinar grammatica portugueza, latim, grego, francez, inglez, geographia, historia, rhetorica e poetica, e philosophia ; mathematicas, comprehendendo arithmetica, algebra, geometria, trigonometria e mecanica ; astronomia ; historia natural, comprehendendo zoologia, botanica e mineralogia ; sciencias physicas, comprehendendo physica e chimica ; desenho e musica vocal ; especificando o enxoval dos alumnos, as condições para o bacharelado, o regimen economico, e tudo emfim quanto era de mister que fosse regulado.

Admira em verdade que neste plano de estudos fosse tão completamente esquecida a doutrina da nossa religião e a historia sagrada ; mas julgou-se então sufficiente incumbir nos estatutos ao capellão do collegio o cuidado de dar instrucção religiosa aos alumnos nos dias e horas que fossem marcados pelo regimento interno, e por fim de contas se a organização do collegio resentia-se de pouco religiosa, em compensação forão os ecclesiasticos que tomarão logo o supremo governo do estabelecimento.

Os primeiros professores nomeados forão : de historia natural e sciencias phisicas, o Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia ; de historia e geographia, o Sr. Dr. Justiniano José da Rocha ; de grego e de rhetorica, o Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva ; de inglez, Diogo Maze ; de francez, Francisco Maria Piquet ; de philosophia, o Sr. Dr. Domingos José Gonçalves Magalhães ; de latim, o Sr. Jorge Furtado de Mendonça ; de desenho, o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre ; de musica, o Sr. Januario da Silva Arvellos.

A simples menção dos nomes do reitor e dos professores com os quaes se ia inaugurar o imperial collegio de Pedro II, devia bastar para os primeiros fundamentos do credito do estabelecimento ; porque em geral erão os nomeados ou recommendaveis por sua capacidade já provada nas materias que tinhão de ensinar, ou por sua reconhecida illustração, e alguns erão até com razão considerados notabilidades.

É triste a idéa de que no imperial collegio de Pedro II se encontre hoje apenas um unico desses dez escolhidos para a direcção do estabelecimento e para o ensino das materias de que constava o plano dos estudos ; alguns vivem ainda, felizmente, seguindo porém diversas carreiras ; os outros a morte já os fez desaparecer da terra.

O distincto professor de latim, o Sr. Jorge Furtado de Mendonça, é o ultimo representante dessa bella familia litteraria que teve a gloria de inaugurar o imperial collegio de Pedro II.

Ainda mais do que o desejo de abundar em esclarecimentos e explicações, um verdadeiro amor fraternal (1) me convida com ardor a marcar com minuciosidade todas as mudanças que tem havido no pessoal da reitoria, vice-reitoria e professorado do imperial collegio de Pedro II, e muito mais me impõe o dever de visitar os jargos dos reitores e professores que pagarão o tributo á morte, mas esse empenho me levaria agora muito longe, e eu prefiro dedicar a esse assumpto um passeio especial.

No dia 12 de Março de 1838 tiverão principio os exames preparatorios dos alumnos que se apresentavão para matricular-se no novo collegio, e esses exames estendêrão-se até ao dia 30 do mez seguinte.

O decreto da creação deste importante collegio trouxe a data do dia anniversario natalicio de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II; o dia da inauguração do patriotico estabelecimento foi o do anniversario do juramento da constituição do Imperio, e portanto sob gloriosos auspicios nasceu e começou elle!

Na manhã do dia 25 de Março de 1838 o actual Sr. marquez de Olinda, então regente do Imperio, e todo o ministerio, que se compunha de Bernardo Pereira de Vasconcellos e dos Srs. Miguel Calmon Dupin e Almeida, depois marquez de Abrantes, Joaquim José Rodrigues Torres, depois visconde de Itaborahy, Antonio Peregrino Maciel Monteiro e Sebastião do Rego Barros, diri-

(1) Creio que não tinha necessidade de dizer que o autor destes *passeios* é um e o mais obscuro dos professores do imperial collegio de Pedro II.

girão-se ao antigo seminario de S. Joaquim, e no meio de um numeroso concurso de cidadãos assistirão e presidirão ás ceremonias da inauguração do imperial collegio de Pedro II.

A inauguração do collegio precedeu mais de um mez ao começo dos trabalhos do ensino.

No dia 27 de Abril principiárão a entrar para o collegio os alumnos internos, cujo numero chegou apenas a trinta no fim de Maio, faltando ainda cinco dos que tinham sido aceitos: no numero desses trinta contavão-se sete pobres e gratuitos. No maior dos dormitorios, que então já se achavão preparados, podião caber mais cinco leitos do que os que erão necessarios para accomodar os alumnos internos apresentados.

O collegio offerencia já proporções para receber sessenta e cinco pensionistas.

As aulas abrirão-se no dia 2 de Maio, notando-se algumas irregularidades, que forão pela maior parte devidas á falta de compendios e livros apropriados para os estudos das diversas materias.

O estado sanitario dos collegios foi se mostrando satisfactorio e o medico Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, professor de sciencias naturaes, prestou-se a tratar gratuitamente alguns alumnos, que forão accommettidos de erupções de pelle, aliás pouco importantes.

É completamente inutil dizer que durante os primeiros mezes o serviço interno do collegio resentia-se de muitas faltas, que forão pouco a pouco desaparecendo.

Já lá vão vinte e tres annos depois do dia 25 de Março de 1838, dia de festivo triumpho das letras e de faustosa conquista civilisadora, e no correr desses vinte e tres annos a experiencia e a sabedoria tem introduzido tantas reformas e modificações nos estatutos e plano de estudos do imperial collegio de Pedro II, que a historia de todas essas mudanças, innovações e aperfeiçoamentos, exigiria longos artigos para ser completamente desenvolvida e bem acabada.

Tenho medo de fatigar a paciencia dos meus compa-
nheiros de *passeio*, e por isso prefiro resumir toda a
historia a que me refiro, apontando simplesmente as da-
tas e as materias dos decretos e actos mais importantes
do governo em relação ao imperial collegio de Pe-
dro II.

Submetto-me portanto á cruel necessidade de escrever
um mal arranjado indice da legislação do collegio. Quem
não tiver coragem para acompanhar-me neste trabalho,
póde dar por terminado o *passeio* de hoje, e deixar-me
só navegando por este *mare magnum*.

Eu principio.

Decreto de 2 de Dezembro de 1837, convertendo o
seminario de S. Joaquim em imperial collegio de Pe-
dro II.

Decreto de 31 de Janeiro de 1838, dando regulamen-
to ao imperial collegio de Pedro II.

Decreto de 5 de Fevereiro de 1838, nomeando D. Fr.
Antonio de Arrabida, bispo de Anemuria, reitor do im-
perial collegio de Pedro II.

29 de Abril de 1838, data das nomeações dos primeiros professores do collegio.

Decreto de 14 de Fevereiro de 1839, tomando novas disposições a respeito do enxoval dos alumnos.

Decreto de 24 de Março de 1839, revogando a disposição que determinava ser necessaria a licença do governo para a matricula dos alumnos que tivessem mais de 12 annos de idade.

Decreto de 4 de Outubro do mesmo anno, nomeando uma commissão composta do bispo de Anemuria, bispo eleito do Rio de Janeiro e do senador José Saturnino da Costa Pereira, para propôr as alterações convenientes aos estatutos do collegio.

Decreto de 1º de Fevereiro de 1841, estabelecendo novo plano de estudos, dividindo o curso em sete annos, devendo ensinar-se no primeiro anno, grammatica portugueza, latim, francez, desenho e musica; no segundo, latim, francez, inglez, geographia, desenho e musica; no terceiro, latim, francez, inglez, allemão, geographia e historia antiga, desenho e musica; no quarto, latim, francez, inglez, allemão, grego, geographia e historia romana, desenho e musica; no quinto, latim, francez, inglez, allemão, grego, geographia e historia media, arithmetica e algebra, zoologia e botanica, desenho e musica; no sexto, latim, francez, inglez, allemão, grego, geographia e historia moderna, rhetorica e poetica, philosophia, geometria e trigonometria, physica e chimica, desenho e musica; no setimo, latim, francez, inglez, allemão, grego, geographia antiga e historia do Brasil, rhetorica e

poetica, philosophia, cosmographia e chronologia, mineralogia e geologia, zoologia philosophica, desenho e musica. Convém saber que este plano de estudos foi proposto pelo Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva, então reitor do collegio.

Decreto de 21 de Janeiro de 1842, mandando dispensar do enxoval de entrada os alumnos, cujos pais preferissem tomar a seu cargo dar-lhes a roupa.

Decreto de 7 de Novembro do mesmo anno, supprimindo o banquete que, segundo o art. 135 do regulamento de 31 de Janeiro de 1838, era dado aos professores e aos alumnos que acabavão de tomar o grão de bachareis, no dia da distribuição dos premios. Entretanto ainda alguns annos depois do de 1842 houve o banquete de que se trata.

Carta de lei de 30 de Agosto de 1843, determinando que os bachareis em letras do imperial collegio de Pedro II, ficavão isentos dos exames preparatorios nas academias do Imperio.

Decreto de 20 de Dezembro de 1843, estabelecendo a maneira de se conferir o grão e de se passarem as cartas de bachareis, pouco mais ou menos nos seguintes termos :

« Apresentado o bacharelado pelo reitor ao ministro do imperio em acto solemne a que assistirá o conselho collegial, etc., prestará de joelhos o juramento seguinte sobre os santos Evangelhos : — *Juro respeitar e defender constantemente as instituições patrias, concorrer quanto me fôr possível para a prosperidade do Impe-*

rio, e satisfazer com lealdade as obrigações que me forem incumbidas. — Em seguida o ministro do imperio pôr-lhe-ha na cabeça o barrete (de setim branco e franja da mesma côr) da faculdade de letras, dizendo-lhe : — *Dou-vos o gráo de bacharel em letras, que espero honreis tanto quanto o soubestes merecer.*

« O diploma consistirá em uma folha de pergaminho contendo impressos : 1º, o titulo de aptidão, em que se declarará que foi approved em todas as materias do curso de estudos, depois o da filiação, naturalidade e idade, certificando-se os premios que obteve, passado e assignado pelo reitor, vice-reitor e mais membros do conselho collegial, sellado com o sello do collegio pendente de uma fita branca ; 2º o diploma propriamente dito, assignado pelo ministro do imperio, conferindo ao bacharelado as prerogativas da lei de 30 de Agosto de 1843, e as que lhe forem garantidas por outras, com o sello das armas imperiaes pendente de uma fita branca ».

Decreto de 25 de Abril 1844, declarando sem effeito o de 20 de Dezembro de 1843 (é o precedente), e dando novas providencias sobre o modo da collação do gráo e de se passarem as cartas de bachareis ; devendo o diploma consistir em uma folha de pergaminho contendo impressa na primeira pagina interior a certidão passada pelo reitor, vice-reitor e mais membros do conselho collegial, em que se declarará que o bacharelado foi approved em todas as materias do curso de estudos, os premios que obteve, sua idade, filiação, naturalidade, e na pagina seguinte a carta mandada passar pelo minis-

tro do imperio, e por elle assignada, na qual se declarará a idade, filiação e naturalidade do bacharelado, e que em consequencia da apresentação feita pelo reitor e do titulo de aptidão obtido pelo bacharelado, lhe conferira o gráo e lhe mandára passar o diploma para com elle gozar das prerogativas da lei de 30 de Setembro de 1843 e de outras que lhe forem garantidas pelas leis, levando o diploma o sello das armas imperiaes, que será imposto sobre duas fitas, uma das côres nacionaes, que ficará por cima de outra, e na qual se imprimirá a parte do sello que tiver as ditas armas, e a outra fita branca, que levará a parte do sello que tiver as armas do collegio.

Quanto á cerimonia da collação do gráo, dispõe o decreto o seguinte : « Logo depois da distribuição dos premios aos alumnos, o reitor, levantando-se e dizendo — *principia o acto da collação do gráo de bacharel em letras* —, apresentará os bacharelados ao ministro do imperio, que recebe delles o juramento que se segue, prestado sobre os Santos Evangelhos e de joelhos : — Juro manter a religião do Estado, obedecer e defender a S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II e as instituições patrias ; concorrer quanto me fôr possivel para a prosperidade do imperio e satisfazer com lealdade as obrigações que me fôrem incumbidas —. Em seguida o ministro do imperio proclamará bacharel em letras o candidato, que ainda se conservará de joelhos, e pondo-lhe o barrete na cabeça lhe dirá : — A lei vos declara bacharel em letras, cujo gráo espero honreis tanto quanto o haveis sabido merecer ».

Eu quizera achar-me habilitado para informar os meus companheiros de *passeio* a respeito do tempo que empregou o ministro do imperio em 1844 para preparar e meditar esta reforma do decreto de 20 de Dezembro de 1843; como porém não estou sufficientemente informado sobre este importantissimo ponto, fique o mundo na ignorancia e privado da resolução de tão grave problema.

Em relação aos diplomas dos bachareis fizeram-se ainda por aviso de 12 de Janeiro de 1858 algumas alterações, que não passarão de mudanças de palavras e uma indispensavel alteração nas assignaturas, sendo o inspector geral de instrucção publica primaria e secundaria do municipio da côrte quem sómente com o reitor passou a assignar o titulo de aptidão.

Decreto de 25 de Março de 1849, dividindo as cadeiras de latim e de historia em duas.

Carta de lei de 17 de Setembro de 1851, autorizando a venda em hasta publica dos predios pertencentes ao patrimonio do collegio, convertendo-se o seu producto em apolices.

Aviso de 1º de Fevereiro de 1852, dando providencias sobre o regimen interno do collegio.

Decreto de 6 de Março de 1852, mandando pôr em execução as instrucções de 4 do mesmo mez para o regimen economico e administrativo do collegio.

Artigo 20 da carta de lei de 28 de Agosto de 1853, exonerando o collegio do pagamento de decima dos seus predios.

Aviso de 13 de Fevereiro de 1854, determinando as formalidades com que devem ser feitos os exames.

Decreto de 17 de Fevereiro de 1854, reformando a instrução primaria e secundaria no municipio da côrte.

Decreto de 17 de Fevereiro de 1855, approvando novos estatutos para o collegio, e nelles estabelecendo novo plano de estudos ; este porém foi tão depressa modificado, que não julgo necessario apresenta-lo aqui.

Decreto de 24 de Outubro de 1857, dividindo o imperial collegio de Pedro II em externato e internato, marcando novo plano de estudos, creando uma cadeira especial de historia e corographia do Brasil, e tomando muitas outras e importantes providencias.

O novo plano de estudo, que é o que ainda hoje se observa, é o seguinte : primeiro anno, doutrina christã, historia sagrada, leitura e recitação de portuguez, exercicios orthographicos, grammatica nacional, grammatica latina, francez, comprehendendo-se simplesmente grammatica, leitura e versão facil ; arithmetica, abrangendo tão sómente os principios elementares, definições e as quatro operações sobre numeros inteiros ; geographia, comprehendendo unicamente a explicação dos principaes termos technicos e das divisões geraes do globo.

Segundo anno, latim, versão facil e construcção de periodos curtos com o fim de applicar e recordar as regras grammaticaes ; francez, versão, themas e conversa ; inglez, comprehendendo simplesmente grammatica, leitura e versão facil ; arithmetica, continuação até proporções ; geographia, continuação (Asia e Africa).

Terceiro anno, latim, versão gradualmente mais difficil, exercicios grammaticaes e themas ; francez, composição, aperfeiçoamento do estudo da lingua ; inglez, versão mais difficil, themas ; arithmetica, continuação até ao fim ; algebra, até equações do 2º gráo ; geographia, continuação (Europa, America e Oceania) ; historia da idade media.

Quarto anno, latim, versão, themas ; inglez, versão, themas ; geometria elementar, historia moderna e contemporanea, chorographia e historia do Brasil, botanica e zoologia.

Quinto anno, latim, versão de autores mais difficeis, themas ; inglez, composição, conversa, aperfeiçoamento do estudo da lingua ; trigonometria rectilinea ; continuação e repetição da chorographia e historia do Brasil ; physica, e repetição da botanica e zoologia ; grego, allemão, comprehendendo apenas grammatica, versão facil.

Sexto anno, latim, continuação das materias do anno anterior ; grego, versão, themas faceis ; allemão, themas faceis, conversa ; italiano ; philosophia, comprehendendo a logica e a metaphysica ; rhetorica, regras de eloquencia e de composição ; historia antiga ; chimica, e repetição de physica.

Setimo anno, latim, composição, aperfeiçoamento do estudo da lingua ; grego, versão mais difficil, themas ; allemão, versão, themas, conversa ; philosophia moral e historia resumida dos systemas comparados de philosophia ; rhetorica e poetica, analyse e critica dos classicos

portuguezes, composição de discursos, narrações, declamação ; historia da litteratura portugueza e nacional, repetição de chimica, mineralogia e geologia.

Decreto de 22 de Julho de 1859, creando a cadeira de doutrina christã e historia sagrada.

Aviso de 10 de Agosto de 1860, mandando recolher ao thesouro nacional as apolices do collegio, ficando a cargo do mesmo thesouro a arrecadação do rendimento do patrimonio e das pensões e matriculas dos alumnos do collegio, e determinando que o pagamento dos professores, empregados e fornecedores do collegio, se effectuas-se naquella repartição, ficando em poder do thesoureiro o dinheiro necessario para as despesas miudas.

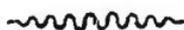
Decreto de 17 de Novembro de 1860, supprimindo a thesouraria do collegio.

Portaria de 19 de Junho de 1861, marcando as attribuições do escrivão do collegio.

E pára aqui o meu indice.

Pára, sim ; e em vez de bocejardes de impaciencia e de fadiga, olhai-me com gratidão, e abri a boca sómente para agradecer-me o favor que vos fiz, deixando de ajuntar a meu indice não poucos avisos e portarias do governo que se referem ao imperial collegio de Pedro II, e que não mencionei porque entendi que não tinham importancia para entrar na historia desse estabelecimento.

Agradecei-me, pois, que eu vos prometto ser um pouco menos arido no proximo *passéo*.



XXVII.

O IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II.

Rematei o nosso ultimo *passeio* apresentando em rapido quadro o transumpto de toda a legislação e das mais importantes deliberações do governo relativas ao imperial collegio de Pedro II ; não fiz porém observação alguma a respeito de materias tão interessantes, porque receei morrer afogado mettendo-me nesse *mare magnum*.

Entretanto ha no meio de toda essa longa serie de medidas, ha no systema aliás muito complexo do collegio algumas idéas que ainda estou em tempo de considerar, e cujo elevado alcance exige menção menos ligeira e mais séria.

Como ficou claramente exposto na simples determinação do plano de estudos do collegio, está adoptado neste estabelecimento o systema do ensino simultaneo, e são portanto os alumnos obrigados a estudar diversas materias, cujo numero vai sempre avultando e crescendo á medida que elles vão subindo aos annos superiores.

Este systema, aliás tão conhecido como justamente preconisado na Europa culta, ainda não pôde no Brasil triumphar das prevenções de muitos criticos que, afferados á velha usança, que não abria aos estudantes as portas da logica sem trancar sobre elles o portão do latim, nem lhes permittia resolver os problemas do Euclides sem que tivessem primeiro tirado todas as consequencias do Genuense ; esses criticos, repito, não com-

prehendem que um menino possa estudar tanta cousa ao mesmo tempo, e sem mais tir-te nem guar-te, condemnão por absurdo o ensino simultaneo.

É tempo perdido atacar com argumentos esta opinião prevenida : a lição da experiencia ha de destrui-la pouco a pouco, e em verdade sobrão já os factos que depoem contra ella.

É justo porém fazer uma concessão á trilha, que é ainda uma senhora de grande poder no Brasil, onde conta numerosos apaixonados, apesar das suas rugas e cabellos brancos.

O antigo systema servia a todos e para todos : as intelligencias, ainda as mais mesquinhas, conseguão no fim de longos annos entender o seu Horacio, e adivinhar no sermão do padre-mestre professor de rhetorica as figuras de Quintiliano : e, pelo contrario, no ensino simultaneo seguido no imperial collegio de Pedro II, não podem aproveitar bastante as intelligencias menos que mediocres.

Mas que se deve concluir d'aqui?... concluão outros como entenderem ; eu porém tenho para mim que isso abona ainda mais o systema de ensino simultaneo em um curso de bacharelado em letras.

O joven que quer ter o curso do bacharelado em letras pretende naturalmente seguir uma carreira litteraria, e nessa carreira não aproveitão ao paiz senão aquelles que tem uma intelligencia pelo menos mediocre, e por consequencia o imperial collegio de Pedro II, com o seu systema de ensino simultaneo, tem um fim duplamente util ;

porque ao mesmo tempo que facilita o progresso das intelligencias felizes, faz com que desanimem no principio da carreira litteraria os desfavorecidos da natureza, os pobres de espirito, os moços sem capacidade intellectual, que por fim de contas ainda conseguindo uma borla e um capello nunca passam de doutores de letras gordas, e tresleem, porque pensão que sabem o que ignorão, e porque suppoem que uma borla e um capello enchem de idéas uma cabeça que nunca as teve.

Não vão concluir que eu entenda que se deva crear o impossivel diante daquelles que não tendo bastante capacidade para aprender, procurão com um estudo assiduo e com a mais louvavel constancia triumphar da sua natureza mesquinha. A esses convirá seguir o antigo systema de ensino, e ninguem se lembrará de ir dizer-lhes que não o sigão.

Ouvi ; mas não creio que havia quem pensasse, ou que ha homens importantes que acreditão na conveniencia de se dificultar a carreira das letras aos pobres de fortuna : é uma theoria que bem mereceria o titulo de infernal. Não é aos pobres de fortuna, é aos pobres de espirito que convém não facilitar a carreira litteraria.

O templo das letras não se abre com chaves de ouro ; abre-se com as chaves da intelligencia e da capacidade.

Estou convencido de que, não o systema de ensino ; mas o plano de estudos do imperial collegio de Pedro II, precisa ainda de revisão e de aperfeiçoamento ; não é porém aqui o lugar proprio para discutir esta materia, que exige um exame muito desenvolvido.

A reforma que dividio o imperial collegio de Pedro II em dous estabelecimentos, internato e externato, foi de summa vantagem para a disciplina, que apezar da mais constante vigilancia, não podia ser sempre perfeita e isenta de inconvenientes em consequencia da communicação entre os alumnos internos e externos; e a resolução que mandou os mesmos professores leccionar em um e outro estabelecimento, attendeu á necessidade de se uniformisarem os estudos das duas casas de uma unica instituição.

Do que deixo enunciado transpira sem duvidas nem sombras a minha opinião sobre o imperial collegio de Pedro II, opinião conscienciosa, e sem o menor vislumbre de parcialidade, embora me quizessem achar motivos de suspeição.

Ha porém ainda um ponto de questão que tem evidente interesse.

Pensão alguns, e quicá foi escripto em algum periodico, que a fundação do imperial collegio de Pedro II importou um violento esbulho da propriedade dos *pobres orphãos de S. Joaquim*; porque de facto o collegio tomou conta do seminario de S. Joaquim e de quanto a elle pertencia.

Não me parece justo este pensar.

A instituição do seminario dos orphãos de S. Pedro teve por fim proporcionar áquelles desvalidos da fortuna alguma educação litteraria, e se quizerem, tendente com especialidade a facilitar-lhes a carreira ecclesiastica.

Mas o seminario de S. Joaquim tinha cahido em com-

pleta decadencia, e nem os bons desejos do príncipe regente, depois primeiro imperador do Brasil, poderão fazê-lo prosperar.

A reforma do ministro Lino Coutinho viera mudar até a natureza da instituição.

A essa reforma seguiu-se mais do que a decadencia, seguiu-se a ruína.

A fundação do imperial collegio de Pedro II aproveitou o que se estava perdendo, e não só regenerou o seminário, mas ainda engrandeceu-o muito notavelmente.

A natureza primitiva da instituição não foi ferida, ou o foi apenas no esquecimento da aula de cantochão, que não supponho ser necessaria, quando ha no collegio uma excellente aula de musica, onde se pôde aprender bastante para ficar depois um grande cantochonista em poucos dias.

Em fim, os alumnos do collegio, tomando o seu barrete de bachareis, podem ir ser padres de muito mais prestimo do que chegarião a sê-lo os antigos seminaristas de S. Joaquim, se não tivessem fóra da casa mestres que os illustrassem, e ainda assim mesmo não podião achar na côrte todas as aulas que o collegio de Pedro II offerece.

Consequentemente não houve esbulho debaixo do ponto de vista em que acabei de tomar a questão.

Mas infelizmente houve e ha uma injustiça que é preciso tornar bem clara para que seja reparada.

Houve e ha uma injustiça ; porque o seminário e as suas

propriedades erão dos *pobres orphãos*, e não se attendeu nem ainda se attende bastante aos direitos dos *pobres orphãos*.

Até 1854 erão admittidos no imperial collegio de Pedro II até doze alumnos internos gratuitos, que devião ser orphãos pobres.

O regulamento para o imperial collegio de Pedro II de 17 de Fevereiro de 1855, diz no

« Art. 14. O governo *poderá mandar* admittir gratuitamente, ouvido o reitor do collegio, até vinte alumnos internos (art. 90 do decreto de 17 de Fevereiro de 1854), dos quaes doze serão orphãos reconhecidamente pobres.

« Além destes serão preferidos :

« 1° Os filhos de professores publicos que tiverem servido bem por dez annos.

« 2° Os alumnos pobres que nas escolas primarias se tenham distinguido por seu talento, applicação e moralidade ».

Por consequencia ha para os *pobres orphãos* doze lugares internos gratuitos.

Entendo eu que o governo, já por consideração ao direito de propriedade que assiste aos pobres orphãos, e já por principio de caridade, não pensou em amesquinhar o favor que fez aos pobres orphãos, calculando-o pela renda dos bens que a estes pertencião.

Supponhamos porém que os doze pobres orphãos alumnos internos gratuitos fossem contribuintes, e vejamos quanto pagarião.

As pensões annuaes dos doze alumnos importarão em	5:040\$000
Os seus enxovaes custarão provavelmente	7:200\$000
Total da despesa	<u>12:240\$000</u>

Examinemos agora a quanto chega o rendimento dos bens e propriedade dos orphãos pobres de S. Joaquim, bens e propriedade que passarão para o imperial collegio de Pedro II.

A casa em que está o externato não seria alugada pelo governo por menos de quatro contos de réis : estão vendo que eu vou alugando a casa por um preço desastrosamente barato : mas o governo é bom freguez, e portanto lá vai	4:000\$000
Aluguel de tres predios	1:800\$000
A quarta parte de nove predios administrados pela Ordem Terceira da Penitencia, conforme a instituição legada pelo bemfeitor Medella	4:763\$500
Juros de apolices provenientes da permuta de predios	9:828\$000
Sommando emfim tudo, nada menos que	<u>20:391\$500</u>

E por consequencia ahí estão os doze pobres orphãos chamados alumnos internos gratuitos, sendo realmente mais contribuintes do que os contribuintes ; porque concorrem para as despezas do collegio com uma somma igual á que despendem os alumnos pensionistas, e dão ainda de mais oito contos cento e cincoenta e um mil e quinhentos, isto é, a quantia necessaria para pagar as

pensões annuaes e os enxovaes de mais quasi oito alumnos internos !...

E chamão-se taes alumnos, alumnos gratuitos!

Eu não sei o que se ha de dizer a isto ; porquanto as propriedades de casas que ainda existem, as casas que se vendêrão, e cujo producto se empregou em apolices, e o edificio em que se acha estabelecido o externato do imperial collegio de Pedro II, forão o fructo de doações, de legados e de esmolas, que pertencem determinadamente e por declaração explicita dos bemfeitores aos *pobres orphãos* de S. Joaquim, não sómente aos que então existião, mas aos que se fossem succedendo uns aos outros, para se aproveitarem daquelles actos de beneficencia e de caridade.

E a cousa ainda é peor do que se pensa, e do que mostrei até aqui.

Devo dizer a verdade, e hei de dizê-la.

É um erro suppôr que esses mal chamados doze lugares internos gratuitos tem sido sempre dados a pobres orphãos e por estes aproveitados.

Desde longa data, desde os primeiros tempos do imperial collegio de Pedro II, o patronato arrancou lugares dos pobres orphãos para da-los de presente a meninos que não erão orphãos, e que muitas vezes nem erão pobres !...

E os doze lugares ião-se deste modo reduzindo... reduzindo... Deos sabe a quantos !... reduzião-se na razão inversa da extensão do patronato, que em alguns annos chegou a ser escandaloso !

Já até se observou que um ministro mandasse matricular como alumno interno gratuito um menino que o reitor informára não estar nas condições da lei para merecer um tal favor !...

E vá a responsabilidade de semelhantes abusos, a quem toca .

Não são os reitores do collegio os culpados de semelhantes esbulhos dos lugares dos pobres. Os reitores são apenas ouvidos a respeito das condições dos pretendentes, que raramente elles conhecem, e o ministro do imperio vai repartindo essa fatia de pão de rala dos pobres, pelos filhos de quem tem melhores padrinhos.

E bom é quando um orphão pobre acha padrinho.

Não me seria impossivel apontar o caso de um persnagem altamente collocado na escala social que, em annos passados, usurpou o lugar de um pobre orphão, um lugar gratuito no imperial collegio de Pedro II para seu filho !...

E hoje, ou dão-se ainda, ou podem dar-se todos esses abusos, e podem ou não admittir-se doze orphãos pobres no imperial collegio de Pedro II, podem até negar-se a elles um, dez ou todos os doze lugares ; porque o governo tem a seu favor a lei que fez para o collegio e para si ; porque o art. 14 do regulamento de 17 de Fevereiro de 1855, diz : « O governo poderá mandar admittir gratuitamente », e portanto manda, se quer mandar, ou quando quer mandar.

E os *orphãos pobres* que concorrem para a receita do imperial collegio de Pedro II com uma somma que se ele-

va a mais de vinte contos de réis, estão na dependencia de um *poderá mandar* do governo, para que doze d'entre elles se aproveitem da instrucção que os seus rendimentos pagão sem o menor favor, para ser dada a dezenove ou vinte pensionistas do mesmo collegio.

Sou o primeiro a defender o imperial collegio de Pedro II das increpações infundadas que lhe fazem criticos levianos e detractores de máo gosto ; mas não posso escurecer esta injustiça do governo, injustiça tanto mais censuravel, quanto é offensiva dos direitos daquelles que contão a seu favor menos protecção e menos patronos.

Em toda a parte os ricos pagão para os pobres, e é incrível, mas certo e positivo, que no imperial collegio de Pedro II os pobres estão pagando para alguns ricos.

E que pobres?... os orphãos !... os orphãos que devem merecer toda a caridade na terra ; por isso mesmo que não tem por si nem o encanto do amor, nem os milagres da providencia de seus pais !...

Indubitavelmente o governo ainda não meditou na injustiça enorme e na inconveniencia de semelhante prática e de taes abusos ; a minha voz, porém, será ouvida por elle, e os *pobres orphãos* serão mais bem attendidos no imperial collegio de Pedro II.

Dêem-lhes o que de direito lhes pertence ao menos, e ninguem mais fallará em esbulho com apparencias de fundamento.

Em uma palavra : a fundação do imperial collegio de Pedro II foi de summa utilidade, e honra o governo que a determinou : e o facto de terem passado para esse esta-

belecimento os bens e propriedades do antigo seminário dos pobres orphãos de S. Joaquim não póde ser considerado um despojamento; porque o producto dessas propriedades é empregado em um fim identico e com um desenvolvimento muito maior; infelizmente porém parece tomar o character de esbulho, porque é positivo e innegavel que os *pobres orphãos* não se aproveitam do que é seu, não tem no imperial collegio de Pedro II a parte que devião ter.

O regulamento de 24 de Outubro de 1857 alterando algumas disposições dos anteriores relativos aos estudos de instrucção secundaria do municipio da côrte veio, quanto a mim, trazer tambem um grande mal aos meninos pobres da nossa capital com uma medida menos bem pensada que levou a effeito.

Havia antes dessa data espalhadas pela cidade algumas aulas avulsas de instrucção publica secundaria, uma de latim, uma de philosophia, e alguma outra ainda, e os meninos pobres que não podião seguir o curso de estudos do imperial collegio de Pedro II achavão ao menos naquellas aulas alguns recursos, embora mesquinhos, para cultivar suas intelligencias.

Era um beneficio já feito, um beneficio antigo, a que as classes pobres tinhão adquirido um certo direito.

O regulamento de 24 de Outubro de 1857, determinou o seguinte, no seu

« Art. 3º. O externato será estabelecido no edificio em que ora se acha o collegio de Pedro II

« Logo que fôr creado este collegio, ficão cessando as aulas avulsas das cadeiras de instrucção publica secundaria actualmente existentes no municipio da côrte, na conformidade do decreto n. 630 de 17 de Setembro de 1851, Art. 1º Disp. 7ª ».

Não é preciso dizer que o externato a que se refere este artigo é o do imperial collegio de Pedro II.

À primeira vista parece que a disposição do artigo que copiei não apresenta o menor inconveniente ; porque no externato se encontrão todas as aulas, que se fizerão cessar e muitas outras ainda, e porque o art. 23 daquelle mesmo regulamento declara *que os alumnos externos gratuitos serão admittidos em numero indeterminado* ; podendo por consequencia concorrerem todos os meninos pobres ao externato, e matricularem-se nas aulas que quizerem ; pois que tambem isso ficou permittido pelo supracitado regulamento.

Mas o que aparentemente se mostrou sem desvantagem vai depois de breve reflexão parecer o que realmente é — muito prejudicial aos meninos pobres.

Não se trata daquelles meninos pobres que podãõ ou podem seguir o curso de estudos do imperial collegio de Pedro II: a esses não contrariou de modo algum a disposição do art. 3º do regulamento de 24 de Outubro de 1857.

Aquelles porém que não têm meios nem disposições para pretender o bacharelado em letras, achavão nessas aulas avulsas uma consolação e um soccorro que hoje

não encontrão mais, pelo menos nas antigas e favoraveis condições.

D'antes um joven desfavorecido da fortuna conseguia estudar, por exemplo, latim e philosophia em tres ou quatro annos nas aulas avulsas, e hoje para obter um resultado igual precisaria estudar sete annos no imperial collegio de Pedro II !

As aulas avulsas não estavam sujeitas ao systema do ensino simultaneo, e os professores não sendo obrigados a dar ás suas lições as proporções convenientes, para não embaraçar o estudo de muitas outras materias, como acontece naquelle collegio, fazião progredir rapidamente os seus alumnos sem transtorno de um systema de ensino.

No collegio de Pedro II, porém, o estudo de cada materia é moroso, porque não pôde deixar de sê-lo seguindo-se o ensino simultaneo de muitas materias ; e o estudante que deseja applicar-se ao estudo de uma só materia, erra, porque perde tempo, matriculando-se na aula competente do imperial collegio de Pedro II.

Assim, pois, é evidente que a reforma proveniente do art. 3º do regulamento de 24 de Outubro de 1857, foi desastrosa para os pobres, e satisfez apenas uma idéa mesquinha de falsa economia.

O governo devia reconsiderar este ponto da sua ultima reforma : cumpria-lhe fazê-lo não só para dar aos meninos pobres o que elles já tinham desde longos annos, e de que se virão de subito privados, como para desmentir aquelles que propalão que se procura muito de proposito

difficultar aos pobres a carreira das letras : cumpria-lhe, e cumpre-lhe fazê-lo emfim, para que nunca se possa julgar, e ainda menos dizer que — os pobres orphãos e os meninos pobres perdêrão muito com a fundação de uma das nossas mais bellas instituições, o imperial collegio de Pedro II.

Reparo agora que este meu *passeio* correu todo inteiro nos campos immateriaes do raciocinio ; desde o começo até a terminação delle não puz uma só vez os pés em terra.

Foi um longo *passeio* dado sem sahir á rua.

Se faltei aos meus compromissos, passeando assim, dou as mãos á palmatoria, com a condição de que não seja o governo quem me applique os bolos, porque o governo seria muito suspeito nos seus juizos sobre este meu *passeio*.



XXVIII.

O IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II.

Nos precedentes *passeios* contei-vos tão rapidamente quanto me foi possível a historia do imperial collegio de Pedro II, importantissima e patriotica instituição que tem as suas primeiras raizes no seculo passado, descendendo muito legitimamente dos seminarios dos pobres orphãos de S. Pedro e de S. Joaquim, de quem não conservou o nome, mas herdou a fortuna.

Entretanto essa historia ficaria incompleta se eu não vos levasse agora a visitar os edificios onde se achão estabelecidos o *internato* e o *externato* do imperial collegio de Pedro II.

Creio que devemos começar pelo *externato*, que tem por si o direito de antiguidade.

É bem certo que o tal direito de antiguidade torna-se uma verdadeira burla sempre que o patronato se resolve a tomar a peito fazer saltar um mocinho de bigode preto por cima de um veterano de barbas brancas ; mas o patronato é fidalgo de sangue azul, não se abaixa a *passear* comigo, e portanto, livre delle, posso ainda proseguir andando *direito*.

Além disso, ao *internato* não se pôde ir *calcante pede* sem grande fadiga e incommodo ; emquanto pois mando preparar os carros que nos devem levar ao Engenho-Velho, vamos á rua Larga de S. Joaquim fazer a nossa visita ao *externato*.

No fundo da rua Larga de S. Joaquim se levanta a igreja consagrada ao santo desse nome, e tem pelo seu lado direito a rua Estreita de S. Joaquim, ligando-se pelo esquerdo ao antigo seminário, depois imperial collegio, e hoje *externato* do imperial collegio de Pedro II.

Aqui, acha ainda fundamento para cantar victoria a theoria das compensações.

A rua Larga de S. Joaquim é tão notavel pelo que lhe sobra em largura como pelo que lhe falta em comprimento ; e a Estreita, apertada como um becco, sombria e humida, estende-se bastante, como tantas outras, mesquinhos e feios corredores do labyrintho chamado *cidade velha*.

Não disputo á rua Larga de S. Joaquim o seu qualificativo *larga*, pois que bem o merece ; mas o nome de S. Joaquim protesto que já o perdeu de direito.

S. Joaquim é desde algum tempo tão denominador ou dono daquella rua como o Sr. D. João VI foi imperador do Brasil desde 1825, em que declarou que conservava para si esse titulo, até ao anno seguinte, em que morreu, ou como ainda ha pouco era Victor Manoel rei de Chypre e de Jerusalem.

S. Joaquim foi sem a menor cerimonia despedido da sua igreja, e provavelmente estimou sê-lo, porque ella já tinha perdido um certo encanto de puro amor que a recommendava.

Em frente da igreja de S. Joaquim mostrava-se no campo da Acclamação, d'antes chamado de Sant'Anna, a

pequena e humilde igreja desta santa, que foi, como todos sabem, esposa daquelle santo.

Em um dia de progresso material veio a estrada do ferro de D. Pedro II, declarou que precisava do lugar em que estava a igreja de Sant'Anna, e em 1856 foi a santa arrancada do seu altar e depois levada para uma capella provisoria que se levantou sobre os alicerces que tinham sido destinados para uma cadêa na *cidade nova*.

Os velhos e santos esposos forão assim ainda mais separados do que estavam, e por consequencia não devia ser grande o pezar de S. Joaquim quando aquella mesma estrada de ferro resolveu estender os seus trilhos até a praia, passando exactamente pelo lugar occupado pela sua igreja.

Não sei se ainda se projecta executar esse plano ; certo é porém que S. Joaquim abandonou a sua igreja, condemnada pelo progresso material do paiz, e hoje tem a sua veneranda imagem no altar da capella do *internato*.

A igreja tem duas torres e é toda de solida construção de cantaria, e se não é admiravel debaixo do ponto de vista architectonico, pelo menos não se resente de falta de elegancia apropriada.

Tres grandes portas com portaes de pedra davão entrada para o templo : a primeira, que fica á direita para um largo e vasto corredor, que se estende com todo o comprimento do templo ; a segunda para o corpo da igreja, cujos ornatos erão no estylo barroco, que dominára

no Rio de Janeiro, apparecendo em todos os templos levantados antes da nossa época.

Cinco erão os altares da igreja ; o primeiro á entrada e do lado da Epistola era o altar de S. Bom Homem ; o segundo do mesmo lado era o da Senhora das Dôres, de especial devoção dos pobres orphãos de S. Joaquim : do lado do Evangelho o primeiro altar á entrada era dedicado á Immaculada Conceição de Maria : o segundo a S. José, e no altar-mór adorava-se a S. Joaquim.

O côro era, como ainda hoje se mostra, tão simples como espaçoso.

A terceira porta, que fica á direita, abria para outro corredor (tambem largo e vasto como o da esquerda), que ia terminar na sacristia, sala de muito sufficientes proporções.

Do lado esquerdo, em um pavimento superior, havia uma sala, e além desta o consistorio que por uma porta davão entrada pelo côro.

Como já indiquei, a igreja deixou de ser igreja ; é porém Deos servido que ainda hoje esteja prestando grande utilidade, porque no corredor da direita e no proprio corpo principal della se achão estabelecidas as aulas de Lycêo de Artes e Officios, instituição philantropica, de que o paiz deve colher muito proveito, e os seus fundadores e professores bem merecida gloria, se tiverem constancia na sua dedicação e nobre empenho.

Ligado á igreja de S. Joaquim o edificio do antigo seminario, e hoje do externato, se mostra com dous pavimentos, um terreo e outro superior, abrindo-se neste

duas janellas de grades de ferro para a rua Larga de S. Joaquim, e algumas outras iguaes para um pateo murado, que offerece uma pequena face para aquella rua e outra muito maior para a rua da Imperatriz, estendendo ainda o edificio uma terceira face pela rua da Prainha.

Uma porta igual ás da igreja, conservando ainda, como recordação do passado, as armas do principe dos apostolos, dá entrada para a portaria do collegio, pequena, porém muito decente.

A portaria do imperial collegio de Pedro II era o mundo do velho Manoel Babo Rebello, porteiro contratado no principio, talvez em Janeiro de 1838, e conservado nesse lugar até ao ultimo dia de sua vida no anno de 1855.

O velho Babo era a chronica viva da casa ; e sabia o contava a historia de cada pedra que servira para as obras do collegio desde 1838 ; tinha de cór o numero das visitas que o ministro Vasconcellos fizera ao estabelecimento quando se occupava em fundar e dar vida e calor á instituição.

Babo era natural de Portugal, e viera para o Brasil, e chegára á Bahia tendo apenas nove annos de idade : um negociante o recebeu, e o pobre menino foi tratado e educado como filho pela familia brasileira, cujo chefe o adoptára. O velho porteiro relatava tudo isso duas ou tres vezes por dia ; e de cada vez que o fazia, era certo vê-lo chorar e concluir dizendo : « A Sra. D. Maria foi minha mãe e queria que eu a chamasse minha mãe ! »

Pelo menos era um homem agradecido.

Mas era tambem um pouco original, e levava a virtude da economia até áquelle extremo em que ella se torna em vicio.

O velho Babo sustentava que para conservar a saude lhe erão necessarias as tres seguintes condições : tomar banhos geraes de agua fria, ter os pés muito frios de manhã, e passeiar muito a pé durante o dia ; e eis aqui como elle satisfazia essas condições, e especialmente a ultima sem sahir do collegio.

A's dez horas da noite o Sr. Babo deitava-se e dormia a somno solto até ás tres horas da madrugada ; levantava-se, tomava um banho geral de agua fria, e depois, conservando-se descalço sobre os tijolos de marmore da portaria durante meia hora, começava então a espirrar com *estrondo* tal que despertava ás vezes os alumnos ; depois de duas duzias de espirros, e ás vezes mais, tinha o homem os seus pés frios e ficava contente.

Em seguida e durante o dia todo, embora com intervallos multiplicados, effectuava-se o exercicio de passeio a pé.

Das quatro ás cinco e meia horas da manhã o velho Babo passeava em toda a extensão da varanda que por dous lados cerca o pateo interior do collegio, e ainda pelo mesmo pateo, e no correr do dia passeava na sua pequena *portaria*.

E passeava sempre com passo acelerado, com a cabeça baixa, olhando para o chão e contando as pisadas.

Ao cair da tarde sommava os passos que tinha dado durante o dia, e calculando como cumpria, declarava alegre e risonho, que tinha andado a pé tres ou quatro leguas!...

O espirito de economia do velho Babo pôde-se apreciar bem na seguinte observação.

Este celebre porteiro entrou para o serviço do collegio em 1838, trazendo uma casaca bastante usada e uma casaca em muito bom uso; desde as seis horas da manhã até á noite sempre estava de casaca, e morreu em 1855 sem ter mandado fazer uma casaca nova!

Entretanto em 1854 foi obrigado a abandonar a sua casaca velha em consequencia de uma terrivel catastrophe.

Estavão-se caiando de novo algumas paredes do collegio : o zeloso porteiro fiscalisava por sua vontade o trabalho, quando em um momento sinistro o caiador estremeceu na escada, e tão desastradamente se houve que despejou sobre o velho Babo um banho, um diluvio de agua de cal.

Não houve meio de regenerar-se a casaca inundada.

A' parte este defeito, que aliás a ninguem era nocivo, Manoel Babo Rebello tinha qualidades que o recommendavão : gozou sempre da confiança e da estima dos chefes do collegio e dos professores : era muito querido dos alumnos, e não menos dos empregados da casa.

A portaria tem ao lado esquerdo uma escada que nos levará ao andar superior ; ainda no mesmo lado uma pequena porta que dá entrada para uma saleta de espera

onde se reúnem e descansão os professores, e no fundo uma grande porta de ferro que se abre para o interior do collegio.

Entrando-se pela porta de ferro encontra-se á mão direita a vigilante sineta que marca as horas de descanso e de trabalho, e logo em seguida entra-se para o corredor da esquerda da igreja, que serve para ponto de espera onde se ajuntão os alumnos externos: passa-se deste largo corredor para a antiga sacristia, que é hoje a sala das aulas das sciencias naturaes.

O primeiro professor de sciencias naturaes no imperial collegio de Pedro II foi o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia: em 1855 esta materia passou a ser ensinada em duas cadeiras, a primeira de *zoologia e botanica*, que continuou a cargo do Dr. Maia, e a segunda de *physica e chimica*, para a qual foi nomeado o Sr. Dr. Saturnino Soares de Meirelles: actualmente essas cadeiras estão a cargo de outros cavalheiros, porque o Dr. Maia falleceu, e foi substituido no collegio pelo Sr. Dr. José da Silva Lisboa, e o Sr. Dr. Meirelles passou a professar a mesma materia na academia de marinha, tomando o seu lugar no collegio o Sr. Dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides, que ahi tomára o gráo de bacharel em letras.

O Dr. Maia era natural da Bahia, onde nasceu a 8 de Agosto de 1808, e onde fez os seus estudos de humanidades: em 1823 foi com toda a sua familia para Portugal, e ahi se matriculou na universidade de Coimbra: tinha já obtido o gráo de bacharel em philosophia na-

tural quando rebentou a guerra civil entre os constitucionaes e os absolutistas : o joven brasileiro trocou o livro pela espada, e alistando-se entre os academicos voluntarios, bateu-se nobremente pela causa da liberdade, e vencido e perseguido, fugio para escapar aos algozes do terrivel usurpador. Emfim, a 2 de Setembro de 1833 obteve o diploma de doutor em medicina pela universidade de Paris, e tornado á patria consagrou-se durante vinte cinco annos ao cultivo da medicina, das sciencias naturaes e das letras. Foi um dos directores do museu nacional, um dos professores da criação do imperial collegio de Pedro II ; e nos jornaes da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e da Academia Imperial de Medicina, de que foi por muito tempo redactor, e na *Minerva Brasileira*, revista scientifica e litteraria, que o teve por fundador e redactor em chefe, deixou-nos interessantes trabalhos. O Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia morreu no dia 21 de Novembro de 1859.

A sala, que foi sacristia, offerece-nos ao fundo uma porta que dá passagem para uma escada, por onde se vai ter á casa que era da habitação dos reitores.

No centro do edificio alarga-se um bello páteo quadrado, a que prestão sombra cerca de uma duzia de graciosas amendoeiras, e onde estão dispostos os meios necessarios para os exercicios gymnasticos, sendo além disso, um lugar de recreio para os alumnos, de que actualmente só se aproveitão os meio-pensionistas.

Para este pátéo quadrado apresenta o edificio quatro faces: da que fica ao lado direito da entrada, acabei de fallar ha pouco, no que diz respeito ao pavimento inferior de que estou tratando.

As faces principal e do lado esquerdo, sempre do pavimento inferior, são formadas por uma varanda defendida por grades de ferro.

Com esta varanda se communicão, na face principal, a sala de espera dos professores e duas salas de aulas separadas por um pequeno corredor; e na face do lado esquerdo a sala do refeitório, que é vasta e assejada e uma outra sala de aulas.

Na ultima face emfim, abrem janellas para o pátéo duas salas de aulas tambem separadas por um corredor.

Lembrarei agora os nomes dos professores cuja voz se tem feito ouvir nestas salas.

De grammatica portugueza forão professores o Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva, e depois o Sr. Dr. João Dias Ferraz da Luz, que occupou esta cadeira quando ainda era estudante da escola de medicina do Rio de Janeiro: actualmente e desde muitos annos, ensina esta materia o Sr. Gabriel de Medeiros Gomes, professor de latim.

O primeiro professor de latim no imperial collegio de Pedro II foi o Sr. Jorge Furtado de Mendonça, cujo titulo teve a data de 30 de Abril de 1838; tendo-se porém retirado em Agosto do mesmo anno, foi a cadeira de latim dividida em duas, e estas preenchidas pelo Sr. Gabriel de Medeiros Gomes, que felizmente ainda hoje lecciona e é o decano dos professores do collegio; e

pelo professor publico de latim João de Castro e Silva, e pelos seguintes que se forão succedendo, padre Manoel Antonio da Silva, Tiburcio Antonio Craveiro, barão de Planitz, e Bernardo José Faletti, que deixou o lugar em 1849.

Nesse anno creou-se uma terceira cadeira de latim, e enquanto o Sr. Dr. Antonio de Castro Lopes tomava o posto que occupára Faletti, e o Sr. Dr. Antonio José de Souza, professor actual, succedia áquelle, era nomeado para a nova cadeira creada o nosso suavissimo poeta o Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias, a quem succedêrão o Sr. Fr. José de Santa Maria Amaral, e emfim o Sr. Jorge Furtado de Mendonça, que fôra um dos professores da criação do collegio e que hoje continúa a sê-lo.

Talvez me observem que estou escrevendo uma carta de nomes; paciencia: quero de boa vontade soffrer agora a pecha de maçante, para deixar informações que algum dia possam servir.

E bem quizera estar habilitado para escrever algumas palavras a respeito de cada um dos professores que a morte roubou ao collegio; na impossibilidade porém de o fazer completamente, lembrarei ao menos o merecimento d'aquelles de quem tenho informações.

E os professores e ex-professores que ainda vivem contentem-se com a simples menção de seus nomes, e não têm pressa de achar-se no caso dos outros...

A cadeira de sciencias mathematicas foi occupada pelo Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, Sr. Dr. João Dias Ferraz da Luz, sendo ainda estudante de medicina, Dr. Lino

Antonio Rebello, Sr. Dr. bacharel Antonio Machado Dias e o é hoje pelo Sr. José Ventura Boscoli.

Do anno de 1856 ao de 1861 servirão successivamente de professores supplementares de mathematicas o Sr. Dr. Saturnino Soares de Meirelles, o bacharel João Antonio Gonçalves, os Srs. bacharel Eduardo de Sá Pereira de Castro, bacharel Manoel Buarque de Macedo Lima, Dr. Pedro José de Abreu, Dr. José da Silva Lisboa, bacharel Antonio Maria Corrêa de Sá, e serve hoje o Dr. João dos Santos Marques.

O Dr. Lino Antonio Rebello foi um homem que, se não tivesse deixado na terra esposa e filhos, teria saudado a morte com um sorriso : gasto na mocidade pelas privações, não teve forças para chegar á velhice.

Era natural de Buenos-Ayres, mas aos dous annos de idade já estava no Rio de Janeiro, onde estudou humanidades : passou á Europa, e tomou em Bolonha o grão de doutor em sciencias naturaes e em mathematicas.

Em 1836 foi o Dr. Lino Rebello nomeado lente substituto e logo depois proprietario da escola de architectos medidores da provincia do Rio de Janeiro, e um pouco mais tarde professor de mathematicas do imperial collegio de Pedro II : extincta porém aquella escola, teve de contentar-se com o limitadissimo ordenado que lhe dava o collegio, e que era muito menor que os ordenados dos actuaes professores.

Sobrecarregado de familia e sem fortuna, e sem algum outro meio de subsistencia, o Dr. Lino lutou oito annos com a mais cruel pobreza ; tinha talento e instruc-

ção, era de reconhecida probidade, e soffria profundamente ainda mais pelas privações que experimentavão sua mulher e seus filhos do que pelas proprias ; ainda era moço em annos, e já o seu aspecto era de um velho : affavel no trato, sorria-se ás vezes ; mas o seu sorrir era tão triste que fazia entristecer.

Em 1852 o governo imperial melhorou a sorte do Dr. Lino nomeando-o inspector da thesouraria da provincia de Minas-Geraes ; mas cinco annos depois o Dr. Lino Antonio Rebello deixava de existir.

A cadeira de francez foi occupada primeiro por Francisco Maria Piquet, depois pelo Sr. Dr. Fernando Francisco Lessa, que teve a sua jubilação, e o é agora pelo Sr. José Francisco Halbout, tendo tambem servido como professores supplementares o bacharel Antonio Gonçalves da Silva, e o Sr. bacharel Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

O collegio tem tido por professores de grego os Srs. Dr. Joaquim Caetano da Silva, barão de Tautphœus, e o Sr. Dr. Guilherme Theodoro Schiffler, que o é actualmente.

Forão professores de allemão o barão de Planitz, o Sr. barão de Tautphœus, George Gaël, e o é agora o Sr. Bertholdo Goldschmidt.

O barão de Planitz, era um homem de instrucção vasta e profunda e um professor abalisado, e apezar de algumas generalidades, gozava do respeito devido á sua illustração e capacidade, e era muito estimado dos alumnos.

Incansavel no estudo e no trabalho, e por isso soffrendo não pouco em sua saude, tinha o barão de Planitz dias de máo humor em que facilmente se encolerisava, e então chegava ás vezes a parecer menino.

Uma vez estava elle leccionando, e empenhado em fazer comprehender completamente um ponto da lição aos seus alumnos, levantou-se, tomou o giz, foi á pedra, escreveu o que julgou preciso, e empunhando a flecha começou a explicar a questão ; mas uma mosca impertinente veio pousar no nariz do professor, que espantou-a debalde, porque a mosca fugia e voltava, ora a pousar-lhe na face, ora no queixo, ora outra vez no nariz ; os alumnos sorrião-se vendo a impaciencia do barão de Planitz, que, acabando por desesperar, lançou-se atrás da mosca pela sala fóra, procurando mata-la a golpes de flecha.

Os alumnos ficarão sem lição, e guardarão a lembrança da historia da mosca.

Era porém tão real e notavel o merecimento do barão de Planitz que, ainda mesmo com esta e algumas outras excentricidades, não perdeu jámais a consideração que soubera desde o principio conquistar.

Suspendo aqui a cansada relação dos professores do collegio, que aliás ultimarei no proximo *passeio*.

E ainda para completar a descripção do pavimento inferior do edificio que estamos visitando, me era necessario levar-vos por um corredor que começa á porta da sala do refeitório, á grande e excellente cozinha do collegio, além da qual se encontrão a sala de banhos e quar-

tos de criados, que abrem portas para um segundo páteo ; creio porém que podemos dispensar-nos de estender até lá o nosso *passeio* de hoje, que já se tem prolongado não pouco, convindo portanto da-lo por acabado aqui.



XXIX.

O IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II.

Não temos, creio eu, a menor necessidade de andar correndo. Vivemos, é certo, no seculo do vapor e da electricidade, que vierão dar aos homens admiraveis azas, ainda mais leves que as do beija-flôr, e mais possantes que as da aguia : mas ninguem se lembra de passeiar em fios electricos ou em cavallos de vapor ; ao contrario, é de regra absoluta que quem passeia não tem pressa, e quem tem pressa não passeia.

Estou portanto no meu direito demorando-me ainda no pavimento terreo do externato do imperial collegio de Pedro II, para, ao lançar a ultima vista de olhos pelas salas de aulas, recordar os nomes dos professores que nellas leccionárão e leccionão, e especialmente os daquelles que já não são deste mundo.

A cadeira de rhetorica do imperial collegio de Pedro II foi occupada pelos Srs. Dr. Joaquim Caetano da Silva, Tiburcio Antonio Craveiro, Santiago Nunes Ribeiro, Dr. Francisco de Paula Menezes, e o é actualmente pelo Sr. Dr. conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

Santiago Nunes Ribeiro era natural do Chile ; victima de uma borrasca politica, vio-se ainda menino obrigado a expatriar-se, e acompanhando um seu tio e preceptor, acolheu-se ao Brasil, que lhe abriu o seio tranquillo, bemfazejo e amigo.

O tio de Santiago Nunes Ribeiro era um religioso de

grande illustração, e foi o primeiro mestre do talentoso sobrinho : mas o religioso tinha, além da fé do altar, a fé do coração, e como disse o Sr. Porto-Alegre, aquella cedeu a esta, o patriota foi maior que o frade, e o proscripto succumbio á saudade da terra natal e aos pezares, deixando sem recursos e na mais completa orphandade o misero sobrinho, ainda de menor idade.

O orphão de patria e de bemfeitor foi pedir pão ao commercio, e servio de caixeiro em uma casa commercial da cidade do Rio de Janeiro durante os primeiros annos da sua juventude : trabalhava de dia pela vida material, velava porém de noite pelo espirito, entregando-se aos mais serios estudos de algumas linguas vivas e mortas, e á leitura e meditação dos poetas e dos historiadores.

Em breve quebrou os laços que o ligavão ao commercio, e dedicou-se todo ás letras, adoptando como um recurso a arte tachygraphica, e mais tarde seguindo a carreira do professorado.

Ensinou philosophia em varios collegios particulares e foi professor de rhetorica do imperial collegio de Pedro II.

Escreveu em alguns jornaes litterarios, tendo sido um dos fundadores e o ultimo redactor da *Minerva Brasileira*. Deixou algumas lindas canções eroticas, e publicados alguns fragmentos de um poema *O libertador*, e outros escriptos.

Santiago Nunes Ribeiro era de uma modestia que tocava ao excesso ; triste de physionomia, de voz muito

debil, e de timidez que o abatia ; mas o seu merecimento era real e incontestavel.

Foi um homem que passou toda a sua vida esperando, soffrendo, e quasi sempre infeliz. Morreu ainda muito moço : sentio que ia soar para elle a hora da agonia, e saudou com um sorriso a morte.

O Dr. Francisco de Paula Menezes nasceu na freguezia de S. Lourenço em Nicheroy, a 25 de Agosto de 1811 ; vio a primeira luz perto do sitio em que Martim Affonso, o Ararigboya, assentára a sua aldêa depois que Mem de Sá lançou os fundamentos da cidade do Rio de Janeiro.

Mostrando muita viveza e talento desde os mais verdes annos, Francisco de Paula Menezes desejou seguir a carreira das letras, contrariando nisso a vontade de seu pai, José Antunes de Menezes, que pretendia fazê-lo seguir o curso da academia das bellas artes. O pai contemporisou com o filho esperando sempre, mas sempre debalde, vencer-lhe a vocação.

Paula Menezes matriculou-se na academia medico-cirurgica do Rio de Janeiro, e em 1834 chegou ao termo do curso escolar, tomando o gráo de doutor em medicina em 1838.

Em 1833, sendo ainda simples estudante da academia medico-cirurgica, foi mandado pelo governo para a villa de Santo Antonio de Sá, que era de novo assolada pelas terriveis febres paludosas que tão fataes lhe forão ; ahi, no campo da peste, o joven estudante disputou com a

morte, e arrancou-lhe das garras victimas feridas pela molestia cruel.

Depois de tomar o gráo de doutor em medicina, Paula Menezes por duas vezes tentou em concurso publico conquistar uma cadeira na escola de que era filho, e se em nenhuma dellas alcançou os louros da victoria, nem por isso sabio da luta abatido pela vergonha de uma derrota humilhante. Os vencedores olhárão-o com respeito depois do combate.

Em 1844 foi o Dr. Paula Menezes nomeado pelo governo de Sua Magestade professor publico de rhetorica do municipio da côrte, e em 1848 professor da mesma cadeira do imperial collegio de Pedro II, onde tambem leccionou interinamente durante alguns mezes philosophia.

Apezar do labor do magisterio e dos cuidados da clinica medica que tantas fadigas lhe custavão, achava o Dr. Paula Menezes ainda tempo de sobra e animo bastante para se occupar de outros e importantes trabalhos que aproveitavão ao paiz; foi sempre um membro activo e dedicado de muitas das nossas sociedades scientificas e litterarias. No Instituto Historico e Geographico do Brasil servio de segundo secretario durante não poucos annos; na academia imperial de medicina foi tambem por alguns annos o redactor da competente revista. Concorreu como collaborador para diversos periodicos litterarios e publicou uma revista litteraria, de que foi o principal ou quasi unico redactor.

Deixou numerosos discursos impressos, e tambem

diversos manuscritos, entre os quaes alguns infelizmente incompletos ; compoz, e não sei onde párao, uma tragedia em verso endecasillabo intitulada *Lucia de Miranda*, um drama, e uma comedia que tinha por titulo *A noite de S. João na roça*.

Sobresahião entre esses manuscritos *Os quadros da litteratura brasileira*, a que faltava a ultima parte, de que elle mais fervoroso se occupava quando foi atacado pela enfermidade que o levou á sepultura em 1857, tendo então apenas quarenta e seis annos de idade.

O Dr. Francisco de Paula Menezes possuiu em summo gráo o dom da palavra ; tinha imaginação viva e comprehensão facil : era feliz nos improvisos ; muitas vezes brilhante no discurso, e gozou de uma bem merecida nomeada.

A cadeira de philosophia do imperial collegio de Pedro II foi occupada pelo Sr. Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, e o é agora pelo Sr. padre-mestre Fr. José de Santa Maria Amaral ; mas entre o illustre poeta e o venerando e illustrado beneditino, leccioná-rão interinamente a mesma materia Santiago Nunes Ribeiro, Dr. Francisco de Paula Menezes e o Sr. bacharel Joaquim Pinto Brasil.

A cadeira em que não tem parado professores no imperial collegio de Pedro II é a de ãglez ; pois que entre interinos e não interinos já se contão em vinte e quatro annos não menos de treze ! eis aqui os nomes desses professores : Srs. Diogo Mare, José Luiz Alves, Guilherme Fairfax Norris, José André Garcia Ximenes,

outra vez Guilherme Fairfax Norris, Dr. Ernesto Ferreira França, Dr. José Manoel Valdez y Palacios, Galliano Ravara, Cyro Cardoso de Menezes, Alberto Cumberworth, Simeão Pereira de Moraes Abunayuba, bacharel Miguel Archanjo da Silva Costa, e enfim Dr. Felippe da Motta de Azevedo Corrêa.

Dizem que o numero treze é infeliz ; mas contra esse pueril prejuizo está protestando o collegio de Pedro II, que se acha muito feliz com o seu decimo-terceiro professor de inglez o Sr. Dr. Azevedo Corrêa.

O Dr. José Manoel Valdez y Palacios, illustrado peruano, deixou a patria fugindo ás reacções politicas, e á morte de que estava ameaçado : trazendo consigo um filho, sóbe os Andes, e através de todas as privações procura a terra hospitaleira do Brasil, chega ao Pará depois de correr mil perigos, vem para o Rio de Janeiro, e aqui acha ao menos tranquillidade e pão, embora se visse abatido pela pobreza.

O Dr. Valdez teve um recurso no magisterio e foi professor publico de inglez no lycêo de Nietheroy e no imperial collegio de Pedro II.

Em 1842 publicou o Dr. Valdez a relação d'uma parte da sua viagem de Cusco ao Pará pelos rios Vilcamayo, Ucuyaly e o Amazonas, precedida de um bosquejo sobre o estado politico, moral e litterario do Perú em suas tres grandes épocas. É um trabalho curiosissimo e digno de ser consultado.

Collaborou este distincto peruano em diversos periodicos hebdomadarios e sustentou por mais de um anno a

Nova Minerva, onde deixou um testemunho seguro dos seus variados conhecimentos.

A vida do infeliz e nobre proscripto politico foi toda de saudades da patria natal, e de trabalho incessante na patria adoptiva.

Em 1844 o Dr. Valdez descansou morrendo, deixando por unicos bens na terra dous filhos menores na mais completa pobreza; na sua bolsa não se achou recurso para dar um lençol ao seu cadaver, que foi amortalhado e levado ao ultimo jazigo pelos professores do imperial collegio de Pedro II.

A cadeira de historia e geographia coube na época da fundação do collegio ao Sr. Dr. Justiniano José da Rocha, depois ao conego Dr. Marcellino José da Ribeira, e em seguida ao barão de Planitz e ao Sr. João Baptista Callogeras.

Em 1849 foi essa cadeira dividida em duas: na de historia e geographia moderna e medla, e na de historia e geographia antiga, separando-se ainda interinamente da primeira a historia do Brasil.

A primeira cadeira foi occupada pelo mesmo Sr. Callogeras, e em 1850 pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A segunda coube ao Dr. Joaquim Manoel de Macedo em 1849, e depois ao padre-mestre Fr. Camillo de Montserrate, e ao bacharel João Antonio Gonçalves da Silva.

A interina da historia do Brasil foi confiada ao Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias, e em breve de novo ligada á da historia moderna.

Em 1858 creou-se uma aula especial de historia e co-

rographia do Brasil, uma outra de geographia geral, e encarregou-se o ensino da historia media ao professor de historia antiga.

Foi nomeado então professor de historia do Brasil o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, e professor de geographia o Sr. Dr. Pedro José de Abreu.

A cadeira de historia moderna foi occupada interinamente pelo Sr. Dr. Domingos Jacy Monteiro, e é hoje della professor o Sr. Dr. Joaquim Mendes Malheiros, que foi um dos primeiros que tomou o gráo de bacharel no imperial collegio de Pedro II.

A cadeira de historia antiga e média coube ao bacharel João Antonio Gonçalves da Silva, tambem um dos primeiros bachareis do collegio, e agora vai ser occupada pelo Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.

João Antonio Gonçalves da Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 26 de Fevereiro de 1828; destinado a seguir a carreira das letras matriculou-se no imperial collegio de Pedro II, cujos estudos fez com grande aproveitamento, merecendo ser premiado em diversos annos: em 1845 tomou o gráo de bacharel em letras; matriculou-se depois na escola militar, que frequentou por algum tempo, deixando-a porém por motivos estranhos á sua vontade.

Dedicando-se ao magisterio, ganhou logo uma justa reputação ensinando diversas materias no collegio que ainda não perdeu o nome de seu illustre fundador, o collegio *Marinho*.

Em 1858, a 26 de Fevereiro, no dia do seu anniversario natalicio, foi nomeado professor da cadeira de historia e geographia antiga do imperial collegio de Pedro II ; em 12 de Março de 1859 recebeu a nomeação de professor, de francez da escola de marinha, e logo depois a de latim e francez da escola central.

Em 1861, a 31 de Janeiro, unio-se pelos laços do hymeneo a uma digna senhora escolhida pelo seu coração ; quando porém saudava a felicidade, cahio ferido por uma enfermidade cruel que devia leva-lo ao tumulo, e quatro mezes e meio depois do seu casamento, e no fim de dous mezes de incessantes e dolorosos padecimentos, deu a alma a Deos no dia 18 de Julho de 1861.

A dôr e o pranto dos seus collegas, numerosos amigos e discipulos fizeram o mais completo elogio das excellentes qualidades do bacharel Gonçalves.

Este digno fluminense, o bacharel João Antonio Gonçalves da Silva, era activo e severo no cumprimento dos seus deveres ; grave e muitas vezes austero na cadeira de professor, brincão, espirituoso e sempre alegre no seio da amisade.

Era um companheiro com quem se podia contar para o trabalho como para a alegria ; ninguem era mais laborioso que elle, e ninguem podia estar triste ao seu lado.

Cultivando sempre as materias que estudára no collegio de que era filho, pôde ensinar a historia e geographia, latim, francez, grego e mathematicas ; não era profundo em todas essas materias ; tinha porém o dom

de ensinar, e os seus discipulos aproveitavão sempre muito.

O bacharel Gonçalves pertenceu a diversas sociedades litterarias ; amava bastante o theatro, e a Opera Nacional deveu-lhe bons serviços em seu berço, e nos dias de suas mais bellas esperanças, pois que elle se prestou gratuitamente a ensinar os artistas noveis dessa companhia que o amor da arte e o patriotismo improvisarão na cidade do Rio de Janeiro.

O bacharel João Antonio Gonçalves da Silva ainda é hoje e será por muito tempo saudosamente lembrado pelos seus collegas, amigos e discipulos.

A cadeira de doutrina christã e historia sagrada, creada em 1859 no imperial collegio de Pedro II, é occupada pelo Sr. conego Felix Maria de Freitas Albuquerque.

A de italiano pelo Sr. Dr. Luiz Vicente de Simoni.

A de desenho coube em 1838 ao Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, que foi substituido pelo Sr. Candido Matheus de Faria Pardal.

Têm sido professores de musica Januario da Silva Arvellos e os Srs. Francisco da Luz Pinto, e José Joaquim Goyano, que o é actualmente.

Têm ensinado gymnastica os Srs. Guilherme Luiz de Taube, Frederico Hoppe, Antonio Francisco da Gama, e Pedro Guilherme Meyer ; e dansa os Srs. João José da Rocha que a ensina ainda no internato, e Julio Toussain que a ensina no externato.

Acabei emfim de fazer a enumeração e de declinar os

nomes de todos os professores que tem tido o imperial collegio de Pedro II. Provavelmente já me condemnarão como o mais terrivel e teimoso de todos os maçantes ; mas eu tenho cá no espirito a minha idéa, e vou *passando* com ella : quem se aborrecer da minha companhia, pôde bem deixar-me sem mesmo passar pelo incommodo de uma despedida.

Sem a menor duvida deixei de apresentar notas biographicas de alguns antigos professores do collegio, que a morte já levou deste mundo para a eternidade ; não me accusem porém de injustiça por essa omissão, que é só devida á falta de conhecimento em que estou da vida e feitos desses *esquecidos*.

Nada mais temos a fazer no pavimento inferior do externato do imperial collegio de Pedro II : voltemos pois á portaria, e subamos ao andar superior pela escada principal.

A escada que se levanta á mão esquerda de quem entra da rua na portaria, é em dous lanços, sendo o primeiro de degrãos de pedra e o segundo de degrãos de madeira, e vai terminar em um corredor que abre tres janellas para o páteo central do collegio.

Ao lado direito da escada fica uma sala chamada da *reitoria*, porque é ahi que despacha o reitor do externato. Esta sala tem duas janellas de sacadas de ferro para a rua, é separada do corredor por uma parede de tabique, e além de servir para os despachos da reitoria, guarda a pequena bibliotheca do externato.

Contigua a esta sala se acha a entrada para a escada

da torre da igreja ; em frente a esta escada estende-se o antigo consistorio do lado esquerdo do templo, longa sala que se transformou em tres, separadas por paredes de tabique, e outr'ora reservadas para a habitação dos vice-reitores, tendo ultimamente servido para secretaria do collegio, e depois para secretaria do Instituto Commercial. Cada uma destas tres salas abre uma janella para o páteo central do collegio. Da ultima das tres passa-se, descendo tres degráos, para um salão que d'antes era chamado—a sala da musica—, porque ahi dava lições dessa bella arte o competente professor.

Era tambem neste salão que tinha lugar o banquete dado pelo collegio aos professores e aos alumnos premiados no dia da distribuição dos premios no fim de cada anno. O ultimo banquete desta ordem foi em 1849.

O salão em que estamos agora olha por quatro janellas para o páteo, e se communica por outras tantas portas com as salas do lado direito da igreja, e com a casa da rua Estreita de S. Joaquim que é contigua á mesma igreja.

Tendo perdido o seu antigo destino, serve actualmente o salão para os exames geraes de instrucção publica, e para a aula de portuguez e calligraphia do Instituto Commercial.

A casa da rua Estreita de S. Joaquim a que acabei de me referir é um sobrado que tem de frente cinco janellas de peitoril, tres que pertencem á sala principal e duas a um gabinete; duas alcovas e mais uma saleta de jantar resumem todas as accomodações dessa casa, que

outr'ora servio para a habitação dos reitores do collegio, e que achando-se hoje desoccupada, terá, segundo se diz, de receber os concertos e obras indispensaveis para se estabelecer nella o Instituto Commercial, que o externato do imperial collegio de Pedro II hospeda desde 1857.

Visto que visitamos as salas e a casa em que habitarão alguns reitores (dous) e os vice-reitores do imperial collegio de Pedro II, justo é que recordemos os nomes daquelles que occuparão tão importantes cargos.

O primeiro reitor do imperial collegio de Pedro II foi D. Fr. Antonio d'Arrabida, bispo de Anemuria, que entrou no exercicio da reitoria a 4 de Março de 1838, residindo sempre no convento de Santo Antonio. Diz-se que achou-se logo em desintelligencia com o ministro Vasconcellos, retirando-se por isso da direcção do collegio a 7 de Outubro do mesmo anno, e obtendo a sua demissão de reitor por decreto de 25 de Junho de 1839.

O segundo reitor foi o Sr. Joaquim Caetano da Silva, nomeado por decreto de 26 de Junho de 1839, e exonerado desse cargo por decreto de 28 de Novembro de 1851, quando teve a nomeação de encarregado de negocios do Brasil na Hollanda.

O terceiro reitor foi o Sr. capitão de mar e guerra reformado e lente da academia de marinha jubilado José de Souza Corrêa ; o decreto de 28 de Novembro de 1851 marca a data da sua nomeação, e o de 28 de Julho de 1855 a da sua demissão, que obteve a pedido.

O quarto e ultimo reitor do imperial collegio de Pedro

II foi o Sr. Dr. Manoel Pacheco da Silva, nomeado por decreto de 28 de Julho de 1855; como porém entrasse em exercicio a 10 de Setembro seguinte, servio de reitor desde 28 de Julho até aquella data o professor o Sr. Jorge Furtado de Mendonça.

O decreto de 24 de Outubro de 1857 dividio o imperial collegio de Pedro II em internato e externato, tendo cada uma destas casas collegiaes o seu competente reitor; assim pois ficou occupando esse cargo no externato, o mesmo Sr. Dr. Manoel Pacheco da Silva, e foi nomeado reitor do internato por um decreto de Fevereiro de 1858 o Sr. Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego, que presidio á creação do estabelecimento, e ainda actualmente o dirige.

Tem sido vice-reitores do imperial collegio de Pedro II os Srs. padre José Ignacio de Carvalho Freitas, de 29 de Abril de 1838 a 29 de Julho seguinte, servindo interinamente.

Padre Leandro Rebello Peixoto e Castro de 28 de Agosto de 1838 a 30 do mesmo mez de 1839.

Fr. Rodrigo de S. José da Silva Pereira de 6 de Março de 1840 a 25 de Abril de 1853, dia em quo falleceu.

Fr. Luiz da Conceição Saraiva, nomeado interinamente para servir no impedimento do precedente, e depois effectivo até 28 de Junho de 1855.

Jorge Furtado de Mendonça, nomeado interinamente a 28 de Junho de 1855, entrou logo em exercicio, residindo no collegio até a posse do novo reitor, o Sr. Dr.

Manoel Pacheco da Silva, e sendo enfim exonerado a instancias suas.

Fr. José da Purificação Franco, nomeado por decreto de 18 de Setembro de 1855.

-A reforma do collegio em 1857 determinou a necessidade de dous vice-reitores. O Sr. Fr. José da Purificação Franco passou a occupar a vice-reitoria do internato, e o Sr. Jorge Furtado de Mendonça, cuja nomeação aliás não foi apresentada, servio de vice-reitor nos exames de 1858, e conseguiu a sua exoneração por decreto de 1º de Novembro de 1859.

É hoje vice-reitor do externato o Sr. conego Felix Maria de Freitas Albuquerque, nomeado por decreto de 2 de Setembro de 1859.

Cumpre que me deixem tomar folego: este *passeio* foi longo e arido; adio portanto o mais que tenho a dizer a respeito do imperial collegio de Pedro II para um ultimo *passeio*, que principiará no externato e irá acabar no internato.

Até breve.



XXX.

O IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II.

Já tem sido muitos os nossos *passeios* ao imperial collegio de Pedro II; estou ancioso por chegar ao fim delles, e portanto, sem mais preambulos, vou proseguir, e agora ainda mais rapidamente, na descripção, que deixei interrompida, do pavimento superior do externato.

Voltemos sobre os nossos passos, e passando outra vez pelo corredor onde vem acabar a escada da portaria, sigamos para o lado opposto áquelle que acabamos de visitar.

Temos aqui logo junto da escada uma sala que deita duas janellas para o segundo páteo do collegio, e que serve actualmente de secretaria deste e do Instituto commercial.

Contigua a esta sala estende-se um salão com quatro janellas para aquelle mesmo páteo exterior, e tres outras para o páteo interior do collegio. Servindo até 1857 de dormitorio para os alumnos internos, e de sala de exames no fim dos annos lectivos, este espaçoso salão está hoje occupado pelo Instituto commercial, e tambem nelle se fazem os concursos e exames para o magisterio publico e particular de instrucção primaria e secundaria, assim como os exames annuaes dos alumnos do externato, que são muitas vezes honrados com a presença de S. M. o Imperador.

Entra-se pelo fundo deste salão para um corredor que abre sete janellas para o pátio interior do collegio, e que se communica com as seguintes salas :

Primeiro e por uma de suas extremidades com o vasto salão em que se celebra a distribuição dos premios e collação do gráo de bacharel.

Segundo com uma sala chamada do retrato, porque nella existe um retrato do Imperador ; nesta sala se reúne o conselho director de instrucção publica, e tambem nella se celebrão as congregações dos professores.

Em seguida a esta sala ha um pequeno corredor que vai ter a um quartinho com escada para o forro do edificio, e logo depois ha uma escada por onde se desce para o refeitório.

Terceiro com cinco salas successivas, tendo cada uma duas janellas para a rua da Prainha. As quatro primeiras destas salas servião d'antes para o estudo dos alumnos nas horas de silencio : a quinta era a enfermaria.

O grande corredor termina abrindo uma porta para um pequeno quarto, e outra em frente da do dormitório, dando entrada para um extenso salão com seis janellas para o pátio interior do collegio, salão que servia tambem de dormitório, e no fim do qual uma escada o separa do salão chamado da musica, que aliás já visitámos.

Actualmente existe uma parede de tabique, levantada logo além da escada do refeitório, e essa parede divide em dous o grande corredor ; e as cinco salas e o salão seguinte estão destinados á habitação do reitor do externato.

Não posso continuar a descripção que vou fazendo da casa do externato do imperial collegio de Pedro II, sem libertar-me da lembrança de uma travessura de estudantes.

Mostrei-vos ainda ha pouco o quartinho que tem uma escada para o forro do edificio.

Esse forro não tem separações, é um vão immenso, tenebroso, e em alguns pontos de altura muito irregular; é um mundo, em cujo seio caberia mais gente do que na platéa do theatro lyrico, ou theatro Provisorio, esse monstro de architectura que se tem perpetuado provisoriamente.

Em certo anno, que não foi muito depois de 1849, notárão os inspectores do collegio que nas horas de recreio diversos alumnos conversavão em portuguez em voz alta e sem mysterio, mas de um modo que elles não podião comprehender.

Os rapazes fallavão da *cidade de Roma* como se nella tivessem estado pouco antes: marcavão a situação de praças, e de ruas a que ião dando nome de heróes e de heroínas da historia romana; prevenião-se uns aos outros de que no meio da rua *Tarquinia* havia um despeñhadeiro, de que na *travessa de Nero* se expunha a dar cabeçadas quem não passasse com cuidado, de que na praça de *Graccho* ou na rua do *Tibre* se podia andar perfeitamente.

Os inspectores vião-se perdidos no labyrintho daquellas ruas e praças desconhecidas.

Ao mesmo tempo recebeu o reitor participação de que

certos alumnos internos, gazeavão nas aulas, e que depois appareião de subito sem se poder descobrir onde se tinham escondido. O velho porteiro Babo jurava por todos os santos que nenhum alumno interno sahia nem entrava pela portaria sem licença.

O abuso repetia-se: a policia do collegio pôz-se em actividade, e a final conseguio ver um alumno interno descendo furtivamente do forro pela escada do quartinho.

Estava descoberta a *cidade de Roma*.

O reitor impôz segredo á sua policia, e no outro dia, dando-se por falta de alguns alumnos nas aulas, mandou elle trancar a porta da escada do quartinho, e ficou á espera do resultado da peça que pregára aos gazeadores de aulas e viajantes do forro.

Acabadas as aulas, a sineta tocou a recreio, e como por encanto apparecêrão todos os alumnos internos, sem faltar um só.

Mas positivamente quatro d'elles tinham ido passear á *cidade de Roma*.

O reitor fingio que se deixava enganar: dobrou de vigilancia; cercou de espiões os gazeadores, e emfim no cabo de dous dias achou-se na escada da torre a sahida mysteriosa, por onde os rapazes descião do forro, e onde forão apanhados em flagrante delicto.

Nesta historia o que ha de mais curioso é que alguns pos alumnos internos possuem um estudo completo e muito minucioso da *topographia do paiz do forro*, e a mais esmerada planta da sua *cidade de Roma*, que esta-

va toda dividida em ruas, praças e ladeiras, e por onde elles passeavão perfeitamente no meio da escuridão.

Um desses amantes daquella *cidade de Roma*. é hoje um mancebo notavel por sua bella intelligencia, e por sua instrucção.

Quando entrámos no longo corredor, para o qual se abrem não menos de nove salas, apontei-vos o *salão dos premios* : não vo-lo descrevi, porém, cumprindo-me por isso fazê-lo agora, que estou quasi a despedir-me do externato.

Para aquelle salão entra-se por duas portas : uma que o communica com um pequeno quarto que o separa do corredor ; e outra que o communica com a sala do retrato.

O salão tem cento e sessenta e nove palmos de cumprimento sobre trinta e tres de largura ; lança por um lado oito janellas para a rua da Prainha e seis para o segundo páteo do collegio, e tem no fundo dous quartinhos, o da direita com uma janella para a rua da Prainha, e o da esquerda com uma janella para a rua da Imperatriz.

Este vasto salão servia, durante o correr do anno, de dormitorio para os alumnos internos, e hoje serve de sala de estudo, sendo, como disse, destinado para a solemnidade da distribuição dos premios e da collação do gráo de bacharel no fim dos annos lectivos.

Esta solemnidade é grave, tocante e animadora, e sempre tem sido honrada com a presença de Suas Magestades Imperiaes : começa pela distribuição dos premios, que os alumnos recebem da mão augusta do Imperador.

Até o anno de 1854 erão tres os premios, e havia ainda mais duas menções honrosas, constando aquelles de livros classicos ricamente encadernados, e recebendo o alumno merecedor do primeiro premio uma corôa de louro e café, com que o Imperador lhe cingia a fronte.

O regulamento de 1855 reduzio os premios aos seguintes:

Primeiro: um livro de encadernação dourada e uma corôa entretecida de louro e café.

Segundo: um livro de igual encadernação.

Terceiro: um livro de encadernação menos rica.

As menções honrosas desapparecêrão portanto; mas em lugar dellas erão proclamados os nomes dos alumnos approvados com distincção.

O regulamento de 1857 conservou os tres premios, consistindo todos em livros de encadernação dourada; acabou com a corôa de louro e café, manteve a disposição pela qual o reitor proclama os nomes dos alumnos approvados com distincção.

As ceremonias da collação do gráo de bacharel, que tem lugar immediatamente depois da distribuição dos premios, são ainda as mesmas que d'antes se observavão, e de que já dei conta quando tratei da legislação do imperial collegio de Pedro II.

Completão esta bella solemnidade um discurso lido pelo professor de rhetorica, e os hymnos e as harmonias de uma orchestra dirigida pelo professor de musica.

Eis aqui o numero dos bachareis que até ao anno de 1860 nos tem dado o imperial collegio de Pedro II: em

1843 oito, em 1844 cinco, em 1845 onze, em 1846 seis, em 1847 oito, em 1848 dez, em 1849 trinta e dous, em 1850 dezoito, em 1851 vinte e um, em 1852 quatorze, em 1853 vinte e dous, em 1854 quatorze, em 1855 oito, em 1856 onze, em 1857 cinco, em 1858 doze (sendo dez do externato e dous do internato), em 1859 seis do externato, em 1860 dez, sendo seis do externato e quatro do internato : ao todo 221 bachareis.

Nada mais tenho que accrescentar ao que deixo escripto a respeito do externato do imperial collegio de Pedro II: partamos pois para o internato.

Os carros nos esperão, meus bons companheiros de passeio.

— Os carros?

— Pois que duvida? da cidade ao Engenho-Velho ha perto de uma legoa de caminho, e não é agradavel fazer semelhante viagem a pé.

— Mas então como se arranjam os professores que devem ir ao internato de doze a quatorze vezes por mez?... o governo paga-lhes as despezas da viagem?...

— É verdade ; mas de um modo muito engraçado. O governo calculou que fazendo-se tal viagem em *omnibus* ou nos carros da Tijuca, gastaria cada professor 1\$ na ida e volta ; como porém é muito liberal, concedeu 2\$ de ajuda de custo para cada viagem de ida e volta aos professores.

— Ah! o dobro! ainda bem.

— Sim, o dobro ; mas o governo esqueceu que não ha omnibus nem carros da Tijuca a todas as horas, e que

se os professores os tem para a ida, ficão sem elles para a volta...

— E portanto...

— E portanto gasta cada um professor de 5\$ a 7\$ em cada viagem, e assim lá se vai em tilbury ou em carro, além da ajuda de custo, quasi toda a gratificação mensal que percebem no internato!

E o mais interessante é que, quando um professor deixa de dar aula, perde a gratificação correspondente ao dia em que faltou, e tambem perde a ajuda de custo; sommados porém estes dous prejuizos, ficão elles ainda muito á quem da despeza que se faz com a viagem; de modo que o professor ganha mais dinheiro não indo ao collegio do que ganha quando comparece nelle, o que chegaria a fazer suppôr que o governo paga e excita os professores do collegio de Pedro II para não irem ao internato.

Esta innocente e brevissima conversação que acabo de ter com os meus companheiros de *passeio*, fez-nos passar, sem que o sentissemos, além da casa de correcção e do bairro de Mataporcos: o resto da viagem é tão agradável, que não precisa ser *conversada*. O nosso carro vai rodando pela rua do Engenho-Velho, e portanto *per entre jardins*.

Eis-nos chegados: ahi está junto do pontilhão a antiga cruz de páo com a sua caixinha das almas, que um vigario da freguezia do Engenho-Velho mandou alli levantar para recolher as esmolas dos fieis que passassem.

Dobrámos para a rua de S. Francisco Xavier, e encon-

trámos o internato na primeira chacara que nos fica á mão esquerda.

O internato está estabelecido na antiga *chacara do Matta*, e tem ao lado direito uma casa de seccos e molhados, verdadeira e completa *venda da roça*, o ao lado esquerdo a matriz da freguezia do Engenho-Velho; e, (que vergonha!) a casa de seccos e molhados ou a *venda da roça*, apesar de velha e feia, se apresenta em estado muito menos lamentavel do que a igreja, que se acha tão arruinada que entrar nella é já um perigo, e manter alli o culto divino é uma indecencia.

A frente da chacara em que se estabeleceu o internato é defendida por um muro que sustenta uma gradaria de ferro; no centro abre-se em par um portão tambem de ferro.

No meio de uma área espaçosa e ornada de algumas^s arvores que offerecem aprazivel sombra levanta-se a casa do internato, que consta de dous pavimentos. Ao lado esquerdo desta, vê-se uma outra, de um unico pavimento, e que foi mandada construir pelo governo para habitação do reitor.

Previno-vos desde já que não encontrareis aqui as disposições vastas e apropriadas que vimos no edificio do externato; mas a razão é simples: lá, temos uma casa construida de proposito para o mister, em que continúa e continuará a ser empregada; aqui, aproveitou-se o que se achou em uma casa particular, e a que se tem ido adicionando novos commodos, que aliás ainda não são sufficientes.

O edificio do internato apresenta de frente no pavimento inferior duas portas nas extremidades, uma no centro, e quatro janellas; e no superior sete janellas com sacadas de ferro.

O pavimento superior é assobradado, e sobe-se para elle por escadas de pedra, que não vão além de tres degrãos.

Na extrema direita está a portaria, pequena sala que tem para fóra a porta da entrada e uma janella, ao lado esquerdo outra porta que se communica com a sala da capella, do lado opposto primeiro uma janella e depois a escada principal para o pavimento superior, e ao fundo outra porta que abre para um corredor, seguindo o qual deixa-se á mão direita dous quartos, e encontra-se um outro corredor que fórma com este um angulo recto.

O novo corredor divide o pavimento em duas partes, mas incompletamente: para a frente abre tres portas para uma sala espaçosa, que era dantes um dormitorio, e é agora a capella provisoria do internato, tendo no seu altar a imagem de S. Joaquim, que é a mesma da antiga igreja de S. Joaquim na cidade. Esta sala communica-se de um lado por uma porta com a saleta da portaria, do outro lado por outra com um dormitorio, onde chegaremos em breve, e abre para a frente uma outra porta e duas janellas. A capella é tão simples e modesta como decente.

O corredor não divide o pavimento inferior completamente em duas partes, porque vai acabar diante da porta de uma bella sala que se estende da frente para o fun-

da por todo o lado esquerdo da antiga casa, e abre uma porta e janella para a frente, e janellas para o lado esquerdo e para o fundo. Esta sala serve de dormitorio e admite dezeseis leitos guardada entre elles a distancia de quatro palmos. É tambem nella que tem lugar os exames no fim dos annos lectivos.

Indo da direita para a esquerda, a outra parte da casa que o corredor divide contém uma excellente sala que é a secretaria do internato, e em seguida uma saleta ou largo e curto corredor, onde está o livro do ponto, depois uma outra saleta que se transformou em dous quartos destinados a servirem de prisão para os alumnos que essa pena merecem ; e enfim uma segunda escada para o pavimento superior.

Da saleta do livro do ponto desce-se para uma varanda com tecto de zinco sustentado por varões de ferro, que cerca pela frente e pelo lado direito um pátio quadrado a que promettem encher de deleitosa sombra doze jovens e viçosas astrapas.

Ao lado direito do pátio communicão-se com a varanda cinco salas, das quaes as quatro primeiras são destinadas para as aulas, estudos nas horas de silencio, e tambem para recreio dos alumnos ; e a ultima é uma das da rouparia.

No fundo o pátio termina diante de tres salas : uma, que é a segunda da rouparia, outra que é sala de aula, e a terceira que serve de despensa.

Do lado esquerdo do pátio ha uma boa sala de aula, e além desta a do refeitorio, que tem 96 palmos de cum-

primento sobre 34 de largura, e separa-se do pátco por uma elegante varanda de arcaria.

No pavimento superior ha tres salas na frente : a da extrema direita é a enfermaria, a do centro um dormitorio que admittc dezenove leitos, e a do lado esquerdo é da habitação do vice-reitor ; das janellas destas salas os olhos do observador enlevão-se contemplando um quadro magnifico da natureza, já um pouco embellecido pela mão do homem : á mão direita vêem-se montes soberbos, na frente e á esquerda um espaçoso valle semeado de jardins, casas de campo e outeiros graciosos.

Um corredor se estonde pelo meio do pavimento superior, abre portas para as salas da frente, e para o fundo se communica com uma outra sala de dormitorio, que contém doze camas ; deste dormitorio emfim passasse para um espaçoso salão, que se estende pelo lado esquerdo do pátco, e que tem cento e quarenta e um palmos de comprimento sobre cincoenta e dous de largura.

Este salão é um dormitorio que admittc setenta leitos.

Na grande área que cerca o edificio vêem-se ao lado direito deste todas as disposições necessarias para os trabalhos da gymnastica.

Agora que concluí tudo quanto me pareceu necessario descrever no edificio do internato, terminarei este passeio com algumas breves considerações.

Tratando do externato, fallei em geral do imperial collegio de Pedro II, e o que neste sentido referi applica-se tambem ao internato.

Os alumnos do internato, recebendo a sagrada imagem de S. Joaquim da antiga igreja do collegio, ficarão possuidos da justa e louvavel devoção que desde o seculo passado excitava este velho e santo patrono, e annualmente o festejão com o possivel brilhantismo, sendo muito concorrida a festa que se celebra em honra d'elle no internato.

Descrevendo o edificio que acabamos de visitar, esqueceu-me dizer, e era preciso fazê-lo, que não sómente todas as salas do pavimento inferior que cercão o páteo pelos lados direito e esquerdo e pelo fundo, mas ainda o grande salão do pavimento superior, forão construidos de 1857 a 1860 á custa do governo, que deu assim mais algumas proporções á casa insufficiente em que se estabeleceu o internato.

As novas obras tem sido executadas com habilidade, harmonisando-se tanto quanto é possivel com a casa que se achou feita, e adaptando-se ao fim para que ellas se destinão.

São já por certo notaveis os melhoramentos ; entretanto é indispensavel que ainda muito mais se faça, e depressa.

Ora, infelizmente depressa, ou ao menos a tempo, quasi nada se executa no Brasil.

Desde 1858 se observa que muitos meninos que pedem para ser admittidos no internato ficão sem conseguir o que desejão, por falta de accomodações no estabelecimento.

Nos ultimos mezes de 1860 a imprensa da capital bra-

dou pela necessidade de se dar maiores proporções ao edificio do internato, e lembrou ao governo a conveniencia de se aproveitar o tempo das férias, dous mezes, para se adiantarem as obras necessarias.

O governo reconheceu a procedencia e justiça de tal pedido, e... mandou ou fez começar os trabalhos para augmento do edificio do internato depois de abertas as aulas em 1861 !...

Actualmente, e chegámos ao principio das férias de 1861, é positivo que o internato não póde accrescentar mais um unico leito nos seus dormitorios, e que por consequencia em 1862 só receberá tantos novos alumnos, quantos forem os antigos que se despedirem; e o governo, que de tudo isso tem conhecimento, o governo, que tem a certeza de que se hão de contar por dezenas os meninos que pretenderão ser admittidos no internato, ainda não mandou dar começo ás obras que o estabelecimento reclama indispensavelmente para corresponder ao menos por metade ás justas exigencias do paiz.

Um falso principio de falsissima economia tem feito com que vão sendo executados aos poucos os trabalhos de que o internato do imperial collegio precisa instantemente: em um anno faz-se uma nova sala; no anno seguinte uma outra, mais tarde emprehendem-se novas construcções, e no fim de cem annos se completará o que poderia realizar-se em alguns mezes com uma despesa evidentemente menos avultada.

E além desse erro grave de economia, a população vai soffrendo, e o internato é obrigado a trancar as suas

portas, e a despedir grande numero de meninos, para quem os pais vêm pedir o cultivo da intelligencia.

A administração publica no Brasil, quando não caminha para trás, espanta pela sua morosidade ; se escapa de ter a natureza de carangueijo, não escapa de ter a natureza de preguiça : pois olhem, não sei qual dos dous animaes é mais feio.

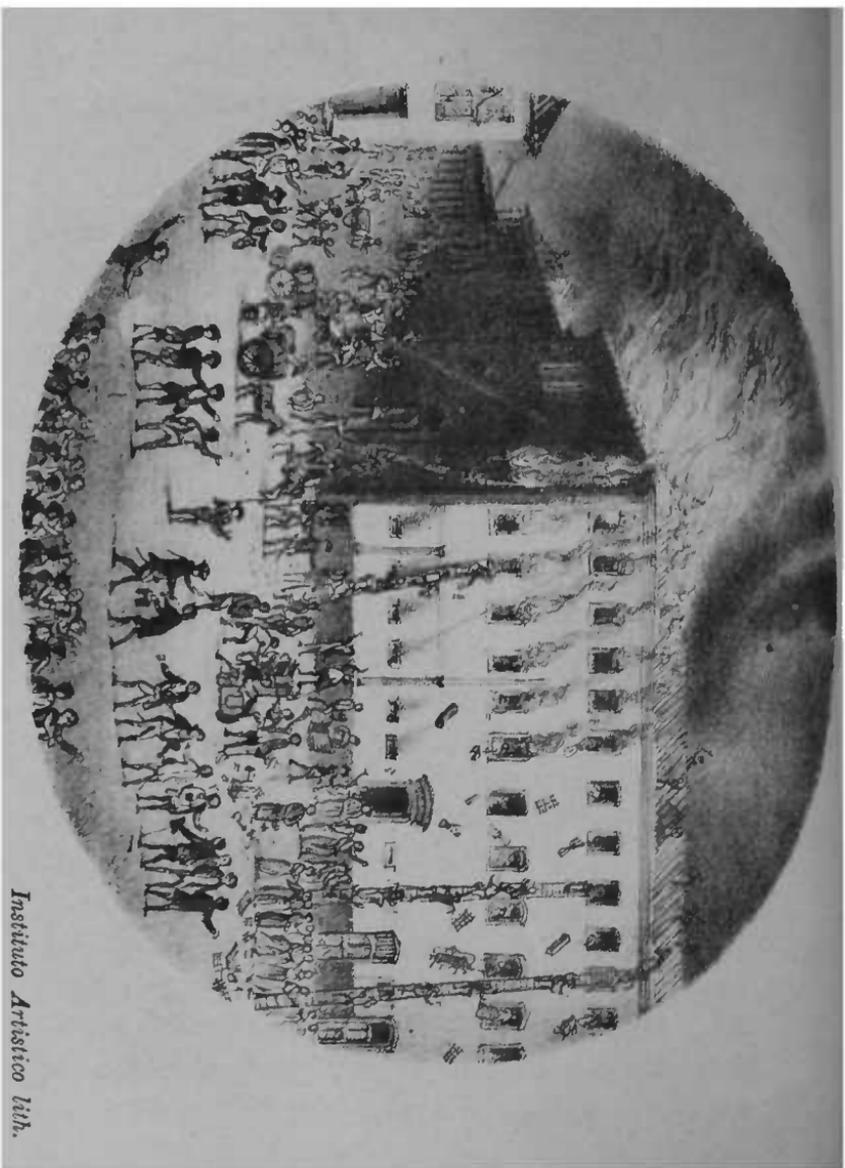
Em nome da mocidade estudiosa eu peço ao governo que tenha mais actividade e mais zelo, e que se lembre das obras de que indispensavelmente carece o internato do collegio de Pedro II.

Lembre-se ao menos o governo de que este collegio se honra com o nome do Imperador, e de que o Imperador o distingue e protege, e não perde uma unica occasião de manifestar o interesse que por elle toma.

Basta.

Outra vez aos carros, meus bons amigos ! voltemos de novo á cidade, onde nos esperão outros *passaios*, sem duvida mais breves e menos monotonos do que os ultimos, a que hoje ponho termo, despedindo-me do imperial collegio de Pedro II.





Instituto Artístico lith.

FATAL E RAPIDO INCENDIO QUE REDUCIO A CINZAS EM 23 DE AGOSTO DE 1789, A IGREJA, SUAS IMAGENS E TODO O ANTIGO RECOLHIMENTO DE N. S. DO PARTO, SALVANDO-SE UNICAMENTE ILEZA DE ENTRE AS CHAMAS A MILAGROSA IMAGEM DA MESMA SENHORA.

XXXI.

**A CAPELLA E O RECOLHIMENTO DE NOSSA
SENHORA DO PARTO.**

Ou Cesar ou João Fernandes : assim diz um rifão antigo, que com essa injustissima e cruel antithese faz do nome e sobrenome *João Fernandes* um synonymo de nonnada, como outro fez tambem de *Manoel de Souza* um synonymo de tolo.

Protesto contra esses rifões revoltantes e iníquos, e comigo protesta igualmente o Brasil, que debaixo dos pontos de vista da politica e da administração tem sido elevado ás grimpas por não sei quantas duzias de *Joões Fernandes* e *Manoeis de Souza* que se resolvêrão a felicita-lo.

Mas pela minha parte não me limitarei a protestar, antes estou firmemente disposto a provar com a logica irresistivel dos factos a injustiça daquelles rifões : é um serviço que desejo prestar aos estadistas das duzias de que acima fallei, e dou parabens á minha fortuna, porque já no meu *passeio* de hoje encontrarei logo ao enceta-lo um *João Fernandes*, que no Rio de Janeiro se tornou recommendavel por uma acção meritoria.

Naturalmente hei de nos meus *passeios* esbarrar mais tarde com algum *Manoel de Souza* merecedor de elogios, e ficará por esse modo fundada com a necessaria solidez a gloria da maior parte dos estadistas da minha terra.

Apezar deste meu empenho, ha de o *passeio* de hoje ser feito a *galope*: os meus companheiros não se arripiem com a palavra que acabo de empregar, por nos acharmos todos a pé; aquelle substantivo cavallar ficou definitivamente humanizado desde que nos bailes e nos salões mais elegantes *galopárão* noites sem conta homens tão sabios como a encyclopedia, e senhoras tão delicadas e mimosas como as violetas e as pumilas.

Passearei pois a galope, e é indispensavel que o faça, porque se a custo achei quem me perdoasse o vagar com que passeei por um convento de frades, pela igreja dos padres e por um collegio de meninos e rapazes, não haveria quem me absolvesse, e não fizesse máos juizos de mim, se eu procedesse do mesmo modo hoje, que visitando uma das nossas antigas capellas terei de penetrar tambem em um recolhimento de *mulheres sem voto*, por consequencia recolhimento inflammavel, e tão inflammavel que até houve uma noite em que chegou a incendiar-se.

Eia pois, meus companheiros de passeio, a galope! vamos ou pela rua do Parto, d'antes tão famosa pelas excellentes balas que tomárão della o nome, e pelos cupidos de alfenim que alli se vendião; ou pela rua da Ajuda, celebre pela poderosa Floresta (casa assim chamada) onde se planejou o golpe de estado de 30 de Julho de 1832, que felizmente abortou; ou pela rua de S. José, que nos lembra as primeiras campanhas da homœopathia na cidade do Rio de Janeiro; ou emfim pela rua dos Ou-

rives, onde quasi não ha mais ourives ; vamos chegar á capella de Nossa Senhora do Parto.

Façamos de conta que viemos pela primeira daquellas ruas : eis-ahi a capella, não duvideis ; a verdade nem sempre é verosimil ; podeis acreditar que estais diante da pequena igreja de Nossa Senhora do Parto.

Reconheço a procedencia e o justo fundamento das vossas duvidas ; este casarão que temos á vista póde muito bem não parecer capella ou igreja a quem ainda não ouvisse dizer que o é a alguma pessoa insuspeita e digna de credito.

A capella apresenta aos olhos do observador duas faces : uma, que se levanta na extrema da rua dos Ourives, indica no edificio a existencia de tres pavimentos, que abrem para o exterior, os dous superiores cinco janellas de peitoril cada um, e o terreo apenas alguns respiradouros com grades de ferro. Liga-se esta face á outra que se estende na direcção da rua do Parto, e que é rasgada por duas portas, a primeira abrindo para o corpo da igreja, e a segunda ladeada de janellas defendidas de alto a baixo por grades de ferro, que é a da sacristia. Na parte superior deste lado do edificio mostram-se quatro grupos de janellas ; tendo o primeiro quatro de peitoril, duas superiores e duas inferiores ; o segundo duas de peitoril ; o terceiro outras duas com grades de varões de ferro ; o quarto tres mais juntas com balcões de grades igualmente de ferro ; os dous ultimos grupos parecem pertencer a uma casa estranha ao resto do edificio, pois que até o telhado é nesse extremo muito

mais baixo. As janellas não estão dispostas na mesma linha. O aspecto exterior da capella é triste e sem magestade ; a architectura não se occupou d'elle nem metade de um minuto. Torre é cousa que ali não se encontra, e o sino, escondido mysteriosamente no interior da pequena igreja, faz ás vezes ouvir o seu dobre, que parte de um asylo invisivel, como a voz que sahe de uma gruta profunda.

A este casarão, á capella de Nossa Senhora do Parto, une-se outro que se levanta na rua dos Ourives e chega até á da Assembléa (que ainda ha poucos annos se chamava da Cadêa), onde tambem offerece uma face ; consta de tres pavimentos, um terreo e dous superiores ; o primeiro, além de uma portaria ladeada de janellas, aloja diversas officinas ; dos dous outros tem para a rua dos Ourives o primeiro dezeseite e o segundo ou mais alto dezoito janellas todas de peitoril, e menos irregular para a rua da Assembléa, ambos cinco janellas tambem de peitoril, menos a segunda que tanto em um como em outro pavimento apresenta um singelo parapeito de grades de ferro.

Hoje em dia este segundo casarão serve para um mister que é absolutamente estranho á capella de Nossa Senhora do Parto ; como, porém, tempo houve em que se observava o contrario, e nesse casarão nos espera a lembrança de uma historia que parecerá um romance, julguei conveniente aproveitar o ensejo para fazê-lo notar.

Ficando assim descripto o aspecto exterior da capella,

e da casa que a esta se prende, aproveitarei o tempo, em quanto não chega o sacristão que nos deve abrir a porta, para contar-vos o que sei do passado desses dous religiosos tectos.

A capella de Nossa Senhora do Parto é a piedosa filha da devoção de um *João Fernandes*, habitante da cidade do Rio de Janeiro, homem pardo, natural da ilha da Madeira, o qual, depois de levanta-la no anno de 1653, ornou os seus altares e manteve zeloso o seu culto.

E, note-se bem, este João Fernandes, não se lembrou de pedir, nem de esperar que por tão boa acção o rei de Portugal, que então era D. João IV, lhe mandasse nem habito, nem commenda de ordem alguma ; contentou-se o pobre homem com as glorias da sua opa, o que pôde muito bem servir de lição áquelles que no nosso tempo apenas acabão de assignar algumas dezenas de mil réis, ou de prestar algum serviço para uma obra pia, ou de interesse publico, ou de manifestação patriotica, vão logo calculando e sonhando com a *teteia* que devem ganhar por isso, e dão aos diabos a caridade e o patriotismo quando não ganhão aquillo a que aspirão.

A morte do bom João Fernandes não arrefeceu o ardor dos devotos de Nossa Senhora do Parto, em cuja capella organisárão-se irmandades e foi exercida uma santa hospitalidade, como o podem testemunhar S. Jorge e S. Pedro: S. Jorge, que até algum tempo depois de 1753 alli se conservou tranquillo e venerado, e que antes houvesse ficado sempre debaixo daquelle tecto benefico, por-

que assim não passaria pelo desgosto de lhe deitarem a casa abaixo, como ha bem poucos annos aconteceu para grande vergonha da sua irmandade que não soube regenera-la : S. Pedro, que em 1705 alli se foi hospedar, quando S. José, ou por elle a competente irmandade, sem a menor cerimonia o despedio da sua igreja.

No seculo XVIII ajuntou-se á capella de Nossa Senhora do Parto um notavel appendice que modificou não pouco a sua vida suave, modesta e socegada.

Estevão Dias de Oliveira deixára por sua morte uma avultada somma para se distribuir em beneficio de sua alma, depois de satisfeitos alguns legados que dispuzera.

Ah ! que regalo ! que mina de caroço para certos testamenteiros da nossa época !... mas o bispo D. Fr. Antonio do Desterro, fazendo-se então testamenteiro do legatario, e vendo cumpridas as disposições por este especificadas, applicou, obtido para isso o breve pontificio, mais de quarenta mil cruzados que ainda tinham ficado, á fundação de um recolhimento para asylo de mulheres não virgens que, deixando a perversidade do seculo, fossem alli reformar os costumes reprehensiveis, trocando-os por santo e regular comportamento.

No anno de 1742 foi lançada a primeira pedra do estabelecimento, que em breve mostrou-se prompto para receber e guardar não poucas arrependidas.

Mas não forão sómente arrependidas que para o novo asylo entrárão.

Duas classes de reclusas o povoárão : a primeira foi

composta de algumas velhas e matronas, umas fugindo cansadas dos enganos do mundo, outras desprezadas pelo mundo dellas cansado : erão as *recolhidas voluntarias*. A segunda constou de senhoras casadas e moças solteiras obrigadas a retirar-se para essa reclusão em castigo de faltas commettidas ou de suppostas faltas, e em punição de desobediencia á vontade de seus pais.

Tratarei deste estabelecimento em relação ao segundo fim a que foi destinado. Esquecerei as *recolhidas voluntarias*, que estavam no seu direito divorciando-se e separando-se do mundo : fazião muito bem em esconder-se de um mundo de que não gostavão, e que provavelmente já não gostava dellas. O que vou dizer não se entende pois com as *voluntarias*.

A segunda classe das recolhidas terá quasi exclusiva menção neste *passeio*, que vai tocar muito de perto nos direitos e na causa social do sexo feminino.

Creio que não havia inconveniencia em obrigar a amar exclusivamente a Deos uma senhora casada, que tivesse amado demasiadamente a um proximo que não era seu marido ; parece porém que alguns lamentaveis abusos misturárão no recolhimento esposas innocentes com esposas culpadas.

Sobretudo julgárão as senhoras que era uma iniquidade estabelecer-se uma reclusão para as esposas infieis, onde não havia reclusão para os esposos infidelissimos.

Devemos todos acreditar que o pensamento do bispo que fez construir aquelle recolhimento era piedoso e san-

to ; mas certo é que os homens se aproveitárão do asylo para atormentar, como acabo de dizer, algumas innocentes, e castigar algumas culpadas senhoras, que por isso rogárão pragas ao velho e venerando prelado.

O bispo denominára acertadamente o asylo que levantára *recolhimento de Nossa Senhora do Parto* ; as senhoras, porém, em suas conversações particulares davão-lhe o nome de *recolhimento do desterro*, não porque Antonio do *Desterro* se chamasse o prelado, mas porque um *desterro* foi considerado por ellas aquelle asylo.

E não erão sómente as senhoras casadas que maldizião do recolhimento, tambem as solteiras antipathisavão com elle, pois sophismado o fim para que se creára o asylo, encerravão-se alli meninas e moças ainda não casadas a pretexto de irem receber no piedoso retiro educação moral e religiosa.

É preciso dizer que o bispo D. Antonio do Desterro foi sempre pouco sympathico ao bello sexo, e carregou com as culpas dos abusos a que deu lugar o *recolhimento do Parto*.

Explicarei os motivos dessa falta de sympathia, e aposto que ainda actualmente as senhoras hão de achar muita razão ás suas antepassadas.

D. Fr. Antonio do Desterro, prelado distincto por suas virtudes e sabedoria, e pelo seu zelo, era tão simples e humilde que, vestido sempre de monge, conservava tambem a corôa regular, conformando-se com o mesmo rito no officio divino ; severo comsigo, justo, mas

compassivo com todas as suas ovelhas, activo fiscalizador do proceder dos parochos, mantenedor do culto, bem-feitor de igrejas e conventos, e especialmente da mitra fluminense, que lhe deve, além de outros legados, o da chacara do Rio-Comprido, que todos conhecem pelo nome de *chacara do bispo*, cahio, apesar de tudo isso, no desagrado das senhoras por um peccado de *mão gosto* e por um peccado de *rabugem*.

O peccado de *mão gosto* foi commettido pelo bispo, quando prohibio que apparecessem nas procissões da quaresma os *penitentes de açoutes*, e outras figuras que tornavão mais *divertido* o spectaculo religioso. Os *penitentes de açoutes*, sobretudo, trajando ricos vestidos, e açoutando-se ou fingindo açoutar-se, davão muita *graça* às procissões, aprazião às senhoras, e o prelado teve a *idéa infeliz* de acabar com aquella *variedade do entretenimento*.

O *peccado de rabugem* foi peor ainda: o bispo prohibio, sob pena de excommunhão maior, que os homens se reunissem nos adros e às portas das igrejas para verem entrar e cortejarem as *bellas devotas*; que estas fallassem e conversassem com os homens nesses lugares; e que emfim fossem as senhoras às igrejas por qualquer motivo desde o tanger da Ave Maria até á hora matutina, exceptuando-se desta ultima prohibição unicamente as pobres que concorressem ás missas e confissões de madrugada.

Não discutirei a procedencia das accusações que as senhoras fazião ao velho bispo, e pelas quaes o considera-

vão rabugento e impertinente; certo é porém que os abusos de que algumas forão victimas depois da fundação do *recolhimento de Nossa Senhora do Parto* derão até certo ponto justificado fundamento, não ao seu resentimento contra o prelado, mas á sua inimidade ao asylo.

Se o piedoso e santo recolhimento abrisse as suas portas sómente áquellas senhoras que voluntariamente fossem procurar o religioso retiro, não havia que dizer, ao menos naquelle tempo; se, além de recolhimento de velhas arrependidas, desvirtuado embora o pensamento que presidira á sua fundação, servisse para receber e educar meninas e jovens, hãvia muito que louvar, uma vez que a educação fosse alli bem dirigida; mas o asylo que se levantára foi mais do que isso, foi uma terrivel ameaça de pedra e cal, tornou-se em uma especie de casa de correção feminina, em uma especie de cadêa que fazia medo não só ás más esposas, como ás esposas de máos maridos, e tambem ás moças solteiras filhas de pais enfesados, cabeçudos e prepotentes.

Realmente era uma questão muito grave que se decidira contra o bello sexo á custa dos mil cruzados do finado Estevão Dias de Oliveira.

Naquelle tempo (no bom tempo) em grande numero de casos o marido não era um consorte, era um senhor, e as moças casavão sem saber com quem, vião os noivos no dia do casamento, porque os pais tomavão pelos noivos e noivas o trabalho de enlaçar-lhes os corações sem consulta-los: o pai do noivo e o pai da noiva namoravão-se mutuamente com todos os preceitos e regras da

arithmeticamente, e desde que se punhão de accordo na discussão do dote, ficava resolvido que o rapaz e a rapariga se adoravão perdidamente, ainda que nunca se tivessem visto, e realizava-se o casamento.

Quantas uniões infelizes resultavão de semelhante prática, póde-se bem calcular. Devião por certo abundar os maridos tyrannos e as mulheres victimas, as mulheres infieis e os maridos desgraçados, e verdadeiros purgatorios nas vidas que passavão muitos casaes.

Está visto que era a mulher, o ente passivo, a senhora-escrava, quem mais tinha de soffrer em taes circumstancias sociaes, e, sem o pensar, veio o bispo D. Antonio do Desterro accrescentar mais um tormento para as victimas e as culpadas, fundando o recolhimento do Parto.

Em um ou outro caso, sempre por excepção, acontecia que alguma joven mais experta ou mais sonsinha chêgava a amar algum mancebo sem licença do papai ou da mamã, e tinha por isso a audacia de resistir ao projecto de casamento ajustado por estes com outro e sem consultá-la, vendo-se por isso condemnada á prisão em um quarto escuro, jejuns de pão e agua, e ás vezes a castigos muito mais crueis.

Mas os gemidos da victima chegavão a incommodar os pais, e até a commover-lhes os corações : o recolhimento do Parto foi portanto um excellente recurso, e nelle tiveram de entrar algumas donzellas desobedientes, que se suppunhão com o direito de escolher maridos.

Acontecia ás esposas ainda peor que ás filhas : umas porque realmente mentião á fidelidade conjugal, outras porque, embora innocentes, erão aborrecidas por maridos indignos, que se fingião ultrajados na sua honra para se livrarem das pobres mulheres ; lá ião em castigo das faltas commettidas, ou sob pretexto de amores impuros fazer penitencia, e *corrigirem-se* da perversidade do seculo no recolhimento do Parto.

Escusado é dizer que eu me refiro aqui sómente aos pais prepotentes e tístos, e aos maridos infelizes ou demoralisados, sendo verdade que, apesar desses rudes e grosseiros costumes da sociedade dos seculos passados, muitos erão os casaes que se felicitavão pela virtude e tambem pelo amor, e tambem não poucos os pais que não se ensurdecião á natureza para serem oppressores de seus filhos.

Entretanto estas excepções não destruião a regra que proviera daquella rudeza de costumes, e da educação mais do que austera, quasi barbara da sociedade daquelles tempos de despotismo do governo do Estado, e despotismo do governo das familias.

Abusou-se pois não pouco, e certamente como era de prever, do recolhimento do Parto, que se tornou um espectro ameaçador para muitas senhoras, e uma arma de prepotencia e de discipliná domestica para os homens.

Não havia fervura de briga de mulher com marido que não se abatesse com o encanto das terriveis palavras — « Olha o recolhimento do Parto » !

O marido voltava para casa depois da meia noite sem

explicar o motivo da sua ausencia, via sem receio descoberto o segredo das suas infidelidades, negava á mulher um vestido novo para a festa de S. Sebastião, contrariava-lhe os desejos, zombava do seu amor, e se a victima desprendia a voz, e dava principio a uma tempestade domestica, o nobre Adão sem se exaltar, nem affligir-se, murmurava apenas — « Olha o recolhimento do Parto » : e a pobre Eva cahia fulminada, quando não corria a abraçar o marido.

A idéa do bispo D. Antonio do Desterro tinha sido portanto aproveitada com admiravel habilidade pelos *maridos*, e com razão condemnada e aborrecida pelas senhoras, que maldizião do prelado e teimavão em chamar o asylo — *recolhimento do desterro*.

Eu vou contando estas cousas sem o mais leve temor de accender empenhos de imitação do passado, porque a nossa actual sociedade contrasta absolutamente com a dos dous seculos anteriores : não duvido que haja maridos a quem sorrisse o pensamento da restauração do *recolhimento do Parto* : nenhum porém se lembraria de fallar em tal ; pois hoje em dia fôra mais facil estabelecer um asylo onde as senhoras casadas prendessem os maridos do que resuscitar a antiga providencia.

Mas no reinado do seculo decimo-oitavo ainda não se fallava em emancipação das mulheres ; ainda não havia no Rio de Janeiro casas de bailes, nem theatro de S. Pedro de Alcantara, nem companhia italiana, nem a rua do Ouvidor annunciava as ricas lojas de modas, o poder e a influencia dominadora do bello sexo.

Os maridos erão senhores ainda, e achárão tão sublime o recolhimento do Parto, que chegarão a repula-lo insufficiente ; e como não livesse morrido mais algum Estevão Dias de Oliveira, realizqu a favor delles um vivo obra igual á que se linha feito com o legado de um defunto.

Manoel da Rocha, e outros que a elle se reunirão, fundárão de 1764, junto á matriz da freguezia de S. Sebastião de Itaipú (ou Itaipuyg) outro recolhimento sob a dedicação de Santa Theresa, para mulheres a quem agradaesse o retiro do seculo, ou a quem algumas circumstanCIAS obrigassem a ir habita-lo por castigo de culpas. O edificio depressa ficou prompto, começou logo a ser povoado, e...

Eu peço aqui toda a attenção das senhoras que por ventura fazem a honra de acompanhar-me tambem no meu passeio.

E Manoel da Costa, o principal fundador do recolhimento de Itaipú, recebeu desde então o titulo grandioso de *Protector do Bem Commum* !

Como o chamárão pela sua parte as senhoras, não sei ; mas sou capaz de jurar que forão os máos maridos que inventárão aquelle titulo, os máos maridos que desde 1764 puderão dizer ás suas mulheres — « Olhem o Itaipú » !

No recolhimento do Parto ainda as pobres reclusas podião por entre as grades da sua prisão ver o povo passar pelas ruas, ver nas janellas fronteiras, e em todas as que, embora afastadas, a seus olhos se mostravão, se-

nhoras, talvez algumas amigas que as saudassem com os lenços, talvez algum primo... algum mancebo muito amado que as consolassem, correspondendo-se com ellas por meio da telegraphia amorosa; podião ouvir o ruido das festas, e tambem conversar ás vezes no locutorio; mas no recolhimento de Itaipú o desterro era completo, completa para as pobres moças a solidão.

O recolhimento de Itaipú foi prosperando; mas á medida que elle prosperava, decahia o de Nossa Senhora do Parto, e a tal ponto que em 1787 tanto a sua administração, como as obras e o material da casa, achárão-se nõ mais lamentavel abandono.

Que causas determinárão a decadencia deste estabelecimento ?...

Disserão uns que a expulsão dos Jesuitas em 1759 arrefecêra o zelo religioso dos habitantes do Brasil, rescntindo-se disso algumas piedosas instituições; mas os factos provão o contrario, e semelhante explicação não passou da roda das velhas confessadas dos padres da companhia.

Sustentárão outros que a decadencia do recolhimento proviera da influencia que exercia o bello sexo sobre o muito sensivel vice-rei marquez do Lavradio; mas ainda aqui o erro é positivo, porque o vice-rei marquez, sem duvida muito apaixonado de todas as moças bonitas, e mesmo de muitas feias, era como S. Thomaz, e queria que a seu respeito se dissesse tambem — *fação o que elle diz e não o que elle faz.*

Affirmárão emfim algumas senhoras que o facto era

devido a um requinte de crueldade dos máos maridos, que, para mais atormentarem as suas mulheres, preferião encerra-las no recolhimento do Itaipú, esquecendo assim o de Nossa Senhora do Parto ; as senhoras porém erão muito suspeitas para poderem ser imparciaes juizas do caso.

O recolhimento do Parto decabio porque ainda não tinha rendas sufficientes, e porque administradores desmazelados e sem capacidade deixárão que se fosse estragando a obra caridosa do bispo D. Fr. Antonio do Desterro.

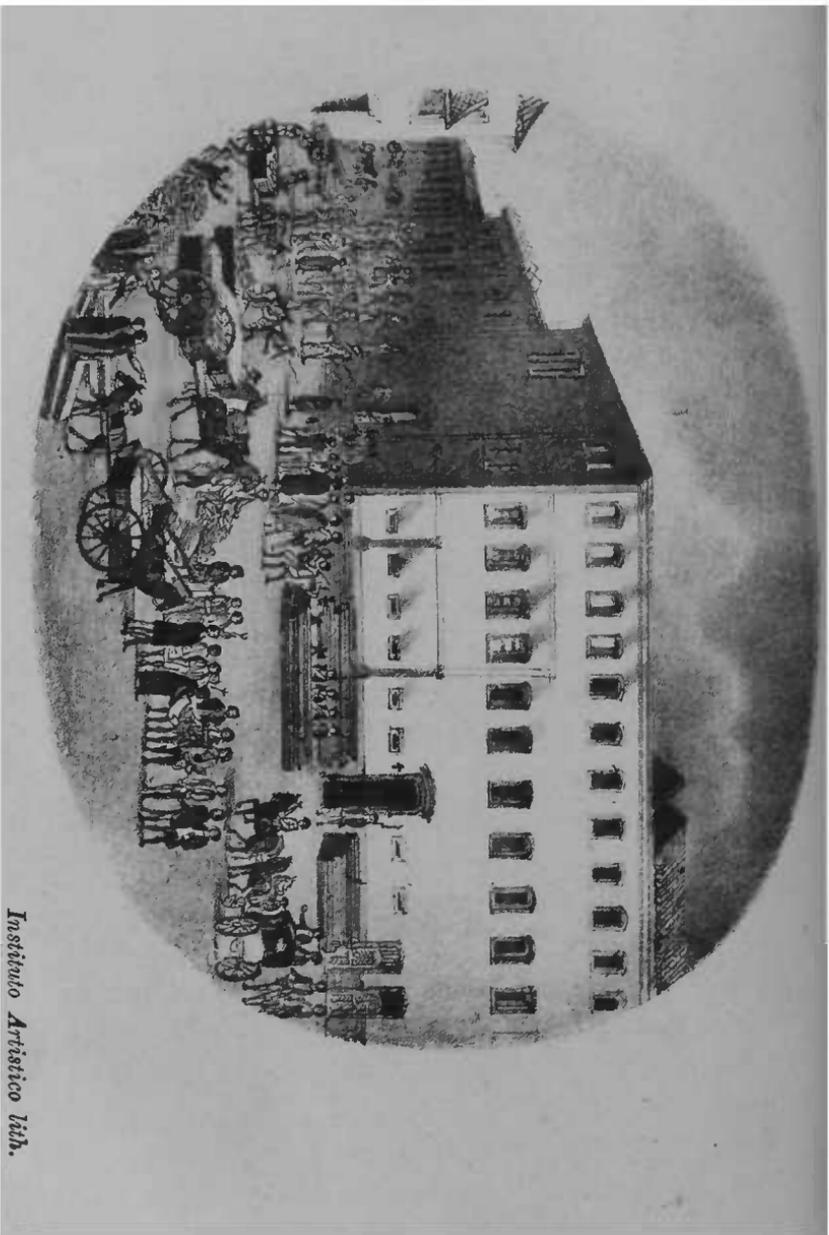
Eis ahi a melhor e a mais segura das explicações : *falta de dinheiro* : já virão lampada sem oleo conservar a sua luz?... *desmazelo e incapacidade de administradores* : não estamos vendo todos os dias os resultados fataes de semelhante praga?...

E ainda bem que para regenerar o recolhimento do Parto vão apparecer o vice-rei Luiz de Vasconcellos, e o seu braço direito o mestre Valentim.

Mas tambem terá de mostrar-se erguendo um factio de incendiaria uma mulher, que violentamente se revoltou contra aquella instituição.

Deixai-me respirar : contar-vos-hei esta curiosa historia no proximo *passeio*.





FELIZ E PRONTA REEDIFICAÇÃO DA IGREJA E TODO O ANTIGO RECOLHI-
MENTO DE N. S. DO PARTO, COMESADA NO DIA 25 DE AGOSTO DE '1789 E
CONCLUIDA EM 8 DE DEZEMBRO DO MESMO ANO.

Instituto Artístico lith.

A CAPELLA E O RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DO PARTO.

O vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, apesar de ter já **emprehendido** e **adiantado** diversas e importantes obras na cidade do Rio de Janeiro, não pôde vêr a **decaencia** e a **ruína** em que se achavão a capella e o recolhimento de Nossa Senhora do Parto sem sentir vivos desejos de regenerar uma e outro.

Para Luiz de Vasconcellos o *desejar* precedia poucos instantes ao *querer*, e o *querer* se satisfazia logo pelo *poder*, que não tardava a *mandar*: e assim devia naturalmente observar-se no tempo do *posso*, *quero* e *mando*, que erão as tres sublimes notas da musica do despotismo, que no Brasil se cantava a compasso marcado pela mais infallivel das batutas — o bastão do vice-rei.

Demais, o energico successor do habil marquez de Lavradio tinha por sua vez descoberto o segredo de arranjar dinheiro quando os cofres estavam exhaustos, e de improvisar trabalhadores quando não havia gente para o trabalho, como já ficou dito e demonstrado em um dos nossos *passeios ao jardim publico* do Rio de Janeiro.

O desejo que teve Luiz de Vasconcellos de regenerar a capella e o recolhimento de Nossa Senhora do Parto entrou por consequencia em immediata realização. O mestre Valentim acudio á voz do vice-rei, e metteu mãos á obra; sómente um pouco desapontado por vêr-se coa-

gido a concertar e a acrescentar o edificio velho, em vez de construir um novo, que fosse digno da sua maestria em architectura.

Não me é possível marcar o dia em que começarão as obras no anno de 1787 ; contárão-me, porém, uma historia que provavelmente contém episodios inventados pela imaginação ; mas uma historia a cujos fios prende-se a inauguração daquelles trabalhos, e vai toda ella acabar na catastrophe que dous annos depois ia destruindo completamente a capella e o recolhimento do Parto.

É claro que estou na obrigação de reproduzir aqui o romance do incendio do recolhimento do Parto, para não deixal-o ficar de todo perdido nas sombras do passado.

No momento em que terminava a cerimonia da inauguração dos trabalhos em presença do vice-rei, passou diante da capella, vindo da igreja, e pela rua de S. José, e seguindo pela da Ajuda, o cortejo de um casamento, constando de duas elegantes cadeirinhas, em que erão levadas a noiva e a madrinha, e do noivo, e dos parentes e amigos, que marchavão a pé.

É de regra que as noivas abaixem os olhos e procurem esconder-se ás vistas dos observadores ; mas, por excepção a essa regra, a noiva que passava abrio as cortinas da sua cadeirinha, mostrou o seu lindo rosto, e, encarando o mestre Valentim, não pôde conter um sorriso malicioso.

A madrinha seguiu o exemplo da noiva : abrio as cortinas, olhou ; mas não se sorriu, brilhando apenas seus olhos com uma flamma ousada e irresistivel.

O cortejo foi seguindo, e Luiz de Vasconcellos, que estava perto do mestre Valentim, com quem gostava muito de gracejar, principalmente a respeito do bello sexo, de que o feio architecto era famoso apaixonado, perguntou-lhe a meia voz :

— Que lhe parecem aquellas moças, mestre?...

— Pelo sorrir da noiva e pelo olhar da madrinha adivinha-se que bem posso ter começado hoje a preparar aqui aposentos para ambas.

— Longe vá o agouro ! disse o vice-rei afastando-se.

No entanto chegára o cortejo nupcial á casa onde o esperavão o banquete e a festa.

Na sala sentára-se a noiva ao lado da madrinha, e o cubiçoso noivo não tardou a ir ter com ellas.

— Venho pedir-lhe contas de um sorriso, disse elle á noiva.

— Pois já?... observou a madrinha.

— Então?... preciso saber porque se sorriu passando em frente da capella do Parto.

— Ri-me, respondeu a noiva, porque achei muito apropriado que as obras da casa mais antipathica do Rio de Janeiro fossem dirigidas pelo homem mais feio do mundo.

— Acha antipathica, portanto, a capella de Nossa Senhora do Parto?...

— A capella não ; o recolhimento sem duvida.

— Mas porque?...

— Porque é um recurso da tyrannia dos mãos mardos.

— Ah! então receia que eu seja um grande tyranno?...

— Também não : revolta-me a injustiça que soffre o meu sexo ; mas, quando mesmo eu fosse encarcerada no recolhimento do *desterro*, não me conservaria ali por muito tempo.

— Que faria em tal caso ?

— Incendiava-o.

— Ah! Sr. Gil Soares ! exclamou a madrinha : tome cuidado ; veja que se casou com uma moça de fogo.

— Eu tenho as provas disso no meu coração ; respondeu galantemente o noivo.

A conversação foi nesse ponto interrompida ; bastante, porém, durára para se apreciar o character vivo e indiscreto da noiva.

Algumas palavras agora, para esclarecimento da historia.

A noiva chamava-se Mathilde : não ignoro, mas entendendo que devo occultar o seu nome de familia. Contava essa moça 20 annos de idade : tinha tido uma educação muito mais livre do que era de costume naquelle tempo : seu rosto era claro, regular, mobil e alegre ; seus cabellos castanhos ; seus olhos grandes, quasi pretos e sem contestação formosos ; era emfim esbelta, bonita, ardente e vaidosa.

A madrinha chamava-se *Anna*, e tinha o sobrenome ou alcunha de *Campista*, que não tirára do nome do seu pai, nem do do seu esposo. Contava perto de 30 annos, era alta, bem feita, e, não podendo dizer-se bella, mos-

trava-se perigosamente voluptuosa pela côr moreno-carregada de seu rosto, pelo brilhantismo e audacia de seus olhos negros, e por um não sei que de provocador em seus sorrisos, em seus gestos e movimentos.

Anna Campista fôra trazida de uma villa do interior por Leoncio Peres, seu pai, que viera estabelecer-se com uma modesta casa de commercio na cidade do Rio de Janeiro, e que um dia apresentou-lhe um seu afilhado, Lourenço Taques, chegado uma hora antes daquella mesma villa, e disse-lhe sem consultas nem explicações :

— O Sr. Lourenço vai ser teu marido.

Lourenço ficou espantado, e Anna curvou a cabeça : a noticia apanhára de surpresa os dous noivos, que erão quasi desconhecidos.

Dito e feito : dous dias depois celebrou-se o casamento, a que Anna Campista se submetteu sem murmurar, porque seu pai era o typo da severidade a mais violenta.

Leoncio Peres casára a filha porque Lourenço lhe pareceu um bom partido ; Ambrosio Taques casou o filho para livra-lo de sentar praça de soldado. Nada mais simples.

O mestre de campo do districto onde morava a familia de Lourenço achou neste mancebo disposições para guerreiro e mandou-o recrutar, e, como o não encontrassem os seus agentes, fez trancar na cadêa da villa a Ambrosio Taques ; mas debalde, porque o enfezado velho zombou dos gritos e das ameaças do fidalção mestre de campo, e não deu conta do filho.

No fim de dous mezes sabio Ambrosio da prisão,

escreveu logo ao seu compadre Peres, e, recebendo a resposta deste, foi aos matos da fazenda, onde escondêra Lourenço, e, sem dizer a este o fim a que o destinava, mandou-o para a cidade.

Este casamento assemelha-se a muitos outros daquelle tempo, em que por medo do recrutamento os pais chegavão a casar meninos de 10 ou 12 annos com meninas que preferião as bonecas aos maridos.

Entre parenthesis : não se lembrem os felizes viventes de hoje de persignarem-se para espantar o demonio do passado.

O demonio mudou de nome, de figura e de maneiras ; mas não se recolheu ainda ao inferno : chamava-se mestre de campo, e chama-se hoje ahi por fóra delegado de policia, e faz pouco mais ou menos as mesmas diabruras que fazia dantes ; neste seculo, e depois da constituição, já um dia prendeu para soldado a um bacharel em direito, prende e faz assentar praça a homens casados e a outros que têm por si isenção da lei, e que, apezar da lei, recebem muito honradamente chibatadas nos lombos.

Por consequencia, no fundo continúa o mal a ser o mesmo : a unica differença que eu lhe encontro é que outr'ora o arbitrio era a verdadeira lei, e hoje a lei é o verdadeiro arbitrio : se não comprehenderem a metaphysica desta differença, consolem-se, porque eu tambem não a comprehendo.

Fecho o parenthesis e continuo a historia.

Lourenço Taques ficou morando na cidade, e passou

em breve de caixeiro a socio da casa commercial do sogro ; mas, se deixou de ter amo no negocio, teve na vida domestica mais do que amo, teve uma senhora despotica em Anna Campista, que, em retribuição ao amor o mais cego e complacente do esposo, deu apenas a este o disfarce de uma indifferença, que mais tarde se transformou em desprezo, contido apenas pelo medo que ella tinha da autoridade e do desabrimento de seu pai.

Leoncio Peres era amigo do pai de Mathilde, e esta e Anna se tornarão intimas camaradas, e nas effusões de uma reciproca e decidida confiança fizeram um contrato de alliança indissoluvél e perpetua.

As senhoras costumão celebrar com frequencia taes ajustes, e os respeitão tanto como os governos os seus tratados de alliança offensiva e defensiva : nestes, como em outros pontos, os governos parecem pertencer ao sexo feminino.

Tratou-se do casamento de Mathilde, e quiz a má fortuna desta que Anna Campista, encontrando o noivo, Gil Soares, por elle se apaixonasse perdidamente ; mas, tão fementida como habil, a falsa amiga, vendo insensivel aos seus agrados provocadores, porém cautelosos, o joven, que então só parecia ter olhos, ouvidos e coração para sua noiva, mudou de plano, sacrificou o presente ao futuro, e calculou que, não podendo desposar o homem que amava, mais facilmente o tornaria seu amante depois de casado com Mathilde, cuja familia tão intimas relações entretinha com a sua ; em seguida, pois,

tão interessada se mostrou pelo casamento da incauta amiga que esta a escolheu para acompanhá-la ao altar.

O mestre Valentim havia, portanto, acertado no juízo que fizera de Mathilde e de Anna Campista, vendo e apreciando a malícia do sorriso de uma e o fogo do olhar da outra.

Corrêrão felizes e tranquilos os primeiros mezes que succedêrão ao casamento de Gil Soares.

Anna Campista, contemporisára com a lua de mel; não deixou, porém, acabar o anno de noivado sem entrar em acção, e, tomando por pretexto os ajustes que celebrára com a amiga, principiou por lançar no seio desta amargas suspeitas de infidelidades do esposo.

A intrigante era auxiliada pelo indigno procedimento de Gil Soares, que, libertino antes, libertino continuou a ser, e bem cedo, depois do seu casamento.

Os ciumes de Mathilde irritarão Gil Soares; para ambos tornou-se o lar domestico um purgatorio, e Anna Campista, confidente da pobre esposa, e fazendo espiar todos os passos do marido infiel, ficou senhora dos segredos de um e de outra.

Na vespera do dia de Natal de 1787 Mathilde foi jantar com Anna Campista, e depois da longa conferencia que teve com ella, resolveu-se a passar a noite em sua companhia, com evidente satisfação do marido, que se despedio até ao dia seguinte, e retirou-se logo que anoiteceu.

Leoncio Peres ceiou, como costumava, com o genro e a filha, mas ás 9 horas da noite sahia o velho pela porta

do seu quarto, para adormecer profundamente alguns minutos depois.

Lourenço se admirára muito de que sua mulher não quizesse ir á missa do Gallo, sendo, como era, tão religiosa que nunca perdia festa alguma; habituado, porém, a não discutir, e sómente a obedecer ás resoluções de Anna Campista, deu as boas noites a ella, e a Mathilde, e foi entregar-se ao mais tranquillo somno.

Ás 11 horas da noite Anna e Mathilde achavão-se envolvidas em longas *mantilhas* pretas, que escondião completamente as fórmas e quasi completamente o rosto de ambas.

— E teu marido não acordará?... perguntou Mathilde com voz tremula.

— Não; Lourenço é um marido modelo: dorme um somno só: esse, porém, dura apenas das 9 horas da noite até ao romper do dia.

— Mas... se por acaso acordasse?...

— Dormiria outra vez; respondeu Anna com accento decidido e seguro.

— Sim... mas amanhã...

— A'manhã eu o faria pedir-me perdão de se ter acordado.

— Anna!

— Vamos.

E tomando a mão de Mathilde, Anna Campista dirigio-se á porta da rua, que foi aberta de manso por uma escrava fiel.

As duas senhoras sahirão e começarão a caminhar apressadas.

Mantilhas!... mantilhas!... já passou o tempo das *mantilhas*, e as senhoras talvez não calculom o que perdêrão.

O bello sexo condemnou e proscreeu a *mantilha*, porque essa immensa capa, que envolvia inteiramente uma mulher, não deixava ostentar a gentileza do corpo, nem a riqueza dos enfeites e das joias; condemnou-a e proscreeu-a, porque a *mantilha* era o manto com que se cobrião geralmente as velhas, as pobres e as mendicantes.

Como a vaidade faz errar as senhoras!

Condemnada e proscripta por todas as moças e por todas as senhoras faceiras, a *mantilha*, que era um romanesco e commodo recurso para as jovens e matronas de todas as classes e posições no seculo passado, e ainda no principio deste, tornou-se desde alguns lustros em objecto de irrisão, e nem é mais permittido ás proprias mendicantes, a quem os gaiatos, ao encontra-las assim vestidas, perseguem cruelmente, gritando: « *Barata! barata!...* »

Entretanto a *mantilha*, que se usava tanto no Brasil, e que, como todos sabem, não era um *manto curto*, que é o que significa esse nome, porém sim um manto de panno preto, e tão longo que cahia da cabeça até aos pés, e envolvia a mulher toda, escondendo-a desde os cabellos até á barra do vestido, a *mantilha* era dantes tanto um espesso véo, em que se occultava a pobreza e a ve-lhice, como uma nuvem, que encobria uma estrella bri-

lhante ; era ao mesmo tempo o manto da mendicidade e o disfarce da riqueza ; um expediente de amor e um recurso do ciúme.

Ah ! quantos romances não pôde dar a *mantilha* do seculo passado !

E as senhoras condemnarão e proscrevêrão as *mantilhas* !... coitadinhas ! perdem-se sempre pela sua vaidade.

Mas, como eu ia dizendo, Anna Campista e Mathilde caminhavão apressadamente, levando suas mantilhas tão fechadas diante do rosto que apenas seus olhos brilhantes podião ser descobertos e apreciados pelos curiosos, que abundavão no meio das ondas do povo que enchião as ruas.

Admittindo que os meus companheiros de *passeio* principiem a interessar-se pela historia que vou contando, sou obrigado a pedir-lhes perdão, porque é força que eu a interrompa por momentos, para dizer em duas palavras alguma cousa sobre as festas do Natal na cidade do Rio de Janeiro, taes como ellas erão no seculo passado, e ainda em alguns annos do actual.

As festas do Natal estendião-se, como ainda hoje, do dia 25 de Dezembro do anno que acabava, até 6 de Janeiro do novo que começava ; nellas, porém, predominavão os dias de Natal, de Anno Bom e de Reis.

O dia de Natal era notavel pela missa chamada do Gallo, pelas ceias alegres que a precedião, e que tão famosas erão, e pelos presepes que se abrião ao publico, e a que concorrião chusmas de visitantes.

No fim do seculo passado os presepes mais estimados do Rio de Janeiro erão tres: o da ladeira de Santo Antonio, que os religiosos Franciscanos apresentavão annualmente; o do convento da Ajuda, mais pequeno que o precedente talvez, porém mais curioso e attractivo, porque ao mesmo tempo que se vião as figuras do presepe se ouvião cantos religiosos e analogos ao assumpto, entoados pelas freiras; e incontestavelmente superior a ambos o presepe do Livramento, na casa que fica ao lado direito da capella de Nossa Senhora do Livramento.

Estes presepes conservavão-se abertos e patentes ao publico em todas as noites, desde a do Natal até a de Reis.

O presepe do Livramento era propriedade e gloria do celebre conego Philippe; as figuras que alli se apresentavão erão de barro, e tinhão dous palmos de altura, e de tanta fama gozava esse presepe que o principe regente, depois rei D. João VI, o visitou por mais de uma vez.

Como já disse, o proprietario desse presepe foi aquelle sempre lembrado conego Philippe, que se immortalisou por trinta mil *simplicidades*. Uma vez, por exemplo, indo esse conego prégar em uma festa fóra da cidade, hospedou-se na casa do festeiro, e, como chovesse muito durante a noite e houvesse uma goteira exactamente por cima da cama em que devia dormir o conego, este passou a noite inteira sentado na cama, a receber no prato do rosto a agua que cahia da goteira. No dia seguinte lamentou-se o prégador da sua triste e massante vigilia.

— Oh! Sr. conego! disse o festeiro; porque não afastou V. Revma. para longe da goteira a sua cama?...

— Homem ! respondeu o conego ; você tem toda a razão ; mas essa só lembra ao diabo !

E como esta muitas outras.

Ao dia do Natal seguia-se o de Anno Boni, que era o das visitas, dos *presentes*, dos banquetes e dos obsequies.

E emfim o dia de Reis fazia-se muito apreciado pelas *cantatas de reis*, que começavão na noite de 5 e repetião-se na de 6 de Janeiro.

Erão numerosos os reis que corrião a cidade, cantando às portas das casas das familias amigas, que offerecião a esses obsequiadores ceias opiparas, e riquissimas e variadas mesas de doces : havia cantador de reis que atacava dez ou doze ceias em uma noite, e não tinha indigestão.

Os cantadores de reis compunhão-se de manebos e moças, de ordinario vestidos á camponeza, e de alguns grotescos mascarados, a quem competia alegrar as companhias, provocando risadas.

Percorrendo a cidade em diversas direcções, reunião-se emfim todos os cantadores de reis no pateo do convento da Ajuda, onde terminava a festa alegremente, em um *outeiro* mais ou menos brilhante : as freiras davão motes do alto das janellas e por entre as grades, e os poetas glorzavão como podião e de improviso, mas quasi sempre com metrificação livre.

Dou apenas uma ligeira idéa destas festas, de que espero tratar mais de espaço : agora é impossivel continuar a discorrer sobre este assumpto, visto que nos cumpre acompanhar duas senhoras de mantilha que não devemos perder de vista.

Anna Campista e Mathilde, depois de um quarto de hora de accelerada marcha, entrárão no largo da Carioca. forão subindo a ladeira de Santo Antonio, demorárão-se apenas alguns momentos diante do presepe, continuárão a subir, e chegarão enfim ao pátio da frente do convento e igreja, onde já havia muito povo, embora ainda fosse um pouco cedo para a missa do Gallo.

Cheio estava o pátio ; mas tornava-se notavel que a quasi totalidade dos fideis que ali se achavão se desviassem de um grupo de mancebos e de moças, que assim se mostrava isolado. Mas o observador conhecia bem depressa a causa dessa separação, que era um protesto dos bons contra o sacrilegio da libertinagem em uma noite de tão santas recordações.

O grupo condemnado ostentava alli á face de todos a vilania dos costumes de mancebos desmoralizados e de mulheres loucas, que não se envergonhavão de uma conversação licenciosa e misturada de freneticas risadas.

As duas senhoras recém-chegadas tinhão-se misturado com a multidão, e Anna Campista, estendendo o braço para fóra da mantilha, mostrou a Mathilde Gil Soares no meio do grupo reprovado, tendo pelo braço a mais petulante daquellas mulheres sem nome.

— Basta! murmurou Mathilde segurando-se ao braço da falsa amiga.

— Ainda não; respondeu Anna Campista.

A missa começou á meia noite em ponto, e finda ella o povo que enchêra a igreja desceu pela ladeira, como um exercito que desfila.

Anna e Mathilde seguirão de perto o grupo licencioso, que foi ruidosamente visitar o presepe do convento da Ajuda, seguindo d'ahi para o do Livramento. Gil Soares não deixára um só instante o braço da mulher que acompanhava desde o pátio da igreja de Santo Antonio.

— Basta! balbuciou de novo Mathilde.

— Ainda não, repetio Anna Campista.

Voltando do Livramento, o grupo foi pouco a pouco se dissolvendo ao som de gargalhadas e de zombarias; finalmente achárão-se sós Gil Soares e a sua indigna companheira, que, parando á porta de uma casa de triste apparencia, bateu com força, e, apenas a vio aberta, entrou com aquelle marido que atraçoava sua mulher.

A porta fechou-se.

— Basta! basta! disse Mathilde em convulsivo tremor.

— Agora sim, basta! respondeu Anna Campista.

E voltárão ambas para a casa, onde entrárão ás 4 horas da madrugada.

Lourenço Taques dormia ainda a somno solto.

As duas senhoras arrancárão as mantilhas, e sentárão-se extenuadas de fadiga.

Mathilde trazia o inferno no coração.

Depois de algum tempo, dado ao descanso, Anna Campista rompeu o silencio.

— Então? perguntou.

— É um infame! exclamou Mathilde; hoje mesmo separar-me-hei desse monstro...

— Louca! o mundo te cobriria de ridiculo ou de ignominia.

— Oh ! é assim ! pois bem... matar-me-hei...

— E o teu bello viuvo não se divertirá menos por isso.

— Sim... sim... mas que farias tu?...

— Não se trata de mim, Mathilde.

— Mas... se se tratasse?...

— Não aconselharei a mulher alguma que faça o que eu faria.

A serpente ia-se arrastando para dar o bote.

— Não aconselha, porém falla : que farias?...

— Não te direi.

— Anna ! não és mais a minha amiga fiel.

— Ingrata ! depois do que acabo de fazer por ti !

— Dize, pois : que farias?...

Anna respondeu em voz baixa, mas terrivel :

— Vingar-me-ia !

— Vingar-me ? Oh ! sim ! porém como?...

Anna Campista olhou para Mathilde com piedade, e depois disse-lhe :

— Vai chorar.

— Anna !

— Quem no teu caso não comprehende qual é a vingança que deve tomar é uma criança, a quem só cumpre chorar.

Uma luz infernal brilhou aos olhos de Mathilde, e o demonio que acendêra essa luz contemplou com um rir de triumpho a exaltação e o delirio da esposa trahida.



XXXIII.

**A CAPELLA E O RECOLHIMENTO DE NOSSA
SENHORA DO PARTO.**

Estava aberto o caminho da perdição diante de Mathilde, e para precipita-la por elle conspiravão o ciume, a vaidade offendida, o amor justamente resentido, um espirito exaltado, uma natureza ardente, e a educação mal dirigida.

E além de tudo isso velava sinistra ao lado de Mathilde a traição com a mascara da amizade.

— Vingar-me-hei ! repetio a infeliz com um tom que indicava já um pensamento criminoso.

— Sim, observou Anna Campista ; um amor cura-se com outro amor.

Era ainda um conselho perfido que promettia o castigo do esposo infiel com a infamia da esposa trahida, como se a deshonra desta não tivesse de attenuar de certo modo a maldade daquelle.

Mas o proverbio immoral fizera estremecer Mathilde.

— Um outro amor ! disse ella atraçoando-se ; um outro amor ! e eu que...

— Acaba ; já és amada por um bello mancebo...

— Quem t'o disse?...

— Agora mesmo começavas a confessa-lo.

Mathilde córou : Anna Campista alterou-lhe o rubor da face envenenando com um beijo insano a rosa do pudor

— Quem é o teu apaixonado ? perguntou.

— É Lopo de Freitas, que requesta-me em toda a parte onde me encontra, apesar da aspereza com que o trato.

— É um moço nobre, bonito, discreto e rico : quantas invejarião a tua felicidade ! ah ! o Sr. Gil Soares paga-te bem essa tua surdeza aos protestos de amor de Lopo de Freitas.

A lembrança da ingratidão de Gil Soares era naquelle momento inspirada pelo demonio.

— Póde-se deixar de ser surda ; murmurou sinistramente Mathilde.

Alguns momentos depois Anna Campista perguntou :

— Vês muitas vezes Lopo de Freitas ?...

— Não.

— Pois é facil vê-lo.

— Onde ?...

— Na *opera*.

— Raramente vou á *opera*.

— Queres ir comigo depois de amanhã ?...

— Irei.

Facilmente póde-se calcular como passárão os dous dias que corrêrão entre a noite de Natal e a da *opera*, a que devião ir Anna Campista e Mathilde.

A *casa da opera* era naquelle tempo defronte das primeiras janellas do lado direito do palacio dos vice-reis, exactamente a mesma casa que depois ficou sendo uma dependencia do paço, e que ainda hoje se vê parallela ao edificio da camara dos deputados.

Não direi agora o pouco que tenho conseguido saber a respeito dessa *casa da opera* ; porque tal assumpto será tratado em um dos nossos proximos *passeios*.

Anna Campista e Mathilde não faltarão á *opera* : estavam ambas vestidas com elegancia e primor, e enquanto uma pela fascinação da voluptuosidade fazia esquecer que não era formosa, a outra avassallava corações com o poder de sua belleza, mais fulgurosa ainda naquella noite por uma indizível exaltação que parecia em luta com o receio.

De frente dellas mostrava-se um cavalheiro radiante de mocidade : tinha olhos pretos, a fronte alta, rosto pallido, e bellos dentes ; estava vestido como um peralta do seu tempo. Era Lopo de Freitas.

Acaso ou prevenção de quem facilmente se adivinha, Lopo escolhêra um lugar, donde volvendo apenas os olhos, podia contemplar Mathilde. Ainda não tinham sido introduzidos no Rio de Janeiro os binoculos theatraes, e naquella *casa da opera* um binoculo seria um *pleonasm*o, como actualmente diz-se no Gymmasio ; além disso, Lopo tinha bonitos olhos e excellente vista.

É inutil dizer que o mancebo inebriava-se devorando com um olhar abrazador o lindo rosto de Mathilde, que, pela primeira vez, não se mostrava enfadada com essa adoração atrevida.

Representava-se a opera intitulada *Guerras do Alecrim e Mangerona* do nosso Antonio José da Silva, o chamado *judeu*, a quem o horrivel tribunal da inquisição fez queimar em uma de suas infernaes fogueiras.

O publico applaudia com ardor o espirituoso *semicupio*, enquanto Lopo de Freitas repetia com os olhos a Mathilde as finezas que D. Gilvaz e D. Fuas rendião a D. Cloris e a D. Nize.

Entretanto Mathilde tolerava apenas, mas não correspondia ainda ás demonstrações de amor do seu namorado.

D. Fuas cantou na scena os versinhos seguintes :

Se chego a vencer
De Nize o rigor,
De gosto morrer
Você me verá.
Porém se um favor
Alenta o viver,
Quem morre de amor
Mais vida terá.

Ao terminar o canto encontrarão-se os olhos de Lopo e de Mathilde, e tanto fogo havia nos do mancebo, que Mathilde abaixou os seus e mostrou o rosto inundado do rubor do pejo.

A opera auxiliava Lopo de Freitas, porque logo depois veio a scena em que D. Cloris cantou por sua vez :

Dirás ao meu bem
Que não desconfie,
Que adore, que espere,
Que não desespere,
Que á sua firmeza
Constante serei ;
Que firme eu tambem
A tanta fineza,
Amante constante
Extremos farei.

Lopo e Mathilde tornarão a olhar-se, e sorrirão-se ambos da coincidência daquelles cantos com as fallas dos seus corações.

O sorriso de Mathilde não escapou a Anna Campista.

— Até que enfim ! disse esta ao ouvido da amiga, ao mesmo tempo que lhe apertava a mão.

O resto do espectáculo foi para Mathilde cheio de novos sorrisos, daquelles sorrisos sacrilegos que murchão depressa, cedendo o rosto ás lagrimas, e o coração aos remorsos.

Algumas semanas de galanteio acabavão de perder Mathilde : a vingança a impellira, a vaidade incensada e satisfeita embriagou-a ; e pouco a pouco uma paixão infrene arrastou-a ao precipicio.

Anna Campista protegia um amor criminoso, que devia servir aos seus calculos.

Lopo de Freitas pediu uma entrevista a Mathilde ; o prazo e o lugar forão marcados.

Uma noite, e já muito tarde, abriu-se a porta da casa de Lourenço Taques, e outra vez sahirão duas mulheres de mantilha, que caminharão apressadas e silenciosas, e passavão diante da igreja de Nossa Senhora do Parto, quando uma dellas parou, estremeceu, e murmurou tremendo :

— O recolhimento !

Mas immediatamente parecendo ceder a uma força irresistivel, disse :

— Vamos !

E continuou em rapida marcha até chegar quasi no

fim da rua do Parto a uma casa terrea, cuja porta já entre-aberta, então de todo se abriu para dar entrada ás duas senhoras.

Lopo de Freitas recebeu de joelhos a Mathilde, a quem Anna acabava de arrancar a mantilha.

A estrada do vicio é ingreme e escórregadia, e quem uma vez começou a descer por ella, tarde ou nunca mais póde parar.

As entrevistas de Lopo e de Mathilde repetirão-se muitas vezes.

A esposa indigna correu precipitada para o abysmo onde a esperava o maior opprobrio.

O mundo, que tudo vê e arraza todos os mysterios, descobriu esses amores impuros, e a murmuração e a reprobção publica marcárão com o ferrete da infamia a misera Mathilde.

Anna Campista triumphava, pois, e contando já com a mais completa victoria, sempre porém habil e astuta, começava a provocar, como involuntariamente e sem comprometter-se, a attenção e os anhelos de Gil Soares.

O libertino deixou-se pouco e pouco attrahir pela mulher voluptuosa que lhe accendia a imaginação adivinhadora de irresistiveis encantos; cercou-a de cuidados, ou sou fazer-lhe a confissão do seu amor, e tornou-se ainda mais vivamente apaixonado pelo desdenho fingido com que Anna Campista o repellio.

Anna esperava ainda: a mulher a quem profundamente aborrecia, e a quem dava o nome de amiga, a esposa do homem que lhe inspirára uma paixão reprovada, pa-

gava-lhe com hedionda miseria o crime de haver gozado alguns dias de amor e de felicidade ; sua vingança poderia talvez estar saciada ; mas o dominio exclusivo e indispensavel do coração de Gil Soares só lhe parecia seguro quando uma barreira ou um abysmo o separasse de Mathilde.

Tal reparação era portanto a sua idéa implacavel.

Uma carta anonyma foi em breve patentear a vida ignominiosa de Mathilde aos olhos de Gil Soares, que, arrebatado e furioso, não podendo occultar os seus ciumes, perdeu o mais seguro meio de certificar-se da verdade, porque os dous amantes acautelando-se temerosos, interrompêrão as suas entrevistas.

Anna Campista contrariada em seus planos por esse prudente proceder, recebeu vêr arrefecer-se a paixão criminosa de Mathilde, e para inflamma-la de novo, correu a derramar o veneno de perfidos conselhos no seio da desgraçada.

Mathilde seguiu de olhos fechados o caminho por onde quiz conduzi-la a traição. Um dia em que foi visitar sua mãe, fingio-se de subito tão incommodada que não pôde voltar para casa.

Mathilde contava que seu marido, habituado a passar as noites em orgias, a deixasse só com sua mãe ; não calculou porém com as suspeitas de um marido desconfiado.

Gil Soares com effeito deixou-a só ; mas retirou-se suspeitoso.

O incommodo de Mathilde desapareceu com a partida

do marido ; e a mãe da inconsiderada moça sorriu-se daquella milagrosa cura, vendo apenas um innocente capricho no que a filha occultava um designio criminoso.

A mãe de Mathilde morava no largo da Ajuda ; era uma boa velha observadora fiel dos costumes antigos : ás 9 horas da noite rezou o seu terço, e ás 10 dormia.

À meia noite uma voz abafada e tremula pronunciou na rua a palavra — segredo !

D'ahi a poucos minutos Mathilde e Anna Campista seguirão juntas para o *Passeio Publico*, onde entrarão pela porta lateral, que lhes foi aberta por Lopo de Freitas, que conseguira obter a chave.

Os dous amantes sentárão-se ao lado um do outro no banco de um dos caramanchões cobertos de jasmins.

A lua estava clara e brilhante, e o ar embalsamado de perfumes.

A noite parecia propicia aos amores.

Anna Campista passava no terraço : toda occupada de seus malvados tramas, nem sentia a indignidade do seu repugnante proceder, nem se lembrava dos perigos a que se expunha ; mas de subito ouviu um grito pungente soltado por Mathilde, e logo soando rouca e terrivel a voz de Gil Soares.

Anna Campista não calculára com esse contratempo ; rapida, porém, como o raio, desceu a escada do terraço, e escapando pela porta de Passeio que ficára aberta, voltou correndo para sua casa, onde, apenas chegou, cahio desfallecida de terrór e de fadiga.

Lourenço Taques dormia sempre o seu aturado somno

de ferro; amante extremoso e cheio de confiança na esposa, e constante dormilão de noite, era um marido que convinha perfeitamente a Anna Campista.

Mas esta mulher ousada e falsa tremia pela primeira vez; receiava que a tivessem conhecido no Passeio; que Mathilde a houvesse comprometido; receiava as consequências de uma luta que devia ter havido entre Gil Soares e Lopo; e receiava-se mais que tudo da colera de seu pai.

E foi ainda com violento esforço que dissimulou o medo de que estava possuída, quando na manhã seguinte recebeu Gil Soares, que veio pedir-lhe alguns momentos de atenção.

Lourenço Taques já tinha saído.

Gil Soares estava pallido e agitado: soubera da complicitade de Anna Campista no crime de sua mulher, e queria confundi-la antes de denunciar a sua culpa a Lourenço Taques e a Leoncio Peres.

Nas primeiras horas do seu arrebatado e justo desespero pareceu-lhe transformado em odio o amor que tantas vezes, desde alguns dias, e até então sempre inutilmente, o arrastára aos pés de Anna Campista.

Chegou trazendo na alma um pensamento de vingança cruel.

Anna fingio não reparar na agitação de Gil Soares e pediu-lhe noticias de Mathilde.

— Esta noite, disse Gil Soares, teve lugar no Passeio Publico a ultima entrevista dessa mulher com Lopo de Freitas, seu amante: o infame escapou á minha vingança

ça, porque, aos gritos de uma esposa que deshonrou-me, acudirão intromettidos que o arrancarão de minhas mãos.

Anna Campista não respondeu, mas fitou um olhar audacioso no rosto de Gil Soares.

— Quer noticias da sua amiga?... continuou este; acha-se bem guardada no seu quarto, onde não receberá nem parentes, nem amigas, até que amanhã entre no recolhimento do Parto, para ficar nelle todo o resto da sua vida.

Os olhos de Anna Campista brilharão com um fogo irresistivel; o seu seio abalado por uma viva commoção mostrou-se offegante de ardor e voluptuosidade: ella não arredava suas vistas magnetisadoras do rosto de Gil Soares, que começando a experimentar a influencia daquella mulher perigosa, para escapar á fascinação do seu olhar, abaixou um pouco os olhos, mas deixou-os presos ao seio que arfava tão provocadoramente.

— Minha mulher traiçoou-me, continuou elle; e sofrerá portanto o merecido castigo; sei, porém, que ella teve uma complice, que eu preciso conhecer para puni-la tambem.

Anna Campista fez um movimento e ergueu-se: os seus cabellos negros desatárão-se e cahirão em enchen-tes de bastos anneis sobre os seus hombros nus.

— A senhora, pröseguio Gil Soares, amiga intima de Mathilde, necessariamente conhece a sua complice; quem é pois essa mulher? quem é?..

— Sou eu, respondeu Anna Campista.

— E ousa dizê-lo ? !...

— Sim ; fui eu que levei Mathilde á perdição ; fui eu que cavei um abysmo entre ella e seu marido.

Gil Soares encarou confuso, quasi atterrado, a mulher que assim lhe fallava, e vio-lhe no semblante a audacia, a paixão, o arrebatamento em flammabrasadoras.

— Mas é horrivel !... disse elle attonito.

— Sim ! exclamou Anna prorompendo ; mas eu te amava ! eu te amo, Gil Soares !...

No dia seguinte Mathilde entrava para o recolhimento do Parto, e Anna Campista ficava sendo a amante de Gil Soares.

Mulher execravel, porém allucinadora, fez do inconstante e libertino Gil Soares um escravo submisso : dominou sobre elle, tornou-se o encanto e a loucura de sua vida.

Alguns mezes durou a gozar tranquillo desses indignos amores.

Anna Campista, embebida nos triumphos da sua paixão, tinha-se esquecido de um homem que devia vingar Mathilde.

Lopo de Freitas descobriu a traição de que elle e a sua amada havião sido victimas, aborreceu ainda menos Gil Soares do que Anna Campista ; mas observando com a solicitude e a vigilancia do odio os passos dos seus dous inimigos, exultou conhecendo que podia tirar delles uma desforra completa.

Sem que lhe tremesse a mão com a vergonha de uma vil denuncia, escreveu a Lourenço Taques informan-

do-o dos desregramentos de sua mulher, e a Leoncio Peres annunciando-lhe a deshonra de sua filha, e julgou-se livre da ignobilidade de denunciante, escondendo-se com a capa do anonymo.

Lourenço estava em companhia do sogro, no escriptorio da sua casa commercial, quando as cartas de Lopo de Freitas forão entregues; e apenas leu a que lhe era dirigida, rasgou-a com raiva, exclamando :

— É impossivel ! é uma calumnia !

— É possivel, disse Leoncio com amargura e calma; é mesmo provavel; eu já o suspeitava.

Lourenço sentio um impeto de colera igual ao amor ardente que nutria por Anna Campista, e ia sahir precipitado; mas Leoncio Peres o deteve.

— Espera; disse elle a Lourenço.

— Atraiçoado e esperar!... exclamou o marido amante e desgraçado.

O velho rio-se de um modo feroz.

— E eu não espero?... perguntou.

— O senhor não é marido, é pai.

— Mas eu espero, porque... devo ser juiz, e se fôr preciso serei algoz.

Passarão alguns momentos de silencio.

— Escuta-me, tornou Leoncio: eu não comprehendo a vida com uma nodoa, nem admitto que haja perdão para a filha que deshonra seu pai.

— E então?...

— Então?... é que o crime de que accusão minha filha importa uma sentença de morte para ella e para mim.

— E então?... repeliu Lourenço, como se receiasse ter comprehendido mal o lugubre pensamento do velho.

— Então? continuou este; é que o juiz tem necessidade de inteirar-se de toda a verdade antes de lavrar a sentença que deve arrancar do mundo uma filha que deshonrou seu pai, e um pai que não tolera a vida com o opprobrio.

Leoncio Peres fallára com voz pausada e grave: o seu rosto mostrava uma serenidade aterradora.

Pai severo e homem de justiça cruel, que não sentia que a justiça deixa de o ser quando se torna em crueldade, Leoncio Peres tinha já tomado uma resolução irrevogavel.

Essa resolução preparava um attempado nefando.

Leoncio Peres era no fundo um máo homem.

Lourenço conservava-se em pé diante de seu sogro, que tornou dizendo:

— Assim, pois, devemos primeiro chegar á evidencia dos factos que nos revelão: descansa em mim: silencio e dissimulação: dentro de tres dias eu te fallarei.

Lourenço obedeceu: não fallou; não dormio; mas fingio dormir: dissimulou, e sabia já de mais, quando no fim de tres dias o sogro o chamou ao escriptorio.

— Tudo é verdade, disse Leoncio Peres.

— Eu o sei, respondeu Lourenço.

— Uma filha que enche de ignominia seu pai, tornou o velho; uma esposa que mancha o nome de seu marido, é uma criminosa que deve morrer: é porém ne-

cessario que a sua morte não pareça um castigo, porque um castigo seria a manifestação publica da infamia.

Lourenço estremeceu.

— Vou dizer-te como has de matar tua mulher, continuou Leoncio.

— Mata-la!... eu?... exclamou o infeliz.

— Bem, prosequio, o velho, não serás tu o algoz; mas em falta do marido que devia castigar a esposa infiel, o pai saberá punir a filha.

Lourenço horrorisou-se do que lhe dizia Leoncio, e sahindo logo depois, tão activamente trabalhou, que na tarde desse mesmo dia Anna Campista, quando menos o esperava, foi por seu marido conduzida para o recolhimento do Parto.

Lourenço não déra explicação alguma a sua mulher, não a injuriou, nem a maldice: obrigou-a a sahir com elle, levou-a ao recolhimento, e ao vê-la entrar, disse-lhe:

— É o seu lugar: arrependa-se.

Anna desapareceu; Lourenço escondeu duas grossas lagrimas que lhe cabirão dos olhos, e voltou para casa.

Tinha-se realizado a propheciã do mestre Valentim.

Às sete horas da noite Leoncio Peres chegou á casa de seu genro.

— Onde está minha filha?... perguntou antes de sentar-se.

— *No recolhimento do Parto*, respondeu o genro.

O velho lançou um olhar de desprezo e de colera sobre Lourenço, e sahio.

Leoncio Peres não tornou a apparecer no seu escriptorio a quem quer que fosse, e nunca mais dirigio a palavra a seu genro; escondendo-se de dia a todos os olhos, sabia apenas de noite para ir passeiar muito tempo, e sempre diante da *capella e do recolhimento do Parto*.

O resentimento e a severidade selvagem desse velho erão implacaveis.

Vagando de noite em frente do recolhimento do Parto, onde estava encerrada sua filha, Leoncio Peres era como a sentinella de uma vingança satanica.

E era mil vezes horrivel, por isso mesmo que era pai.



XXXIV.

**A CAPELLA E O RECOLHIMENTO DE NOSSA
SENHORA DO PARTO.**

Anna Campista e Mathilde tinham-se encontrado no recolhimento do Parto; mas um odio inflexivel as separava para sempre. Erão ambas criminosas, estavam ambas igualmente corrompidas pelo vicio; Mathilde porém era ainda menos repulsiva do que Anna Campista.

O tempo foi correndo, e pouco e pouco cahio no esquecimento a historia das desordens e loucuras das duas esposas adúlteras, e foi tambem esmorecendo a vigilancia que se tivera sobre ellas.

Lopo de Freitas e Gil Soares, escravos dos encantos dessas reclusas, sentião redobrar a paixão que os devorava, por isso mesmo que a violencia erguêra muralhas insuperaveis, e duras grades de ferro entre elles e suas amantes.

As reclusas e os dous apaixonados conseguirão escreverem-se: mais tarde Gil Soares e Anna Campista, Lopo de Freitas e Mathilde encontrarão-se e fallarão-se algumas vezes no locutorio.

Libertino e audaz como Gil Soares, Lopo de Freitas seguia tambem como elle o mesmo caminho: seus destinos parecião medidos pelo mesmo pensamento; ambos, porém, ignoravão que ião marchando no mesmo terreno, e semelhantemente Anna Campista e Mathilde mal pensa-

vão que a vida e o proceder de uma crão alli, no recolhimento, verdadeira copia da vida e do proceder da outra.

Adiantava-se o anno de 1789 : estava chegando ao seu termo o mez de Julho.

Um acontecimento tristissimo preocupava todos os espiritos, e tinha feito ainda mais esquecer as duas reclusas.

Descobrira-se em Minas Geraes o trama da famosa e patriotica revolução chamada do *Tiradentes* : haviam sido presos em Minas os principaes chefes da conspiração, e no Rio de Janeiro, além do infeliz Tiradentes, um outro comprometido e muitos innocentes.

Luiz de Vasconcellos tornava-se suspeito, e perseguidor.

A desconfiança e o terror estavam derramados na capital do Brasil ; fallava-se em forcas e horrorosos castigos, espalhavão-se boatos de projectadas desordens para se soltarem e salvarem os patriotas : os corpos militares estavam álerça : o povo vivia em sobresalto.

A monção era favoravel aos atrevimentos de um amor impetuoso e louco.

Mathilde ardia por vêr-se fóra e longe do *recolhimento do Parto*, e desde o mez de Julho trabalhou por preparar os meios de sua evasão, de accordo com Lopo de Freitas.

O pensamento dominante na alma de Mathilde era aquelle mesmo que manifestára no dia do seu casamento : era um incendio.

Lopo resistio, mas por fim cedeu : na sua ultima con-

ferencia com Mathilde ficou resolvido que esta lançaria fogo ao recolhimento na madrugada de 24 de Agosto, e que, aproveitando a consequente desordem, fugiria para ir encontrar-se com o seu amante na *rampa* do largo do Paço, onde, embarcando-se ambos em algum batelão, atravessariam a bahia, e irião occultar-se em algum longinquo districto do interior. Este plano tinha sido forjado e absolutamente adoptado no locutorio a 21 de Agosto.

E entretanto a mesma idéa de incendio e de evasão fôra tambem concebida e planejada por Anna Campista e por Gil Soares, que igualmente assentavão de effectua-la nas primeiras horas do dia 24 de Agosto.

Porque essa coincidencia na escolha do dia para a execução dos sinistros projectos?... é facil de explicar : um prejuizo havia, e ha ainda hoje, fundado aliás em observações repetidas de phenomenos atmosphericos, muito constantes no mez de Agosto ; por esse prejuizo acreditava-se na infallibilidade de furacões e ventos fortissimos no dia de São Bartholomeu : ora, uma ventania era util para dar prompta vehemencia ao incendio, e portanto as duas reclusas designárão, cada uma de sua parte, a madrugada do santo das tempestades para fazerem arder o recolhimento.

Anna Campista e Gil Soares tinham assentado em encontrarem-se no locutorio afim de tomarem as ultimas disposições ao começar a noite de 22 de Agosto.

Como mais tarde veremos, o locutorio das recolhidas do Parto era na igreja e ficava por baixo do côro.

Na tarde de 22 de Agosto estava o sacristão da capel-

la de Nossa Senhora do Parto muito cansado varrendo a sacristia, e a lembrar-se de que ainda tinha de varrer a nave da igreja e os corredores, quando desatou a rir, ouvindo uma voz bem conhecida repetir-lhe em tom baixinho :

Reverendo sacristão
Que estás com a vassoura em punho,
Varrerei por ti a igreja,
Se me deres *cruz e cucho*.

— Toma lá, *Bota bicas!* exclamou o sacristão atirando com a vassoura ao poeta varredor.

Bota bicas era um doudo inoffensivo e ás vezes divertido, que então vivia na cidade do Rio de Janeiro ; tão guloso como apaixonado das libações alcoolicas, improvisava quadrinhas, quando tinha fome ou sêde.

Porque o chamavão *Bota bicas?*... não sei : certo é que o proprio doudo perdeu a lembrança do seu nome de baptismo, habituando-se á alcunha que lhe tinham posto.

Bota bicas era uma notabilidade burlesca da cidade ; conhecia todos os seus habitantes, e era de todos conhecido ; o mesmo vice-rei recebêra delle uma ou outra vez cumprimentos em consoantes.

O sacristão foi passear, e *Bota bicas* ficou varrendo, com a esperança de receber alguns vintens : acabou de varrer e deixou-se na Igreja á espera do sacristão, e tanto esperou, que de cansado sentou-se, e recostando-se a uma das columnas do côro estava quasi adormecendo

quando sentio rumor, e vio Gil Soares aproximar-se ao locutorio, a quem logo depois veio fallar Anna Campista.

Curioso de ouvir a conversação de uma recolhida, *Bota bicas* fingio dormir e começou a roncar como um endemoninhado.

— Quem está ahi?... perguntou Anna.

— É o *Bota bicas*, respondeu Gil Soares.

— É preciso desperta-lo e fazê-lo sair.

— Mas este doudo conhece-nos, e se nos visse aqui poderia fallar.

— E se nos ouvisse?

— Um homem que dorme não ouve: aproveitemos o tempo. Sobreveio algum inconveniente que possa contrariar o nosso plano?

— Não: depois de amanhã, á uma hora da madrugada, um incendio estará devorando este maldito recolhimento, e ás duas horas conto achar-me fóra d'elle, e correndo para encontrar-te.

— Á meia noite em ponto, respondeu Gil Soares, postar-me-hei com dous fogosos cavallos á entrada do caminho de Catumby; é ahi que te espero, Anna, para nunca mais nos separarmos, porque o asylo a que nos acolheremos é tão longe da capital como aprasivel e seguro.

Nesse momento souo o toque de uma sineta.

— Adeoz! disse Anna Campista; conta comigo: até depois de amanhã ás duas horas da madrugada.

— Sim! ás duas horas da madrugada.

Anna retirou-se. Gil Soares sahio da capella ; e *Bota bicas* deixou de roncar, e abriu os olhos.

— Fogo no Parto!... balbuciou elle espantado e levantando-se.

Era noite fechada : *Bota bicas* não pensou mais no sacristão, e, atirando-se para a rua, começou a correr e a bradar :

— Fogo no Parto ! fogo no Parto !...

Todos aquelles que ouvião os gritos de *Bota bicas* punhão-se a rir.

— Ah ! vocês riem-se?... pois é verdade ! fogo no Parto ! fogo no Parto !

Todos, porém, continuavão a rir do *Bota bicas*, e este a correr e a bradar, até que uma mão de ferro travou-lhe do braço, e uma voz grave e um pouco tremula lhe disse :

— Basta, já sei ; queres tu cear, e beber uma garrafa de bom vinho ?

O terror de *Bota bicas* dissipou-se de subito ao encanto daquelle convite.

— Se quero !

— Acompanha-me.

O doudo obedeceu promptamente, e seguindo as pisadas do homem que lhe fallava, e que se conservava cuidadosamente rebufado, entrou em uma taverna do largo da Carioca, e foi sentar-se defronte do mysterioso personagem junto de uma rude mesa em um gabinete escuro e humido que havia no fundo da venda.

— Ninguem deve entrar aqui, preciso estar só, disse

o reбуçado ao taverneiro; mande vir peixe, pão e vinho.

O taverneiro desapareceu immediatamente.

Bota bicas sentio uma impressão suavissima ouvindo fallar em peixe, pão e vinho; não pôde conter-se, e bradou :

— Sardinhas fritas, pimentões e aguardente !

— Terás tudo isso e mais ainda, tornou o reбуçado ; responde porém primeiro : quem ainda ha pouco sahio antes de ti da capella do Parto ?

— Foi o Sr. Gil Soares, respondeu o doudo.

— E o que fez elle na igreja?...

— Conversou no locutorio.

— Com quem?...

— Com a filha do Sr. Leoncio Peres.

O reбуçado violentou-se para conter uma imprecação.

O taverneiro trouxe quatro grandes postas de peixe frito, um prato de sardinhas com pimentões, farinha, pão e uma garrafa de vinho.

Falta a aguardente, disse *Bota bicas* começando a devorar.

O reбуçado encheu de vinho um copo de quartilho ; mas deteve o doudo que lançava-se já ao licor attractivo.

— Antes de beber has de repetir-me a conversação de Gil Soares e... da recolhida.

— Fogo no Parto ! gritou *Bota bicas*.

— Não grites, desgraçado ! explica-me isso em voz baixa, ouviste?... se gritares deitarei fóra o vinho.

O doudo contou tudo quanto ouvira.

O reбуçado fê-lo repetir dez vezes todas as particularidades do trama.

— Pódes beber ; disse, entregando o copo a *Bota bicas*.

A garrafa de vinho ficou logo esgotada.

— Mais vinho, e meia garrafa de aguardente ! bradou o reбуçado.

Bota bicas exultou de prazer.

— Ouve, tornou d'ahi a pouco o reбуçado : não quero que falles mais em fogo no Parto.

— Menos essa ! disse o doudo.

— Porque ?...

— Não quero que se queime a igreja.

— Não fallarás.

— Fogo no Parto ! gritou *Bota bicas*.

— Não te darei mais aguardente nem vinho.

— Algum outro me dará ámanhã ; respondeu o doudo, e tornou a gritar : fogo no Parto !...

Ouvião-se risadas da gente que estava na taverna.

O reбуçado tranquillizou *Bota bicas*, offerecendo-lhe um copo de aguardente.

— Gostas de genebra ?... perguntou logo depois.

— Venha, disse *Bota bicas*.

— Ás 9 horas da noite o doudo estava completamente bebado, e sahio do gabinete quasi arrastado pelo mysterioso reбуçado.

— Mais um copo de aguardente, disse este.

E o pobre doudo bebeu ainda, e foi cambaleando pela rua, preso pelo braço do reбуçado, que o levou assim

até o principio da rua da Cadêa, e que, ahí chegando, bradou por soccorro com voz alterada e afflicta.

Acudirão logo alguns soldados da guarda da cadêa.

— Este bebado offendeu-me e persegue-me: exclamou o rebuçado.

Bota bicas não podia defender-se, e foi conduzido pelos soldados, que o trancarão na cadêa, enquanto o rebuçado voltava tranquillamente para sua casa.

No dia seguinte *Bota bicas* acordou espantado, achando-se na prisão: lembrou-se vagamente do que lhe acontecera na vespera, sentio-se possuido de uma especie de terror ao recordar-se do rebuçado, e voltando outra vez á sua idéa, tantas vezes gritou — Fogo no Parto! — que o carcereiro teve de impôr-lhe silencio, ameaçando-o com pancadas.

O pobre doudo calou-se, e, abraçado com as grades da janella da sala em que estava preso, passou o dia a olhar para a rua e a soffrer silencioso as zombarias dos meninos e dos garotos.

Ao cahir da tarde *Bota bicas* vio o vice-rei Luiz de Vasconcellos, que, sahindo a cavallo, passava diante da cadêa; perdendo então o medo ao carcereiro, bradou :

Bota bicas está preso,
Deves manda-lo soltar;
Porque, preso o Bota bicas,
Não póde bicas botar.

O vice-rei pôz-se a rir, e ordenou que soltassem o pobre doudo.

Esta ordem foi logo cumprida, e *Bota bicas*, festejado pelos rapazes, achou logo entre elles um que mais velho parecia, e que o levou a comer sardinhas fritas com pimentões, e a beber aguardente em uma tasca do becco, hoje rua do Cotovello, onde o reteve até alta noite.

Esse apreciador do *Bota bicas* era um caixeiro da casa commercial de Leoncio Peres.

A especie de caridade que este caixeiro mostrára converteu-se no mais reprehensivel abuso da miseria e do vicio do doudo.

O caixeiro evidentemente trabalhava por embebedar outra vez *Bota bicas*, esforçando-se por fazê-lo beber vinho, aguardente e genebra, que não cessava de mandar vir.

Bota bicas lutava heroicamente com o seu vicio dominante ! cedendo á attracção dos licôres que o caixeiro lhe offercia, levava os copos á boca, bebia algumas gotas ; mas deitava logo fóra quasi todo o vinho, aguardente e genebra.

— Porque não bebes?... perguntou-lhe o caixeiro.

— Não quero embebedar-me : preciso fallar ao vice-rei antes da meia noite.

Mas o vicio não ficava de todo vencido. *Bota bicas* não se embebedava ; não tinha, porém, animo de sahir da tasca.

O cheiro da aguardente encantava-o e refinha-o ; fê-lo esquecer que as horas corrião, o prendeu-o á tasca por tanto tempo que o pobre dondo soltou um grito e le-

vantou-se desesperado, ouvindo os sinos de algumas igrejas darem o signal da meia noite.

Bota bicas, sem attender ao caixeiro que procurava retê-lo, correu para o palacio, e declarou que queria falar com o vice-rei.

Os soldados da guarda do vice-rei a principio rirão-se do doudo: um delles, porém, aborrecido da sua insistencia, deu-lhe tal empurrão, que o fez cahir estirado nas pedras.

Bota bicas soltou um gemido pungente: levantou-se a custo, e retirou-se murmurando:

— Não foi culpa do *Bota bicas*.

Reinava o silencio.

No *recolhimento do Parto* dormião as recolhidas em profundo somno.

Mas, ao soar aquella hora solemne da meia noite, Anna Campista ergueu-se; prendeu ao braço esquerdo uma pequena trouxa, acendeu uma lanterna, envolveu-a com um lenço para encobrir a luz, tomou algumas velas de que já tinha-se munido, sabio para o corredor, e seguia em direcção á igreja, quando a porta da cella de Mathilde abriu-se, e as duas esposas adúlteras achárão-se em frente uma da outra.

Mathilde trazia tambem uma lanterna na mão direita e algumas velas na esquerda.

Anna Campista havia recuado um passo; logo, porém, adivinhando pelos seus os designios de Mathilde, avançou para ella, e murmurou a seus ouvidos com accento ameaçador:

— Incendiaria !

Mathilde estremeceu, cambaleou, e cahiria desmaiada no assoalho, se Anna Campista a não recebesse nos braços.

Não foi a compaixão nem sentimento algum de humanidade que impedio aquella quèda. O ruido não convinha a Anna Campista, que por isso prevenira com o auxilio dos seus braços o baque de um corpo.

Logo depois a ousada e terrivel mulher descansou no assoalho Mathilde desmaiada, deixou junto della a lanterna, cuja luz apagou, e as velas que lhe pertencião, e proseguio com passos rapidos e leves para a capella.

À uma hora da madrugada os habitantes da capital despertarão sobresaltados aos dobres dos sinos e ao rufar dos tambores.

O vice-rei montou a cavallo e sahio : as autoridades corrêrão aos seus postos, os corpos militares já estavam em armas.

No primeiro momento suppôz-se que rebentára uma conspiração a favor dos presos politicos compromettidos na projectada revolução de Minas-Geraes.

Os tranquillos habitantes da cidade do Rio de Janeiro hesitavão em sahir de suas casas ; mas em breve enchêrão-se as ruas com a noticia de que se incendiára o *recolhimento do Parto*.

Fantasmas de negro fumo, e horriveis linguas de chammas attestavão o grande infortunio.

Uma fogueira colossal illuminava a cidade.

Anna Campista tomára com habilidade todas as suas

medidas: fôra atear o incendio no fundo da igreja, e o fogo desenvolveu-se sem ser sentido nesse lugar afastado.

Quando a luz infernal e ondas de fumo suffocante acordarão as recolhidas, já era tarde: o incendio tinha conquistado toda a capella e invadia o recolhimento:

É inexprimivel o terror e a desordem de que se apoderarão as infelizes recolhidas: todas gritavão misericordia, todas tentavão debalde salvarem-se.

Mathilde, encontrada sem sentidos cahida no corredor, tendo junto de si algumas velas e uma lanterna, foi logo reputada autora do horrivel maleficio.

Mas enfim as portas começarão a ser despedaçadas, penetrarão guardas e homens dedicados no recolhimento; as recolhidas arrojárão-se espantadas para a rua, e Mathilde foi levada nos braços de dous soldados para fôra do edificio inflammado.

Entre as reclusas uma, porém, houve que se mostrou intrepida e capaz de affrontar a morte.

O fogo abrazava a igreja toda: a reclusa heroica lembrou-se das imagens santas, e, esquecida de si propria, arrojou-se á nave coberta e cercada de flammas: uma nuvem de fumo escureceu-lhe a vista; mas nem assim recuou, e, voando por entre as chammas, desapparecendo na fumaça, correu ao altar-mór, tomou em seus braços a imagem de Nossa Senhora do Parto, e, sem duvida defendida por tão sagrado escudo, appareceu sã e salva no meio da multidão, que a victoriou enthusiasmada.

O fogo consumio todas as outras imagens.

No indizível tumulto e na desordem immensa a que o incendio dava lugar, Anna Campista conseguira desaparecer.

Quando fez-se a conta das recolhidas deu-se por falta della : uns a acreditarão victima do incendio, outros pensarão que, aproveitando a confusão geral, ella tinha escapado a uma reclusão que aborrecia.

Mas faltava o tempo para as reflexões.

Empenhavão-se todos os esforços para atalhar o fogo; o fogo, porém, triumphava de todos os esforços do homem.

Com o estalido das madeiras, com o ruido dos tectos que desabavão, com o susurro sinistro das chammas, misturavão-se os gritos da multidão, as reclamações dos bombeiros e as ordens dos chefes, dadas em alta voz.

Lia-se em todos os semblantes a dôr, chegavão a todos os corações os gemidos e as lamentações das recolhidas, e no meio dessa afflicção de tantos, desse pezar de quasi todos, retumbava de espaço a espaço uma gargalhada estridente.

Era *Bota bicas*, que em sua loucura ria-se daquelles que não tinham querido acreditar no seu prudente brado: — Fogo no Parto !

Emquanto o incendio devorava assim a *capella e o recolhimento de Nossa Senhora do Parto*, Anna Campista corria para o sitio onde Gil Soares a devia estar esperando.

Sem temor e sem reflectir no mal que havia feito, sem receio da justiça dos homens e da justiça de Deos, impa-

vida e resoluta. Anna Campista foi com accelerado passo atravessando o campo do Rosario, depois o campo de Sant'Anna, e avançando sempre para o sítio desejado.

Em sua marcha rapida encontrára grupos de curiosos que dirigião-se ao lugar do incendio : ninguem lhe falou, ninguem procurou conhecê-la.

Uma unica vez ouviu a voz de um desconhecido, que exclamou ao vê-la passar :

— Onde irá essa infeliz?...

Anna estremeceu : aquella pergunta inesperada, aquella palavra — infeliz — soou a seus ouvidos como um presagio funesto ; era tarde, porém, para o arrependimento.

A incendiaria do *recolhimento do Parto* continuou a caminhar, e, arfando de fadiga, saudou emfim de perto a entrada do caminho de Catumby.

Alguns passos ainda, e achar-se-ia nos braços de Gil Soares.

Anna Campista caminhou um pouco mais de subito ; porém hesitou, parou e teve medo.

Gil Soares devia estar só, e Anna começava a entrever alguns vultos exactamente no lugar onde o seu amante promettêra esperá-la.

A esposa adúltera julgou ouvir um gemido abafado : aterrada, pensou em voltar e fugir ; mas faltárão-lhe as forças, e ficou immovel.

Um dos vultos avançou para ella, deixou cair uma capa em que se envolvia, e mostrando bem de perto o rosto, perguntou-lhe com voz surda e lugubre :

— Conheces-me?...

A desgraçada reconheceu seu pai, e cahio de joelhos. Leoncio Peres arrastou-a para onde estavam os outros vultos.

Anna vio de um lado dous homens mascarados, do outro Gil Soares com uma mordaca na boca, atado a uma arvore, e perto delle dous cavallos sellados.

— O sitio era ermo ; não havia alli soccorro possivel.

— A cavallo ! disse Leoncio Peres á sua filha ; querias fugir, fugiremos.

Anna estava a ponto de desmaiar.

— A cavallo, repetio o velho terrivel e cruel.

E como não fosse logo obedecido, Leoncio fez que Anna Campista se approximasse de Gil Soares, e, tirando um punhal do ceio, tornou a dizer :

— A cavallo !

Anna pareceu não ouvir.

O velho descobrio o peito de Gil Soares, e marcando o lugar do coração, applicou ali a ponta do punhal, que penetrou algumas linhas.

A victima gemeu. Anna sentio o sangue do amante salpicar-lhe as mãos, e soltou um grito de dôr extrema.

— A cavallo ! bradou Leoncio com a mão no punhal.

Anna Campista, tremula e arquejante, montou a cavallo.

O velho imitou-a logo, e disse aos mascarados :

— Podeis retirar-vos ! e... silencio.

E quando não ouviu mais o ruido dos passos daquelles ferozes complices de uma vingança barbara e inhumana, Leoncio Peres tocou para diante do seu o cavallo em

que ia sua filha, e obrigou-o a romper em rapida carreira.

Dentro em pouco Gil Soares nem mais ouviu o tropel dos cavallos.

Quando dissipárão-se as trévas daquella tormentosa noite, Gil Soares foi encontrado ainda com a mordança na boca, com os vestidos cheios de sangue, o atado á arvore, como o deixára Leoncio Peres.

Debalde procurárão fazê-lo dar esclarecimentos sobre os motivos e os autores de semelhante violencia ; Gil Soares não se atreveu a accusar aquelle pai cruel e selvagem ; porque tambem a si accusaria, publicando a verdade.

Leoncio Peres e Anna Campista desapparecêrão para sempre ; o fim que ambos tiveram foi um mysterio que nunca se revelou, e de que provavelmente a natureza deveu horrorisar-se.

Eis-aqui a historia do incendio da *capella e do recolhimento de Nossa Senhora do Parto*, como a ouvi daquelle padre velho, de quem tenho já fallado aos meus companheiros de *passeio*.

Mas eu estou convencido de que este meu respeitavel informante arranja de vez em quando, e apesar de ser padre, suas petas muito honradamente ; e pois que não desejo que nos nossos *passeios* a verdade seja sacrificada aos encantos da imaginação, vou dizer o que é preciso para impedir esse grave inconveniente.

Quem quizer prestar fé inteira á historia que me contou o padre velho, póde fazê-lo, na certeza de que não

virá por isso grande mal ao mundo, e tenho a consolação de affirmar que muitas outras correm por ahí tão authenticas e positivas como esta.

Pela minha parte creio que o padre velho arranjou um romance em vez de contar-me uma historia veridica; entretanto estou habilitado para assegurar que ha nesse romance algumas verdades que convém indicar.

É exacto que Anna Campista e Mathilde existirão, forão casadas, esposas infieis, e encerradas por seus maridos, e em castigo das suas infidelidades, no recolhimento do Parto.

É exacto que viveu no tempo do vice-rei Luiz de Vasconcellos o tal doudo *Bota bicas*, e é absolutamente authentica a sua prisão, como é authentica a quadrinha, pela qual o vice-rei o mandou soltar.

É exacto que alguns pensarão e propalárão ter sido Mathilde que puzera fogo ao recolhimento; sobre Anna Campista, porém, recahirão ainda mais vehementes suspeitas da perpetração desse crime, porque a sua fuga pareceu a muitos seguro indicio de culpa.

É ainda verdade que Anna Campista desapareceu na madrugada de 24 de Agosto, aproveitando-se do tumulto e da confusão a que deu motivo o incendio, para effectuar uma fuga tão afortunada ou tão fatal, que não foi possivel descobrir-se o reIRO a que se acolheu, ou o fim que teve essa desgraçada, de quem não houve mais noticia, apesar de todas as indagações e diligencias das autoridades.

É emfim da mais completa exactidão o bello feito da-

quella recolhida, que ousou arrostar as chammas para salvar a imagem sagrada de Nossa Senhora do Parto.

Resume-se nisto o pouco que sei de mais positivo a respeito do incendio do recolhimento e da capella do Parto: contento-me com esse pouco, e deixo as glorias do romanesco e dos alinhos de imaginação ao meu amigo e informante, o padre velho.



XXXV.

A CAPELLA E O RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DO PARTO.

Emquanto com energia e actividade se empregavão todos os meios para atalhar o incendio que devorava a capella e o recolhimento de Nossa Senhora do Parto, o vice-rei Luiz de Vasconcellos occupava-se tambem das pobres recolhidas que não podião ficar na rua, nem acolher-se onde o seu recato não estivesse plena e religiosamente defendido.

Em falta de melhor asylo forão as recolhidas hospedar-se na casa dos terceiros franciscanos que servia de hospital, como ainda hoje o é, e alli recebêrão ellas todos os cuidados e soccorros.

Mathilde seguio o destino de suas companheiras, que sem de todo absolvê-la da culpa daquelle incendio, acabárão por considerar Anna Campista a principal criminosa.

Ao romper do dia 24 de Agosto o incendio tinha sido emfim dominado: mas da capella e do recolhimento só restavão as paredes ennegrecidas.

Luiz de Vasconcellos observava triste aos primeiros raios do sol os restos fumegantes dos dous edificios, quando, ao voltar os olhos, vio a dous passos o mestre Valentim.

— Está vendo, mestre! perdêmos em poucas horas o nosso trabalho de dous annos!

— Senhor vice-rei, disse o architecto friamente, a fazenda real, o culto religioso e a piedade perdêrão muito por certo; mas a arte...

— Que tem com isto a arte?...

— Não perdeu cousa alguma.

Luiz de Vasconcellos sorriu-se, e tornou logo depois:

— Perdôo-lhe esse egoismo de artista; mas o seu genio vai soffrer um novo tormento.

— Como?...

— Não temos dinheiro para levantar monumentos, e pois que ainda nos ficárão as paredes da capella e do recolhimento, é preciso que as aproveitemos nas novas obras da reedificação.

— Nas novas obras...

— Que devem começar immediatamente debaixo da sua direcção.

O mestre Valentim conhecia bem o homem que lhe fallava, e portanto não replicou.

Luiz de Vasconcellos tinha palavra e vontade forte, e no arbitrio e no despotismo recursos vigorosos para fazer-se obedecido.

Quando encontrava um obstaculo que lhe obstava a marcha, franzia as sobrancelhas, e o obstaculo desaparecia; em uma hora, com quatro ordenanças, realisava mais do que hoje o ministerio das obras publicas em um anno com toda a sua secretaria, e com todos os seus engenheiros, empregados, e exercito de trabalhadores.

Apezar disso, confesso que não quizera ter vivido no

tempo em que a liberdade e a sorte dos brasileiros pendão dos cabellos das sobranceiras do vice-rei.

Porém Luiz de Vasconcellos quiz, mandou, e fez-se.

Quentes estavam ainda as cinzas resultantes do incendio, e tinham já começado as obras da reedificação da capella e do recolhimento de Nossa Senhora do Parto.

Como por encanto apparecêrão madeiras, materiaes e trabalhadores de sobra.

E dirigindo as obras, solícito, infatigavel e zeloso mostrava-se correndo de um para outro lado, e fallando e gritando com um accento minhoto muito forte que adquirira em Portugal o feio mas habilissimo mestre Valentim, a quem todos conhecião mesmo de longe pelo infallivel capote de panno côr de vinho, que nas horas de trabalho e em seus passeios á noite trazia constantemente, quer fizesse calor, quer frio.

O capote côr de vinho do mestre Valentim era celebre no Rio de Janeiro, e mais de uma vez tinha sido o denunciante de seu dono, em algumas empresas amorosas.

Com tanto vigor e actividade forão as obras executadas, que acliárão-se promptas no fim do mesmo anno de 1789, e no dia 8 de Dezembro puderão voltar Nossa Senhora do Parto ao seu throno, e as recolhidas ao seu asylo.

A reedificação não mudou o aspecto nem as proporções dos edificios, o que não pouco incommodava o mestre Valentim.

— Então, mestre, perguntárão-lhe uma vez, concluiu enfim as suas obras?

— Aquellas obras não são minhas, respondeu o architecto : aquellas obras são do vice-rei.

Na tarde do dia 8 de Dezembro de 1789 toda a população da cidade do Rio de Janeiro acudio ao largo da Carioca, á ladeira de Santo Antonio e á rua do Parto para testemunhar a apparatusa solemnidade da volta de Nossa Senhora do Parto e das recolhidas aos seus antigos dominios.

Houve uma brilhante procissão em que tomárão parte diversas corporações religiosas e todas as pessoas gradas da capital.

A Senhora do Parto foi conduzida em um rico andor carregado aos hombros do vice-rei Luiz de Vasconcellos e dos homens mais graduados que a cidade contava.

Immediatamente depois do andor, vinhão as recolhidas duas a duas com os olhos baixos e dando graças ao céo em piedosas orações.

O povo mostrava entre as recolhidas a misera Mathilde, que caminhava menos alegre e mais perturbada que todas as suas companheiras.

A procissão, que sahira da igreja de Santo Antonio, onde tinha sido recolhida a imagem sagrada, seguiu logo para a capella reedificada, e ali foi a Senhora do Parto collocada no seu throno, e em seguida encerrárão-se as recolhidas no seu asylo.

No dia seguinte celebrou-se uma pomposa festividade religiosa na capella nova.

O vice-rei Luiz de Vasconcellos fez doação do que se despendêra com as obras da reedificação da capella e do

recolhimento á mitra do Rio de Janeiro, ficando pois desde então uma e outro debaixo da guarda e como propriedade episcopal, o que ainda mais confirmou a portaria do ministerio dos negocios do reino datada de 30 de Setembro de 1812.

Dezeseite annos mais tarde outra portaria de 13 de Novembro de 1829, essa porém do bispo do Rio de Janeiro, passou a capella e a casa do recolhimento de Nossa Senhora do Parto para o dominio do seminario episcopal de São José, como parte do seu patrimonio, com a obrigação de sustentar o mesmo seminario o culto religioso na capella.

Mas a esse tempo já o recolhimento pertencia apenas á historia do passado, tendo desaparecido essa instituição em consequencia de uma especie daquellas aposentadorias, que em seguida á vinda da familia real portugueza para o Brasil puzerão a tanta gente com os trastes na rua.

O palacio real tinha em 1808 conquistado o convento dos Carmelitas, e a igreja dos mesmos, que se tornára em capella real; e pouco depois operou a conquista do hospital da ordem terceira do Carmo, que ficava contiguo, e alli estabeleceu a bibliotheca tambem real, que foi franqueada ao publico; sendo, porém, indispensavel compensar a perda soffrida pela ordem terceira, deu-se-lhe a casa do recolhimento de Nossa Senhora do Parto, para ahi ser arranjado o hospital.

Esta mudança effectuou-se em 1814; desde 1812, porém, o recolhimento já tinha deixado de existir, ou

porque se calculasse com a necessidade da compensação, que se realisou dous annos mais tarde, ou porque tivesse parecido a casa das recolhidas precisa e conveniente para algum outro mister.

A santa casa da Misericordia foi o seio onde se abrigarão as meninas e moças que então ainda havião no recolhimento; é certo porém que nem todas seguirão esse destino, e que uma ou outra ficou vivendo no seculo, e recebendo uma pensão ou mensalidade paga, creio eu, pela mitra.

Ainda hoje vê ir correndo o tempo, e rende por isso e por outros favores graças a Deos uma, pelo menos uma, das antigas recolhidas de Nossa Senhora do Parto; mas não quero dizer quem é, nem onde móra, para poupa-la ás visitas e perseguições dos curiosos, que de ordinario se mostram sobremaneira impertinentes.

Assim pois o anno de 1812 pôz um ponto final ao recolhimento de Nossa Senhora do Parto.

Devemos ter saudade delle? creio que não.

Esse recolhimento nem era um estabelecimento creado para instrucção e educação de meninas, nem um convento de freiras; abrigo de mulheres sem voto, servio tambem, e muitas vezes, para reclusão de filhas e de esposas condemnadas por seus pais e por seus maridos.

Como simples retiro destinado áquellas que aborrecidas do seculo desejavão fugir ao mundo e consagrar-se exclusivamente a Deos, era sem a menor duvida muito desnecessario; porque a mulher que, desenganada das illusões do seculo, quer engolfar-se no amor divino, tem

o mais completo dos retiros do mundo no exclusivismo desse amor puro e santo; que receia ella fóra das grades e dos muros de um recolhimento? a tentação do diabo? Ah! por ventura o diabo não tem penetrado mil vezes nos recolhimentos e nos claustros? Não é o habito que faz o monge.

Como reclusão para filhas desobedientes e esposas infieis, era um abuso da prepotencia do homem sobre a mulher, e um castigo que a lei não autorisa nem póde autorisar; porque além de tudo permittia que o homem fosse ao mesmo tempo juiz e algoz, e que a ré, criminosa ou não, fosse julgada, condemnada e punida sem que pudesse um só momento fazer-se ouvir.

Convenho em que era um excellente recurso para os maridos que se aborrecião de suas mulheres; mas a religião não deve proteger a prepotencia.

Como estabelecimento de educação para o sexo feminino, poderia ser muito util, uma vez que fosse bem dirigido; mas ainda bem que não perdurou sendo o que era; porque, se houvesse perdurado, talvez estivesse agora entregue a certas professoras de religiosa importação, que no Brasil florecem fóra da lei ou acima da lei, pois que nem ao menos são sujeitas a exame das materias que ensinão, sendo aliás isso a todos determinado, e de todos exigido pelos regulamentos da instrucção publica.

E bom foi que não tivesse sido convento de freiras em vez de simples recolhimento de mulheres sem voto o asylo de Nossa Senhora do Parto, porque assim contamo^s

de menos um desses anachronismos de podra e cal que ainda hoje existem, uma dessas tristissimas prisões, onde, a par de algumas, talvez bem poucas, respeitaveis e santas vocações, gemem em perpetuo tormento muitas pobres senhoras que poderião ter sido dignas e virtuosas mãis de familia, e dado á patria filhos prestantes e benemeritos.

Não me chamem irreligioso : a religião não pôde andar em briga com a natureza ; a primeira lei de Deos não pôde ser ultrajada pelos homens em nome do mesmo Deos.

A mulher que por vocação, por arrependimento ou por qualquer outro motivo entender que lhe cumpre separar-se do mundo, e procurar ser agradavel a Deos, sujeitando-se a quantas privações e austeridades se observão nos conventos mais rigidos, pôde bem fazê-lo em sua casa, e por certo que será pratica mais meritoria a observação de todas as regras claustraes no seio da liberdade, do que dentro dos muros de uma prisão, e em consequencia de um voto perpetuo, que equivale a um suicidio moral.

Os conventos são sepulturas de muitos corações que palpitão almejando de balde a vida.

Um voto de freira é um roubo feito á sociedade ; é a morte antes de se ter morrido ; nas portas dos conventos estarião bem cabidas as palavras que o Dante escreveu na entrada do seu inferno.

Mas por onde vou eu ? fiz protestos de concisão, e estou divagando como um deputado que falla sobre o voto

de graças ! E em que me fui metter ? quem sabe se desabará sobre mim alguma horrivel trovoada ?

Corro a abrigar-me no seio sagrado : entro na capella de Nossa Senhora do Parto.

Já dei uma ligeira idéa do triste e feio aspecto exterior desta capella e do antigo recolhimento que, se exteriormente não é feio nem triste, mostra-se pelo menos irregular. muito commum e sem belleza alguma de architectura.

Completarei agora aquellla rapida e insufficientissima descripção estudando o interior da capella.

Do antigo recolhimento fallarei mais tarde, quando visitarmos o hospital da ordem terceira do Carmo.

O nosso muito ligeiro exame e passageira apreciação hão de limitar-se á sacristia e ao corpo principal da capella.

Comecemos pela sacristia.

É ella uma sala simples e pobre, mas proporcionada em tudo ao resto do edificio de que faz parte.

Entretanto encontrão-se presos ás paredes desta sacristia preciosos thesouros artisticos, que devem ser conservados com amor.

Além de um retrato do actual e venerando bispo conde de Irajá, obra de arte devida ao pincel do Sr. Silva Manoel ; e de um retrato cujo autor não conheço, e que perpetua o nome de *Fr. Francisco de Genova, missionario apostolico capuchinho ex-pro-commissario, fallecido no dia 3 de Abril de 1852*, religioso sem duvida prestante, a quem a veneravel ordem terceira de Nossa Senhora das Mercês. *em agradecimento aos seus rele-*

rantes serviços, fez retratar para conservar a sua memoria; além desses dous, digo eu, ainda ha um retrato do vice-rei Luiz de Vasconcellos, e mais dous quadros, cujo valor augmenta á medida que o tempo vai correndo.

O primeiro desses quadros representa o incendio do recolhimento e capella de Nossa Senhora do Parto, lendo-se abaixo da pintura a seguinte nota: « *Fatal e rapido incendio que reduzio a cinzas em 23 de Agosto de 1789 a igreja, suas imagens e todo o antigo recolhimento de Nossa Senhora do Parto, salvando-se unicamente illesa d'entre as chammas a milagrosa imagem da mesma Senhora.* »

Cumpre observar que nesta nota vem marcado o dia 23 de Agosto, como aquelle em que teve lugar o incendio: é um erro, a que deu causa o haver-se ateado o fogo nas primeiras horas do dia 24. Todos os chronistas marcão o mesmo dia e a mesma data que eu marquei, excepto o padre Luiz Gonçalves dos Santos, que nas suas *Memorias* diz na noite de 23 para 24 de Agosto de 1787, o que é erro ainda maior.

O segundo quadro representa a capella e o recolhimento já reedificados, e traz, como o primeiro, a sua nota: « *Feliz e prompta reedificação da igreja e todo o antigo recolhimento de Nossa Senhora do Parto, começada no dia 25 de Agosto de 1789 e concluida em 8 de Dezembro do mesmo anno.* »

Nestes paineis se descobrem as figuras do vice-rei Luiz de Vasconcellos e do mestre Valentim, e são ainda mais apreciaveis, e o serão dobradamente para os vindouros,

porque ali se podem estudar os trajos da época desenhados com fidelidade e belleza.

Estes dous painéis e o retrato de Luiz de Vasconcellos são do mestre Leandro Joaquim.

Além das obras d'arte que acabo de mencionar, ha na sacristia uma porção de parede coberta de pés e pernas, mãos, cabeças, seios e até meninos de cêra, cumprimentos de promessas devotas e agradecidas á bondade e misericordia divina. São os testemunhos em cêra dos milagres que tem dado assumpto a mil epigrammas de certos viajantes que, quanto menos observão, mais fallão.

A capella propriamente dita contém, além do altarmór, onde é adorada Nossa Senhora do Parto, mais quatro altares, e ainda um portatil do lado da epistola, e uma capellinha de Nossa Senhora das Dôres do lado do Evangelho.

A imagem de Nossa Senhora do Parto ainda hoje é, e deve ser sempre a mesma que foi salva das chammas.

Os quatro altares lateraes tem um painel de Santa Cecilia e alguns outros, que são todos obra de Leandro Joaquim.

Duas palavras sobre este artista.

Leandro Joaquim foi contemporaneo do celebre Manoel da Cunha, que pintou o tecto da capella do Senhor dos Passos na capella real, e hoje imperial; teve um pincel suave, como diz o Sr. Porto-Alegre, e deixou muitos quadros na igreja de São Sebastião do Castello, na de Nossa Senhora do Parto, conforme acabamos de vêr, e provavelmente em outras.

Nada mais sei de Leandro Joaquim, e pena é que tão pouco se saiba dos nossos artistas.

Acabemos com o estudo da capella.

O côro chama agora e por ultimo a nossa attenção. Encontrão-se ali, embora em quasi abandono, os signaes postrêmos do antigo recolhimento.

O côro da capella, aberto aos musicos que devem acompanhar com seus cantos as solemnidades religiosas, está collocado entre um outro defendido por grades de páo, que era o côro das recolhidas, e o locutorio, que se mostra ainda no fundo da capella vedado por grades tambem de páo.

O locutorio servia tambem de commungatorio ás recolhidas, e além de commungatorio, de sepulcrario a essas pobres creaturas.

Hoje em dia está o antigo locutorio reduzido a armazen de trastes velhos: quem entra porém alli, ainda vê no meio de cadeiras e de armarios desconjuntados o esquite em que crão por algumas horas depositados os cadaveres das recolhidas que morrião, e ainda póde contar as sepulturas que as esperavão, carceres da morte preparados no seio de um carcere da vida.

Não tenho mais que descrever; restão-me porém algumas, bem poucas, recordações a deixar aqui registradas.

A capella de Nossa Senhora do Parto já teve o seu tempo de esplendor.

Celebravão-se nella festas pomposas, sendo entre outras muito notavel a de Santa Cecilia, cujo culto os musicos tinhão, e tem tomado a seu cargo.

Ouvirão-se nessa capella os nossos principaes oradores sagrados ; mas por certo que não póde contar-se no numero delles um padre Fuão de tal Macedo, que andava de habito de Rillafoles, e que alli ia prégavar muitas vezes com o fim de doutrinar o povo.

Esse padre Macedo não prégava sem ajudante, e o seu ajudante era sempre algum menino por elle industriado.

O padre subia ao pulpito, e em baixo do pulpito postava-se o menino.

Começava o orador o seu discurso, e immediatamente estabelecia um dialogo com o ajudante, que em caso de aperto, por esquecimento do seu papel, tinha o recurso de responder a tudo, bradando : « Sim, padre ! sim, padre ! »

Ainda vivem pessoas que ouvirão alguns desses sermões em dialogo, prégados pelo padre Macedo.

Organisárão-se na capella de Nossa Senhora do Parto algumas irmandades, e entre ellas floresceu bastante a de Santa Cecilia, irmandade de que proveio, penso eu, a sociedade de musica do Rio de Janeiro, instituição de beneficencia, a quem deve o Brasil a fundação de um conservatorio de musica, que andou manquejando por muito tempo, que ainda hoje não anda o melhor possivel, sendo de esperar (a esperanza é tão doce !) que dentro em pouco marche perfeitamente como convém ao paiz e á arte musical.

Uma das irmandades estabelecidas na capella de Nossa Senhora do Parto deve desvanecer-se de uma singularidade : pois, se não me engano, tem uma reforma do seu

compromisso approvada, e talvez sancionada, por portaria, ou talvez por decreto de um juiz de paz.

A reitoria do seminario de São José, pelo direito que lhe deu o bispo com a portaria de 13 de Novembro de 1829, se occupa desde algum tempo em recuperar diversos bens pertencentes á capella de Nossa Senhora do Parto, e que, segundo parece, não erão por ella aproveitados, e consequentemente forçada se tem visto a demandar com o governo e com irmandades.

Reivindicando a posse da casa do antigo recolhimento, mostrou aquella reitoria o seu direito ao governo, e com este conseguiu a 15 de Abril de 1861 fixar um contrato de locação da mesma casa por nove annos.

Em suas questões com algumas irmandades das estabelecidas na capella de Nossa Senhora do Parto, vai sendo igualmente feliz a reitoria do seminario de São José.

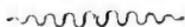
Não tenho nem tempo, nem disposição para estudar profundamente essas questões judiciaes da mitra ou do seminario de São José com o governo e as irmandades estabelecidas na capella de Nossa Senhora do Parto; preciso seria fazê-lo para que, no tribunal do meu *passeio*, dêsse eu a minha *sêntença*.

Salto por cima dessas questões, e deixo a cada uma das partes o cuidado de sustentar e provar o seu direito; mas não posso abster-me de confessar que tenho motivos para fazer uma censurazinha, ou mesmo censurazona ao seminario de São José e ás irmandades estabelecidas na capella de que trato.

Quem entra nessa capella encontra os altares cheios de poeira, as paredes nunca espanadas, e uma falta de asseio e de cuidado, que são verdadeiras offensas ao culto.

Quem deve carregar com a culpa de tanta incuria? sobre quem deve cair tanta poeira? não discuto, não sei: sustento sómente que ha necessidade de algumas *escovadellas*.

Tal foi o recolhimento, e tal foi e tal é a capella de Nossa Senhora do Parto.



XXXVI.

A SÉ DO RIO DE JANEIRO.

Positivamente não contaveis com um *passeio* à *Sé do Rio de Janeiro*.

Quando nos occupámos do *Palacio Imperial*, visitastes e estudastes comigo a igreja do antigo convento do Carmo, elevada a cathedral desta cidade por alvará de 15 de Junho de 1808, e sem duvida vos supuzestes por isso livres de um novo *passeio* exclusivamente destinado á *Sé*.

Accrescentai mais uma suave illusão ao numero das vossas illusões perdidas : armai-vos de paciencia, porque eu resolvi dar na *Sé* com todos os meus companheiros de *passeio*, e temos muito que andar.

Aqui não ha appellação nem *aggravo* ; sou senhor absoluto nos meus *passeios* ; ha tantos subdelegados que governão como reisinhos absolutos na sua terra, que não deve admirar que eu me faça dictador na minha obra. Aquelles bichos não são melhores do que eu.

Preparem-se, já disse. Não julguem que o nosso *passeio* á *Sé* vai ser feito muito commoda e agradavelmente, seguindo pela rua do Ouvidor, parando diante da *Notre Dame de Paris* para admirar as sedas expostas, comprando *coroneis* no Desmarais, e ao chegar á rua Direita, descansando um pouco nos *banquinhos do boulevard Carceller*, e entrando emfim na Capella Imperial para

ouvir o cantochão dos conegos, que realmente desafinão muito ; porém não tão desastradamente para o thesouro nacional, como as companhias lyricas italianas que tem a sua sé no *Provisorio*, abysmo permanente do dinheiro publico.

Desenganem-se e apromptem-se : temos que acompanhar a Sé e o competente cabido, que fizerão mais mudanças do que os franciscanos e os carmelitas, ou tantas como os inquilinos que deixão de pagar aos proprietarios o aluguel das casas em que morão.

Comecemos.

A cathedral do Rio de Janeiro e o corpo capitular estabelecêrão-se aponas se realisou a sua instituição na primeira matriz da cidade, na igreja dedicada ao martyr S. Sebastião.

Mas onde era essa igreja de S. Sebastião?...

É impossivel proseguir no nosso *passeio* sem deixar esclarecido este ponto.

Cumpre contar em quatro palavras uma longa historia.

Os francezes são tidos na conta de homens de tanto espirito como bom gosto, e eu creio que elles merecem desde o meiado do seculo decimo sexto esta reputação ; porque, emquanto os portuguezes, descobridores do Brasil, depois do mais de vinte annos de empenhos de colonisação dos seus dominios da America, deixavão deserta e desestimada a magnifica Nicterohy, namorárão-se da formosa cabocla tão perdidamente os francezes, que um bello dia ousárão com mão armada apoderar-se della.

Os portuguezes trocarão então a indiferença por amor, e ciumentos daquelles intrusos apaixonados virão, no fim de cinco annos, em 1560, atacar o estrangeiro que dominava no Rio de Janeiro. Mem de Sá, o terceiro governador-geral do Brasil, foi quem dirigio a empresa, e ficou vencedor; mas chegou, vio, venceu, e... foi-se; e apenas foi-se, tornárão os francezes vencidos, porém não convencidos, a occupar as suas posições.

Realmente fôra um muito gastar de polvora sem proveito algum. Mem de Sá regalou-se de dar pancada, e não colheu resultados reaes: deu pancada de cego; pôz os intrusos fóra da casa, mas logo retirou-se, deixando a casa sem moradores e com a porta aberta.

E que porta!.... a barra do Rio de Janeiro.

Os francezes tornárão a entrar, e fizeram muito bem.

Portugal devia ter mandado um bom *presente* ao rei de França, que não soube ou não pôde acudir com reforços poderosos aos poucos vassallos seus que estavam sonhando com a *França Antartica* no Rio de Janeiro.

Mas, abandonados pelo seu governo, os francezes, no fim de outros cinco annos virão chegar á formosa bahia de Nicterohy Estacio de Sá, sobrinho do governador-geral do Brasil, á frente de uma columna de portuguezes, para lança-los fóra das posições que occupavão.

Os francezes são poucos; tinham porém a seu favor o concurso valioso dos *tamoyos*, que os estimavão.

Estacio de Sá reconheceu que a expulsão dos francezes do Rio de Janeiro não era questão de pouco mais ou menos, e como trazia a incumbencia gloriosa de fundar

uma cidade que dominasse a magestosa bahia, desembarcou junto do Pão de Assucar, é na bella praia, que durante algum tempo se denominou de *Martim Afonso*, e depois ficou sendo chamada *Praia-Vermelha*, lançou no anno de 1565 os fundamentos de uma cidade a que deu o nome de *S. Sebastião do Rio de Janeiro*.

Convém saber, pelo sim pelo não, que o nome da cidade foi mais aconselhado pela devoção a um grande senhor da terra, do que pela que era devida áquelle santo martyr do céo. Estacio de Sá neste caso fez de S. Sebastião um páo de cabelleira para render seus cultos ao rei de Portugal D. Sebastião. Foi um *dom* escondido atraz de um *santo*.

Não me chamem má lingua. Brito Freire foi quem me revelou o segredo desta mystificação, de que foi victima o santo, porque escreveu no livro I, § 78 da sua *Guerra Brasilica* que «chamarão (a cidade) de S. Sebastião, vinculando a lisonja de el-rei que era do mesmo nome daquelle tempo, á devoção do santo ».

E o mais é que a lisonja sabe a assucar mesmo ao paladar dos santos. S. Sebastião tanto gostou da lembrança de Estacio de Sá, que chegou a descer do céo, como em breve terêi occasião de dizer, e mostrando-se no Rio de Janeiro a frente dos portuguezes, deu pancada velha, e pôz em debandaça os francezes e tamoyos que teimavão em resistir.

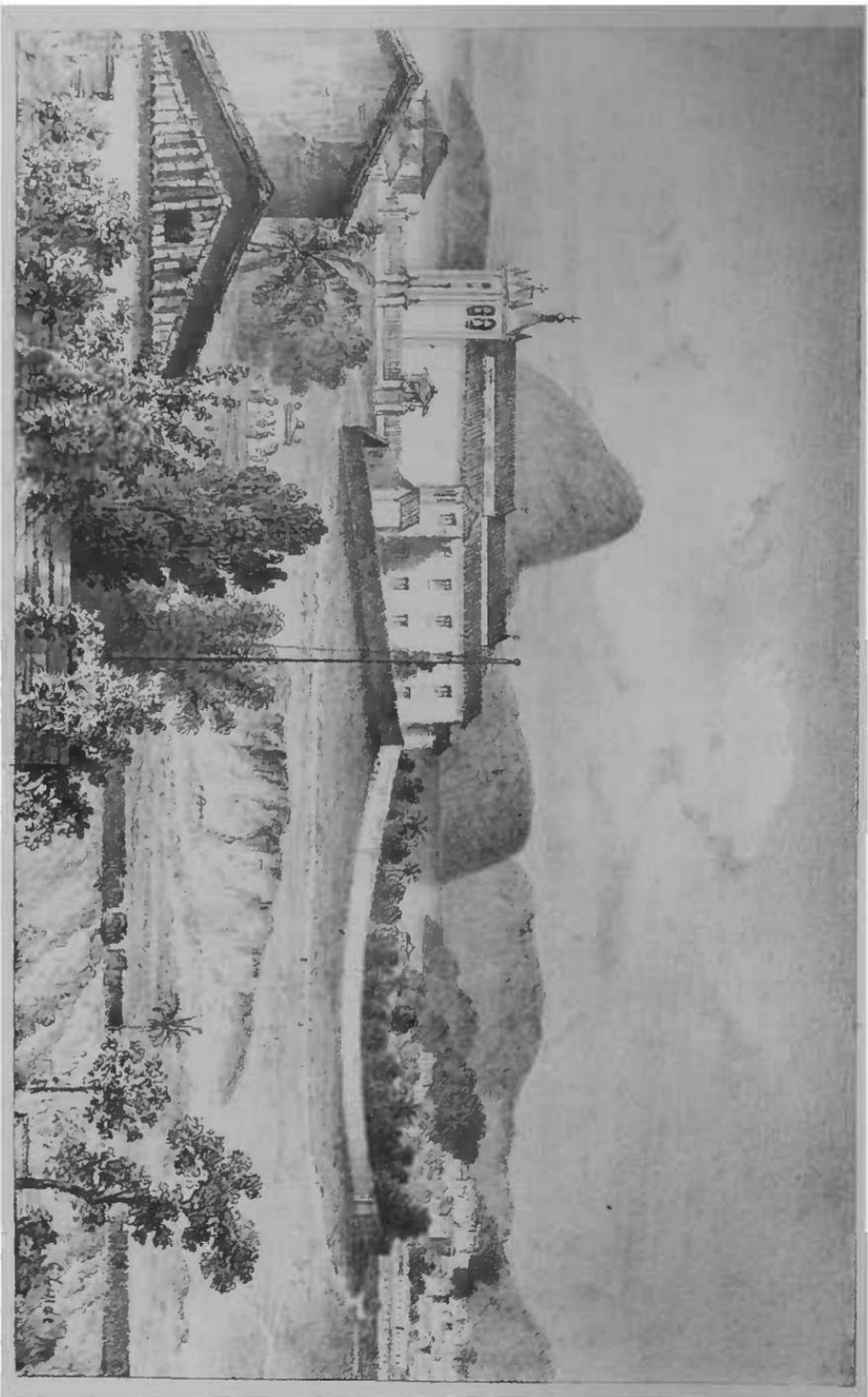
Continuemos porém a historia : lançados os fundamentos da cidade, isto é, resolvida a sua fundação na *praia*

de Martim Affonso, levantou-se uma igreja a S. Sebastião. Foi um templo edificado em poucos dias, e não passou de uma casa de páo a pique com o seu tecto coberto de palha.

Não tenhais pena de S. Sebastião pela rudeza e humildade da sua primeira igreja entre nós. Eu creio que nessa casa de palha elle foi mais sincera e piedosamente adorado, do que o são actualmente todos os santos e santas em seus ricos templos e com as suas brilhantissimas festas annunciadas pelas gazetas a modo de espectaculos de theatros, com a declaração do maestro que vai reger a musica, das moças bonitas que vão cantar os solos, e não sei mesmo se do fogueteiro que fabricou as girandolas.

Quasi dous annos corrêrão em que Estacio de Sá com os portuguezes na praia de Martim Affonso, e os francezes nos pontos que occupavão levárão a trocar ballas e seus indios a trocar flexas com verdadeira inutilidade, até que a 19 de Janeiro de 1567 chegou o governador-general Mem de Sá em soccorro do sobrinho, e como o dia seguinte, 20 de Janeiro, fosse consagrado a S. Sebastião, aproveitou a coincidencia para atacar os francezes, e o fez com tanto ardor que completamente os derrotou, tomando-lhes todas as suas fortificações e destruindo todas as suas esperanças de França Antartica.

Renhida e terrivel foi a peleja ; a victoria porém não podia deixar de declarar-se pelos portuguezes, porque do lado contrario batalhavão os sectarios de Calvino, e nas columnas de Mem de Sá verdadeiros catholicos, en-



IGREJA DE S. SEBASTIÃO.

Instituto Artistico lith.

tre os quaes combatia, segundo a voz da tradição, o proprio santo martyr S. Sebastião.

Declaro que neste ponto não invento um romance do máo gosto, nem repito historia que me fosse contada polo meu amigo o *padre velho*. Apenas e simplesmente refiro uma tradição conservada por alguns autores.

Brito Freire diz relativamente a S. Sebastião as seguintes palavras: « a quem os portuguezes acclamárão padroeiro em esta guerra, porque n'algumas occasiões mais apertadas (referem as relações manuscriptas do veneravel padre José de Anchieta) que a favor dos nossos so vira pelejar contra os inimigos ».

Rocha Pita, ainda mais positivo, tratando da fundação da cidade do Rio de Janeiro, escreve o seguinte: « Deu-se-lhe o nome de S. Sebastião, a cujo patrocínio attribuirão todos aquella victoria, om que houve indicios certos (como é tradição constante) que fôra nella capitão, sendo por muitas pessoas visto no combate pelejar diante dos portuguezes um mancebo tão valoroso quanto desconhecido, quo a piedade o a devoção julgou ser o glorioso santo ao qual havião tomado por protector, memoria que sempre conservou aquolla cidade nos cultos de padroeiro que lhe dedica ».

Entrego a tradição aos meus companheiros de *passeio* tão fielmente como a recebi. Dei os pais á criança, e portanto estou livre de toda a suspeita de paternidade.

Mas não se comem trutas a bragas enxutas. S. Sebastião tornára invictos, porém não invulneraveis os portuguezos. Estacio de Sá foi na peleja ferido no rosto por

uma flexa, e morreu depois de não poucos dias de soffrimentos, recebendo sepultura sob o tecto de palha da igreja que levantára.

Mem de Sá, que era obrigado a voltar para a cidade do Salvador, capital do Brasil, resolveu primeiro mudar da Praia-Vermelha para melhor posição o assento da nova cidade, e acertou escolhendo um monte que depois se chamou do *Castello*, e a praia que lhe fica vizinha; deu logo principio aos trabalhos, e retirando-se enfim, nomeou governador do Rio de Janeiro outro sobrinho seu, Salvador Corrêa de Sá.

Indubitavelmente o novo governador, Salvador Corrêa de Sá, prestou muitos serviços e mostrou-se digno da honra que lhe fizera e da confiança que depositára nelle seu tio: mas esta successão de parentes não sei se trouxe comsigo um cheirinho de máo agouro... dir-se-ia que o Rio de Janeiro estava destinado a ser uma especie de fendo de um circulo privilegiado. Eu embirro com o dominio dos sobrinhos de seu tio sobre qualquer terra e qualquer povo. É uma simples embirração. Vamos adiante.

Roma não se fez n'um dia, e portanto não é de admirar que a cidade do Rio de Janeiro não se fizesse em um anno.

Salvador Corrêa de Sá animou os colonos portuguezes, excitou-os a levantarem suas cabanas, e deu-lhes bom exemplo construindo no morro do *Castello* o seu primeiro palácio, que sem duvida foi de páo a pique e tecto de palha. Os Jesuitas atranjavão o seu ninho no Rio de Janeiro, tendo um dos olhos fito no gentio, o

outro no futuro, e a alma occupada ao mesmo tempo de serviço espiritual de Deos, e das conveniencias temporaes deste mundo. Erão (e dizem que continuão a ser) uns padres que sabião arranjar perfeitamente os seus negocios, adorando a Deos, e entendendo-se com o diabo.

A nova cidade ia-se desenvolvendo; construío-se casas no morro do Castello e perto do mar no sitio occupado depois pela santa casa da Misericordia e em suas circumvisinhanças.

A nascente, e já despresada povoação da Praia-Vermelha, ficou sendo chamada *Villa Velha*, até que esse mesmo nome perdeu com o desaparecimento das cabanas que a formavão, e que pouco e pouco forão cahindo.

O que eu não sei ao certo, mas admitto como provavel, é que Salvador Corrêa de Sá mandasse levantar no morro do Castello alguma capella provisoria; mas é positivo que desde logo esse activo governador metteu mãos á obra de uma nova igreja mais decente feita de grossa taipa, como permittião as circumstancias do tempo; infelizmente porém esses trabalhos parárão com a terminação do seu primeiro governo.

No anno de 1568, ou no seguinte, Christovão-de Barros veio substituir a Salvador Corrêa de Sá, e não deixou seu nome lembrado por feito algum importante no governo da nascente cidade: em 1574 o Dr. Antonio Salema succedeu a Christovão de Barros, trazendo o elevado character de governador-geral das capitancias do sul do

Brasil, e cuidou mais em matar e escravisar Indios do que no culto divino. Entendeu lá para si o sabichão magistrado que era menos digno do seu alto poder acabar a casa começada para S. Sebastião, do que incendiar aldêas de gentio, fazer horrorosas matanças nesse rude povo, e lançar em cadêas de nefanda escravidão alguns mil caboclos que cahirão em suas mãos quando elle já estava bem farto de sangue : não construiu, destruiu ; a béca do famoso magistrado deixou no Rio de Janeiro um rasto de sangue e de horrores : era uma béca que levava fogo na cauda.

Dizem que o Dr. Antonio Salema foi um grande civilizador, e que poz tudo em boa ordem nos seus domínios. Ah, meu Deos ! quanto aleive se tem levantado ás idéas de civilisação e de ordem ! Erão capazes de dar patente de civilizador a um tigre, e de chamar ordeiro a um algoz !

Em 1578 Salvador Corrêa de Sá tornando a ser encarregado do governo do Rio de Janeiro, deu novo impulso á obra da igreja que mandára construir no alto do morro do Castello, e conseguiu enfim vê-la de todo acabada no anno de 1583.

Foi esta a segunda igreja de S. Sebastião no Rio de Janeiro.

Ignoro se a sagrada imagem do padroeiro da cidade foi nesse anno levada para sua nova casa, ou se desde algum tempo alli já se achava em algum altar provisoriamente armado ; mas com certeza forão em 1583 transferidos para a igreja mencionada os ossos de Estacio

de Sá, que descansavão na sua sepultura da capella de *Villa Velha*.

A trasladação dos ossos do primeiro governador do Rio de Janeiro, o valente capitão que sellou com o seu nobre sangue a victoria dos portuguezes em Janeiro de 1567, foi feita com todas as honras militares e religiosas, e sobre a sua campa, na igreja nova do Castello, ficou gravado o seguinte epitaphio : « Aqui jaz Estacio de Sá, primeiro capitão e conquistador desta terra e cidade, e a campa mandou fazer Salvador Corrêa de Sá, seu primo, segundo capitão e governador, com as suas armas : e essa capella acabou no anno de 1583 ».

Declarou o padre José de Anchieta, o muito celebre jesuita, que *Estacio de Sá fallecêra com grandes signaes de virtude que em toua aquella conquista tinha mostrado, e que no acto de se abrir a sua sepultura e de se trasladarem seus ossos experimentára um servo de Deos da companhia de Jesus que sahia delles um cheiro suave, como signal de que gozava sua alma da felicidade da gloria.*

Pizarro pensa com razão que o tal servo de Deos da companhia de Jesus, que experimentára o cheiro suave, fôra o proprio padre José de Anchieta, e eu pela minha parte limito-me a dar noticia do caso com o nome da testemunha que o referio, e abstenho-me de reflexões.

Áparte a questão do cheiro suave dos ossos de Estacio de Sá, é indubitavel que a sepultura desse illustre varão tem para nós grande importancia historica ; e assim o entendeu o actual imperador do Brasil o Sr. D. Pe-

dro II, quando, ainda bem joven, em 1842 ou 1843, depois de uma visita com que honrou a escola de medicina, foi pessoalmente procurar aquella sepultura na igreja de S. Sebastião do Castello, e ahí gastaria sem duvida bastante tempo antes de descobri-la, pois que nenhum dos empregados da igreja tinha idéa dessa antigualha, se entre diversos estudantes de medicina que tiverão licença para acompanhar Sua Magestade, não se achasse um que por muito louvavel curiosidade tinha já descoberto aquelle thesouro da historia do passado, conseguindo decifrar o epitaphio do primeiro governador do Rio de Janeiro.

O estudante de que fallo é hoje o Sr. Dr. José Ribeiro de Souza Fontes, lente da escola de medicina, que se ufana de contemplar nelle um dos seus mais illustres filhos.

Estou convencido de que actualmente a sepultura de Estacio de Sá é objecto dos mais sollicitos desvelos dos frades barbadinhos que se achão de posse da igreja de S. Sebastião do Castello; porque estes religiosos quere-rão provavelmente pagar, ao menos, com um tão louva-vel cuidado, as innocentes e civilisadoras conquistas que vão effectuando no morro onde se forão asylar.

Á vista do que acabo de expôr, creio que fica bem e positivamente determinado que S. Sebastião, o padroeiro da nossa heroica e leal cidade, teve o seu primeiro altar em uma casa de palha na Praia-Vermelha, e o segundo em uma casa de taipa no monte do Castello, e que nesta recebeu o cabido do Rio de Janeiro.

Esclarecido pois este ponto, entremos no estudo da Sé do nosso bispado.

Mas... eis ahí o morro do Castello que pede a palavra pela ordem, e exige que lhe paguemos o tributo de alguns momentos de attenção.

É impossivel não satisfazer uma tão justa exigencia; a Sé não póde ser impaciente : bem vê que é um monte que está clamando.... ah! e eu tenho bem receio que deste clamor de montanha vá nascer um ratinho.

Não importa : direi alguma cousa da historia do morro do Castello.

Os francezes, que por doze annos, de 1555 a 1567 dominarão na bahia do Rio de Janeiro, nunca passarão de algumas ilhas e da praia, e se alguns delles subirão uma ou outra vez o monte que depois se chamou do *Castello*, só o fizerão por curiosidade, ou talvez seguindo a pista de alguma bonita caboclinha.

O sitio que mais visinho do morro do Castello os francezes occuparão foi o que muito mais tarde veio a chamar-se *Ponta do Calabouço*, e ahí deixarão elles algumas obras de fortificação que depois o governador Martim de Sá ou Martim Corrêa de Sá adiantou notavelmente, e dizem alguns, á custa da propria fazenda, elevando-o á categoria de *forte*, que recebeu o nome de *S. Thiago*.

O vice-rei marquez de Lavradio reconstruiu este forte, e accrescentou-lhe a praça e a força. Durante muitos annos chamára-se aquelle sitio *Ponta da Misericordia*; mas acabou por trocar esse nome pelo de *Ponta do Cala-*

bouço, que ainda conserva, apesar de haver perdido a triste condição que lh'o fizera merecer.

O morro do *Castello* não se chamou, nem havia razão para ser chamado do *Castello* nos primeiros tempos. O padre Simão de Vasconcellos, fallando da fundação do collegio dos jesuitas na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, não dá nome ao sitio onde se estabeleceu o collegio, e a carta regia da rainha regente, que permittio tal fundação, diz apenas « *um segundo collegio na capitania de S. Vicente* »; e assim o diz, porque o Rio de Janeiro estava dentro dos limites dessa capitania.

Morro de S. Sebastião foi sem duvida o primeiro nome que recebeu o monte, berço primitivo da capital do imperio do Brasil, e assim se encontra elle designado em algumas memorias e documentos antigos; donde lhe veio tal denominação é tão claro que nem tomo o trabalho de explicar.

Quando começou esse morro a chamar-se do *Castello*, não sei bem, mas é de suppôr que fosse no primeiro quartel do seculo decimo setimo, depois que o governador Martim de Sá fez construir uma fortaleza na eminencia do monte, *com grande circumferencia*, diz Rocha Pita, *e feita em um semicirculo pela parte da cidade, e pela outra fechada com a torre da polvora*.

Esta obra de defesa foi cerca de cem annos depois despresada, e ahi se collocou e.n tempos muito mais proximos o telegrapho, tendo si.lo antes de 1711 construida outra praça mais ampla e mais regular, dentro da qual,

e no meio de um espaçoso pateo, se abriu uma profunda e famosa cisterna.

Pouco mais ou menos nesta mesma época, isto é, logo depois do ataque da cidade do Rio de Janeiro pelos francezes commandados por Duclerc, levantou-se um reducto que cobria o desembarque nas praias de Santa Luzia, e de Nossa Senhora da Gloria, e como fosse dedicado a S. Januario, deu-se a essa parte do monte que fica da igreja de S. Sebastião, ou *Sé-Velha*, para o lado do convento da Ajuda o nome de S. Januario; mas houve por isso mesmo não pouca gente que chamasse indistinctamente todo o morro ora do *Castello*, ora de *S. Januario*.

No reducto de S. Januario estabeleceu-se o laboratorio de fogos artificiaes, como diz Pizarro.

Vivemos, graças a Deos, em tempos de perfeita paz, e em que não ha receios nem de invasões de inimigos externos, nem do flagello de guerras civis; dessas fortalezas restão pois unicamente vestigios, e no leito da primeira que se construiu no Castello, vê-se hoje um jardim modesto que em letras de verde relva se annuncia dedicado ao bello sexo pelo director do telegrapho alli levantado, o excellente velho coronel Gabizo, que apezar dos seus cabellos brancos e avançados annos, folga ainda de ver engraçados e alegres ranchos de moças bonitas aprazendo-se e passeando nos seus dominios.

Com effeito, o telegrapho do Castello com seu jardimzinho e seu pateo, suas ruas e sua fonte, e sobretudo com a sua feliz situação avassallando a cidade do Rio de Janeiro e a magnifica bahia de Nictheroy, é um dos mais fre-

quentados e estimados passeios da capital, e principalmente aos domingos e dias feriados não ha tarde em que uma multidão festiva, ruidosa de contentamento, e atrahida pelo mais formoso panorama, não vá aproveitar-se das innocentes e suavissimas delicias que lhe facilita o sempre obsequiador coronel Gabizo, alli no throno dos seus estados telegraphicos.

Naquelle sitio aprazivel e encantador os olhos tem sempre um quadro admiravel a contemplar na magestosa natureza do Rio de Janeiro, os ouvidos tem ás vezes segredinhos mysteriosos e ternos a roubar a namorados que se atração em seu embevecimento, os corações perigos a correr expostos á impressão das graças e da belleza de mil jovens interessantes e lindas, que bebem a agua da Carioca, agua encantada e mimosa, que, conforme dizem muitos, e entre esses Rocha Pita « é fama acreditada em seus naturaes que faz vozes suaves nos musicos, e mimosos carões nas damas » ; e os pulmões emfim exultão respirando um ar livre, puro, suave e bem diverso daquelle com que a illustrissima camara municipal inficiona e envenena o respeitavel publico nas ruas imundas da cidade.

Ah! eu contava despedir-me do morro do Castello neste primeiro *passeio* á Sé do Rio de Janeiro, e reconhecimento agora que não se deixa este celebre monte com duas razões e meia!

Tenho ainda muito que dizer a respeito delle ; mas é de regra que não se faça um longo discurso sem molhar a palavra. A regra ó parlamentar: foi estabelecida na

camara temporaria, adoptada por unanimidade de votos no senado, e portanto posso bem admitti-la nos meus *passeios*.

Vou beber um cópo d'agua.

No corpo legislativo quem paga os cópos d'agua (e são caros como brilhantes sem jaça) é o thesouro publico ; neste meu *passeio* quem m'o vai pagar é o meu velho amigo o coronel Gabizo.

Descansem pois os meus companheiros de *passeio*, em quanto *mólho a palurra*.



XXXVII.

A SÉ DO RIO DE JANEIRO.

Subir o morro do Castello, percorrê-lo, estudar, embora muito rapidamente, a sua historia, e descer enfim desse velho e despresado Capitolio da cidade do Rio de Janeiro, sem ter parado, por alguns minutos ao menos, diante do antigo collegio dos jesuitas, fôra o mesmo que *ir a Roma e não ver o papa.*

Paremos portanto defronte deste bem pouco bonito e não pouco interessante edificio que se mostra, como todos sabem, e quem quer vê, no morro do Castello, á mão esquerda de quem sobe pela ladeira chamada no outro tempo do *Collegio*, e agora da *Misericordia*, e tal qual era no seculo passado, com a excepção de um alegre e elevado terraço que havia na sua extremidade do lado direito, e que recentemente recebeu tecto e janelas, e offerece novas accomodações na casa.

Não farei uma descripção do edificio, nem levarei os meus companheiros de *passeio* a visitar suas numerosas salas e seus corredores, que successivamente têm ouvido orações e mysteriosos conselhos de jesuitas, gemidos de doentes e moribundos, lições de respeitaveis lentes e cantos e risadas de estudantes de medicina, e outra vez lamentos de enfermos e suspiros de agonisantes.

Não farei descripções, repito ; e limitar-me-hei a lembrar alguns pontos principaes da historia dessa *casa grande.*

Já disse em outro lugar que os jesuitas entrarão no Rio de Janeiro com Estacio de Sá, e que arranjáráo logo o seu ninho na cidade nascente, fundada por Mem de Sá em 1567.

Da *Chronica da Provincia do Brasil*, do padre Simão de Vasconcellos, copio a lembrança desse facto.

« No coração da cidade deu Mem de Sá sitio, onde os padres escolhêrão, para fundação de um collegio, e logo em nome de S. A. o serenissimo rei D. Sebastião, de saudosa memoria, principe liberal, lhe applicou dote de renda necessaria para sustento de até cincoenta religiosos, que aceitou e agradeceu em nome de toda a companhia o P. visitador Ignacio de Azevedo. A escriptura authentica do dito dote se passou depois em Lisboa, firmada pela mão real em 6 de Fevereiro do seguinte anno de 1568 ».

Os jesuitas forão os mais felizes dos primeiros habitantes da cidade do Rio de Janeiro ; porque, como fica dito, tiverão logo segura a sua subsistencia á custa do Estado, e puderão muito desembaraçadamente metter mãos ás obras do seu collegio, que levantarão e forão augmentando, sem que comtudo conseguissem acaba-lo todo com a grandeza que tinhão planejado ; pois que em 1759 deixarão a igreja apenas começada, e paredes e muralhas immensas que promettião um edificio magestoso.

Os padres da companhia de Jesus forão sempre e em toda a parte muito bolicosos e rusguentos, e no Rio de Janeiro achavão-se em luta constante com o povo, e por vezes creárão serios embaraços ao governo.

Ligando-se á autoridade ecclesiastica, que em compensação apadrinhava os seus interesses temporaes, os jesuitas a protegião em suas pretensões de invadir as prerogativas do poder civil.

Tratando de augmentar suas riquezas com a posse de extensos territorios. os padres da companhia rompião em contestações com o povo, que era apoiado pela camara, que chegou uma vez a ser excommungada, e tornavão-se aborrecidos pela sua ambição inescusavel.

E finalmente defendendo com ardor a liberdade dos indios, que lhes fazia muita conta, servindo aos seus calculos de poder e de engrandecimento, vião-se constantemente em contendas com os colonos.

Em consequencia de uma dessas questões de indios, levantou-se uma vez o povo da cidade do Rio de Janeiro (e tambem em S. Paulo, onde a desordem tomou caracter muito mais serio), e os jesuitas virão-se ameaçados no seu proprio collegio.

Eis o caso : irritados pelo arrojo dos sertanejos paulistas que, perseguindo o gentio, chegavão a ir atacar e escravisar os pobres indios nas proprias missões dos jesuitas, e ainda não menos resentidos do proceder dos colonos do Rio que compravão aos Paulistas os selvagens escravizados, mandarão os padres da companhia dous dos seus como emissarios, um a Roma e outro a Madrid, para trazerem dessas côrtes as providencias que mais desejavão, e com effeito recebêrão em 1640, do Papa Urbano VII, a publicação no Brasil da bulla de Paulo III a favor dos indios do Perú, declarando incorrerem em

excommunhão os que captivassem, vendessem, traspasassem ou se servissem dos indios.

Era então governador do Rio de Janeiro Salvador Corrêa de Sá e Benevides, homem distincto, valente capitão e chefe severo, e o padre Albernoz exercia tambem nesse tempo o cargo de administrador ecclesiastico, e mostrava-se muito favoravel aos padres da companhia.

A bulla foi apresentada a Albernoz, e os jesuitas exultavão já com o seu triumpho, quando sairão a campo com embargos a camara e o povo, e este, não contando muito com a justiça official, foi de voz em grita reunir-se em frente do *collegio*, mostrando-se sinistramente disposto a dar uma lição tremenda aos filhos de Loyola.

O collegio dos jesuitas achou-se cercado, e os sitiantes estavam dispendo-se a tomar de assalto essa Sebastopol defendida por guerreiros de roupeta; mas os atiladissimos padres forão sempre tão ousados com certeza de victoria, como promptos a recuar risonhos e meigos nas batalhas de um exito duvidoso; capitularão pois: a bulla ficou sem effeito, e elles, promettendo caridoso esquecimento do ataque do collegio *in toto pro bono pacis*, abençoarão o povo com as mãos direitas, e no fundo do coração o mandarão ao diabo.

O que não tem remedio, dá-se pelo amor de Deos.
Os jesuitas obedecêrão ao proverbio.

Em desavenças sempre mais ou menos accesas com o povo, e emfim em opposição declarada ao governo de D. José I, no meiado do seculo decimo-oitavo, os jesuitas,

que se reputavão mais fortes que o rei, virão-se de subito fulminados e proscriptos pelo despota illustrado marquez de Pombal, e no mez de Novembro de 1759 forão presos no Rio de Janeiro, depois expulsos, ficando vago e incorporado aos bens da corôa o seu collegio. como todas as outras suas propriedades.

Não me consta que alguém chorasse com saudades dos jesuitas, e por isso não posso fazer menção das lagrimas derramadas em consequencia da proscricção desses padres, de quem confesso que desconfio muito, pela simples razão de que ainda não houve governo nem povo que pudesse viver com elles em boa paz.

Ao conde de Bobadella, que tomára as chaves do collegio das jesuitas, succedeu como vice-rei do Brasil D. Antonio Alves da Cunha, conde da Cunha, que governou desde 16 de Novembro de 1763 até 21 de Novembro de 1767, e que neste anno activamente se occupava de novas obras naquelle edificio, com o fim de mudar para elle a residencia dos vice-reis, medida que fôra approvada por carta regia de 19 de Outubro de 1766.

Provavelmente não tornarei a fallar no conde da Cunha; aproveito, pois, a occasião para dizer deste administrador alguma cousa que o torne mais conhecido.

Devem-se a este vice-rei uma activa e severa perseguição dos ladrões, e uma tal convicção de segurança de vida e de propriedade no Rio de Janeiro, que dormia-se na cidade e seus contornos deixando-se abertas as portas das casas! Positivamente o conde da Cunha era mais zeloso e mais respeitado do que a nossa actual policia,

a cuja sombra os habitantes da capital não dormem tranquillos, nem mesmo trancando com sete chaves as portas de suas casas.

Devem-se-lhe mais os reparos e augmentos de quasi todas as fortalezas antigas, e a construcção de outras ; a fundação de um arsenal junto ao morro de S. Bento, onde se construiu uma famosa não chamada *S. Sebastião* ; e assim como esse arsenal foi o principio daquelle que depois se elevou a *arsenal de marinha*, tambem se deve ao mesmo vice-rei o principio do nosso *arsenal de guerra*, na grande casa que mandou levantar na Ponta da Misericordia para o parque de artilharia, cujas fabricas forão reguladas e providenciadas pela sua especial direcção e fiscalisação.

Além de muitos outros bons serviços, prestou o conde da Cunha ainda um, pelo qual se tornou verdadeiro benemerito das moças, fazendo a favor dellas muito mais do que S. Gonçalo de Amarante tem feito a favor das velhas, porque determinou que os homens solteiros ou se casassem ou assentassem praça nos regimentos de linha. Calculem os meus companheiros de *passeio* que epidemia de casamentos grassou na cidade do Rio de Janeiro no tempo do conde da Cunha !... Diz monsenhor Pizarro que « d'ahi principiou, sem duvida, a multiplicação de povo que em poucos annos depois foi apparecendo no termo do Rio de Janeiro, e a notavel cultura das terras do seu districto, até então inuteis, por lhes faltarem os braços que as fizessem produzir ».

Tenho receio de que as senhoras solteiras do nosso

tempo se declarem absolutistas, e recolonisadoras por amor do conde da Cunha.

Realmente um vice-rei casamenteiro deve parecer ás senhoras muito mais util á patria do que dez ministros constitucionaes.

Entretanto convém que se saiba que o conde da Cunha foi aborrecido pelo povo nos primeiros tempos do seu vice-reinado.

Era despota, como todos os vice-reis o forão ; mas, activo e zeloso, desejava fazer o bem, e distribuia a justiça com imparcialidade e rectidão ; acontecia porém que a sua justiça chegava ao povo transformada em patronato, em arbitrio cruel, e em abusos escandalosos que opprimião os governados.

A' força de muito soffrerem, as victimas desabafarão, queixando-se em alta voz, e o vice-rei descobrio emfim que o *ajudante official da sala* e outros subalternos mentião á sua confiança, desvirtuavão as suas deliberações e ordens, e para satisfazer ambições e vinganças flagellavão o povo, á sombra do seu poder e em seu nome. Era a côrte do vice-rei que ostentava os vicios e a demoralisação que se observa em quasi todas as côrtes ; mas o conde da Cunha não deixou impunes os aduladores e falsos amigos que o cercavão, e punindo-os severa e exemplarmente, acabou o seu governo com louvor e applauso de todos, e... abençoado pelas moças.

D. Antonio Rollim de Moura Tavares, conde de Azambuja, succedeu ao conde da Cunha no vice-reinado do Brasil, e não approvando a mudança da residencia dos

vice-reis para o antigo collegio dos jesuitas, aproveitou as obras que ahi se estavam fazendo para estabelecer, como de facto estabeleceu nessa casa o hospital militar.

Até os primeiros annos do seculo decimo-oitavo os soldados da guarnição do Rio de Janeiro, das guarnições dos navios de guerra e os presos erão tratados em suas molestias na Santa Casa da Misericordia, que recebia por isso da fazenda real um conto de réis annualmente ; em cumprimento da carta regia de 21 de Março de 1702, cuidou-se de crear um hospital dentro do chamado *Quartel das Náos*, que era na rua chamada dos *Quarteis da Armada*, na fralda do morro de S. Bento ; em 1727, ou pouco depois, abriu-se alli o hospital, que enfim o conde de Azambuja transferio em 1768 ou 1769 para o collegio dos jesuitas.

Volvêrão-se os annos, e em uma época bem recente, resolvendo o governo do imperio estabelecer hospitaes regimentaes, desapparecêrão as enfermarias do antigo collegio, que em 1832 recebeu a nova escola de medicina fundada pelo benemerito e illustre Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, ministro do imperio do terceiro ministerio da *regencia permanente*.

E estavam muito a gosto e a commodo os lentes e os estudantes de medicina alli, naquelle ninho dos filhos de Loyola, quando em 1845 forão despedidos pelo governo, que é o proprietario da casa, e que de novo instituiu nesse edificio o hospital militar, enquanto a pobre escola de medicina anda de Herodes para Pilatos e ainda não tem casa sua.

Além do hospital militar, o antigo collegio dos jesuitas hospeda ainda o imperial observatorio astronomico, que foi creado por decreto n. 457 e regulamento de 22 de Julho de 1846, e que se acha estabelecido sobre a abobada e muralhas da igreja começada por aquelles padres, e donde os abalisados astronomicos lêem no sol e na lua, nas estrellas e nos cometas historias muito bonitas, que não vêm agora ao caso.

Eis ahi muito em resumo os trances e viravoltas por que tem passado o antigo collegio, onde muitas vezes habitou, rezou e dormio o padre Anchieta, que foi um santo homem, e habitarão, não sei se rezarão, mas comèrão, conspirarão e dormirão não poucos Loyolas ambiciosos, e mais occupados em augmentar o seu poder e riquezas do que em servir a Deos e ao proximo.

Que casa ! depois de ter sido collegio dos padres da companhia, esteve a ponto de ser palacio, foi reduzido a hospital, passou a ser escola de medicina, e é de novo hospital e observatorio astronomico : foi theatro de travessuras de padres, escapou de sê-lo de travessuras de governos, e o foi de traquinadas de estudantes, e o será ás vezes de soldados ; que casa ! se as suas paredes podessem fallar !

E quem sabe quantos segredos, quantos mysterios nos esconde ainda o antigo collegio dos jesuitas ?

Conhecemos a face e o corpo exterior desse collegio ; mas quem conhece as suas entranhas ?

Elle tem entranhas, não é invenção minha.

O antigo collegio dos jesuitas está assentado sobre um

solo minado : ha fundas cisternas, que ainda não forão examinadas ; ha escadas que se atirão a subterraneos sombrios e profundos ; portas muradas, que parecem encobrir abysmos mysteriosos. Observadores sem sciencia e sem coragem têm tentado descer a esses subterraneos ; mas as lanternas se apagam, os pulmões não achão ar que se preste á respiração, e pedras atiradas nessas minas escurissimas não mandão aos curiosos um só écho do seu baque.

O conhecimento da existencia desses subterraneos não é novo : desde a expulsão dos jesuitas teve-se certeza de que taes obras havia, e o povo acreditou que os padres da companhia tinhão escondido riquezas immensas nas entranhas do seu collegio.

Que extensão tem esses subterraneos ? que destino lhes davão os jesuitas ? não erão, não é possivel que fossem carceres : para que servião então ?

Admira que até hoje o governo não tenha mandado examinar os subterraneos do antigo collegio dos jesuitas. E' caso este em que a curiosidade não póde peccar por exagerada.

Sinto não poder levar os meus companheiros de *passio* ao fundo dos taes subterraneos, e conto que o governo tratará em breve de fazer brilhar a luz de um escrupuloso exame nesse mundo escuro e desconhecido que os jesuitas deixárão por baixo do seu collegio do Rio de Janeiro.

Agora, meus amigos, agora que não se póde mais dizer de nós que *fomos a Roma e não vimos o papa*, rema-

tarei este passeio conversando ainda alguns momentos comvosco a respeito do *morro do Castello*.

Semelhante ás antigas e prestigiosas instituições que, arraigadas aos costumes dos povos e defendidas pelos interesses e pelas tradições de classes privilegiadas, resistem á força potente da civilisação e do progresso, e á influencia destruidora do tempo, e só pouco e pouco se vão desmoronando, agora pelo triumpho pacifico de novas idéas, logo pelo impulso violento de uma revolução politica, o morro do Castello, firmado em sua immensa base, tem até hoje zombado de não sei quantos projectos e planos de arrasamento com que o ameação desde muitos annos, e apenas vai soffrendo excavações parciaes determinadas pela conveniencia de alguns particulares que se utilisão do seu barro, ou cedendo ao impeto das tempestades e das aguas, desmorona porções de sua terra com espanto e bem fundado susto dos habitantes da cidade.

Desses desmoronamentos houve dous principaes que a memoria do povo conserva até hoje tristemente lembrados.

O primeiro occorreu em Abril de 1759; mas nem causou desgraças tão lamentaveis, nem foi tão consideravel como o segundo: o povo teve então menos terror do desmoronamento do morro do que da inundaçãõ extraordinária da cidade.

Eis aqui a lembrança desse acontecimento exactamente como a perpetuou Balthasar da Silva Lisboa nos seus *Annaes do Rio de Janeiro*.

« As troyoadas occasionavão na cidade grandes inun-

dações. Em 4 de Abril de 1756, depois de uma hora da tarde, choveu tão grossa e copiosa chuva, precedida de vehementes concussões do ar e espantosos furacões, por tres dias sem interrupção, que o temor e o susto se apoderou de tal sorte do animo dos habitantes, que desde a primeira noite muita gente desamparou as casas, as quaes cahirão, fugindo sem tino para as igrejas: desde então as aguas crescêrão por tal maneira que inundarão a rua dos Ourives e entrárão pelas casas dentro, por não caberem pela yalla. No dia 5 do dito mez, sahindo o Santissimo da Sé, o sacerdote que levava o Senhor, foi descalço, e bem assim os irmãos da irmandade do Santissimo: todo o campo parecia um lagamar; vadeavão-se as ruas de canôas, e no dia 6 uma navegou desde o Val-longo até á Sé (que estava na igreja do Rosario dos pretos) com sete pessoas ».

O segundo e terrivel desmoronamento do morro do Castello aconteceu em Fevereiro de 1811.

No dia 10 de Fevereiro desse anno, pelas onze horas da manhã, começou a cahir uma violenta chuva, que continuou incessante por sete dias. As ruas e casas ficárão inundadas: a rua da Valla conservou-se durante todo esse tempo com cinco palmos d'agua, e no campo de Santa Anna (hoje da Acclamação) navegavão canôas. O principe regente ordenou que se conservassem abertas as igrejas, onde, apezar da inundaçãõ, rezavão os padres e os fieis.

É facil comprehender o susto da população, que fallava, tremendo, em um novo diluvio.

E peor do que tudo isso, em um desses tristísimos e amargurados dias correu uma das abas do morro do Castello, ficando soterradas muitas casas na rua da Misericórdia, e no becco, hoje rua do Cotovello, e morrendo sepultadas em vida familias inteiras.

A esta inundação formidavel deu-se então o nome de *agua do monte*, e essas duas palavras *agua do monte* resumirão tambem nas conversações populares a historia toda do fatal desabamento.

A familia real portugueza já estava nesse tempo no Rio de Janeiro, e o principe regente, receioso de maiores desgraças em alguma nova *agua do monte*, mandou arrazar uma muralha que havia no Castello, sobranceira á cidade.

O povo occupou-se muito com o sinistro acontecimento ; mas depois de lamenta-lo e de chorar as victimas, inventou até uma rude cantiga, que se refere á *agua do monte*.

É a celebre cantiga do *Bitú*, que principia assim :

Vem cá, *Bitú*, vem cá !

E cuja segunda strophe é a seguinte :

Que é do teu camarada ?...

Agua do monte o levou.

Não foi agua, não foi nada,

Foi cachaça que o matou.

O *Bitú*, de que falla a cantiga, era um crioulo apaixonado das bebidas alcoolicas, e soldado do corpo dos Henriques. Trajava o classico calção, capote de panno verde, e chapéo de tres pancadas. Vivia de duas indus-

trias, uma publica e outra mysteriosa : a publica era muito simples : andava cantando pelas ruas, e fazendo dansar um boneco de molas que levava na mão; os apreciadores deste precursor dos italianos de realejo pagavão-lhe a habilitade com alguns vintens ; como porém o Bitú fosse muito engraçado, chamavão-o para o interior das casas as familias que querião divertir-se ouvindo-o cantar e tagarellar, e dahi nascia a facilidade com que este original exercia a sua segunda industria, que consistia em prestar-se a ser *mensageiro de amor*.

Que immoralidade !... que corrupção de costumes !... dirão talvez escondendo o rosto certos homens *muito serios*, e perdidamente pudibundos do nosso tempo.

Alto lá ! não sou dos que tem saudades das cousas do seculo passado, e nem mesmo da nossa primeira época neste seculo : mas tambem não apoio as injustiças com que alguns as julgão.

Actualmente nós temos um numero muito maior de *Bitús*, do que havião no Rio de Janeiro no fim do seculo passado e no principio do actual, e a differença que se nota entre um e outros é que os *Bitús* do outro tempo crão mais rudes, e mais *farropilhas*, e os de agora são civilizados e até mesmo um pouco fidalgos.

D'antes as intrigas de amor e os namoros tecião-se ás occultas, e o seu segredo era um signal de respeito á sociedade ; hoje namora-se e escrevem-se cartas de amor á face do publico e sem vergonha nenhuma.

Temos na actualidade excellentes *Bitús* que se fazem portadores de cartas de amor a *tantos réis por linha*.

A civilisação desregrou-se neste ponto de modo tal que transformou a nobre filha de Guttemberg em monsenhora de amores ! os namorados e namoradas não tem mais trabalho em arranjar bons e fieis Mercurios : as nossas gazetas diarias publicão com sublime dedicação quantos bilhetinhos amorosos lhes querem levar.

Temos — *Gazetas-Bitús* — que fazem perfeitamente o que fazia com rudeza o Bitú do outro tempo.

O que eu mais lamento no *Bitu* é a nodoa com que elle manchou com o seu indigno proceder a nobre farda que lhe dava o titulo de soldado de Henrique Dias, de soldado de um desses corpos que herdárão o nome daquelle valente guerreiro e heróe esclarecido, que desde o principio até ao fim da guerra hollandeza no Brasil, batalhou sempre denodada e valorosamente contra o estrangeiro invasor, sem que por isso merecesse de D. João IV o menor galardão, o mais insignificante premio, quando esse rei, mil vezes ingrato com elle, premiou e agraciou, depois de terminada a guerra, a todos os chefes portuguezes e pernambucanos.

D. João IV não tolerou talvez a idéa de ornar o peito daquelle *negro* com uma medalha de honra ! Esqueceu-se, ou não pensou que no peito daquelle *nobre negro* não haveria medalha, por mais estimada que fosse, que deixasse de ficar mais honrada.

Mas deixemos o indigno *Bitu* e o dignissimo Henrique Dias, e vamos tratar de fazer ponto final em nossas observações sobre o morro do Castello.

O receio de novos e mais terriveis desmoronamentos,

e o empenho de dar mais belleza á cidade, e de liberta-la de uma colossal muralha que não a deixa ser francamente banhada pelos ventos do mar, tem feito com que por vezes se haja projectado e tratado de organizar empresas destinadas a demolir o morro do Castello.

Dizem que forão inglezes os que primeiro, e ainda no tempo do rei, concebêrão tal idéa, e o povo rude, a gente menos sensata, pensavão então que os espertalhões inglezes querião demolir o morro para enriquecer-se com os thesouros deixados pelos jesuitas em vastos e profundos subterraneos.

A magnitude da empresa, a necessidade de estudos completos sobre a utilidade e condições da obra, e sobretudo a falta de dinheiro, tem impedido a demolição do morro historico.

E até hoje não me consta que alguém se tenha posto em campo defendendo o morro do Castello, senão o Sr. Warnhagen, que, na sua *Historia geral do Brasil* mostrou-se armado de ponto em branco e de lança em riste, declarando e sustentando que a demolição do morro do Castello *tornaria a cidade do Rio de Janeiro mais monotona e menos fresca do que se em suas encostas se plantassem arvores, destinando-as para passeio publico da cidade.*

Mas o Sr. Warnhagen não tem conseguido fazer proselytos: nem ao menos os frades barbadinhos italianos se lembrão de erguer a voz para impedir a destruição da igreja de S. Sebastião, e para defender as suas elasticas propriedades do morro.

Que têm com isso os barbadinhos?... Se fôr demolido o Castello, sempre ha de haver para elles um suave asylo: os barbadinhos italianos arranjão-se em qualquer *cantinho*, até porque sabem o segredo de transformar em poucos annos um pequeno *cantinho* em um grande *cantão*.

O que vale ao morro do *Castello* é a anemia da praça. Não se faz fogo por falta de polvora.

E no entanto, como a ameaça da demolição é a espada de Damocles que continúa sempre suspensa sobre o morro desamado, o governo não emprehende obras sérias para impedir um desastroso desmoronamento, que aliás está muito na ordem das cousas possiveis, o se contenta em mandar *especar* aquelle colosso!

Ah! muita cousa neste *menino-velho*, chama-lo Brasil, anda por espeques!

Creio que é tempo de dar por terminado este *passeio*; no seguinte desceremos do morro do Castello com o cabido, levando a Sé ás costas.



XXXVIII.

A SÉ DO RIO DE JANEIRO.

Faço de conta que os dous precedentes *passeios* forão dous exordios de um discurso que devo proferir sobre a *Sé do Rio de Janeiro*, e não se admirem de que eu pronuncie um discurso com dous exordios, porque conheço na minha terra grandes oradores que *tomão a palavra*, fallão duas e mais horas, e descem da tribuna no meio de *bravos, apoiados e applausos*, não tendo feito outra cousa mais do que uma ou duas duzias de exordios.

Ao menos eu contentei-me com dous exordios sómente, e já entro na materia.

Por carta de 7 de Outubro de 1639, Philippe IV de Hespanha e III de Portugal, requereu á Sé Apostolica a elevação da prelazia do Rio de Janeiro a bispado, e nomeou para occupar a mitra fluminense o competente prelado administrador ecclesiastico Lourenço de Mendonça, declarando por outra carta régia de 22 de Agosto de 1640 as causas porque assim deliberava.

Essas causas referião-se ás tramas urdidas contra Lourenço de Mendonça no Rio de Janeiro, e aos abusos e desmoralisação que se observavão em algumas capitánias do sul do Brasil.

Contarei resumidamente essa feia historia.

O Dr. Lourenço de Mendonça, natural de Lisboa, e presbytero secular, nomeado administrador ecclesiastico do Rio de Janeiro, chegou a esta cidade a 9 de Setem-

bro de 1632, e quatro dias depois começou logo a experimentar violenta opposição ; os seus inimigos chegarão ao ponto de introduzirem de noite um barril de polvora com quatro morrões por uma janella da sua casa, e de o collocarem junto ao leito do prelado, que felizmente escapou da horrivel tentativa de assassinato, ardendo, porém, toda a casa, como já em outro *passeio* referi.

Procedeu-se, em consequencia, a uma devassa, cujo resultado foi contrario ao prelado, que ainda em cima pagou as custas.

Chovêrão depois libellos infamatorios contra o Dr. Lourenço de Mendonça ; imputárão-lhe criminosos vicios, de que o accusárão perante o metropolitano da Bahia ; e os aleivosos, não colhendo desta accusação o que esperavão, recorrêrão a outra de um *facto escandaloso* em presença do tribunal da Fé, e emfim premeditavão leva-lo preso em um barco até fóra da barra, e lá abandonalo á inconstancia e ao impeto das vagas, quando Mendonça, avisado de tão sinistros planos, fugio ao perigo, embarcando-se em uma não que o levou a Portugal em Março ou Abril de 1637.

Julgado innocente do crime de que o accusavão por sentença do tribunal da inquisição, recebeu a confiança de novos cargos, e teve finalmente a honra de ser nomeado bispo do Rio de Janeiro, na data já apontada.

Diz-se, e Pizarro sustenta que o bispado do Rio de Janeiro fôra então creado para defensa dos indios atropellados pelos paulistas ; e que Lourenço de Mendonça

tinha sido insultado por aquelles captivadores do gentio, e pelo povo e camara da cidade do Rio de Janeiro, em consequencia de suas manifestas disposições e do seu empenho a favor dos miseros selvagens ; mas é preciso attender a que Pizarro, padre tambem, desejaría muito arredar da sua classe a responsabilidade dos criminosos e horriveis attentados que mais de uma vez puzerão em risco a vida de Lourenço de Mendonça, embora em sua consciencia de escriptor fiel e homem de verdade, houvesse já declarado que *« entre os intrigantes mais notaveis apparecêrão alguns ecclesiasticos (como os padres Manoel da Nobrega, Francisco Carneiro, e um Fr. João da Cruz), a quem a fortuna menos prospera desviou de occupar beneficios curados.*

Eu estou convencido de que em todas aquellas desordens e tramas abominaveis entrou muito notavelmente a influencia maligna de padres ambiciosos, e bem quizera achar sempre pura a memoria do Dr. Lourenço de Mendonça ; encontro nella, porém, um facto que desabona o seu character. Mendonça era portuguez, e em 1640 seguiu o partido da Hespanha, e lá ficou sendo bispo d'Anel do arcebispado de Toledo. Era mais bonito, mais nobre, ser sachristão da ultima capelinha da sua terra ilo que bispo ou arcebispo de Castella. Depois de Deos a patria. A patria é o céu da terra.

A revolução de Portugal em 1640 annullou as negociações para a creação do bispado do Rio de Janeiro. D. João IV e Affonso VI não tratarão disso ; mas o

príncipe regente D. Pedro, a quem o Brasil deveu não poucos cuidados, conseguiu do papa Innocencio XI a bulla *Romani pontificis pastoralis sollicitudo*, de 16 de Novembro de 1676, determinando a elevação do bispado da Bahia a arcebispado, e das prelazias do Rio de Janeiro e Pernambuco a bispados.

« Por territorio do bispado do Rio de Janeiro forão demarcados os limites desde a capitania do Espirito-Santo até ao Rio da Prata, correndo a costa do mar, e nessa correspondencia toda a terra central a topar com a do dominio hespanhol, não obstante qualquer outra separação ou desmembração da provincia do Rio de Janeiro anteriormente feita, &c. »

Monsenhor Pizarro, que isto informa, acrescenta depois :

« Mas apezar da explicada demarcação, continuou a capitania de Porto-Seguro, sita na latitude Austral de 16° 40' e longitude de 334° 45', a comprehender-se no termo divisorio, &c. »

O primeiro bispo nomeado para o Rio de Janeiro foi Fr. Manoel Pereira homem de tantas virtudes como illustração; mas depois de sagrado, renunciou a séde em 1640, porque o serviço da patria e a confiança do soberano o chamárão a exercer altas funcções politicas, como secretario de estado e um dos plenipotenciarios que com o duque de Cadaval e o marquez de Fronteira assignou o tratado de 7 de Maio de 1681, celebrado com a Hespanha sobre a colonia do Sacramento.

Na igreja de S. Domingos, em Bemfica, no reino de

Portugal, fizera Fr. Manoel da Cruz construir uma capella dedicada ao thaumaturgo portuguez S. Gonçalo, e ahí mandára abrir uma sepultura pàra descanso do seu corpo. A 6 de Janeiro de 1685 morreu com S. Gonçalo na boca e nos braços, como diz Pizarro, e foi sepultado na cova que para si preparára.

Apezar de ter sido politico e diplomatico, isto é, cultor de duas *artes* que são ás vezes não pouco diabolicas, Fr. Manoel da Cruz deixou fama de bemaventurado: diz-se que ao acto do officio da sua sepultura assistira um formoso joven que a todos admirára, e que mysteriosamente desaparecêra ao recolher-se o caixão ao jazigo, sem que o conhecessem nem a familia, nem os amigos do finado. Acreditou-se que o joven era S. Gonçalo.

Recommendo aos politicos da minha terra esta tradição: fação-se devotos de S. Gonçalo todos elles; creião que precisão muito de um zeloso advogado no céu, porque pelas obras que têm feito no Brasil, ou eu me engano muito, ou, a não valer-lhes a intercessão de algum santo, irão direitinhos para o inferno.

Renunciada a mitra por D. Fr. Manoel Pereira, foi nomeado bispo do Rio de Janeiro o padre José de Barros de Alarcam, natural de Leiria, o qual, tendo a sua eleição confirmada pelo Santo Padre Innocencio IX a 19 de Agosto de 1680, tomou posse da mitra, por seu procurador padre Sebastião Barreto de Brito, vigario da freguezia de Nossa Senhora da Candellaria, a quem coube o governo ecclesiastico, até que elle chegou á cidade de

S. Sebastião do Rio de Janeiro no 1º de Junho de 1682, e fez a sua entrada solemne no dia 13 do mesmo mez.

Não existe documento algum que atteste positivamente a época em que se instituiu o corpo capitular do bispado do Rio de Janeiro: o bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe, fallando da origem do cabido no prelude dos estatutos que lhe deu a 21 de Setembro de 1736, diz que elle fôra instituido a 19 de Janeiro de 1685, e o cabido em uma representação que dirigio a el-rei em 1733, firmou a criação da Sé na éra de 1684; felizmente, porém, a critica de monsenhor Pizarro faz-nos escapar a esta duvida, ensinando-nos que em 1684 o bispo José de Barros de Alarcam nomeára os sujeitos dignos de occupar os beneficios da nova Sé, e que a instituição do corpo capitular se realisára no dia 18 de Janeiro de 1685.

A corporação cathedral foi creada com *cinco dignidades*, a saber: *Deão, chantre, thesoureiro-mór, mestre-escola e arcediago*, seis *conegos de prebenda inteira*, e dous de *meia prebenda*, um *subchantre*, quatro *capellães*, quatro *moços de côro*, um *organista*, um *mestre de capella*, um *sachristão*, um *porteiro da maça*, um *cúra*, e um *coadjutor*: e pela provisão de 1 de Março de 1689 teve *mestre de ceremonias*.

Esta modernissima organização do corpo capitular foi sendo pouco a pouco modificada, augmentando-se sempre o seu pessoal, que se elevou nos modernos tempos ao numero que se apreciará em um quadro que apresentarei daqui a pouco.

As congruas estabelecidas primitivamente aos ministros da Sé forão também muito moderadas, e dão idéa da *vida barata* d'aquelles tempos. A provisão de 18 de Novembro de 1681, em que o principe regente D. Pedro determinou o numero dos ministros de que se havia de compôr o corpo capitular, regulou as congruas competentes, arbitrando-as assim: Congruas, do *deão* 100\$, a cada uma das dignidades 80\$, a cada um dos conegos de prebenda inteira 60\$, a cada um dos de meia prebenda 30\$, a cada um dos capellães 25\$, ao subchante 10\$, a cada um dos moços do côro 12\$, ao sacristão 25\$, ao porteiro da maça 10\$, ao mestre da capella 40\$, ao organista 25\$, ao cura 73\$920, ao coadjutor 25\$, e finalmente ao mestre de ceremonias, por ordem de 1 de Março de 1689, 10\$.

É claro que com o andar do tempo não podião taes congruas deixar de ser elevadas, e o forão por muitas vezes, observando-se até por ordem de 25 de Setembro de 1758 que os capitulares tiverão a dita de vencer as suas congruas durante um anno *ainda depois de mortos*, para ajuda das despesas do seu tratamento na molestia e do seu funeral. Os padres, que sabem dar nomes ás cousas, chamarão a essa congrua d'além tumulo o *anno morto*. O que eu não sei é como ajuda não se lembrárão de introduzir esta moda do *anno morto* a favor dos altos funcionarios do Estado. É verdade que a *industria politica* inventou cousa muito melhor e mais sublime creando as famosas *ajudas de custo*, mysteriosa mamadeira, que é o *anno vivo dos politicos velhos*,

e que vale ás vezes por dez, e ás vezes por vinte *annos mortos* dos ministros da Sé.

Aproveitarei agora um ligeiro quadro da corporação cathedral e dos empregados da capella imperial na actualidade, e com os seus respectivos vencimentos. A comparação destes com as congruas estabelecidas na época da instituição do corpo capitular nos fará admirar a differença dos tempos e das cousas.

Eis aqui o quadro :

<i>Classes.</i>	<i>Congruas.</i>	<i>Gratificação.</i>
6 Monsenhores .	1:200#000	800#000
16 Conegos .	800#000	400#000
14 Capellães	600#000	
2 Mestres de ceremonias	600#000	
1 Dito	1:000#000	
2 Thesoureiros da sacristia.	400#000	
3 Organistas .	500#000	
12 Sacristães .	200#000	
3 Moços de maça	200#000	

É possível que este quadro não esteja absolutamente exacto : se o não está, asseguro que elle não pecca porque eu exaggerasse o numero dos ministros da Sé, nem porque lhes tenha eu marcado congruas e gratificações de mais. Copiei tudo de um documento official.

E a respeito das congruas devo accrescentar que com toda a certeza os ministros da cathedral as reputão muito insufficientes, e pedem, ou estão promptos a pedir que ellas sejam augmentadas, o que não é para admirar em um tempo em que todos, sem excepção, pedem mais dinheiro do que ganhão, e nunca se achão satisfeitos com a partilha do grande bolo.

Dizem por ahí que os ministros da Sé, como todos os outros ecclesiasticos, precisão menos de bons rendimentos do que os outros homens, porque pertencem, moralmente fallando, ao sexo neutro, isto é, a um sexo que não é masculino nem feminino, visto que não tem descendencia ; elles, porém, protestão neste caso contra as theorias, e requerem que se olhe para os factos.

Ora, a logica dos factos é irresistivel.

Continuemos.

O primitivo e modesto corpo capitular foi instituido na cathedral, que, conforme já disse, se estabeleceu na igreja de S. Sebastião, erigida no *alto monte de S. Januario*, um dos cabeços do morro do Castello, igreja onde teve assento a primeira matriz da cidade do Rio de Janeiro.

Em tão máo estado já se achava por esse tempo a igreja de S. Sebastião do Castello, que em 1659 o prelado Manoel de Souza e Almada tratava de desfabrica-la, e de passar a matriz para a ermida de S. José, e ameaçava ao senado da camara, que lhe representára contra essa medida, com duas excommunhões da bulla da Cea.

Com effeito, desde aquelle anno talvez, e sem duvida desde antes do de 1661, passárão a pia baptismal e o sacrario da matriz de S. Sebastião para a ermida de S. José, que ficou servindo de matriz até 1734, no qual a pia baptismal e o sacrario se transferirão com a Sé cathedral para a igreja de Santa Cruz, como veremos em breve.

Cumpre-me certamente fazer uma ligeira descripção da igreja de S. Sebastião, tal qual se mostrava no anno

de 1685, em que se instituiu o corpo capitular; como, porém, isso me é impossível, limitar-me-hei simplesmente a lembrar que D. João V, permitindo por alvará de 30 de Setembro a mudança da cathedral, ordenou ao mesmo tempo, que conservando-se o templo para não se perder com elle a sua memoria, se estabelecesse ali uma capellania perpetua, e se erigisse finalmente uma irmandade do mesmo santo.

O rei mandára, mas apenas fôra obedecido em parte; porque a erecção da irmandade não se realisou senão no vice-reinado do conde de Rezende, a titulo de particular devoção deste, que além de organizar a irmandade, fez renovar a igreja, e reedificar as casas annexas da sacristia á custa de esmolas pedidas ao povo.

Seria aqui a occasião a mais opportuna para descrever a igreja de S. Sebastião tal qual a vimos em annos deste seculo, e tal qual se acha depois que se hospedárão nella os religiosos barbadinhos italianos; mas desconfio que teremos de ir um pouco longe, logo que nos mettermos neste empenho; peço pois licença para estudar este assumpto em um *passeio* especial que será o seguinte.

Está, portanto, adiada a descripção da igreja de S. Sebastião.

E prosigo na historia, que devo contar.

Á medida que corrião os annos, ião os habitantes da nova cidade do Rio de Janeiro abandonando o morro do Castello e edificando suas casas na planicie, de modo que dentro em pouco estava aquelle reduzido a um deserto.

Como todos praticavão, tambem os ministros da Sé procurárão habitar no centro da povoação, e muito amigos do seu commodo, começárão a mostrar-se negligentes no cumprimento dos seus deveres.

Por outro lado, despovoando-se o morro do Castello, principiárão a apparecer ali com facilidade latrocinios e insultos, que chegavão até ao sacrilegio. Uma noite, a sentinella que velava perto da igreja de S. Sebastião, sentio notavel ruido dentro della, e medrosa ou de almas do outro mundo, ou de violencias dos vivos, retirou-se para um telhal visinho, e na manhã seguinte achou-se uma porta do templo sobreposta, tendo sido roubada a caldeira de prata d'agua benta. Em outra noite desapparecêrão os cástiçaes dos altares, e em uma terceira deu-se o caso do furto no cofre, onde se recolhia o Santissimo Sacramento. O thesoureiro da Sé conservava recolhida toda a prata, não confiando mais na vigilancia das sentinellas. Os ladrões não carregavão com a igreja inteira, porque não podião leva-la ás costas, e não carregavão com todo o corpo capitular, porque não tinhão que fazer delle.

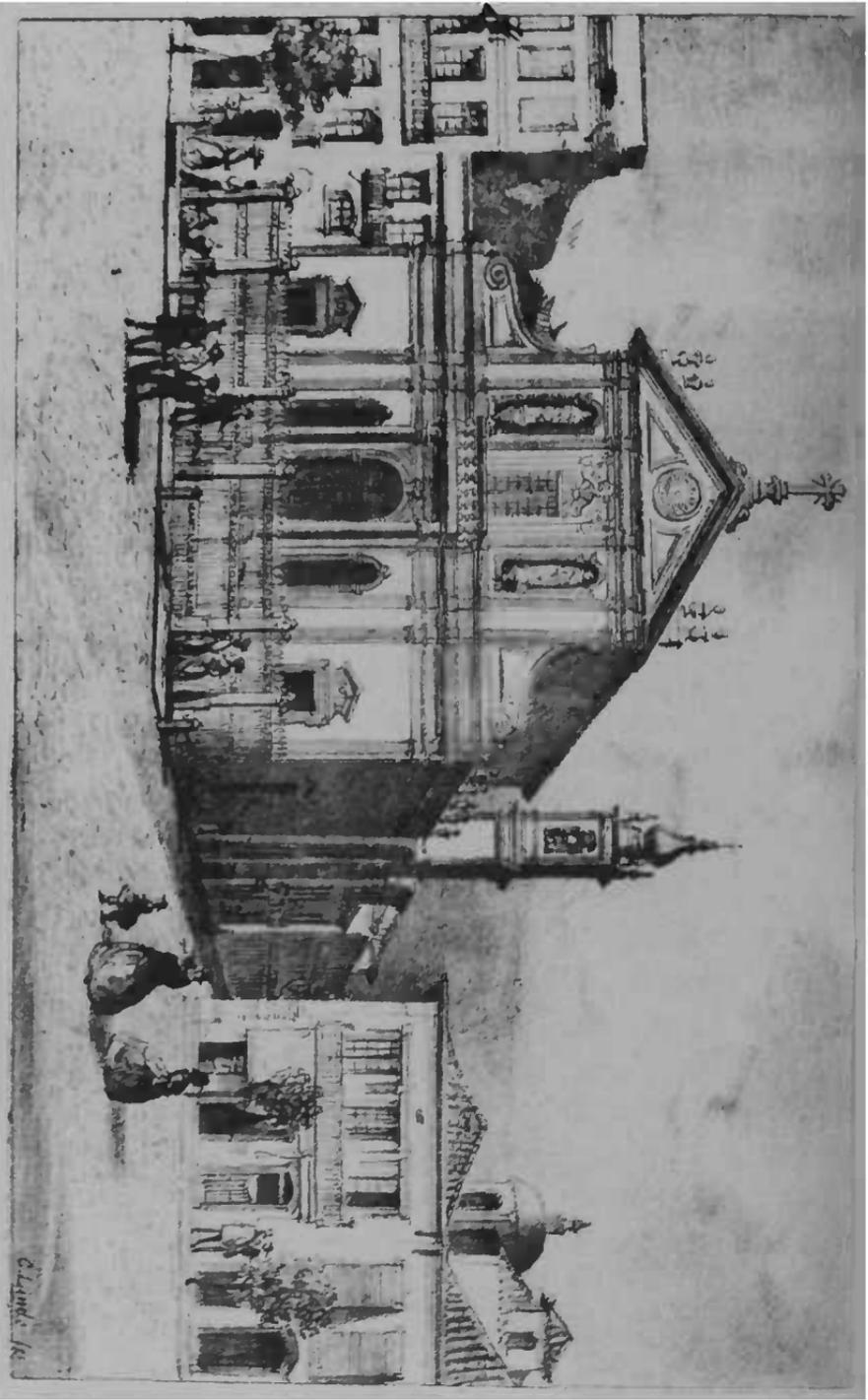
Além disso, o bispo D. Francisco de S. Jeronymo fazia notar em uma pastoral *o incommodo dos moradores da cidade, perigo das crianças que ião a baptisar, e indecencia com que se fazião as procissões, sahindo com o Santissimo por entre valos, azinhagas e passos, em que se arriscava cahir o sacerdote, e ainda o bispo, com a custodia levada em suas mãos, e finalmente achar-se a mesma Sé, por sua antiguidade, ameaçando ruina.*

Tratou-se, pois, da mudança da Sé; mas desde logo começaram as opposições, difficuldades e desintelligencias.

Cousa celebre! não houve ermida nem igreja que desejasse receber o corpo capitular no seu seio! tinham todos receio de que os hospedes se mostrassem absolutos senhores da casa a que se acolhessem. O mousenhor Pizarro admira-se de que não se recebesse com ufania e gratidão semelhante honra.

O bispo D. Francisco de S. Jeronymo representou a el-rei em 1702, pedindo-lhe a mudança da Sé para a ermida de S. José, *cuja irmandade nem obstava, nem defendia o ingresso do corpo capitular, como pelo contrario difficultavão os militares do Terço-Velho da praça, recusando o uso da Igreja de Santa Cruz, a que elle dirigia as suas vistas por mais apta*; como porém a ermida de S. José fosse declarada por engenheiros que a examinarão não ter capacidade para o corpo capitular, nem apresentar conveniencias que aconselhassem novas obras para augmentar-lhe as proporções, voltárão-se de novo os olhos do bispo para a igreja da Cruz.

Poupo aos meus companheiros de *passeio* a historia de uma longa e porfiada luta que durou até o anno de 1734, entre o bispo e o cabido de uma parte, e a camara e as irmandades de S. Pedro Gonçalves e Santa Cruz da outra. Basta dizer que os primeiros teimavão em querer mudar a Sé para a igreja de Santa Cruz, e os segundos oppunhão-se pertinazmente a semelhante idéa.



IGREJA DA CRUZ DOS MILITARES.

Instituto Artístico lith.

Clayton's lith.

El-rei contemporisava, mostrando-se disposto a respeitar os direitos das irmandades da igreja de Santa Cruz. Pelo alvará de 13 de Março de 1703 mandou que o governador da capitania, conferenciando a despeza precisa (por um orçamento) para se erigir novo templo, á vista da planta feita em Lisboa pelo padre Francisco Tinoco, informasse competentemente a esse respeito. Em carta regia de 16 de Fevereiro de 1705 dirigida ao bispo do Rio de Janeiro, escreveu, além de outras cousas, o seguinte : « *Me pareceu incommendar-vos que com o vosso zelo e prudente persuasão animeis esses moradores a concorrer para esta obra (o novo templo) com as suas esmolas, para o que se fará um livro, que o juiz de fóra rubricará, aonde se farão os termos das promessas pelo escrivão da comarca, assignadas por elle e pelos promittentes, para que não haja falta; e do que se puder dar, me dareis conta; e para que a esse respeito se veja o que pôde supprir a fazenda real, que nestes tempos, com tantas fortificações e presidios, não lhe resta muito com que concorrer.* »

A idéa da edificação de um novo templo para cathedral era util ; mas não resolvia a questão instante: o bispo obedeceu ao rei, dirigio ao povo uma pastoral pedindo esmolas para a obra da Sé nova ; mas não continuou menos a instar pela mudança já pedida, e pela concessão da igreja de Santa Cruz ; mas parecendo-lhe difficil conseguiu-la, apezar de se offerecerem os conegos para comprar á sua custa as casas contiguas á mesma igreja, a fim de torna-la mais espaçosa, pedio o templo parochial

da Candelaria *por suppô-lo menos sujeito a contradicções.*

Depois de novas consultas, e de um longo adiamento da decisão deste assumpto, facultou el-rei em data de 2 de Abril de 1721 a mudança da Sé para a Candelaria; morrendo porém o bispo D. Francisco de S. Jeronymo, ficou ainda suspensa a execução desta providencia.

Sucedeu a este bispo na mitra do Rio de Janeiro D. Fr. Antonio de Guadelupe, que, conseguindo de el-rei o alvará de 30 de Setembro de 1733, ordenando a trasladação da Sé para a sempre desejada igreja de Santa Cruz, que deveria perder este titulo, pondo-se no altarmór um painel da imagem de S. Sebastião, para que este ficasse sendo como até esse tempo, titular da cathedral, e tambem pertencendo esse templo ao padroado real, como pertencião as cathedraes todas das conquistas portuguezas, vio-se ainda embaraçado o novo bispo pela camara, que oppôz duvidas á mudança da Sé.

Mas nestas circumstancias o cabido mostrou que era homem, e que homem! nada menos que Alexandre Magno: lembrou-se do heróe macedonio, do nó gordio, e do famoso *non interest quomodo solvatur.*

Os meios legaes são muito bonitos e dignos de todo o respeito quando se trata de defender a causa propria; mas em casos em que é preciso tomar a casa alheia faz-se da lei gato e sapato, preconisa-se o encanto do poder da força, e reputa-se o *non interest quomodo solvatur* á ultima expressão da sabedoria humana.

O cabido resolveu, pois, inopinadamente a questão,

empregando em vez do seu latim da igreja, o recurso diplomatico e politico dos factos consummados: precedendo o consenso do bispo, o corpo capitular, que soube guardar a respeito do seu plano inviolavel segredo, reunio-se na noite de 23 de Fevereiro de 1734 na igreja de S. Sebastião do Castello, e levando a imagem do santo padroeiro em procissão, avançou a marche-marche para a igreja da Cruz, tomou-a, como uma fortaleza que de assalto é conquistada, collocou S. Sebastião no altarmór, achou-se de improviso dono da casa, resou suas orações, e depois debandou-se e poz-se ao fresco.

E... talvez não acreditem; mas é verdade.

E apesar de ter vindo a procissão morro abaixo e a marche-marche, não consta que um só dos ministros da Sé escarregasse, nem cabisse nos *vallos, azinhagas e passos* do Castello.

Depois de um ataque de surpresa tão bem succedido, os ministros da Sé naturalmente respirarão com suavidade, disserão talvez, como Mac-Mahon disse no alto de Malakof « a fortaleza é nossa: agora nem todo o poder do mundo nos arrancará daqui! » e descansarão por algum tempo.

Os bons exemplos devem ser seguidos: imitemos, pois, o venerando cabido.

Descansemos um pouco por nossa vez.



XXXIX.

A SÊ DO RIO DE JANEIRO.

No nosso ultimo *passeio* vimos como o cabido da Sé do Rio de Janeiro, para cortar um nó gordio com a espada de Alexandre, improvisára uma procissão, e a marche-marche entrára na igreja de Santa Cruz, e della tomára conta *par droit de conquête* em nome de S. Sebastião, que ficou occupando o altar-mór do templo com o mais completo desapontamento das irmandades da Cruz e de S. Pedro Gonçalves, que a essa conquista se oppunhão.

Tendo sido esta interpreza effectuada de noite e a *pas de course*, não me foi possível então dar-vos conhecimento da igreja para onde ficára desde aquelle momento transferida a cathedral do Rio de Janeiro; agora, porém, que é dia claro e não temos pressa, conversarei com os meus companheiros de *passeio* a respeito desse templo, começando por contar-lhes a sua *historia antiga*.

O dominio hespanhol não sómente foi uma calamidade politica para Portugal, como tambem expôz todas as colonias deste reino aos odios, vioganças e ataques dos inimigos da Hespanha.

Corsarios e piratas insultarão e saquearão algumas povoações do litoral do Brasil, e tornou-se por isso indispensavel fortalecer as cidades nascentes desta grande colonia.

Na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro levantá-

rão-se diversos fortes no principio do seculo decimo-setimo, não sei ao certo em que anno, talvez no primeiro governo de Martim de Sá, isto é, de 1602 a 1608, foi construido um fortim junto do mar, na praia que ficava quasi fronteira á ilha que depois se chamou *das Cobras*, e que a principio se chamára da *Madeira*, porque, diz Gabriel Soares, *della se tira muita, a qual serve aos navios que aqui se recolhem, de concertar as vélas.*

A esse forte deu-se o nome de *Santa Cruz*, e Martim de Sá, no seu segundo governo, que se estendeu do anno de 1618 a 1632 (contadas as administrações interinas, que por ausencia d'elle exercêrão alguns) *o fez construir mais regularmente ou de novo* (diz Pizarro) *com despesa da sua fazenda.*

O mesmo monsenhor Pizarro informa que o fortim da Santa Cruz fôra levantado por ordem régia, e parece-me extraordinario que o rei dêsse ordem e não dêsse dinheiro para essa obra, donde concluo que a *renovação* foi que correu por conta da fazenda particular de Martim de Sá.

Balthasar da Silva Lisboa falla de um *forte da Candelaria*, guarnecido por este mesmo tempo; não tenho idéa deste forte, e chego a pensar que é o mesmo de Santa Cruz, de que o autor citado não faz menção.

Pouco tempo durou o fortim de Santa Cruz; o abandono deixou que o mar o destruísse e entulhasse; tambem a obra não podia augmentar o numero das maravilhas do mundo, porquanto, apezar do seu titulo de *fortaleza*,

resistio tão fracamente aos embates das ondas que sobre as suas ruinas já em 1628 se tinha levantado uma capella.

No capitulo IV do tomo II das Memorias de monsenhor Pizarro, encontra-se na pag. 237 uma nota em que se refere á origem da igreja da Santa Cruz dos militares; eu, porém, prefiro offerecer aos meus companheiros de passeio a *Noticia do principio que teve a imperial irmandade da Santa Cruz dos militares, offerecida á mesa administrativa desta no anno de 1856 por um irmão*, e prefiro, porque esta noticia é evidentemente mais positiva e mais completa :

Ei-la ahi vai portanto :

« No lugar em que se acha a magestosa igreja da Santa Cruz da imperial irmandade dos militares, existia no anno de 1611 um pequeno forte denominado Santa Cruz, que fôra mandado construir no anno de 1605 pelo capitão Martins de Sá, governador do Rio de Janeiro, para defesa desta cidade. O forte Santa Cruz, que foi em seu principio dentro do mar, achava-se já fôra delle e totalmente arruinado no anno de 1623, e nessa época os officiaes e soldados da guarnição da cidade do Rio de Janeiro o pedirão e alcançarão do mesmo governador Martins de Sá, para alli edificarem uma capella onde fossem sepultados. Concluida a capella no anno de 1628 com a invocação de — Santa Véra Cruz —, os officiaes e soldados seus proprietarios se reunirão em irmandade religiosa, concorrendo os officiaes superiores com 100 rs., os subalternos com 50 rs., e os soldados com 20 rs.

mensaes para as despesas do culto ; sendo extraordinarios os trabalhos e sacrificios desses benemeritos, que incumbidos da defesa da patria empregavão os momentos de sua folga na construcção de um templo onde eternamente descansassem á sombra do divino emblema da nossa redempção. Na capella de Santa Véra Cruz, com permissão da irmandade dos militares, festejavão os commerciantes e navegantes a S. Pedro Gonçalves. No anno de 1681 a irmandade de Santa Véra Cruz, apesar de seu zelo e sacrificios, vio-se exaurida de meios que suprissem a todas as despesas da sua capella, e resolvêrão ceder metade della aos festeiros de S. Pedro Gonçalves, com a obrigação de concorrerem com metade de todas as despesas ordinarias, e das obras que fossem necessarias ; e assim concordárão e confirmárão por escriptura publica lavrada pelo tabellião José Corrêa Ximenes, em 18 de Março de 1682, sendo governador do Rio de Janeiro o general Duarte Teixeira Chaves, e juiz da irmandade dos militares o capitão Manoel da Costa Cabral.

« Teve a irmandade militar de Santa Véra Cruz o primeiro compromisso em 12 de Julho de 1700, sendo juiz da irmandade o general Arthur de Sá e Menezes, governador do Rio de Janeiro ; continha vinte artigos sobre suffragios, e disposições administrativas.

« Por carta de sesmaria dada pelo general Francisco de Tavora, governador do Rio de Janeiro, em 12 de Fevereiro de 1716, confirmada por el-rei o Sr. D. João V, em carta régia de 3 de Outubro de 1722, e mandada cumprir pelo general Ayres de Saldanha de Albuquerque,

governador do Rio de Janeiro, em 9 de Setembro de 1723, foi concedida á irmandade militar de Santa Véra Cruz toda a terra que então existisse, e aquella que o mar fosse deixando em toda a largura do terreno que occupava a capella desta irmandade. Achando-se arruinada a primeira capella de Santa Véra Cruz, a irmandade dos militares intentou edificar uma igreja mais solida e regular, e para isso convocárão os festeiros de S. Pedro Gonçalves, afim de concorrerem com metade das despesas na fórma contratada ; porém como já não existião os instituidores daquella festa, os que então bavião, recusárão a proposta, e não continuárão a festejar o seu padroeiro. A irmandade dos militares havia adquirido alguns predios por compras que fizera e por dadivas que tivera de alguns devotos, e edificado outros conjunctamente com os festeiros de S. Pedro Gonçalves, ao lado e fundos da capella.

« Não podendo por mais tempo conservar-se a capella de Santa Véra Cruz, em razão de sua antiguidade e fraca construcção, deliberou a irmandade dos militares, em sessão de 20 de Janeiro de 1780, que a mesma irmandade tomasse sobre si a nobre empreza de construir um novo templo, e nisso empregar todos os seus recursos ; e sendo convocados os festeiros de S. Pedro Gonçalves para deliberarem sobre a posse dos predios, que possuíão em commum, resolvêrão os festeiros que a parte que tinhão nos predios cedião e davão á irmandade dos militares, ficando esta obrigada a fazer annualmente uma festa a S. Pedro Gonçalves, cuja imagem teria um altar

em a nova igreja. Com a primeira pedra lançada no 1º de Setembro de 1780, deu-se principio ao novo templo, conforme o risco e direcção do brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, sendo juiz da irmandade o coronel José da Silva Santos, e protector o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza. Concluida a actual igreja da irmandade dos militares, foi sagrada a 28 de Outubro de 1811 com a invocação de Santa Cruz, havendo nesse dia uma missa solcmne a que assistio S. A. R. o Sr. D. João principe regente, que houve por bem aceitar o titulo de protector da irmandade, da qual era juiz o marechal de campo João de Barros Pereira do Lago Soares de Figueiredo Sarmiento.

« A igreja da imperial irmandade de Santa Cruz dos militares está collocada na rua Direita, esquina da rua do Ouvidor, da parte do mar, tem do lado esquerdo uma grande porta e as janellas da sacristia e consistorio; está entre dous espaçosos corredores ladrilhados de marmore, que dão entrada para a igreja, em cuja frente tem um grande portico lavrado: tem tres altares, sendo o da capella-mór occupado pela Cruz sobre o monte Calvario, o do lado direito pela imagem de Nossa Senhora das Dôres, e o do lado esquerdo pela imagem de S. Pedro Gonçalves; toda a capella-mór é ornada de preciosa obra de talha, representando os martyrios da paixão e morte de Jesus Christo, e o corpo da igreja com igual obra representando todos os instrumentos e trophéos militares. Com o augmento de seus redditos, a irmandade não limitou seus beneficios sómente ao funeral de seus irmãos;

conferio pensões caridosas ás viúvas e filhos : de officiaes generaes a 9\$600, de officiaes superiores a 6\$400, o de officiaes subalternos a 3\$200 mensaes ; e, á proporção que tem augmentado os bens e reditos da irmandade, ella os distribue em soccorros ás viúvas e filhas dos irmãos que fallecem.

« Pelo compromisso de 4 de Julho de 1830 foi abolida a pensão caridosa, e decretada a pensão compromissal correspondente á quarta parte do soldo ; e pelo compromisso de 14 de Julho de 1853 foi esta pensão elevada á terça parte do soldo de cada um irmão official, sendo tambem soccorridos em sua vida com igual pensão, no caso de perdimento de soldo e reconhecida indigencia.

« São admittidos a irmãos da imperial irmandade de Santa Cruz dos militares sómente os cidadãos brasileiros que forem officiaes de primeira linha do exercito, pertencente á guarnição da côrte e provincia do Rio de Janeiro, e professem a religião catholica apostolica romana.

« Sua Santidade Pio VII, pontifice do Roma, em bulla de 27 de Setembro de 1822, concedeu indulgencia plenaria a quem visitasse a igreja de Santa Cruz dos militares no dia do seu orago a exaltação da Santa Cruz, que pomposamente se festeja a 21 de Setembro ; e o Sr. D. Pedro I, imperador do Brasil, aceitou em 21 de Setembro de 1828 o lugar de protector da irmandade, á qual, por decreto de 3 de Dezembro do mesmo anno, conferio o honroso titulo de Imperial. O Sr. D. Pedro

II, imperador do Brasil, é o actual protector da irmandade. »

A esta noticia cumpre-me acrescentar algumas, porém muito breves observações.

Os militares que instituirão a irmandade da Santa Cruz, pertencião ao chamado *Terço-Velho*; porque sómente em 1700, ou pouco antes desse anno organisou-se o intitulado *Terço-Novo*, com quatro companhias vindas de Lisboa para augmentar a infantaria do paiz e a de Santos.

A denominação de *Terço-Velho*, dada áquelle primeiro corpo de infantaria de linha, foi devida a ter sido elle formado primitivamente dos infantes com que o capitão Estacio de Sá e seu tio Mem de Sá conquistárão o Rio de Janeiro.

Devo finalmente observar que o governador Francisco de Tavora não podia dar a sesmaria de que fez presente a 12 de Fevereiro de 1716 ás duas irmandades da igreja da Santa Cruz; porque a carta régia de 23 de Fevereiro de 1713 determinára que o governador do Rio de Janeiro *não desse sesmarias dentro da cidade, por pertencer sómente á camara, competindo ao governador dar as dos sertões*. E assim o entendeu o governo da metropoli, que a 3 de Outubro de 1720 confirmou aquella doação de Francisco de Tavora, mas só a titulo de esmola.

Este abuso que passo a notar é uma consolação para nós outros, porque deixa ver que a sem cerimonia com que os homens do governo fazem doações do que não é

seu, tem-se observado em todos os tempos, parecendo-se ás vezes muito nesse ponto os nossos ministros do governo representativo com aquelles governadores do systema absoluto.

É uma triste consolação !... mas é preciso que nos contentemos com ella.

Agora, ainda mesmo commettendo um evidente anachronismo, continuarei a historia da igreja da Santa Cruz até os nossos dias, deixando o cabido á minha espera no anno de 1731 ; creio que não lhe custará muito a esperar, visto que se acha bem a gosto em casa alheia.

Se não ha memoria do que era, debaixo do ponto de vista architectorico a antiga capella da Santa Cruz, temos ao menos diante dos nossos olhos a igreja que a substituiu, e que é talvez a mais bella que possuímos na capital.

Vou fazer a descripção deste templo, e desta vez sou exigente. Acho-me no caso de certos estadistas parlamentares que, descobrindo no *prologo* de um livro novo de direito publico uma tirada eloquente, decorão-a palavra por palavra, e aproveitão a primeira occasião para atira-la no meio da camara temporaria, como se fôra obra e parto feliz da sua admiravel intelligencia. Temos uma duzia destas illustrações que brilhão pelos *PROLOGOS*, que nunca passam dos *prologos*, e que hão de morrer tendo sido sempre e sómente *prologos*.

Eu ao menos declaro a todos o nome do autor que falla por mim. É o meu distincto e velho amigo o Sr Manoel de Araujo Porto Alegre quem vai descrever

igreja da Cruz : copio textualmente o que esse artista e poeta escreveu ha alguns annos.

« Cabe-me hoje a descripção da igreja da Santa Cruz dos militares, que pertence a época immediata á da architectura jesuitica, mas que se encosta mais ao estylo classico do que os outros templos onde a escola borrominica alardeou toda a pompa caprichosa de suas combinações grotescas, e que hoje fazem as delicias das borboletas parisienses ; e que reconquistaria de novo o throno das artes se um grande numero de abalisados mestres não se oppuzessem á torrente devastadora e inconstante da moda.

« Propensa ao classicismo a igreja da Cruz é o templo que possuímos de uma architectura mais regular : as linhas que entrão na ordenação da fachada sem ter o peso das da Candelaria, nem o recurvado dos fastigios do Carmo, de S. Francisco de Paula e de S. Pedro, conservão uma agradavel harmonia em suas proporções ; as areas são bem calculadas, os ornatos distribuidos com uma intelligente economia, e as proporções das ordens, seus perfis, e ligação bebidos nas obras dos mestres italianos do seculo atrazado, que pretendendo realizar a grande palavra de Buonaroti quando creou o novo capitolio, cabirão nesses desvarios preconizados por Maderna e Bernini, tendo em completo esquecimento as obras de Palladio, Bramanti e Samovino.

« Se compararmos a fachada da igreja da Cruz com as modernas de S. José e do Sacramento, veremos uma retrogradação horrorosa nos modernos tempos, e o quanto

a architectura perdeu nestes dous edificios que parecem sair da mesma fôrma bastarda e insignificante.

« As obras do tempo da colonia tem um caracter mais grandioso: havia mais gosto; ao menos ellas caminhavam com o tempo e com as idéas artisticas dominantes; mas hoje que houve uma revolução cômpleta, um retrocesso ás idéas classicas, um apurado estudo da antiguidade, e no momento em que o mundo civilizado tinha reconhecido como uma verdade eterna, que o preceito de Palladio que recommenda a simplicidade das linhas, a applicação da harmonia grega a todos os edificios, a esse consorcio da artigraphica profana com a sagrada, a esse caracter de solidez, a essa belleza de contornos, apparecem de pedra e cal esses templos construidos por habilissimos pedreiros, e riscados por homens apenas possuidores de longinquas tradições, que sem serem borrominicos, nem gregos, são uma verdadeira monstruosidade sem gosto e sem poesia.

« Na igreja do Carmo ha dous portaes de um trabalho exquisitissimo, e o que deita para o becco dos Barbeiros é uma obra maravilhosa naquelle estylo; e impossivel será que o cinzel do esculptor possa talhar o marmore com maior morbidez e graça do que alli se achão. Estas duas portas serão consideradas como dous monumentos perfeitissimos da arte borrominica em toda a sua pompa e em qualquer parte da Europa.

« Não sabemos a quem o provedor da ordem dos militares, o coronel de artilharia José da Silva Santos, en-

commendára o risco (da igreja da Cruz) ; mas unicamente ao certo que a obra de talha e as estatuas externas são da mão do insigne Valentim.

« O alpendre olorico da sua fachada é uma obra bem acabada : a mistura do granito e do marmore é feita com intelligencia e gosto, e os ornatos externos de escola borrominica são muito bem acabados, principalmente os da porta principal.

« No interior da igreja se acha toda a pompa e magnificencia do genio de Valentim : o mesmo cinzel da capella-mór de S. Francisco de Paula. O partido tomado na distribuição das linhas geraes é felicissimo, principalmente as das portas lateraes depois da tribuna do côro, que são ornadas e distribuidas com muito gosto.

« A igreja da Cruz, situada na rua Direita, no quarteirão mais nobre e movediço da cidade, será por longo tempo um ornato desta, e um testemunho de que os homens do seculo passado tinham mais gosto para as artes, do que os do seculo actual. Com raras excepções tudo o que fazemos hoje é destituido de grandeza e de poesia. »

Esta descripção do templo da Santa Cruz dos militares foi publicada no *Ostensor Brasileiro* ; mas, embora tenham passado não poucos annos depois que ella vio a luz da imprensa, julgo-a tão sufficiente, e tanto respeito o mestre que a fez, que não me atrevo a accrescentar-lhe palavra.

A imperial irmandade da Santa Cruz dos militares no

seio da qual fundio-se a de S. Pedro Gonçalves, é desde muito tempo uma instituição que desempenha dignamente um duplo fim catholico ; porque não só attende com esmero e brilhantismo todas as condições do culto externo, como soccorre philantropicamente as viúvas e familias dos militares irmãos finados, pagando-lhes pensões da quarta e terça parte dos soldos que estes venção.

Esta providencia aproveita notavelmente aos pensionados ; porque em verdade no Brasil não ha classe que mereça mais e receba menos do Estado do que a militar.

No nosso paiz o soldado, qualquer que seja a sua patente, se não tem outros recursos além do seu soldo, é sempre um pobre, não deixa por sua morte á mulher e aos filhos outro legado que não seja a memoria de uma vida trabalhosa e ardua, e a mais triste e completa pobreza, e ás vezes mesmo a miseria.

Ainda bem que a nação raramente se esquece de acudir em auxilio das viúvas e dos orphãos dos seus valentes defensores, e que ha uma instituição como a imperial irmandade da Santa Cruz dos militares, que em grande parte concorre para o mesmo fim.

E esta irmandade offerece um novo e bello exemplo do que póde fazer e conseguir o espirito de associação bem dirigido, e constantemente applicado com solicitude ; homens pobres, mas dedicados e prudentes, levando a um cofre commum diminutas sommas annuaes, chegarão a realizar um fundo de importancia elevada e um montepio consideravel.

A irmandade da Santa Cruz dos militares tinha no fim do anno de 1861 uma receita de 596:603\$129 procedente de juros de apolices, e da conta corrente do banco Hypothecario, dos alugueis de predios de suas propriedades, e das joias e diversas contribuições dos respectivos irmãos, e pôde assim pagar nesse mesmo anno 38:792\$961 de pensões ás viúvas e orphãos dos irmãos finados.

Sem duvida essa receita deve ter crescido, e actualmente se apresentará um quadro ainda mais animador.

Esta prosperidade financeira dá pleno testemunho da sabedoria e do zelo com que a irmandade tem sido dirigida pelas suas administrações, que merecem por isso muitos elogios.

Pois olhem, nem todas as irmandades podem gabar-se de igual felicidade.

O culto divino está no caso do alto serviço da patria, e ha bom numero de carolas que se aproveitão do serviço de Deos para cuidarem dos seus interesses materiaes de um modo um pouco abusivo, assim como se contão notaveis *patriotas* de elevada posição social que se regalão á custa da nação, de quem se dizem benemeritos.

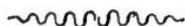
Que religiosos e que benemeritos ! Uns e outros rezão o *Padre Nosso* unicamente por causa do *venha a nós. Florescem* por ahí procuradorezinhos de irmandades, a quem os santos de sua devoção têm a infelicidade de estarem sempre *devendo*, e apezar dos sacrificios de tempo e de dinheiro que fazem, os taes devotos carolas

agarrão-se ás procuradorias como sanguesugas aos corpos dos doentes, e nos actos de eleições brigão, cabalão e se esforço para serem reeleitos, como se fossem candidatos a uma senatoria !

Faz desconfiar tanta dedicação religiosa.

Faz desconfiar deveras, e pelo menos obriga um homem de consciencia a ficar por alguns momentos reflectindo sobre o caso.

Reflectamos pois, meus companheiros de *passeio*, e para reflectirmos tranquillamente, façamos aqui uma pausa de suspensão.



A SÈ DO RIO DE JANEIRO.

A igreja da Santa Cruz dos militares, fundada sobre as ruínas de um fortim, por soldados, que são homens de proezas, e mantida em todas as condições do culto divino, além delles primitivamente por navegantes, que são homens ferteis em historias curiosas, muitas vezes terribes, e ás vezes tambem mais ou menos exageradas, obtida ou conquistada pelo cabido da Sé fluminense, e de novo restituida ás irmandades a quem ella de direito pertencia, dava-me lisongeira esperança de pingue colheita de interessantes tradições; infelizmente, porém, o seu passado é um tumulo que escondeu para sempre as memorias do outro tempo.

O descuido e o cupim tem feito perder a lembrança de muitos factos importantes, de romanescas lendas, e mesmo de crenças e prejuizos populares, que seria agradavel conhecer actualmente. O descuido fez com que não se escrevesse o que devia ser perpetuado: o cupim devorou thesouros immensos nos archivos publicos, e de não poucas instituições religiosas.

Não sei se devo attribuir ao descuido, ou explicar pela acção do cupim a pobreza de tradições do passado que se nota na igreja da Santa Cruz dos militares; mas é certo que sómente encontrei nella a lembrança de factos contemporaneos para referir aos meus companheiros de *passeio*.

Além das sollemnidades compromissaes a que está obrigada a imperial irmandade da Santa Cruz dos militares, celebrão-se annualmente nesta igreja duas pomposas festas : uma é a do Senhor Desaggravado, outra a de Nossa Senhora da Piedade, e ambas tem uma origem que convém não deixar esquecer.

São historias do nosso tempo e que todos sabem ; não é isso porém uma razão para condemnal-as ao silencio. *Porque todos as sabião*, deixarão talvez os nossos avós de escrever e perpetuar cousas do passado que se perdê-rão completamente na memoria dos homens.

Tratarei em primeiro lugar do acontecimento escandaloso de que proveio a justissima e louvavel idéa da festa do *Senhor Desaggravado*, e contarei o principio da historia, copiando textualmente alguns periodos da erudita pastoral do venerando bispo do Rio de Janeiro datada de 10 de Agosto de 1815, e relativa a esse caso :

« Na igreja da Santa Cruz dos militares desta côrte, andando-se em obras, aconteceu que no dia 29 do mez de Julho ultimamente findo, pelo meio-dia um official de pintura, que trabalhava nas referidas obras, fosse ao consistorio onde se achava a imagem do Senhor Jesus morto ; e abi, abrindo a cortina que encerrava a sacrosanta imagem (ah ! quem o pensára de um catholico ?) escarnecêra, blasphemára, e desacatára a veneranda imagem !....

« O desacato de que fallamos foi seguido de um effeito prodigioso. O seu infeliz autor, sobre sacrilego, foi tambem incredulo ; e á semelhança daquelles que blas-

phêmárão do Nosso Salvador na hora do seu martyrio, dizendô-lhe que se era Deos descesse da Cruz para acreditar, o desgraçado dizia, ao passo que desacatava a imagem, e negava a divindade daquelle que essa imagem répresentava : « Se tens poder tira-me a vida neste momento ! »

« Mal o infeliz consummára o attentado, que a razão o abandonou, como que espavorida da profundidade do abysmo a que chegára ! ficou elle, diante, em pouca distancia da santa imagem, estupefacto, com a physionomia notavelmente alterada, e tendo aberta a bóca (que acabava de insultar o céo), e sobre ella a língua estendida !

« Depois deste successo, outro da mesma natureza, porém de uma maior gravidade, teve lugar. O infeliz, tornando a si, achava-se pintando a urna de Nossa Senhora das Dôres na igreja, quando, precisamente ás 3 horas da tarde do referido dia, soltou dous fortes gritos, que assustarão grandemente os outros trabalhadores ; e immediatamente cahio por terra, sem sentidos, quasi morto, e soffrendo em todo o corpo horriveis contorsões ! Neste estado permaneceu até perto da noite, quando foi levado para sua casa. Não consta que padecesse tão grave mal em nenhum tempo, e nem se conhece nenhuma causa precedente que o motivasse.

« Quando o desacato foi feito, as pessoas que o presenciárão exprobrárão-o ao seu autor. Este, soffrendo dous dias depois um novo ataque, abraçou-se com uma imagem do Senhor Jesus Crucificado, e o mesmo fez no dia seguinte com uma imagem das Dôres de Maria San-

tissima, a quem saudou com um affecto filial. Assevera que não se recorda do que lhe succedêra nesse infausto dia 29 de Julho, e nos dous seguintes; mas está prompto a renovar a sua fé á face da igreja que escandalisára e a dar todo o genero de satisfação que necessaria fôr para reparar o mal que fizera, arrependendo-se e sujeitando-se ás penas canonicas. »

O infeliz, de quem se trata nesta pastoral, chama-se Augusto Frederico Corrêa, era natural dos Açores, tinha vinte e tres annos de idade, e occupava-se no gessamento da igreja da Santa Cruz dos militares, quando no dia 29 de Julho de 1815 commetteu os horriveis excessos de incredulidade e sacrilegio, offendendo a imagem sagrada com palavras e com ações que devem ficar no esquecimento.

No dia 12 de Agosto do mesmo anno de 1815 effectuou-se na igreja da Santa Cruz dos militares o acto solemne do desaggravo da imagem sagrada de Jesus Christo morto, conforme fôra determinado na pastoral de 10 de Agosto, e eis aqui uma descripção fiel dessa solemnidade, descripção que copio tambem *ipsis verbis* de uma das nossas gazetas diarias.

« A's dez horas da manhã, achando-se reunido o clero da freguezia da Candelaria, presidido pelo seu reverendo parochio, muitos conegos, e mais ecclesiasticos seculares e regulares, e a imperial irmandade, chegou o Sr. bispo capellão-mór conde de Irajá, e sendo recebido á porta pelo reverendo parochio, subio com difficuldade (pelo immenso povo que se achava apinhado no transitto, afim

de assistir ao acto) as escadas do consistorio, onde já se achava o monsenhor vigario-geral, conegos Marinho Chaves, mestres de ceremonias, e o delinquente junto a altar do lado da epistola. S. Ex. Revma. fez a oração a Senhor depositado em cima do altar, coberto com um rico véo rôxo, e foi sentar-se no fraldistorio, ao lado do Evangelho, não querendo fazê-lo no meio do altar, com era do ceremonial, pelo respeito, humildade e acatamento á mesma sagrada imagem: paramentado de amicto, cruz peitoral, estola, pluvial rôxo e mitra amarella, sentado no seu fraldistorio, mandou ao mestre de ceremonias, o conego Moreira, que lesse em voz alta energica e devota pastoral, na qual dava provas não equivocadas do seu zelo, religião e cuidado pastoral na manutenção do culto religioso, que sustenta no governo da sua vasta diocese: acabada a leitura, o mestre de ceremonias conduziu o delinquente aos pés de S. Ex., o qual pondo-se de joelhos, disse a confissão geral; acabada qual S. Ex. de pé e sem mitra, o absolveu da censura na fórma do ritual romano: o delinquente depois recitou o symbolo dos apóstolos, com o artigo da constituição de Pio IV, na fórma seguinte, pondo a mão sobre missal: — Firmemente affirmo que se devem ter e reter as imagens de Nosso Senhor Jesus Christo e da sempre Virgem Maria Mãe de Deos, e dos outros Santos, e bem assim que a essas imagens se deve dar a devida honra e veneração. Isto feito, o delinquente tomou o seu lugar ao lado da Epistola, e S. Ex. prostou-se no fraldistorio com mitra, e os cantores começaram a ladainha de todo

os Santos, cantada por todos com a maior devoção possível, estando todos de joelhos; acabadas as ladainhas, S. Ex. de pé e sem mitra cantou o *Pater Noster* e a oração *pro Ecclesia*: e ajoelhando-se depois com ambos os joelhos, beijou com toda a reverencia e acatamento a mão direita da sagrada imagem, que se achava descoberta; o mesmo praticou o clero secular e regular, a irmandade, o delinquente e mais pessoas que se achavão presentes. S. Ex. mandou que a sagrada imagem estivesse todo o dia exposta á veneração de todos os fieis, afim de terem a doce consolação de adorar e beijar seus sagrados pés. É deste modo que S. Ex. Revma. deu um publico testemunho da sua devoção e respeito á religião catholica apostolica romana, que felizmente e de coração professamos. »

Ainda alguns esclarecimentos, e completa ficará a historia do desacatador.

Terminada a cerimonia religiosa que os meus companheiros de *passeio* acabão de ver descripta, quiz o vigario-geral esperar que o povo se retirasse para sahir com o delinquente; mas esperou debalde; a multidão de curiosos permanecia postada em frente da igreja com o empenho de conhecer o infeliz, e consequentemente aquelle digno sacerdote resolveu-se a escapar com o penitente por uma porta lateral do templo; sendo porém presentido e acompanhado pelo povo que murmurava, apressou-se e conseguiu entrar em sua casa na rua da *Assembléa* (que ainda se chamava da *Cadêa*), diante da qual ficarão de vigia muitos homens do povo.

Às oito e meia horas da noite o infeliz Augusto Frederico Corrêa, suppondo-se livre de qualquer perigo, sahio da casa do vigario-geral o monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno, e acompanhado de um caridoso sacerdote, seguia pela rua da Assembléa, quando ao entrar no largo da Carioca vio-se perseguido d'uma turba ameaçadora, que entre vaias bradava « fóra judeu ! fóra excommungado »; e em tão grande risco se achou, que homisiou-se no *hotel de Italia*, que então era na praça da Constituição, e alli ficou até á tarde do dia seguinte, em que o chefe de policia o foi buscar, e o levou em sua caruagem ao arsenal de marinha, entregando-o á autoridade competente, com a declaração de não o deixar preso, mas sómente abrigado por alguns dias a bordo da fragata de guerra *Principe Imperial*.

Eis o facto absolutamente como se passou, e em toda a simplicidade e nudez. Não preciso dizer quanto me horrorizou o sacrilegio perpetrado pelo miseravel Corrêa, e quanto me horroriso ainda á simples lembrança delle : é a unica apreciação que me atrevo a fazer desse desacato insolito e maldito ; quanto ao mais, não adiantarei palavra. Creio firmemente que Deos Nosso Senhor muitas vezes castiga os grandes peccadores neste mundo ; mas se os ataques e convulsões que soffreu na igreja da Cruz aquelle infeliz sacrilego forão ou não forão um *castigo de Deos*, não sei ; bem póde ser que o fossem ; se porém de certo o forão só Deos o sabe.

O que me cumpre accrescentar é que Augusto Frederico Corrêa era notavel pela sua ignorancia, e que deixou

irrecusavel prova disso na seguinte carta que escreveu, achando-se a bordo da fragata *Principe Imperial*.

« *Reverendicimo Senr mon Senr Dignicimo Vigario Geral.* — As 5 ½ da manhã logo que foi apresentado ao Senr. Comm. desta fragata Princete recepi a ingusta reprehenção de filho de má molher de Ladrão de Caxorro e de malvado a vista de touda a goarnição e mandarão-me em mangas de camiza apresentar ao Senr. Comm. da fragata Praguaçu Logo que voltei derão que eu estava prezo aordem do Senr. Chefe do policia que hera para toudo o serviço e de noute para o porão quen sera Senr. que ature asim que o seu crime ja vossa Reverendicima é eu terce esforcado emostrar a Deos Nosso Senr. iao mundo que não sou culpado de um crime tão disgracado em fim MonSenr. não sepacarão 5 minutos que não me mandacem dar umas poucas de chibatadas o outraves ordem para pecoa nenhuma falar comigo que era um ladrão malvado porisso vou de pozitar aos pés de vossa S. Reverendicima que é impossivel Senr. que eu possa prezistir neste por mas tempo desta maneira o Senr. Juiz ou Chefe da policia disse ao Senr. inspetor do Arsenal de marinha que eu não era prezo mas aqui logo me tratarão assim e continuão a peor e se vossa revendicia não quizer ter compaixão do mais disgracado de toudos os homens fazer com que um reverendo me ouça de Comflicção por que estou rezolvido arretirar-me do mundo para não penar mais ingustamente eu espero estimadicimo monSenr. que vós não medezenparareis nesta tão ariscado huma só falla vossa faz aminha feleçidade não

posso mais por que vou barrer, os chiqueiros dos porcos nem reparar alguns erros que fis Adeos mon Senr. Adeos mon Senr. amesma recomendação faço ao Snr. Padre que mora com vossa Excententiçima que tambem se compadeça de mim i fico até o ultimo suspiro sendo De V. S.^a e Reverendicimas desgraçado mt.^o Venr.^o Criado e Obrad.^o — *Augusto Frederico Corrêa.* »

Deixemos o pobre Corrêa com o arrependimento que de certo o acompanhará até á morte, se é que ainda não morreu. Foi um miseravel diabo que pagou caro uma hora medonha de indigno e estupidissimo sacrilegio ; mas do seu desacato proveio ao menos uma santa e louvavel devoção.

O tremendo e medonho insulto feito á imagem de Jesus Christo morto despertou immediatamente no Rio de Janeiro a fé de muitos catholicos. O [coronel Manoel José de Castro, irmão da irmandade da Santa Cruz dos militares, offertou a quantia de 2:000\$ para de seu producto haver uma missa ás sextas-feiras no altar de Nossa Senhora das Dôres, estando exposta a imagem do *Senhor Desaggravado*, e este exemplo de piedade religiosa tem excitado tão importantes offertas, que, além da missa instituida por aquelle irmão, e que é sempre muito concorrida, ha uma festividade annual do *Senhor Desaggravado*, que é solemnisada com grande pompa, e a que assiste com a maior devoção um grande numero de fieis.

A origem da devoção do *Senhor Desaggravado*, foi portanto um sacrilegio : a origem da devoção de

Nossa Senhora da Piedade na mesma igreja da Santa Cruz dos militares foi um horroroso flagello.

Isto prova ainda uma vez que estremecendo ante o espectáculo de crimes abominaveis, ou no meio das mais dolorosas provações a humanidade acha sempre um recurso poderoso, uma suave esperança, um conforto animador, voltando-se para Deos.

No anno de 1855 a terrivel peste do cholera-morbus que invadira pela primeira vez diversas provincias do Brasil, fazia crueis estragos na capital do imperio, ceifando principalmente na classe pobre um grande numero de victimas.

Ao grito de angustia soltado em triste côro por milhares de familias necessitadas, prompta e zelosamente despertárão a um tempo a caridade publica e a particular. Multiplicárão-se os hospitaes, as enfermarias e postos medicos, avultárão os donativos e as subscrições, e por toda a parte abrírão-se os cofres dos ricos em auxilio da pobreza.

Nessas circumstancias difficeis o Imperador o Sr. D. Pedro II praticou um grande acto de sabedoria e virtude ; pois rejeitando o parecer daquelles que o aconselhavam a retirar-se da capital, não só permaneceu nella com sua augusta esposa e as serenissimas princezas, mas ainda sahio a visitar as enfermarias dos affectados do cholera, e gastou longas horas conversando, consolando e animando os infelizes doentes, sem receio algum do contagio que com fundamentos ou não a tantos aterrava.

Este procedimento do imperador deu coragem aos

mais medrosos, dedicação aos menos zelosos, e inflamava ainda mais o sublime espirito da caridade, que se achava já muito nobremente excitado.

Todas as classes rivalisarão em solitudine, e o sexo feminino disputou nesse ponto a primazia ao masculino.

Virão-se senhoras deixarem suas casas e familias para servirem de enfermeiras nos hospitaes; outras, e entre estas muitas de elevada gerarchia, sahirem pelas ruas a pedirem esmolas para os pobres; quasi todas cotisarem-se, destinando a esta obra de caridade sommas que devião empregar em joias e enfeites; e um grande numero dellas reunindo muitos e muitos delicados trabalhos de suas mãos, effectuarem na academia das Bellas-Artes um *leilão de caridade* em proveito dos doentes pobres.

Neste fervoroso empenho de caridade mostrarão-se emfim algumas esposas e filhas de irmãos da Santa Cruz dos militares, esmolando ás portas da igreja desta invocação o preciso soccorro para os pobres feridos da tremenda peste, e mais tarde uma reunião de senhoras deliberou dar graças á Santissima Virgem da Piedade, a quem tinham devotamente recorrido contra a peste, e que ouvira as suas supplicas, e consequentemente fôra instituida uma festa annual, e uma missa rezada todos os sabbados.

A mesa da irmandade foi prompta em conceder a necessaria licença para que essas solemnidades se effectuassem na sua igreja, e a devoção de Nossa Senhora da Piedade tem tido o mais louvavel desenvolvimento.

Esta devoção tomou por protectora Sua Magestade a Imperatriz, e a festa annual que celebra é uma das mais pomposas e brilhantes do Rio de Janeiro: senhoras estimadissimas e de elevada gerarchia vão cantar ao côro, e tudo é feito com esmero e esplendor. As missas dos sabbados reúnem immenso e piedoso concurso, e além da satisfação do culto divino, a santa instituição desempenha o dever e a virtude da caridade distribuindo sem ostentação e com a graça no fazer o bem, que só pertence ás senhoras, esmolas preciosas, que matão a fome de muitas familias pobres aqui na terra, e são applaudidas pelos anjos no céu.

Com a historia destas duas devoções, a do *Senhor Deságravado* e de *Nossa Senhora da Piedade*, concluo eu tudo quanto posso dizer a respeito da igreja da Santa Cruz dos militares, e agora volto ao ponto em que deixei o cabido da Sé, na noite da sua conquista da mesma igreja.

As irmandades da Santa Cruz e de S. Pedro Gonçalves acordarão sobresaltadas com a presença dos seus hospedes obrigados, levantarão alarido igual ao de um partido em maioria que perde uma eleição, porque a policia fez o diabo na urna; mas a camara e o governador, escandalizados tambem, não se contentarão com palavras vans, e queixarão-se do facto a el-rei, que por provisão de 14 de Dezembro do mesmo anno de 1731 estranhou aos capitulares da Sé a demasiada acceleração e pouca decencia com que a horas nocturnas trasladarão a imagem de S. Sebastião sem darem parte ao governador, e

tambem declarou á camara que nenhum direito tinha de impedir a mudança das imagens, pias e pulpitos.

O facto estava pois consummado, e o venerando cabido ficou na casa alheia contra a vontade dos donos.

A theoria dos factos consummados não é descoberta do seculo dezenove. Em todos os tempos a violencia achou sempre desculpas, quando as conveniencias e os interesses dos governos os aconselhão a legitima-la.

A opposição das irmandades proprietarias da igreja da Santa Cruz continuou sempre a incommodar os capitulares, e monsenhor Pizarro, que é um pouco suspeito pela sua mesma qualidade de monsenhor, observa nas suas Memorias do Rio de Janeiro que « o simples uso da igreja não foi de certo a causa primaria nem unica da repugnancia de taes corporações, mas as circumstancias prescriptas no mesmo alvará (de 30 de Setembro de 1733), onde, além das declarações já referidas, accrescêrão as seguintes : — E as duas irmandades da Cruz e S. Pedro Gonçalves que ha na dita igreja da Cruz se conservarão nella, assignando-se para a irmandade da Cruz em lugar da capella-mór, alguma das outras do corpo da igreja, para nella se collocar a Santa Cruz, e celebrarem a sua missa como até agora, e em lugar das sepulturas que as ditas têm no pavimento da igreja, se fará um cemiterio no lugar que parecer mais conveniente, do qual se dará parte ás ditas irmandades, e as outras partes ficarão livres para se enterrarem os parochianos e mais pessoas seculares, reservando-se as sepulturas da igreja sómente para os ecclesiasticos e mais

pessoas a que, conforme o direito, se lhes devão conceder dentro da igreja—cujas clausulas, parecendo odiosas aos proprietarios da casa, lhes ministravão o fundamento para supplicarem a restituição della. »

Suppondo que monsenhor Pizarro tenha bem determinado os motivos da contestação, ainda assim ninguem deixará de inclinar o seu juizo para o lado das irmandades que havião levantado a sua casa, e vião a Santa Cruz desterrada da capella-mór para o corpo da igreja; que tinhão preparado na igreja sepulturas para que os seus finados nellas dormissem o somno eterno aos pés dos santos altares, e *debaixo de coberta enxuta*, e que se vião condemnados a irem sepultar-se em um cemiterio publico, tomando os ecclesiasticos e os privilegiados as suas covas da igreja.

Foi portanto, segundo monsenhor Pizarro, uma briga por causa da Santa Cruz e dos defuntos; mas não é menos certo que o direito de propriedade da Santa Cruz e de S. Pedro Gonçalves foi sacrificado em proveito do cabido.

Ainda bem que um dos pontos que derão motivo a esta questão foi para sempre resolvido pela carta regia de 14 de Janeiro de 1801, que prohibio as sepulturas dentro das igrejas, e ainda mais pela febre amarella, que, assolando o Rio de Janeiro em 1850, obrigou o governo a tomar a utilissima providencia que acabou com os enterramentos dentro da cidade, e determinou o estabelecimento de cemiterios fóra della, e onde todos os defuntos, seculares, ecclesiasticos, e privilegiados vão ja-

zer como irmãos que são, aos lados uns dos outros, e com a certeza de não brigarem por causa dessa lei de igualdade.

Continuemos porém a nossa historia.

Quiz el-rei que pela mudança da Sé não ficasse esquecida a cathedral primitiva, e por isso ordenou no alvará já citado que : 1º se erigisse alli uma confraria de S. Sebastião, afim de que ella mantivesse a decencia do templo ; 2º, que houvesse um capellão effectivo com a obrigação de celebrar missa no altar-mór todos os dias, por si ou por outro sacerdote em beneficio das almas dos reis de Portugal ; 3º, que ao capellão se daria a congrua como pelo soberano fosse consignada e á fabrica da igreja ; 4º, que no dia 27 de Janeiro de cada um anno, no qual se solemnisa a oitava do mesmo santo padroeiro, depois de satisfeitos os officios divinos e cantada a missa conventual na cathedral nova, fosse obrigado o cabido, acompanhado de todo o clero, sem excepção do regular, a fazer uma procissão solemne á igreja antiga, onde se cantaria outra missa igualmente solemne ; e por ultimo recommendou muito ao bispo e ao cabido que a manhã e o dia todo da procissão fossem de guarda.

O bispo satisfez plenamente o segundo e terceiro destes quatro artigos do alvará : nomeou o capellão, e este recebeu a sua congrua ; o primeiro artigo deixou de cumprir-se, porque faltou zelo e boa vontade dos devotos para sustentação da irmandade de S. Sebastião, que aliás já existia antes do anno de 1716 ; mas quasi de facto extincta, apenas, como já disse em outro *passeio*, re-

viveu muito mais tarde pelo influxo do vice-rei conde de Rezende.

O quarto artigo emfim recebeu fiel execução, e até o anno de 1757 foi observado, tendo-se transferido para o dia designado no alvará a procissão que se fazia a 20 do Janeiro; como porém o Santissimo Sacramento era levado pela ingreme ladeira do collegio da Sé nova para a velha, nas horas mais ardentes de um dia de verão, o isso causava grande incommodo aos ecclesiasticos e ao povo que o acompanhava, pareceu melhor ao cabido dividir-se o corpo capitular em dous grupos, ficando um na Sé nova, onde se celebravão as horas canonicas o a primeira missa, e outro na Sé velha, satisfazendo a assistencia da segunda missa juntamente com o senado e a camara, e ordenando-se a procissão na tarde do oitavario. O bispo D. Fr. Antonio do Desterro e o senado approvãõ esta proposição, e assim começãõ a ser effectuadas as solemnidades desde 1758.

As festas de S. Sebastião erãõ celebradas com todo o apparatus e esplendor; a cidade illuminava-se á noite como ainda agora se observa; mas indubitavelmente havia mais devoção em todos, e mais alegria no povo.

Entretanto nem o encanto divino destas solemnidades, nem a justa devoção que merecia o santo que déra o seu nome e patrocínio á cidade, tinhão podido extinguir as divergencias que trazião em opposição o corpo capitular e as irmandades proprietarias da igreja da Santa Cruz.

Cartas regias de 10 de Novembro de 1736 e de 5 de Agosto de 1738 ordenãõ ao bispo que escolhesse sitio

conveniente para nelle se construir uma nova cathedral, determinando ainda outra de 11 de Agosto do mesmo anno de 1738 ao governador e capitão-general que, em conferencia com o bispo e o brigadeiro José da Silva Paez, apontasse outra igreja para Sé-cathedral, ou lugar em que de novo se edificasse, conforme parecesse melhor.

Aquellas duas primeiras cartas regias e o facto de se adiantar notavelmente a ruina da igreja da Cruz, livrarão as irmandades da Santa Cruz dos militares e de S. Pedro Gonçalves dos seus hospedes obrigados.

Em cabido de 28 de Julho de 1737 declarou o corpo capitular que entre os templos existentes na cidade do Rio de Janeiro, o mais apto para servir de cathedral era a igreja de Nossa Senhora do Rosario; e approvando o bispo D. frei Antonio de Guadalupe este conselho, foi na tarde do 1° de Agosto do mesmo anno trasladado procisionalmente para esta igreja, onde o recebeu a irmandade senhora da casa.

Parece-me inutil dizer que as irmandades da Santa Cruz dos militares e de S. Pedro Gonçalves despedirão-se do cabido com o sorriso nos labios; mas, convém desde já declarar que os *pretinhos que compunhão a irmandade de Nossa Senhora do Rosario* (é a phrase de monsenhor Pizarro) abrirão-lhe a porta da sua igreja quasi com as lagrimas nos olhos.

E preciso é confessar, os *pretinhos* tinham alguma razão.



XLI.

A SÉ DO RIO DE JANEIRO.

Pela mesma razão porque, acompanhando o respeitavel cabido do Rio de Janeiro em sua mudança da Sévelha para a igreja da Santa Cruz dos militares, offereci uma descripção desta e contei a sua historia, entendo que tambem me cumpre destinar o nosso *passeio* de hoje exclusivamente á igreja de Nossa Senhora do Rosario, para a qual, como ficou dito, se transferio a Sé em consequencia da ruina daquelle templo.

É verdade que a igreja de Nossa Senhora do Rosario pertencia e pertence aos *pretinhos*, de quem o cabido nunca fez caso algum, e antes procurou maltratar por vezes ; mas eu neste ponto não posso ser solidario com o venerando cabido, e além disso não é admissivel que a má vontade dos ministros da Sé se estendesse dos *pretinhos* á casa de Nossa Senhora e nem mesmo a S. Benedicto.

Tambem os *pretos* são filhos de Deos, e como taes os que habitavão a cidade do Rio de Janeiro, logo nos primeiros tempos collocárão na igreja de S. Sebastião do Castello uma imagem de Nossa Senhora do Rosario, a quem tributavão desvelado culto, para perpetuidade do qual crearão antes do anno de 1639 uma confraria, em que se fundirão as devoções da Senhora do Rosario e de S. Benedicto, sob o titulo de irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto. O prelado adminis-

trador, Manoel de Souza e Almada, approvou esta instituição em provisão de 22 de Março de 1669, e a confraria começou a desenvolver-se zelosamente até á época em que se instituiu a Sé do bispado.

A corporação capitular não se entendeu com os pretinhos, ou estes não se entendêrão com ella. O que houve entre uns e outra não sei detalhadamente; certo é, porém, que a irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto experimentou muitos dissabores. No tomo 10, livro 1º, titulo 8º do *Sanctuario Marianno* lêem-se por este motivo censuras graves aos conegos, e o proprio monsenhor Pizarro, que é nestes assumptos não pouco suspeito, dá idéa das desintelligencias que houve, dizendo: « ... alguns desgostos com os conegos por serem obrigados (*os pretinhos*) a prestar certas propinas ao cabido, a ter por seu capellão um dos capitulares, e a pagar as covas occupadas pelos cadaveres de seus confrades, de que tudo ficárão isentos pelo aívará de 19 da Janeiro de 1700, &c. »

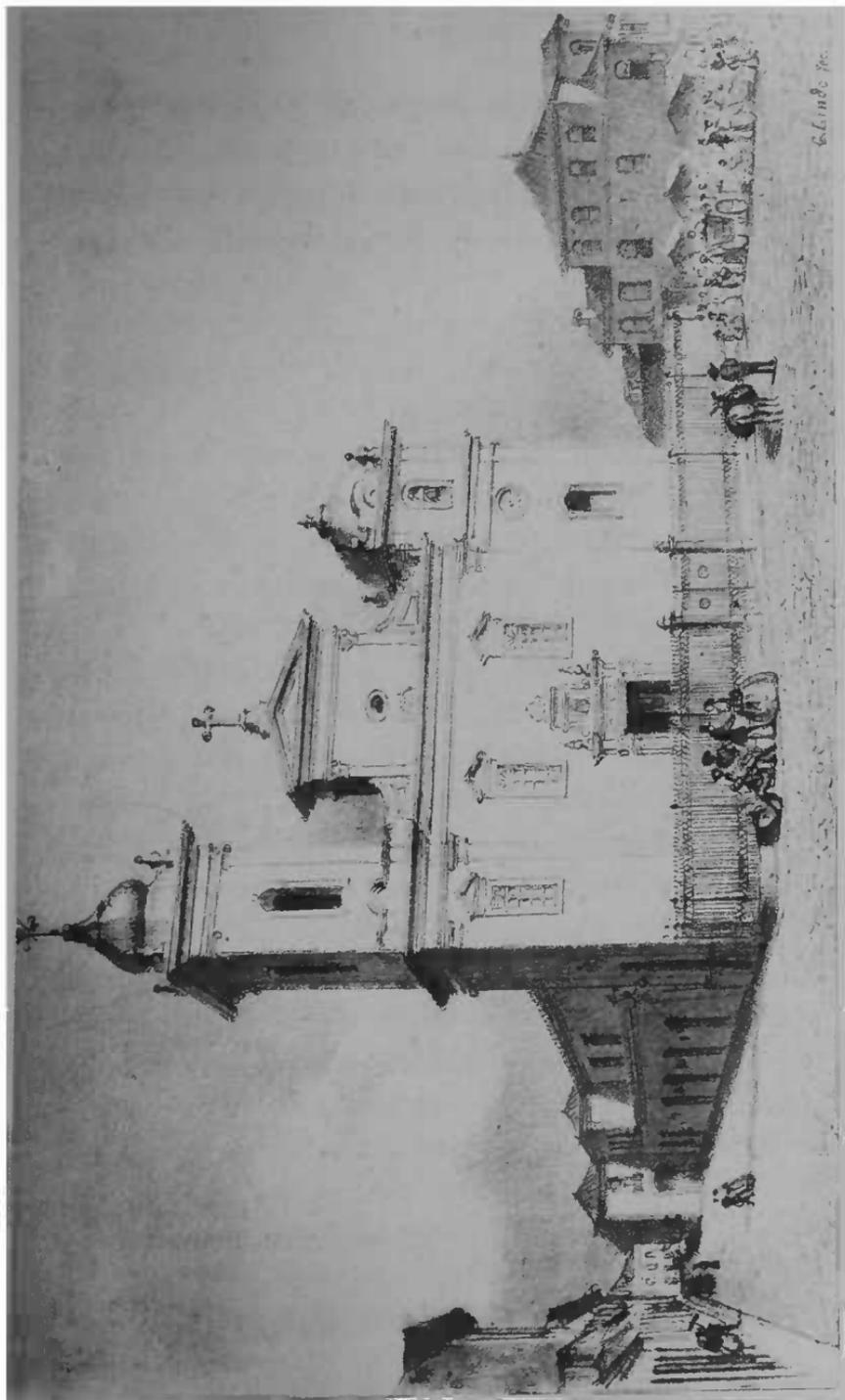
Como quer que fosse, a irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto teve de lutar com o corpo capitular, e, fatigada da luta, resolveu deixar a igreja de S. Sebastião do Castello, tratando de subsistir em casa propria, e, obtendo de Francisca de Pontes doação de sete braças de terra com trinta e duas de fundo na rua então denominada de Pedro da Costa, traçou a fundação de um templo, que começou a ser erigido no anno de 1700, concluindo em poucos annos a capella-

mór, e pouco depois de 1725 todo o corpo da igreja, servindo-lhe neste empenho de poderoso auxilio a devoção do governador Luiz Vahia Monteiro, cujo retrato ficou, por titulo de gratidão, conservado no consistorio da igreja.

Cousas deste mundo! a corporação capitular, que brigára no templo de S. Sebastião do Castello com a irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto, foi bater á porta da igreja da mesma irmandade no anno de 1737! a porta lhe foi aberta de má vontade e só por obediencia, e monsenhor Pizarro se admira de que *os pretinhos não se mostrassem satisfeitos pela honra que recebião, hospedando o cabido!*

Á parte o antigo resentimento, a admiração do illustre monsenhor não era bem fundada; porque não só as irmandades da Santa Cruz dos militares e de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto se oppuzerão ao estabelecimento da Sé em suas igrejas, como ainda outras irmandades demonstravão igual opposição, e em prova disto ahi está o conego Luiz Gonçalves dos Santos dizendo em suas *Memorias* que a capella-mór da igreja de S. Francisco de Paula foi construida com acanhadas proporções, muito de proposito, pelo receio de que se passasse para esse templo a cathedral.

O motivo destas opposições era evidentemente a certeza de que, com o estabelecimento da cathedral em qualquer igreja, ficava o cabido exercendo e gozando nella direitos e prerogativas que amesquinhavão as irmandades proprietarias da casa: ora, é bem natural



Instituto Artístico lith.

IGREJA DE N. S. DO ROSARIO.

que ninguém deseje receber hospedes que mandem na casa hospitaleira mais do que os donos.

O descontentamento da irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto pela obrigada hospedagem que lhe impuzerão, demonstrou-se immediatamente em uma queixa dirigida a el-rei, que, á vista de informações dadas pelo governador, e da consulta da mesa de consciencia e ordens de 24 de Julbo de 1739, mandou em provisão de 3 de Outubro seguinte, dirigida ao bispo « *conservar interinamente a cathedral e o cabido na igreja de Nossa Senhora do Rosario, emquanto se fazia nova Sé, para cuja obra de novo recommendou ao bispo que escolhesse sitio apto onde se executasse, sem ser na igreja dos pretos, por não ser decente que o mesmo prelado e o cabido estivessem celebrando os officios divinos em uma igreja emprestada e de mistura com os pretos.* »

Não havia que dizer, nem appellação de uma tal sentença ; o rei mandou ; era inevitavel o sacrificio, e a obediencia á risca tornára-se um dever ; se os militares não tinham podido resistir aos conegos, quanto mais os *pretinhos* !

Mas o resultado desta situação um pouco anormal era facil de prever : contestações e intrigas incessantes perturbarão a paz que devia observar-se na igreja do Rosario, cujas portas tinhão duas chaves, uma nas mãos da irmandade, e outra nas do cabido, seguindo-se dahi um *abre e fecha* e um *fecha e abre* contradictorio e manifestamente hostil.

O alvará de 19 de Janeiro de 1700, que permittira á irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto a edificação do seu templo, isentára-a de pagar o encargo das propinas ao cabido, de ter por seu capellão algum dos capitulares, de pagar covas na igreja da Sé (de S. Sebastião), e de não reconhecer os direitos do parochio territorial, apezar de salvar-os o mesmo alvará, dizendo: « ...*salvo sempre o padroado real, direito da ordem e parochial.* »

As contestações mais sérias provierão da interpretação diversa que as duas partes interessadas derão a este alvará. A privação das propinas e da capellania da irmandade incommodava os capitulares, e accendia a inimizade, o que não deve admirar, porque neste mundo em que vivemos as lutas mais enraivadas são quasi sempre ateadas por causa das *propinas*. Os politicos, os homens de sciencia, de artes liberaes e de officios mechanicos, os homens de toga e os de farda todos, emfim, brigão muitas vezes, mordem-se e atassalhão-se, disputando *propinas* que não podem chegar a todos: os padres não podião fazer excepção a esta regra, e cada um delles diria com fundamento a respeito das *propinas* o que os fazem dizer a respeito de certos peccadinhos:

*Não sou padre, não sou nada;
Sou vivente como os mais.*

O que, porém, deu motivo á mais forte e disputada contenda, foi a interpretação da ultima isenção concedida pelo alvará; porque a irmandade a entendeu de

modo a suppôr-se com o direito de (são palavras de monsenhor Pizarro) *querer subtrair-se de prestar obediencia ao legitimo parochio da freguezia da Sé, fazendo celebrar sem o seu consentimento todas e quaesquer funcções por seus capellães, a quem arvoravão arbitrariamente com a distincta qualidade de parochos privativos*. Longa foi sobre este ponto a disputa, que finalmente acabou, resolvida competentemente a questão em favor da irmandade, o que não impedio que monsenhor Pizarro escrevesse nas suas *Memorias Historicas do Rio de Janeiro* não sei quantas paginas atacando o acórdão tomado, e sustentando os direitos parochiaes.

Ou por falta de meios ou por má vontade aos hospedes, que via-se obrigada a ter em sua casa, a irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto deixou durante muitos annos de melhorar com obras novas e indispensaveis a sua igreja, até que em 1773 Antonio da Silva Ribeiro, um dos mais zelosos protectores da irmandade, e então thesoureiro della, resolveu reformar a capella mór para dar-lhe extensão proporcionada ao corpo da igreja, e mais apta para se celebrarem com dignidade as grandes solemnidades religiosas: em 26 de Junho do mesmo anno tiveram principio as obras, que não se limitárão á capella mór, mas ainda a um espaçoso consistorio com diversas accommodações, parte das quaes devião ser destinadas a servir de casa capitular, e de quartos para os capitulares mudarem vestido e hospedarem-se mais a gosto, pelo que concorrêrão elles tambem com algumas esmolas.

Antonio da Silva Ribeiro falleceu antes de se acharem terminadas as obras, e a irmandade que as levou ao cabo no fim de alguns annos, fez uma verdadeira pirraça ao venerando cabido, pois nunca offertou-lhe, nem conveio em conceder-lhe accommodação alguma no seu novo e grande consistorio, *temendo que o emprestimo e a generosidade fossem prejudiciaes á propriedade.*

Este facto prova como andavão em assanhada hostilidade os conegos e a irmandade do Rosario e S. Benedicto, e disso mesmo se resentem as *Memorias Historicas do Rio de Janeiro*, nas quaes monsenhor Pizarro, seu autor, e membro do cabido, não poupa censuras aos pretinhos, assignalando até abusos e quebras de contratos que commettêra a referida irmandade, como se vê do seguinte facto, que elle perpetuou em uma nota do tomo 6º da sua obra, e que eu copio por pertencer tambem á historia da igreja do Rosario.

« Determinando o padre Luiz de Lemos Pereira, em testamento com que falleceu a 21 de Julho de 1731, que seus testamenteiros se ajustassem com a irmandade do Rosario para collocar em uma capella particular da igreja a imagem de S. Vicente Ferreira, em cujo ornato mandou despende a quantia de 400\$, além da importancia da faculdade pretendida, sob a condição, porém, de ficar a capella (ou o altar) com o titulo do mesmo santo, e de se permittir junto a ella duas sepulturas para sacerdotes pobres e forasteiros que não fossem irmãos da irmandade de S. Pedro, e para anjinhos tambem pobres; não obistou essa corporação ao disposto pelo testador, recebendo

com prazer grande a quantia do ajuste; mas considerando depois na quebra dos redditos provenientes das covas, e como arrependida da outorga, cessou de facilitar gratuitamente esses jazigos aos necessitados expressos. Pouco depois de collocada a imagem sobredita em seu altar proximo (que foi o primeiro do lado da Epistola junto ao arco cruzeiro), não tardou em soffrer a violencia de uma aposentadoria, que, excluindo-a do lugar, fez substituir a Santa Anna por dona da casa, a quem se deu a posse, e a um lado da entrada ficou o senhor da propriedade como hospede, por muito favor. À mesma irmandade legou aquelle testador uma propriedade de casa, no canto da rua da *Quitanda do Marisco*, pensionando-a com cinquenta missas annualmente por sua alma, que se deverião dizer no altar de S. Vicente; mas não consta a satisfação desse encargo, (ao menos no lugar declarado), nem ouvi no longo espaço de annos, desde 1781 a 1801 que residi na cathedral, que se cumprisse a verba testamentaria nos termos declarados. »

Do que acabo de transcrever conclue-se que a irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto pregou um triplice calote á alma do padre Luiz de Lemos Pereira, calote de altar, calote de covas, e calote de missas, e procedeu como certos politicos candidatos eleitores, que, depois que obtêm os votos dos eleitores, esquecem os seus compromissos, e zombão dos programas que apresentárão.

Se realmente as cousas se passárão assim, a irman-

dade não tem desculpa; este abuso, porém, não dá razão ao cabido contra os *pretinhos*, como os chama o monsenhor Pizarro, nessa prolongada luta que uns e outros sustentárão desde o anno de 1737 até 1808, em que finalmente passou a cathedral para a igreja do convento dos Carmelitas, que se elevou ao grão de capella real.

Reparo agora que cheguei ao anno da mudança da Sé da igreja do Rosario para a capella real sem ter feito a competente descripção daquella; mas seria ainda tempo de corrigir esta omissão, se eu tivesse ou achasse que descrever na igreja do Rosario, que é um triste quadro de incuria e desmazelo.

Em falta de descripção, abi vai a pintura que, ha trinta e oito para quarenta annos, fez dessa igreja o padre Luiz Gonçalves dos Santos nas suas *Memorias*:

« Defronte da rua do Rosario está a igreja deste nome, que pertence a uma confraria de pretos, e esta é a que servio de Sé cathedral do Rio de Janeiro, ha sessenta annos pouco mais ou menos: o seu prospecto exterior é por todos os lados triste e miseravel, pois nem rebocada está senão na frente, na qual tem uma boa portada de pedra de marmore, e o interior se assemelha mais a um grande armazem do que á casa de Deos, apesar de ter nove altares; pois nem forrada e assoalhada é; e se os altares estão com alguma decencia, é por acharem-se alli a séde episcopal, o cabido, e algumas confrarias annexas á cathedral. A capella-mór é nova, com forro de talha, mas não tem retabulo no

altar-mór. Os pretos começarão um grande consistorio, que tarde ou nunca concluirão; e os pardieiros que servem de sacristia e de guardar as alfaias da irmandade do Sacramento e outras, como tambem a casinha do cura, causão compaixão. »

Eis o que era a igreja de Nossa Senhora do Rosario na época em que d'alli sahio o cabido, e onde se conservou a matriz da freguezia, chamada da Sé, até Junho de 1820, em que se transferio o Santissimo Sacramento para a nova parochia defronte do thesouro nacional.

Pensavão alguns que a irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto deixava a sua igreja em tanto abandono pela má vontade e aborrecido constrangimento com que era obrigada a hospedar o cabido; mas o cabido mudou-se, e as cousas forão a peor.

Compreendi ou imaginai uma igreja em estado cem vezes mais lastimavel do que esse de que nos deixou tão triste quadro o padre Luiz Gonçalves, e ainda assim mal podereis fazer idéa do que é actualmente a igreja do Rosario.

As paredes, que, ha quarenta annos, não estavão rebocadas, receberão, não sei quando, uma ligeira mão de cal, que resumio todos os melhoramentos daquella casa de Deos. O interior da igreja, que tão pobre se mostrava, cahio da pobreza na miseria, e é hoje um painel de ruinas, sempre em esperanças de uma regeneração que nunca chega. Os pardieiros de que falla o padre Luiz Gonçalves causão repugnancia pelo seu aspecto vergonhoso. Só o consistorio é que, sem ter passado por mu-

danças notáveis, nem adquirido sensível embellezamento, conserva-se ao menos tão bom como era, e se mostra mais recentemente caído.

É provavel que, em honra da Imperial academia de medicina, que alli se hospeda, dêsem ao consistorio essa e algumas condições hygienicas que se achão em decidida opposição com as condições pestíferas que perto se observão.

As ruas que cercão a igreja do Rosario completão o tristissimo painel que estou apresentando : ao lado direito, o largo da Sé, povoado de barracas e de taboleiros de negras mercadoras de verduras, offerece todos os dias espectaculos desagradaveis pela desenvoltura das quitandeiras, e recebe o som, felizmente confuso, de vozes e de gritos, de gargalhadas e de injurias que offendem os ouvidos não habituados aos dialectos da indecencia e da desmoralisação. Em frente, onde vem terminar a rua do Rosario, e se interrompe a rua da Valla, e ao lado esquerdo pela travessa do Rosario, postão-se ás vezes negros barbeiros volantes e applicadores de ventosas de chifre, que exercem os seus misteres no meio da rua, aproveitando freguezes da sua igualha ; ao fundo, no becco do Rosario, descansão carros velhos e lavão-se carros novos.

As paredes da igreja, no exterior, conservão-se constantemente humidas até uma certa altura, tendo no chão contiguo um deposito de lama em diversos pontos, e exhalando um máo cheiro de amoniaco que indica bem a causa de semelhante immundicia.

Se a irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto é responsavel e merece ser censurada pelo estado miseravel em que se acha a sua igreja, não menos ou ainda muito mais acre censura deve cahir sobre a camara municipal da côrte, que permite scenas indignas de um paiz civilisado em torno daquella igreja, e deixa que junto das paredes desta se improvisem lugares de despejo.

É mais do que ridiculo, é desagradavel o ver-se em uma capital como a nossa um preto sentado em um banquinho no meio da rua com a cara entregue ás mãos de outro que a ensabôa e barbêa, como se estivesse na sua loja, e logo adiante um outro, com a boca na ponta de uma ventosa de chifre, a chupar o sangue de um padecente que se entrega a essa operação, tendo por leito a calçada da rua, e peor que tudo é cada canto da igreja transformado em latrina.

A camara municipal e a policia tem obrigação de pôr um termo a semelhantes abusos.

A igreja do Rosario, tal como se acha, e as scenas que se observão nas ruas que a cercão, são senões muito feios da cidade do Rio de Janeiro, que tem direito a ser muito bonita, e deve considerar-se uma formosa moça que tem por modistas e joalheiras a sua camara municipal e a sua policia.

Todavia não tendo nunca sido um bello templo, não sendo recommendavel por obra alguma de arte, nem pela magnificencia de seus altares, nem pela riqueza de

seus ornatos, a igreja do Rosario já teve o seu tempo de brilhantes e esplendidas festas.

Não ha um só dos nossos velhos, e menos se encontrará uma só das nossas velhas que não se lembre com saudades das famosas festas do Rosario.

Assim como na festa do Espirito-Santo ha um *imperador*, nas do Rosario havia *rei e rainha*, com a sua competente *côrte*, e cuja realeza durava um anno, como a dos *imperadores* do Espirito-Santo.

O negro e a negra rei e rainha da festa do Rosario apresentavão-se trajando riquissimos vestidos bordados de ouro e prata, e imitando o mais possivel as vestes reaes dos antigos tempos : a sua *côrte* enfeitava-se ás vezes extravagantemente, mas sempre com grande luxo : o apparato pareceria hoje ridiculo, e era então, não direi imponente, porém muito interessante.

O cortejo real era precedido de uma musica especial, e, além da solemnidade religiosa, havia dansas na rua, em que tomava parte a realeza improvisada, e os pretos do Rosario batião palmas vendo bailar a seu modo o rei e a rainha da festa.

Este costume do passado observava-se não só na cidade do Rio de Janeiro, mas tambem em diversas freguezias do interior, onde as irmandades do Rosario erão principalmente formadas e sustentadas por negros escravos, cujos senhores prestavão-se a fazer por elles as maiores despezas da festa, e fazião garbo de gastar avultadas quantias para vestir com todo o luxo o rei e a rainha do Rosario.

Esse tempo já lá vai : a realza do Rosario acabou, e os *imperadores* do Espirito-Santo dão-nos hoje apenas muito fraca idéa do que ella foi.

Nas lembranças do passado da igreja do Rosario tem o consistorio respectivo justos motivos de ufania, porque foi em outro tempo um lugar de escolha, um seio ardente, onde palpitarão e d'onde sahirão manifestações de idéas liberaes.

Logo depois da chegada da familia real portugueza ao Rio de Janeiro, o senado da camara desta cidade estabeleceu o seu paço no consistorio do Rosario, e foi ahi que essa instituição profundamente popular tomou todas as patrioticas e gloriosas resoluções que precedêrão e apresárão a proclamação da independencia do Brasil.

Foi do consistorio da igreja do Rosario que sahio o senado da camara com o seu estandarte em frente, no dia 9 de Janeiro de 1822, para apresentar ao principe regente D. Pedro a representação em que o povo pedia a este que, desobedecendo ás ordens terminantes da côrte de Lisboa, *ficasse* no Brasil.

Foi perto e quasi junto desse consistorio que, tendo a camara voltado para o seu paço, no mesmo dia 9 de Janeiro, com a resposta revolucionaria e patriotica do principe, subio a um monte de pedras que alli havia um dos filhos do illustre capitão-mór José Joaquim da Rocha, o Sr. Innocencio da Rocha Maciel, actual contador da camara municipal, e em alta voz leu á multidão de povo enthusiasmado o primeiro numero da *Reclamação do Brasil*, periodico que acabava de sahir á luz e de ser dis-

tribuido, e cujo redactor foi o venerando José da Silva Lisboa, posteriormente visconde de Cayrú, e que então era deputado da junta do commercio e um dos directores da imprensa regia.

Foi do consistorio da igreja do Rosario que, ao chegar ao Rio de Janeiro a noticia de que o governo de Portugal notificára aos seus agentes nos portos estrangeiros que tratassem de oppôr-se efficazmente á remessa de armas e munições bellicas para o Brasil, sahio o senado da camara no dia 13 de Maio de 1822 e foi pedir em nome do povo, ao principe regente D. Pedro, que aceitasse o titulo e o nobre empenho de *defensor perpetuo do Brasil*, solemne voto que foi logo satisfeito.

Foi ainda do mesmo consistorio que sahio outra vez o senado da camara, no dia 23 do mesmo mez e anno, e dirigio-se ao principe regente, requerendo a convocação de uma assembléa legislativa brasileira, pedido a que attendeu o principe, depois de ouvir o seu ministerio e os procuradores das provincias que se achavão no Rio de Janeiro.

Foi no consistorio da igreja do Rosario que, em Março de 1824, abrio-se o livro em que a todos os cidadãos do municipio da côrte ficou licito darem o seu voto approvador ou rejeitador da constituição offerecida pelo imperador D. Pedro I.

Cumpre aqui observar que todas as camaras municipais do imperio fizeram então o que fez a da nossa capital, por ordem do governo do imperador.

Era, sem mais nem menos, uma appellação para c

suffragio universal, que tinha sido posto em pratica pelo imperador Napoleão, em França, quando quiz, em nome do povo acabar com o systema republicano nesse paiz, e a que D. Pedro I recorria no Brasil, procurando habilmente dar a constituição que offerecia o apoio e a legitimidade da sacramental aceitação nacional, depois do gravissimo e calamitoso erro politico da dissolução da constituinte. A differença das intenções dos dous imperadores tornou-se mais saliente pelo resultado de ambas as appellações. O governo de Napoleão cahio, e a constituição do Brasil perdurou, embora o Brasil não perdoasse ao seu primeiro imperador o facto de se haver desquitado do elemento popular pela dissolução da assembléa constituinte.

É verdade que poucos relativamente forão os cidadãos que concorrêrão ao plebiscito para que os convocára o governo; mas o principio nem por isso se reputou annullado: a nação foi chamada a manifestar o seu voto sobre a constituição offerecida; a sua indisputavel soberania foi por esse facto reconhecida: o voto do povo, podia, pois, ter-se manifestado contra essa constituição, e se não se manifestou então, nem depois, nem em época em que o elemento popular foi o exclusivo dominador do paiz, segue-se incontestavelmente que a constituição politica do Brasil teve e tem por seu principal fundamento o apoio e a legitimidade da sacramental aceitação nacional.

Pouco depois do anno de 1824, a camara municipal passou a occupar o seu paço construido no *campo de*

Sant'Anna, posteriormente da *Acclamação*: o consistorio da igreja do Rosario ficou por algum tempo vago ; mas foi em breve occupado pela Imperial academia de medicina, que celebra nelle as suas sessões ordinarias.

Sic transit gloria mundi!

O famoso consistorio é hoje apenas o modesto asylo de uma instituição scientifica, e a igreja do Rosario um templo velho que nunca foi novo !

Dir-se-ia que o cabido deixou cahir a sua maldição sobre a igreja dos *pretinhos*, como a chamava, e que o proprio S. Benedicto retirou della a sua protecção.

E, segundo dizem muitas velhas beatas, S. Benedicto ficou ha poucos annos mal com a cidade do Rio de Janeiro, e chamou sobre ella um terrivel castigo.

Completarei o meu *passeio* de hoje com a historia deste aleive que as taes beatas levantárão a S. Benedicto.

Eis o caso.

S. Benedicto entrava com o seu andor na procissão de Cinza ; mas em 1849, não sei por que, o excluirão della.

Devia certamente haver motivo forte para essa exclusão ; porque não admitto que tambem nas procissões e officios religiosos se misturem certas prevenções e privilegios aristocraticos, que enchem o mundo de vento e bolhas de espuma.

Mas o certo é que S. Benedicto foi excluido da procissão de Cinza, e que, offendido por isto, dizem as velhas beatas, resolveu punir a cidade do Rio de Janeiro, e

fez immediatamente entrar no seio della a tremenda peste da febre amarella, que a encheu de terror e de luto, e povoou os seus cemiterios.

Creio firmemente que S. Benedicto resentio-se muito menos da exclusão do seu andor na procissão de Cinza do que da historia que inventarão as suas devotas, attribuindo-lhe a introduccão de uma peste na cidade do Rio de Janeiro.

Podia eu, porém, prégar dez annos neste sentido, que não conseguiria com toda a minha rethorica convencer as velhas beatas do prejuizo que as leva a offender o santo.

Tempo perdido!

Ellas dirião e jurarião, como ainda hoje dizem e jurão, que foi S. Benedicto quem nos trouxe á cidade do Rio de Janeiro a febre amarella !



XLII.

A SÊ DO RIO DE JANEIRO.

Todos no Brasil tem ouvido e repetido um anexim que diz: *Velho como as obras da Sé*. Mostrarei o fundamento desse *anexim*, que é por signal ainda muito novo, pois que foi inventado no presente seculo, ou, quando muito, no fim do seculo passado.

Em obediencia ás ordens do rei, por mais de uma vez reiteradas, para *se fazer* uma nova Sé no Rio de Janeiro, foi enfim escolhido e marcado no largo de S. Francisco de Paula o lugar onde se devia erigir o novo templo dedicado ao santo padroeiro da cidade e capitania.

El-rei tinha mandado de Lisboa uma planta para o templo, executada pelo sargento-mór Carlos Manoel; como, porém, exigisse esse plano despezas avultadissimas para ser posto em obra, approvou uma outra planta *assaz nobre e soberba*, que por sua ordem lhe mandou o governador Gomes Freire de Andrade, de accordo com o bispo.

A primeira pedra do edificio foi lançada no dia 20 de Janeiro de 1749, como declara o termo de 21 de Junho de 1750, lavrado no livro 2º do registro da secretaria do bispado a fl. 4, e transcripto no livro do Tombo do cabido, fl. 144, não constando desse documento a inscripção que acompanhou essa primeira pedra, nem as ceremonias com que ella foi lançada.

A obra adiantava-se com empenho e ardor, e, segundo informa monsenhor Pizarro, « *a vinte covados de altura, com pouca differença, chegarão as paredes levantadas acima de grossissimos alicerces : e quando o seu trabalho proseguia com esperança de se concluir em tempo breve, tendo-se já empregado na obra 96,752:584, como importavão as verbas dos pagamentos feitos* », teve o governo de suspendê-lo obrigado a applicar as sommas que erão destinadas para esta construcção ás despezas de demarcação dos limites do Brasil com as possessões hespanholas na America meridional, conforme as disposições do tratado de Madrid de 1750.

No anno de 1752 interrompêrão-se, pois, os trabalhos da Sé-nova, e interrompidos ficarão por quarenta e quatro annos.

As desintelligencias do cabido com a irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto incitarão os capitulares a tratar da continuacão da obra, e, approvado esse empenho pelo vice-rei conde de Rezende e pelo bispo, recomeçarão os trabalhos no dia 29 de Fevereiro de 1796.

Os capitulares concorrêrão para a obra com uma parte da congrua dos seus beneficios, obtiverão alguns contos de réis em moeda, muitos materiaes e outros subsidios de esmola dos moradores da cidade e dos districtos da capitania, e contavão que o bispo applicasse ao mesmo piedoso fim aquellas esmolas destinadas por direito em beneficio da fabrica da igreja cathedral, e que o vice-

rei cumprisse a promessa que fizera de mandar alguns condemnados a galés prestar os seus serviços, fazendo diminuir assim as despesas com os serventes de obras; enganárão-se, porém, com o bispo e o vice-rei, porque o primeiro apenas concedeu insignificantes auxilios, a muito supplicar do chantre José Pereira Duarte; e o segundo esqueceu as promessas que fizera, e occupado em reparar e melhorar a Sé-velha, ou igreja de S. Sebastião do Castello, mostrava grandes desejos de fazer voltar para ella o cabido.

Está visto que, assim desamparados, não podião os capitulares levar ao cabo o seu intento, e desanimando completamente, porque el-rei, a quem dirigirão instantes rogos, não os pôde acudir com o necessario auxilio, em consequencia da situação critica em que se achava Portugal na Europa, abalada toda pelas bellicas proezas dos exercitos da França, não pensárão mais em continuar as obras da Sé-nova, que effectivamente parárão no dia 27 de Maio de 1797, ficando prompto o corpo da capella-mór até ao arco cruzeiro, e quasi terminadas as casas lateraes correspondentes.

Recolhêrão-se então, e ainda com a esperanza de serem applicadas em melhor tempo, grande cópia de madeira já lavrada e muita pedra, que, ver-se-ha, não devião servir para a Sé.

Razão teve, pois, o povo de inventar o seu anexim: depois de quarenta annos do começo das obras da Sé, ainda esta não se chegára a concluir, e ainda se adiavão os trabalhos! tinhão principiado as obras no reinado de

D. João V, e ia já adiantado o de D. Maria I, sem que ellas chegassem ao seu termo!

Monsenhor Pizarro, lamentando a má fortuna da Sé-nova, e querendo mostrar que, por descuido ou desamor, era o governo o culpado de tantas demoras e do abandono das obras, exclama em uma nota que se acha á pag. 58 do tomo 6^o das suas *Memorias* :

« Quando aos governadores do Rio de Janeiro agradou a execução de alguma obra publica, ou ella se originasse do gosto particular, da necessidade, ou da devoção, tudo se promptificou, e tudo se concluiu sem obstáculos. Omittindo factos antigos, referirei apenas alguns dos mais chegados aos nossos dias : *verbi gratia* : Empreendeu o conde de Bobadella levantar o convento de Santa Thereza, e renovar o templo junto, de Nossa Senhora do Desterro ; ultimou o seu empenho. Lembrou-se o conde da Cunha de construir, entre outras obras, as casas do trem e das armas ; executou o projecto. Intentou o marquez de Lavradio melhorar a cidade, fazendo-lhe muitos beneficios ; conseguiu effectuar as suas idéas. Traçou Luiz de Vasconcellos e Souza edificar o Passeio Publico, o caés novo, e renovar a igreja de Nossa Senhora do Parto juntamente com o recolhimento annexo, &c. ; não encontrou obices. Deliberou o conde de Rezende aterrar o campo de Sant'Anna, adiantar a obra do caes, e reedificar o templo antigo de S. Sebastião, &c. ; tudo realizou. Só a desgraçada Sé-nova, que a todos devia merecer muita attenção, por ser uma casa dedicada a Deos e ao seu culto, e por pertencer ao pa-

droado real, não teve patronos autorizados que a concluíssem, ao menos na parte mais necessaria a se poder dignamente celebrar alli os officios divinos, e accomodar o corpo capitular, separando-o da communicação com os pretinhos irmãos da confraria de Nossa Senhora do Rosario! Adoremos a Divina Providencia. »

Realmente as queixas do monsenhor Pizarro tiverão justos fundamentos; mas na historia que vou contando neste *passeio*, o essencial é o conhecimento dos factos, e o facto é que a Sé-nova, começada com tanto ardor e enthusiasmo, acabou por cahir no mais triste abandono.

E como a Sé-nova nunca pôde ser o que diz o seu nome, e já desaparecêrão quasi todos os signaes das obras que chegarão a executar-se, darei dellas a idéa, embora incompleta, que unica ficou-nos perpetuada nas *Memorias* do padre Luiz Gonçalves dos Santos.

« A sua fachada era toda de cantaria, e da mesma era o adro, que se elevava do chão uma brça, e cercava todo este edificio: por um e outro lado era o templo separado das casas fronteiras por duas *travessas* que confinavão com o pequeno campo da Lampadosa. »

Eis ahi tudo quanto achei escripto sobre a mal afortunada Sé-nova.

Estavão as cousas neste estado: a Sé-nova a tornar-se antiga antes de chegar ao fim das suas obras, e o cabido a brigar com a irmandade do Rosario na igreja deste nome, quando em 1808 chegou a familia real portugueza ao Rio de Janeiro.

A chegada da familia real influio muito nos destinos

da Sé; mas, tende paciencia, meus bons companheiros de *passeio*; eu não sei se terei occasião de tratar em algum outro *passeio* daquelle importantissimo acontecimento, e portanto não quero perder o ensejo, e abi vai a descripção do desembarque da real familia portugueza, a quem agora acompanharemos até á igreja do Rosario, ainda então cathedral do Rio de Janeiro.

Falla por mim o padre Luiz Gonçalves dos Santos, que foi testemunha do grandioso espectaculo.

«Finalmente amanheceu o suspirado dia 8 de Março, tão claro e formoso como o antecedente, e estando as cousas dispostas para a recepção de Suas Altezas, pelas quatro horas da mais bella e serena tarde, por entre repetidas e alegres salvas das náos portuguezas e inglezas, e por entre vivas que os respectivos marinheiros postos em parada sobre as vergas, davão em altos gritos, desceu o principe regente, nosso senhor, da não *Principe Real*, que o conduzira, e se metteu no bergantim com a serenissima senhora princeza do Brasil, e com os serenissimos senhores principe da Beira, infantes e infantas; e acompanhado de toda a côrte com que sahira de Lisboa, e de outras personagens distinctas que de terra o forão buscar a bordo, ou que das náos desembarcárão (o que tudo fazia uma comitiva muito numerosa e brilhante de escaleres, lanchas e outras embarcações menores), se dirigio para a cidade em direitura do lugar do desembarque. Todo o numeroso povo que bordava o caes e as praias visinhas estava como extatico, com os olhos fixos no real bergantim, e no

maior silencio ; mas logo que o mesmo real bergantim passava pela frente da fortaleza da ilha das Cobras, e que esta começou a salvar com a sua artilharia a Sua Alteza real, no que foi imitada pelas demais fortalezas, immediatamente rompeu o povo que estava sobre o monte do Castello em altos vivas, acompanhados dos repiques dos sinos do collegio e de muitos fogos do ar que d'alli se soltárão ; entretanto chegou o real bergantim á rampa do cáes, e logo que o principe regente, nosso senhor, pôz o pé em terra, ah ! como poderei descrever o que tive a fortuna de testemunhar neste ditoso momento ? centenas de fogos subirão ao mesmo tempo ao ar : rompeu immediatamente um clamor de vivas sobre vivas : os alegres repiques de sinos e os sons dos tambores e dos instrumentos musicos, misturados com o estrondo das salvas, estrepito dos foguetes e applausos do povo, fazião uma estrondosa confusão, tão magnifica, magestosa e arrebatadora que parecia cousa sobrenatural e maravilhosa. No meio desta assombrosa confusão de tantos e tão multiplicados sons differentes desembarcárão todas as pessoas reaes, e juntamente com o principe regente, nossô senhor, se prostrárão diante de um rico altar, que na parte superior da rampa estava erecto, em torno do qual se achava o cabido da cathedral paramentado de pluviaes de seda e de ouro branca, e alli osculou S. A. real a Santa Cruz nas mãos do Revm. chantre Felippe Pinto da Cunha e Souza, e o mesmo fizerão todas as pessoas reacas ; mas antes desta acção o Revm. chantre havia feito a aspensão da agua benta e

dado as thurificações ao principe regente, nosso senhor, e á real familia. Levantando-se Sua Alteza o principe regente com a serenissima Sra. princeza e sua augusta familia, se recolhêrão debaixo de um precioso pallio de seda de ouro encarnada, cujas varas erão sustentadas pelo juiz de fóra, presidente do senado da camara Agostinho Petra de Bittencourt, pelos vereadores Manoel José da Costa, Francisco Xavier Pires, Manoel Pinheiro Guimarães, procurador José Luiz Alvares, escrivão Antonio Martins Brito, e cidadãos Anacleto Elias da Fonseca e Amaro Velho da Silva, os quaes ambos, havendo sido vereadores, forão convidados para esta acção, que tanto honrou a todos.

« Então começou a caminhar a procissão do modo seguinte: um numeroso e luzido cortejo das mais distinctas pessoas civis e militares, que não se achavão em actual serviço, ou não tinhão lugares determinados, vinha adiante, vestido de côrte e com muito asseio e riqueza, e promiscuamente os religiosos de S. Bento, do Carmo e de S. Francisco, alguns Barbadinhos, seminaristas de S. José, de S. Joaquim, e da Lapa, e também os magistrados, sem distincção de lugar: seguia-se o estandarte da camara, que era levado por um cidadão, o qual trajava vestido de seda preta, capa da mesma, collete e meias de seda branca, chapéo meio abado com plumas brancas e presilhas de pedras preciosas, e cuja capa era ornada com bandas de seda ricamente bordada; formavão em seguimento do estandarte os cidadãos, vestidos com o mesmo trajo, duas compridas alas por um

e outro lado! vinha depois a cruz do cabido entre dous cereaes, e logo todo o clero da cidade tambem em duas alas, e todos de sobrepellizes muito ricas e engommadas, e finalmente o cabido com pluviaes; então vinha o pallio, e debaixo d'elle o principe regente, nosso senhor, com a sua real familia

Rodeavão a Sua Alteza real os grandes do reino, officiaes môres da sua real casa, camaristas e nobreza, e era seguido de um numeroso cortejo de ecclesiasticos, militares, officiaes de marinha portugueza e britannica, como tambem de outras muitas pessoas, que de Lisboa tinham vindo em sua companhia.

« O regimento de artilharia estava postado com o parque no largo fronteiro á casa da opera, e era commandado pelo coronel José de Oliveira Barbosa: seguião-se em differentes lugares, pela frente do cáes os tres regimentos de linha Os quatro regimentos de milicias bordavão as ruas desde o cáes até á cathedral

Todo o caminho por onde havia de passar o principe regente estava coberto de fina e branca arêa, e juncado de folhas, hervas odoríferas e flôres; as portas das casas se ornárão de cortinados de damasco carmezim; e das janellas pendião ricas e vistosas tapeçarias de lindas e variadas côres, umas de damasco, outras de setim, e outras de sedas ainda mais preciosas: e toda esta brilhante armação era realçada pelo grande numero de senhoras, que, vestidas e toucadas com o maior asseio e riqueza, aformoseavão e fazião mais brilhante o pomposo

apparato da magnifica e triumphal entrada de Sua Alteza real. Na rua do Rosario se via, erecto na porta de um leal vassallo, um grande coreto, onde em melodiosas vozes, tanto instrumentaes como vocaes, cantavão os musicos hymnos de jubilo em louvor de Sua Alteza real.

« Á medida que este augusto senhor ia passando pela frente de cada um dos regimentos, levantavão os seus commandantes a voz, dando por tres vezes os vivas a Sua Alteza, a que os soldados e o immenso povo que cobrião as ruas, occupava as portas e janellas, e mesmo estava sobre os telhados, respondião com o maior enthusiasmo e contentamento.

Uma perenne chuva de mimosas e suaves flôres cahia sobre Suas Altezas : sendo lançadas pelas mãos da innocencia e da formosura, excitavão as mais affectuosas sensações.

« Chegou finalmente o solemne acompanhamento á cathedral, cujo adro e lugares circumvisinhos se vião cobertos de povo infinito, cujas vozes que altamente saudavão a Sua Alteza com incessantes vivas, misturadas com harmoniosos repiques dos sinos da cathedral, de S. Francisco de Paula, e do Senhor Bom Jesus, e de outras igrejas mais distantes, se não augmentavão, certamente revivião os mesmos transportes de prazer que sentimos por todo o caminho. O templo se achava decentemente ornado e esclarecido com profusão de luzes ; uma grande orchestra rompeu em melodiosos canticos, logo que entrou Sua Alteza real com a sua

augusta familia, e ao som dos instrumentos e vozes que resoavão pelo santuario, caminhou o principe regente, nosso senhor, com muito vagar e custo, por causa do immenso concurso que dentro da igreja se achava, até ao altar do Santissimo Sacramento, e alli sahindo debaixo do pallio, juntamente com as mais pessoas reaes, se prostrou com a real consorte e os augustos filhos e filhas ante o throno da Magestade Divina: entretanto cantavão os musicos o hymno *Te-Deum Laudamus*, e concluido o verso *Te ergo, &c.*, se levantou Sua Alteza com a real familia e se dirigio para o altar-mór, igualmente debaixo do pallio, onde pondo-se Suas Altezas outra vez de joelhos sobre almofadas, que tambem naquelle lugar estavam collocadas, rendêrão suas homenagens á Santissima Virgem Nossa Senhora e ao glorioso martyr S. Sebastião, padroeiro da cidade. Concluido o hymno de graças e cantadas as antiphonas *Sub tuum præsidium, O beate Sebastiane*, entoou o reverendissimo chantre o verso *Domine, salvum fac principem, &c.*, e cantou as orações respectivas a este acto, como prescreve o ceremonial. Concluida esta sagrada cerimonia, levantárão-se Suas Altezas, e benignamente derão a mão a beijar a todos quantos se approximavão ás suas reaes pessoas, sem preferencia nem exclusão de alguém.

« Depois de uma breve demora, voltavão Suas Altezas, acompanhadas do cabido, clero, camara e de toda a nobreza que dentro da cathedral estava, e chegando todos ao adro, entre novas aclamações do povo, que esperava anciosamente tornar a ver Suas Altezas, se

metteu o príncipe regente, nosso senhor, com o serenissimo Sr. príncipe da Beira, em um rico coche, e o mesmo fez toda a real familia em outros coches que para esse fim estavam prevenidos, e, seguidos de guardas de cavallaria, se dirigirão para o paço pelas mesmas ruas por onde pouco antes havião passado com tanto applauso, indo os coches com muito vagar, pelo grande concurso de povo que nellas esperava a volta de Suas Altezas; e estando as tropas do mesmo modo postadas, por entre ellas passarão os coches, e de novo fizeram ás continencias ao príncipe regente, nosso senhor, e á real familia. Chegando Sua Alteza ao real palacio, foi a'li recebido com salvas do parque de artilharia e descarga da tropa de linha, seguidas de muitos vivas dos soldados e do numeroso povo que occupava todo o largo do Paço. Logo depois começou a concorrer a fidalguia, o cabido, a camara, os magistrados, os officiaes de superior patente e as pessoas mais distinctas da cidade para terem a honra de comprimentar ao príncipe regente, &c. »

Pára aqui a descripção da entrada da familia real portugueza na cidade do Rio de Janeiro; mas a dos festejos que houve por esse motivo continúa longamente nas *Memorias* do padre Luiz Gonçalves, com toda a profusão de adjectivos, ás vezes mal cabidos, e com a linguagem e idéas da época. Quem quizer apreciar tudo isso recorra á obra que indico: para os meus companheiros de *passeio* é de sobra a massada que já lhes dei, o que no entanto ha de fazer saudades aos nossos velhos do tempo daquella transmigração real.

Os fluminenses, que então festejarão tanto a chegada da familia real portugueza, mal pensavão que estavão solemnizando e applaudindo um acontecimento precursor da gloriosa independencia da patria.

Mas o *Te-Deum Laudamus*, cantado por tão justo motivo, foi a ultima solemnidade grandiosa que o cabido celebrou na igreja do Rosario.

Tres mezes e alguns dias tinhão apenas corrido, quando o principe regente, pelo alvará de 15 de Junho de 1808, elevou á primazia de capella real a igreja de Nossa Senhora do Carmo, e a creou parochia do seu real paço, ordenando outrosim que o cabido da cathedral fosse logo com a possivel brevidade transferido para ella.

As disposições deste alvará, que em parte satisfazião o cabido, porque o tiravão da igreja do Rosario, onde estava continuando a experimentar a má vontade e opposição da irmandade proprietaria da casa, tambem em parte destruia todas as esperanças de conclusão das obras da Sé-nova, porque dizia que « *considerando as necessidades actuaes e urgentes do Estado, a que cumpre acudir sem demora, e que me não permittem continuar as obras da nova cathedral, a que dera principio meu augusto avó, o Sr. rei D. João V, de gloriosa memoria, &c.* » ; palavras estas que indicavão claramente como a Sé-nova ficava adiada para as calendas gregas.

Todavia estava o cabido tão desejoso de mudar de cathedral, que logo na tarde do mesmo dia da data do

alvará, depois de cantar vespervas solemnes na antiga Sé, se transferio para a capella real, onde no dia seguinte, 16 de Junho, celebrou a festa de Corpo de Deos, assistindo a ella o principe regente e a familia real na respectiva tribuna.

Os officios desta pomposa solemnidade derão brado na cidade do Rio de Janeiro, cuja população admirou a procissão de *Corpus Christi*, não só pela riqueza e pompa com que sahio, como por ver pela primeira vez o principe regente com o principe da Beira e infantes sustentando as varas do pallio, e cercados do luzido cortejo de cavalleiros, commendadores e grão-cruzes das tres ordens militares do reino de Portugal, ornados com seus respectivos mantos e insignias.

Descansou emfim o cabido na capella real, que se tornára e é ainda hoje a cathedral do Rio de Janeiro; e como em um dos meus primeiros *passeios* já descrevi e fallei largamente dessa igreja, julgo-me dispensado de repetir o que já disse, e penso que é chegada a occasião de *post tantos labores* fazer as minhas despedidas ao venerando cabido.

Não posso, porém, dar por acabado este *passeio* sem informar os meus bons companheiros do destino que teve a Sé-nova, que nunca chegou a ser o que indicava o seu nome.

Pela carta de lei de 4 de Dezembro de 1810 foi creada na cidade do Rio de Janeiro a real academia militar, e designado para o estabelecimento de suas aulas o ainda não acabado edificio da Sé-nova, onde se fizeram

as accommodações necessarias nos consistorios e sacristia, que melhores proporções offerecião, e concluidos se achavão.

Assim acabárão as famosas obras da Sé, que deixárão ao povo um annexim que é hoje o tormento das obras publicas, pela applicação justissima que delle lhe fazem.

A real academia militar tornou-se depois da nossa independencia em escola militar, e ficou sempre occupando o mesmo edificio, que actualmente offerece as melhores condições e vastos commodos para o mister a que foi por ultimo destinado.

Nos trabalhos que em 1810 e 1811 forão sendo executados no edificio para o estabelecimento da real academia militar, aproveitárão-se as madeiras que se tinham guardado, e tratando-se logo depois de edificar um bom theatro na capital, e lançando-se os fundamentos delle no *campo dos Ciganos*, posteriormente chamado *largo do Rocio*, e emfim *praça da Constituição*, empregou-se nesta obra não só toda a pedra que era destinada para a conclusão da igreja, mas ainda a das duas torres, que já estavam muito adiantadas, e que se demorónárão.

Servirão, pois, as pedras da mal afortunada Sé-nova para os immensos alicerces e gigantescas paredes do theatro, e por isso mesmo muitos velhos daquelle tempo, severos respeitadores de quanto se referia a cousas sagradas, agourárão mal do futuro daquelle edificio profano, e como se o futuro quizesse justificar taes agouros,

já tres vezes foi esse theatro devorado pelas chammas; mas nem mesmo com tres incendios se abalárão suas grossas paredes.

Erão e são as pedras da Sé-nova, contra as quaes nada tem podido o fogo destruidor.



XLIII.

A SÉ DO RIO DE JANEIRO.

(Passeio suplementar.)

Naturalmente os meus companheiros de *passeio* entendêrão que, com o precedente, tinha terminado a serie dos que eu destinei á Sé do Rio de Janeiro, e com effeito, entendendo assim, raciocinárão com todo o rigor da logica ; mas a logica hoje em dia não governa o mundo : agora quem mais acerta é aquelle que, estabelecidos certos principios, conclue o que está em opposição aos principios expostos.

Por consequencia ainda não acabámos com os nossos *passeios* que tem por titulo a *Sé do Rio de Janeiro* ; como porém o absurdo é sempre repugnante, é de regra que se appelle para o sophisma, que é o padrinho constante do absurdo e do abuso.

O sophisma vive sempre encapotado, e de ordinario encapota-se em nomes mais ou menos bonitos ou retumbantes.

Ás vezes uma reforma da constituição chama-se interpretação : é o sophisma encapotado no nome *interpretação*.

E do mesmo modo, e com uma capa semelhante, a cadêa chama-se *custodia* ;

A prisão arbitraria, *averiguação policial* ;

Um attentado contra a nação, *salus populi* ;

O esbanjamento dos dinheiros publicos, *despezas secretas* ;

Uma perpetua suspensão de garantias, *policia* ;

A dictadura nas finanças do Estado, *credito supplementar* ;

A compressão e o terror do povo, *ordem* ;

A desordem no orçamento da receita e despesa do Estado, *artigos additivos do mesmo orçamento* ;

E assim por diante.

O sophisma está portanto na moda, e eu que resolvi apresentar-me hoje á moda, chamarei a este e a um proximo passeio — *Passeios supplementares*.

O meu ultimo *passeio* era, pelo modo por que o concluí, o ultimo que devia ter o titulo de *Sé do Rio de Janeiro* ; mas obrigado por factos recentes a voltar á igreja de S. Sebastião do Castello, ou á Sé-velha, não quero dar o meu braço a torcer, e vou de novo passear á Sé-velha, ajuntando a dous *passeios* que farei a ella o adjectivo *supplementares*.

É um sophisma como outro qualquer.

Subamos pois de novo ao morro do Castello ; subamos pela ladeira do sophisma : muitos tem subido por ella a outras alturas ; vamos outra vez visitar a antiga igreja de S. Sebastião, e visto que ahi encontramos hospedados os religiosos *barbadinhos italianos*, vou começar antes de tudo por dizer-vos quando e como foi a entrada desses religiosos no Brasil, e especialmente no Rio de Janeiro.

Eu principio :

Não sei porque el-rei D. João IV entendeu que não serão sufficientes os padres jesuitas para desempenhar a tarefa das missões e conversão dos indios do Brasil; o certo é que, a instancia delle e com faculdade da congregação *Propaganda Fide*, vierão de França para o nosso paiz alguns religiosos da ordem capucha encarregados daquelle mister, e que dous dos que se destinárão para a capitania do Rio de Janeiro chegarão a esta cidade em 1659, segundo informia monsenhor Pizarro, ou em 1650 pouco mais ou menos, como querem outros, e forão hospedados na casa contigua á capella da Senhora da Conceição, onde actualmente e desde muito residem os bispos diocesanos.

Consta de uma escriptura celebrada na nota de 4 de Janeiro de 1667, a 24 de Janeiro de 1669 fl. 106 v., que o prelado administrador da diocese Manoel de Souza e Almada doára essa capella da Senhora da Conceição, e a camara as terras respectivas, aos religiosos capuchinhos para sua habitação; ignoro porém em que direito se fundárão o prelado e a camara para se fazerem doadores.

Maria Dantas fundou a capella de que se trata á sua custa em terras proprias e parte do conselho, e por escriptura de 6 de Junho de 1655 doou tudo á religião do Carmo para se instituir ali um convento de religiosos recoletos da mesma ordem, com a condição de se lhe dar sepultura na capella-mór, a seus filhos, herdeiros e successores, e sob a pensão de

cincoenta missas annualmente por sua alma e pela de seu marido Miguel Carvalho de Souto, o que aceitou aquella religião; mas nem se instituiu o convento, nem se sabe o motivo da provavel desistencia que depois faria a religião do Carmo de tal doação. O que é positivo é que a capella e as terras passarão para os capuchos francezes, e em seguida entrárão para os bens da mitra, ficando a defunta Maria Dantas sem as sepulturas da capella-mór para os seus herdeiros e descendentes, sem a pensão das cincoenta missas por sua alma e pela de seu marido, e podendo lá da eternidade repetir com Virgilio o mil vezes verdadeiro *sic vos nom vobis*.

Mas o prelado Almada e a camara resolvêrão a questão: em falta de recoletos carmelitas passou a capella aos capuchos francezes, que tão nas boas graças da côrte se achavão que, pelo alvará de 11 de Outubro de 1679, forão declarados sob a protecção real.

Começavão estes religiosos as suas missões e trabalhos de conversão de indios, entrando pelos sertões, quando, mais cedo do que pensavão, mudou o vento da fortuna, e tornou-se para elles de favoravel em contrario.

O rei D. Pedro II não pensou como os seus antecessores; persuadio-se de que não podião convir a Portugal missões *francezas* no Brasil, e além de prohibir o ingresso de religiosos estrangeiros nas conquistas ultramarinas e na India, determinou que os

existentes n'estas provincias se retirassem para a Europa.

E assim desaparecêrão do Brasil os capuchos francezes.

Seguindo os capuchinhos francezes tinham chegado tambem alguns italianos ao Rio de Janeiro, e sem duvida já aqui estavam antes de 1681, pois que uma ordem de 9 de Dezembro desse anno mandou dar-lhes pela fazenda real 80\$000 annualmente para augmento das aldeações dos indios de Campos dos Goytacazes, e parece que não forão comprehendidos na prohibição que fechou a porta aos religiosos francezes, porque continuárão a exercer o seu ministerio em dominios de Portugal.

O rei D. Pedro II sabia bem quaes erão os hospedes que podião ser incommodos e até perigosos.

Em 1720 os capuchinhos italianos frei Antonio de Perugia e frei Jeronymo de Monte Real, sahidos da Italia para a missão de S. Thomé, arribárão ao Rio de Janeiro, onde o governador Ayres de Saldanha de Albuquerque os deteve em beneficio das missões dos indios, e para sua residencia lhes deu a mesma capella da Senhora da Conceição, que pertencia já ao bispo, mas que podia ser por elles occupada, visto como se achava então vaga pelo fallecimento do bispo D. Francisco de S. Jeronymo.

Aconteceu, porém, aos capuchinhos italianos o que acontecêra aos capuchos franciscanos que andárão

por algum tempo sem aquestrar lugar, e mudando de casas, como os passaros de ninho.

Em 1721 forão os capuchinhos italianos hospeda- dos na Conceição; mas em 1725, chegando o succes- sor do bispado, virão-se na rua, e tiverão de accom- modar-se em outra ermida do mesmo titulo, fundada por Francisco de Seixas da França; essa ermida po- rém, que é a igreja do Hospicio, foi comprada pelos schismaticos terceiros franciscanos, e nella se ins- tituiu uma irmandade de homens pardos, tendo os ca- puchinhos de procurar novo abrigo no fim de poucos mezes.

O bispo acudio aos religiosos italianos, e abrio- lhes as portas da ermida de Nossa Senhora do Dester- ro (depois convento de Santa Thereza); mas, ou por que estivesse a casa muito arruinada, ou por outro qualquer motivo, apenas se demorárão nella os ca- puchinhos até o anno de 1739.

Offereceu-se a estes religiosos a igreja e casa do re- colhimento da Ajuda, havendo para isso determinação explicita na resolução regia de 9 de Abril de 1738. Ignoro qual o destino que pretendião dar ás freiras; estou, porém, seguro de que respeitarião os seus vo- tos, e de que não data dessa época aquella cantiga popular e um pouco livre, que diz assim em uma de suas coplas :

Se as freiras d'Ajuda
Se vissem na rua,
Era um Deos nos acuda
Na venda.

Não sei, repito; sei porém que o povo não gostou do offercimento, e murmurou, reprovando a resolução régia, e que os capuchinhos italianos, mais prudentes que o rei, renunciarão judiciosamente o beneficio.

Por ordem de 23 de Outubro de 1739 se mandou então tomar e pagar tres moradas de casas terreas no sitio vizinho e fronteiro do hospicio de Jerusalém, e Nossa Senhora da Oliveira, para residencia dos religiosos barbadinhos italianos, sob a condição de em tempo algum se formar convento, isto é, de podrem os missionarios capuchos apropriar-se daquelle hospicio e sua competente cerca, que tambem se fez.

Em 1710 effectuou-se a mudança dos barbadinhos para esta nova casa, e a rua onde ella se erigira tomou dos religiosos o nome dos *Barbonos*, que ainda hoje conserva.

Sessenta e oito annos ficarão os religiosos italianos habitando aquelle hospicio; mas no anno de 1808, tendo-se tomado para augmento do palacio do largo do Paço o convento do Carmo, destinou-se aos carmelitas a casa occupada pelos barbadinhos, e forão estes asylados nas casas dos romeiros de Nossa Senhora da Gloria, donde tambem sahirão mais tarde, porque, não estimados pela irmandade da ermida de Nossa Senhora da Gloria, tiverão de mudar de habitação, e se recolhêrão á igreja de Santo Antonio dos Pobres, que o Imperador D. Pedro I mandou reparar á custa do thesouro nacional.

O hospicio da rua dos Barbonos, depois de desoccupado pelos carmelitas, foi habitado pelos frades de Jesus da Terceira Ordem da Penitencia, passou em seguida a quartel de soldados, e o é actualmente do corpo de municipaes permanentes.

Passou esse hospicio de uma milicia sagrada a uma milicia profana; trocou pelas fardas os habitos dos frades; esqueceu as barbas dos capuchos italianos pelos bigodes dos militares, os cantos religiosos pelo rufar dos tambores, e já perdeu quasi todos os vestigios do seu primitivo destino.

Naquelle hospicio foi enterrado o autor do *Hysope*, o celebre poeta desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, que viera de Portugal e fizera parte da alçada que condemnou em 1792 o Tiradentes e os patriotas compromettidos na famosa conjuração de Minas.

A igreja de Santo Antonio dos Pobres foi dentro em pouco deixada pelos capuchos italianos, dos quaes retirarão-se uns para a Europa, e outros para as aldêas.

Existe ainda na *Aldêa da Pedra*, na provincia do Rio de Janeiro, o padre-mestre frei Florido, que habitára na ermida de Nossa Senhora da Gloria e na igreja de Santo Antonio dos Pobres, e que indo para a *Pedra*, começou a catechisar os indios selvagens, conseguiu fixa-los e dominar sobre elles, levantar uma igreja, e dar á aldêa um certo gráo de prosperidade.

Outros missionarios italianos trabalhárão no serviço de Deos na povoação hoje villa de S. Fidelis, e ahi

erigirão o templo consagrado a esse santo, templo que passa por ser um dos mais bellos do Brasil.

Não disse ainda, mas convém saber que, embora tivessem chegado muito cedo ao Rio de Janeiro estes missionarios, sómente no anno de 1738 formárão nesta cidade uma prefeitura.

Evidentemente os capuchinhos italianos não tinham sido muito felizes no Brasil; mas não desanimárão por isso, e a prova é que em 1840, accedendo a um convite do governo imperial que os chamava a formar uma nova prefeitura no Rio de Janeiro, donde deverião sahir os missionarios destinados á catechese dos indios e ás missões pelo interior do paiz, acudirão logo, chegando a esta côrte na qualidade de prefeito frei Fidelis de Montuano, que trouxe consigo cinco outros religiosos, com os quaes foi morar a principio no mosteiro de S. Bento.

O governo imperial offereceu á escolha dos barbadinhos recém-chegados diversas igrejas, mas frei Fidelis preferio a todas a de S. Sebastião do Castello, e a 18 de Agosto de 1842 recebeu não sómente essa igreja, mas ainda o terreno adjacente medido e demarcado, como consta de uma planta levantada pelo tenente-coronel de engenheiros o Sr. Domingos Monteiro.

Eu ponho aqui de parte todas as discussões que se tem debatido a respeito dos barbadinhos italianos, todas as censuras que elles tem soffrido, e de algumas das quaes não hesitei em tornar-me écho conscien-

cioso. Estes religiosos não me devem favor, e penso que não lhes agrada o meu juizo relativo a diversos actos que hão praticado, e especialmente ás suas exagerações no pulpito e no modo por que exigem que se concorra aos officios divinos na igreja de S. Sebastião.

Ponho tudo isso de parte, e como não os tenho poupado nas minhas censuras, não lhes farei a injustiça de desconhecer que o paiz lhes deve alguns bons serviços, pois são serviços reaes ás igrejas, os cemiterios e os collegios que elles tem creado, e a catechese de algumas cabildas de indios, por esses religiosos arrancados á vida selvagem. É pena que não procedão sempre assim. Em uma palavra, os barbadinhos italianos não são diabos como querem os seus inimigos, nem santos como dizem os seus apaixonados; são peccadores como todos nós, e muitas vezes *sicut et nós manquejant de um olho*.

Mas tudo isso fica de parte.

Eu disse que frei Fidelis de Montuano tinha recebido a igreja de S. Sebastião do Castello, e agora vou referir o estado em que elle a recebeu, e o que tem feito por ella os barbadinhos italianos: isto é, vou descrever a igreja de S. Sebastião do Castello como era em 1842, e como é e vai ser, convindo saber desde já que os melhoramentos que introduzio e obras que fez nella o conde de Rezende, não alterarão nem as suas proporções, nem o seu caracter e disposições architectonicas, sendo pois certo que

debaixo deste ponto de vista o templo se conservou tal qual era desde os seus primeiros tempos.

Simplem em seu aspecto exterior, a igreja de S. Sebastião do Castello apresentava na frente uma porta principal e duas lateraes: sobre a primeira uma janella e um oculo davão luz ao côro; duas torres formavão os angulos da frente da igreja; das portas lateraes uma olhava para o Castello, a outra para a barra do Rio de Janeiro. Perto da porta principal e do lado do Castello via-se erguido um frade de pedra, como o povo chama, tendo em uma de suas faces gravadas as cinco chagas e na outra uma cruz. Era tradição, mas tradição que me parece não ter fundamento, que debaixo dessa pedra fôra sepultado o primeiro soldado que morrêra nas pelepas do dia 20 de Janeiro de 1567. No fundo ligava-se ao templo uma pequena casa que era a sacristia.

Em seu interior o templo pertencia em sua architectura á ordem toscana; havia tres naves, no meio elevavão-se cinco pilares octangulares, de cada lado com as suas bases forradas de madeira, as paredes lateraes erão de trinta palmos, as do meio, que erão sustidas por arcos assentados sobre os pilares, tinhão quarenta palmos. Corria em todo o corpo da igreja uma pequena cimalha de madeira.

Os altares erão cinco, dous de cada lado e o principal. Do lado do Evangelho, no primeiro havia um painel de Nossa Senhora de Belém que repre-

sentava a adoração dos Reis Magos; no segundo estava S. André Avelino, que, por muito estragado, frei Fidelis fez substituir por outro painel em que se vião S. Francisco de Assis, Santo Antonio e S. Affonso de Ligori. Os altares do outro lado pertencião a S. João Baptista e a S. Januario. Os altares erão singelos e sem obra de talha.

Antigamente, e ainda no seculo actual, o povo do Rio de Janeiro era muito devoto de S. Januario, a quem se festejava com pompa todos os annos, e igualmente de Nossa Senhora de Belém, que era honrada com especialidade em todo o oitavario do Natal.

O arco cruzeiro da igreja era de extrema singeleza, tendo apenas algum trabalho de talha; no altar-mór o retabulo era em parte dourado e em parte pintado de amarello; pouco trabalho de talha nelle havia, e apenas se notavão dous anjos de seis palmos de altura. Sobre o throno do altar-mór estava um nicho onde se via o padrociro S. Sebastião, tendo a imagem quatro palmos de altura.

No meio do arco cruzeiro da capella-mór vião-se a corôa de Portugal e as armas e o escudo do Brasil.

No presbyterio da capella-mór, ao pé dos degrãos, que são tres e erão de pedra do paiz, estava (e estará) a sepultura de Estacio de Sá, da qual já em outro *passoio* dei conta, e por consequencia julgo-me dispensado de tornar a fazê-lo neste.

Fóra da grade do altar-mór havia algumas pedras sepulcraes, umas tendo inscripção e outras não. Uma daquellas estava ao lado da Epistola e rezava deste modo :

Francisco d'Alvarenga deitado
jaz aqui neste crucifixo e
seja resuscitado daqui
donde está sepultado
em o dia derradeiro.

Outra, que era de pedra de Lisboa e estava do lado do Evangelho, rezava :

A

S

De Francisco de Caldas
e de sua mulher Helena
de Souza e seus Herdeiros.

Outra pedra sepulcral estava na capella-mór do lado do Evangelho, e tinha inscripção; esta porém tão consumida pelo tempo que não foi possível entendê-la ou decifra-la bem.

Limita-se ao que deixo escripto tudo quanto posso dizer a respeito da antiga igreja de S. Sebastião do Castello.

Em 1842 achava-se esta igreja em verdadeiro estado de quasi abandono e de evidente ruina: o capim e as hervas crescião em torno do templo e ameaçavão conquista-lo; o madeiramento do tecto, as cimalthas, os altares da santa casa de S. Sebastião, a casa toda emfim, achavão-se podres, e expos-

tos a cahir ao impulso das tempestades. O cruel esquecimento em que se deixava uma igreja historica, a mais antiga do Rio de Janeiro, o tecto sagrado que se dedicára ao padroeiro da cidade, e que encerrava em seu seio os restos do primeiro fundador da Sebastianopolis, dava testemunho publico da nossa incuria por tudo quanto não é positivo e material.

Muito longe teria eu de ir se quizesse descrever esse estado de ruina a que chegára a igreja de S. Sebastião do Castello: basta dizer que os concertos necessarios serão taes que exigião uma completa reparação do templo.

E foi assim que os capuchinhos italianos receberam esta igreja, que aliás fôra a da sua propria escolha; e emquanto esperavão recursos para, se lhes fosse possivel, tratarem de realizar obras importantes, occupárão-se logo de apanhar as goteiras por onde a chuva inundava todo o templo e de remendar um pouco o arruinado tecto; e logo depois, auxiliados pelos meios pecuniarios que lhes subministrou o governo imperial, e pelas esmolas do povo, construirão um modesto hospicio, onde se asylarão, mudando-se, enfim, de duas pequenas casas vizinhas da igreja, e que pertencião e pertencem a S. Sebastião.

Entretanto, o successor de frei Fidelis de Montuano, o padre-mestre frei Fabiano de Scandiano, prefeito e primeiro commissario-geral dos missionarios

barbadinhos em todo o Brasil, officiava por vezes ao governo mostrando a urgente necessidade da restauração da igreja, e perdia o seu papel e a sua prosa como se prégasse no deserto, porque o governo ou não lhe dava resposta, ou respondia-lhe com a mais desesperadora concisão: « não ha dinheiro. »

Frei Fabiano de Scandiano foi chamado a Roma, sendo substituido na prefeitura e commissariado-general pelo padre-mestre frei Caetano de Messina, que ainda mais apertou o governo com pedidos e reclamações de meios pecuniarios para restaurar a igreja; creio, porém, que teria sido tão infeliz como o seu antecessor, apesar das promessas que lhe fizeram alguns ministros, se não viesse apadrinha-lo uma violenta tempestade.

Com effeito, no dia 21 de Novembro de 1861 desenfreadou-se uma tremenda borrasca, ao impeto da qual sentio-se abalar a velha igreja, que estremeceu em suas cansadas paredes. S. Sebastião susteve ainda nesse dia a sua casa, mas força foi reconhecer que ella não tardaria muito tempo a cahir.

A imprensa periodica da capital registrou este facto: o padre-mestre frei Caetano insistio em seus pedidos, que o governo dessa vez attendeu, e pondo-se logo mãos á obra que devia restaurar o templo, trasladárão-se nos primeiros dias de Dezembro desse mesmo anno as sagradas imagens, com toda a solemnidade, fazendo-se uma procissão, na qual

levou o Santissimo Sacramento o Exm. Sr. bispo de Goyaz, então recentemente sagrado, e, desmanchando-se a igreja arruinada, continuarão entretanto os capuchinhos a officiar em uma capella provisoria preparada na sacristia.

Deos escreve direito por linhas tortas.

Diz o povo da nossa capital que o *fogo é um elemento de progresso no Rio de Janeiro*, porque á medida que alguns incendios devorão casebres que afeião a cidade, levantão-se logo depois e no mesmo lugar casas menos mesquinhas.

Para a igreja de S. Sebastião do Castello, ou para a antiga Sé, o elemento de progresso não foi o fogo; foi uma tempestade, que esteve a ponto de derriba-lo.

Todavia cumpre confessar que não é das cousas mais bonitas, que se esteja esperando por grandes desastres para se tomar providencias aliás reclamadas por urgente necessidade.

Reparo agora que os meus companheiros de *passeio* estão arfando de fadiga.

Por consequencia... adiamento no caso.



XLIV.

A SÉ DO RIO DE JANEIRO.

(Passeio suplementar.)

No meu ultimo *passeio* descrevi a igreja de S. Sebastião como ella era em 1842 e se conservou até o fim do anno de 1861: agora vou descrevê-la como hoje se acha, e como deve mostrar-se em breve prazo, quando se terminarem todas as suas obras.

O templo não mudou em relação á ordem architectonica; soffreu, porém, modificação em algumas de suas disposições.

A igreja antiga era muito baixa e escura, e encontrando-se nella paredes rachadas e desaprumadas, que tiverão de levantar-se de novo, houve occasião de se corrigir esses defeitos.

As paredes lateraes tinhão trinta palmos, e têm agora quarenta de altura; as do meio tinhão quarenta, e se elevão hoje a mais de cincoenta; as da capella-mór erão de trinta palmos, e passárão a ter quarenta e oito; a da frente da igreja não excedia a quarenta e cinco, e excede agora a sessenta.

O templo era, como disse, escuro: o côro recebia luz por uma janella e um oculo, e as naves dos altares lateraes por cinco clara-boias collocadas no telhado uma sobre cada arco. A maior altura que as novas obras derão ás paredes permittio que se rasgassem

quatro janellas de cada lado do corpo da igreja, duas de cada lado da capella-mór, e mais duas aos lados do camarim ; ao todo quatorze janellas, e todas de cantaria.

A torre do lado direito estava rachada desde cima até os alicerces ; foi concertada, ficando sem obelisco, para não aggravar mais os alicerces, e ajuntando-se-lhe um gigante do lado do mar, para dar-lhe mais segurança, e sobre o gigante construiu-se uma escada, por onde se sóbe ao côro e á mesma torre. A outra do lado esquerdo, tambem concertada e caiada, perdeu um gallo que pousava sobre ella, e que teve de ceder o poleiro a um S. Miguel de cobre : ignoro se o gallo, por ter descido do poleiro, declarou-se em opposição a S. Miguel ; é este um problema que deve ser resolvido pelos nossos politicos.

Na frente da igreja corre uma cimalha, e por cima do telhado, entre as duas torres, levantou-se uma cruz de cantaria que tem nove palmos de altura ; por baixo dessa mesma cimalha ha um oculo de dezaseis palmos de circumferencia, e conservou-se metade da janella do côro.

No interior da igreja levantou-se o côro á altura de trinta palmos, poz-se-lhe uma grade de balaustres, deu-se-lhe uma fórma mais graciosa e alguns ornamentos de obra de talha.

A igreja tem, como dantes, tres naves ; mas os pilares, que em duas ordens se erguião e que erão octan-

gulares, são agora redondos, fingindo columnas de marmore.

Os altares elevárão-se ao numero de nove, tres de cada lado, mais dous em duas capellas aos lados do altar-mór e este: cada um dos primeiros tem um arco singelo, as capellas os seus zimbórios.

Na altura de trinta palmos corre uma cimalha de madeira de ambos os lados da capella-mór, e chega até o fundo da igreja: por baixo da cimalha daquella a parede é forrada até o chão com taboas de cedro, tendo columnas que descem até o soalho e correspondem ao risco do forro: entre estas devem mostrar-se quatro paineis cercados de obra de talha; os paineis serão de Nossa Senhora de Belém, de S. João Baptista, de S. Januario e de S. André Avelino, que conservarão a memoria dos antigos que estavam nos altares.

O arco cruzeiro recebeu ornamentos de obra de talha, e por cima delle vê-se a arca santa, na parte superior da qual se mostra Nossa Senhora, sendo este grupo cercado de nuvens, no meio das quaes apparecem cabeças de cherubins, e os dous anjos da antiga igreja ajoelhados aos lados da arca.

As portas lateraes e os dous portões da principal são novos e aquellas mais altas que as antigas.

A igreja será dividida por grades com balaustres, que fecharão os altares, a capella-mór e as capellas lateraes.

Opportunamente a igreja terá um páteo cercado

de grades de ferro e com dous portões tambem de ferro.

Terminando aqui as informações que posso dar a respeito das obras feitas e por fazer na antiga igreja de S. Sebastião, é de justiça dizer que o adiantamento que ellas têm tido abonão muito o zelo e dedicação que nesse empenho ha mostrado o reverendissimo prefeito dos barbadinhos, o padre-mestre frei Caetano de Messina, aliás já recommendavel por outros trabalhos da mesma natureza realizados em Pernambuco, e sobre tudo pelo importante collegio de Papacaça, por elle fundado nessa provincia, e onde se educação muitas dezenas de meninas.

Antes de considerar o assumpto principal deste *passeio*, que é aquelle com que o rematarei, quero deixar ainda alguns apontamentos relativos aos barbadinhos italianos.

O padre-mestre frei Fidelis mandou vir da Italia para a igreja de S. Sebastião duas imagens de santas, a de Santa Veronica Juliani, capuchinha, e Santa Philomena, virgem e martyr; e, vendo que muitos fieis tomavão por ellas grande devoção, lembrou-se de instituir duas irmandades que se occupassem do culto destas santas; bem depressa, porém, as irmandades e os religiosos barbadinhos achárão-se em desaccordo, e de modo tão positivo e desagradavel que o prefeito e commissario-geral, frei Fabiano de Scandiano, pôz termo ás desavenças despedindo e mandando com Deos aquellas corporações.

Tenho por vezes repetido o titulo de commissario-geral que teve o padre-mestre frei Fabiano, e tem o actual prefeito o padre-mestre frei Caetano de Messina; parece-me, pois, conveniente explicar a origem delle e as obrigações que lhe pertencem.

O titulo de commissario-geral é um caracter de superioridade que a sacra congregação e os superiores dos barbadinhos em Roma derão ao prefeito destes religiosos no Rio de Janeiro, a fim de que todos os prefeitos e vice-prefeitos do Imperio do Brasil dependessem delle, e a elle recorressem nas difficuldades e duvidas em que por ventura se achassem em suas administrações, e para que tambem essa autoridade tratasse os negocios das missões com o governo imperial e dêsse de tudo parte aos chefes em Roma. A principio, quando se tratava de questões mais consideraveis, os prefeitos recorrião a Roma ou ao nuncio apostolico; mas pareceu melhor ao governo imperial tratar com um commissario-geral, e exigio que uma tal autoridade fosse creada no Brasil, para que por meio della negociasse as cousas da missão com os superiores dos barbadinhos na capital do mundo catholico.

Os novos religiosos barbadinhos que entrárão no Brasil e que administrárão a igreja de S. Sebastião, achão-se entre nós ha vinte e um annos; tem-se dito e escripto longamente a favor e contra elles; mas eu já protestei que não entraria em questões desta ordem, e limito-me a declarar que estimaria vêl-os sempre

muito occupados com a catechese do nosso gentio, e um pouco menos com a direcção das almas dos habitantes das nossas cidades e povoações.

Entretanto, é certo que alguns desses religiosos têm prestado bons serviços, e ainda mesmo aqui, na capital, mostrão-se dedicados no cumprimento de seus deveres religiosos, especialmente quando nos vimos flagellados pela febre amarella e pelo *cholera-morbus*.

Devo lembrar o nome de um desses capuchinhos italianos que deixou suaves recordações, e desceu á sepultura, morrendo de morte subita e inesperada nessa mesma igreja de S. Sebastião do Castello.

Era o religioso a que me refiro de familia abastada, e no seculo floresceu como sacerdote e vigario collado na Italia; desprezou, porém, todos os bens do mundo pelo amor de Deos e pelo desejo de se aggregar á congregação dos barbadinhos, professando a regra respectiva com o nome de padre frei Paulino de Limone; sendo destinado ás missões, e mandado para o Brasil, desembarcou na Bahia, e nessa provincia se occupou da catechese dos indios em Rodelas durante cinco annos; chamado depois pela obediencia a esta côrte, distinguio-se na prégação da palavra de Deos; era de todos estimado.

Tinha frei Paulino por costume ir todas as tardes fazer oração em um quarto que havia no angulo do hospicio do lado do mar. No dia 6 de Outubro de 1854, pelas duas horas da tarde, rompeu uma furiosa

tempestade; ribombavão os trovões com violencia, quando frei Paulino, chegada a hora costumada de suas orações, dirigio-se ao quarto mencionado; apenas, porém, acabava de entrar nelle, cahio morto, fulminado por um raio.

Agora, meus companheiros de *passeio*, chegamos ao ultimo ponto com que me cumpre occupar a vossa attenção. Não vos contarei novidade alguma, porque tenho apenas de referir factos que se passarão recentemente aos olhos de todos na cidade do Rio de Janeiro, e que devem ficar registrados neste rapido estudo que vou fazendo.

Adiantando-se as novas obras da igreja de S. Sebastião do Castello, e chegada a occasião de se tocar no pavimento, que devia ser melhorado e alteado, recebeu disso communicação o Instituto Historico e Geographico do Brasil, que, rendendo as devidas honras ao primeiro fundador da cidade do Rio de Janeiro, resolveu ir testemunhar e ainda presidir á exumação dos restos de Estacio de Sá, que consequentemente forão recolhidos, e depois solemneamente encerrados em uma urna, em signal do respeito e gratidão que se devem á memoria do illustre varão.

As duas ceremonias de que acabo de fallar achão-se perfeitamente descriptas em um artigo da redacção do *Jornal do Commercio* de 22 de Janeiro de 1863, porque, além da descripção da solemnidade do dia 20 do mesmo mez e anno, vem nesse artigo trans-

cripto o acto da exumação, a que se procedêra no dia 16 de Novembro de 1862. Sendo assim, e achando eu trabalho feito, aproveito-me do labor alheio, e sem mais cerimonia copio *ipsis verbis* tudo quanto a respeito escreveu o *Jornal do Commercio*.

Ahi vai a historia :

« *Estacio de Sá*. — Publicamos em seguida a noticia circumstanciada do que se passou no dia 20 do corrente, por occasião da nova exumação dos restos mortaes deste homem illustre.

« Effectuou-se com toda a solemnidade a inhumação dos restos de Estacio de Sá, primeiro governador e fundador desta cidade, que ha 296 annos desbaratára os tamoyos, que se havião aliado aos francezes e achavão-se entrincheirados nas aldêas de Uruçumirim e Paranapuca.

« Comprou Estacio de Sá a victoria á custa de sua propria vida, e, martyr, regou com sangue os alicerces da cidade que fundava, e que mal sabia elle tinha de ser a capital de um grande imperio.

« O Instituto Historico Brasileiro associou-se a este acto de homenagem de S. M. o Imperador, que, para lhe dar maior realce, ordenou que a festa de S. Sebastião, o santo martyr padroeiro da

nossa cidade, que até aqui se celebrava na capella imperial, se fizesse este anno na primitiva Sé do Rio de Janeiro, na igreja do Castello.

« A's 11 $\frac{3}{4}$ horas chegou S. M. o Imperador, acompanhado de seus semanarios.

« Os Srs. ministros dos negocios estrangeiros e das obras publicas, o presidente da camara municipal, o cabido e mais empregados da Sé cathedral da imperial capella, o prefeito dos capuchinhos e seus missionarios e os membros do Instituto Historico sahirão ao encontro de Sua Magestade, que foi recebido ao som do hymno nacional, tocado pela banda de musica da guarda de honra postada ao lado da igreja.

« O templo, erguido do meio de suas ruinas, não está ainda completo. Vião-se ainda algumas construcções incompletas atravez de suas singelas galas. No tecto abobadado do presbyterio e por cima da campa do grande capitão sobresahe um painel analogo á reconstrucção da igreja. É um monge amparando um templo que se desmorona. Do céo, como do seio de uma aurora boreal, sahem estas palavras :

Vai, Francisco,
Repara a minha casa,
Que está cabindo em ruinas.

« A igreja continha um numeroso concurso de pessoas de todas as classes e sexos. Começou para logo a cerimonia religiosa, e a musica suave e melancolica, com toda a pompa da natureza brasileira, e digna por certo de José Mauricio Nunes Garcia, echoou nas restauradas naves do templo. Fez o panegyrico de S. Sebastião, e recordou as tradições historicas de Estacio de Sá, o Rev. conego José Luiz Gomes de Menezes. Finda a festividade, seguiu-se a cerimonia funebre. Ergueu-se no corpo da igreja uma eça, onde foi depositada, sobre uma padiola, a urna que contém os restos do grande capitão. É um cofre fabricado de páo-brasil, fechado a tornos, encerrando outro de chumbo com 16 pollegadas de comprimento, 10 de largo e 10 de altura, no qual forão postas as cinzas em 30 de Novembro do anno passado, e depois soldado. Desse acto se lavraráo dous termos de um só teor, assignados pelo presidente do Instituto, o Sr. visconde de Sapucahy, e seus secretarios, os Srs. Drs. José Ribeiro de Souza Fontes e Carlos Honorio de Figueiredo, e o Rev. prefeito frei Caetano de Messina.

« Entoou-se, ao som melancolico e religioso do orgão, um *momento*.

« Então S. M. o Imperador, deixando o docel, veio em pessoa prestrar augusta homenagem a tão venerandos restos.

« Pegarão nas argolas da padiola S. M. o Imperador e o Sr. conselheiro Sinimbú á direita, os Srs. marquez de Abrantes e visconde de Sapucahy á esquerda, e conduzirão a urna para junto da campa. A fim de receber a urna, entrou o Sr. Dr. Souza Fontes no carneiro, construido de pedra de alvenaria e dividido em duas partes. Na parte de cima estava um caixão de cedro contendo os ossos dvidosos encontrados na campa; na parte de baixo havia um vão, forrado de cantaria lavrada, destinado á urna de páo-brasil.

« S. M. o Imperador ordenou que se lesse o auto da exhumação, de cuja redacção fôra incumbido o Sr. J. Norberto de Souza e Silva. O Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro procedeu á sua leitura, que foi ouvida com religiosa attenção, como 1º secretario do Instituto.

« Depositou-se depois o auto no vão formado pelas pedras de cantaria. O Sr. A. A. Pereira Coruja apresentou as gazetas publicadas no dia e as seguintes moedas, que forão collocadas no mesmo lugar: 1 de 20\$ e 1 de 10\$ do anno de 1861, e 1 de 5\$ de 1855, todas de ouro; 1 de 2\$ de 1857, 1 de 1\$, 1 de 500 rs. e 1 de 200 rs. de 1862, todas de prata. Frei Caetano de Messina offereceu uma medalha de ouro sobre o dogma da Immaculada Conceição da Santa Virgem com a effigie de Pio IX e outra de

prata com as imagens de Nossa Senhora da Conceição e S. Francisco de Assis, as quaes tiverão o mesmo destino, e forão postas sobre o auto.

« Mettida a urna no vão de cantaria, foi este hermeticamente fechado com uma lapide de marmore, tomada com cimento, contendo em letras indeleveis e douradas, a seguinte inscripção :

RESTOS MORTAES
DE
ESTACIO DE SÁ,
EXHUMADOS DESTA SÉPULTURA
EM 16 DE NOVEMBRO DE 1862,
A ELLA RESTITUIDOS
EM 20 DE JANEIRO DE 1863.

« A pesada lapide da antiga campa rolou então sobre o pavimento e ajustou-se sobre o carneiro. Erão 2 $1\frac{1}{4}$ horas da tarde.

« S. M. o Imperador deu a cerimonia por concluida, e retirou-se descendo a ladeira da Ajuda, acompanhado de quasi todas as pessoas que assistirão a este acto de tão grande acatamento e respeito pago ao fundador da capital do imperio.

« Aqui transcrevemos o auto da exhumação dos ossos de que acima fallamos.

« Aos 16 dias do mez de Novembro do anno de 1862, nesta cidade do Rio de Janeiro, e na igreja de S. Sebastião do morro do Castello, antiga Só da cidade velha, achando-se presentes S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, aeompanhado de seus semanarios gentil-homem da imperial camara Augusto Duque-Estrada Meyer e guarda-roupa Dr. Antonio Dias Coelho Netto dos Reis, o prefeito dos missionarios capuchinhos que ao presente oocupão a mesma igreja frei Caetano de Messina, e mais missionarios, e os membros do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, visconde de Sapucahy, presidente; Dr. Joaquim Manoel de Macedo, 2º vice-presidente; Joaquim Norberto de Souza e Silva, 3º dito; Dr. José Ribeiro de Souza Fontes, 2º secretario; bacharel Carlos Honorio de Figueiredo, secretario adjunto; Antonio Alvares Pereira Coruja, thesoureiro; e os socios conselheiros Antonio Manoel de Mello, commendador Manoel Ferreira Lagos, bacharel Felizardo Pinheiro de Campos e A. D. de Paschoal, e grande numero de pessoas gradas, se dirigirão ao meio dia ao presbyterio da capella-mór da mesma igreja, onde junto aos degrãos do altar se achavão sepultados os ossos de Estacio de Sá, primeiro governador e povoador do Rio de Janeiro, para proceder á sua exumação, visto ter entrado a igreja em concerto e ser necessario elevar o pavimento da mesma, a fim de que a todo o tempo conste o respeito e veneração que mereceu a conservação dos restos do fundador

da capital do imperio, que na sua conquista adquirio a gloria do martyrio pela coragem e affouteza com que barateou a vida nas batalhas de Uruçumirim e Paranapuca, que forão ganhas aos tamoyos e aos francezes seus alliados.

« E, sendo ordenada a exumação por S. M. o Imperador, se procedeu á remoção de uma lapide de granito do paiz, lavrada mas não polida, de nove palmos de comprido, quatro de largo e um de espessura, que se achava rente com o solo e tinha gravado na face exterior o seguinte epitaphio, em letras capitaes de character latino, sendo o algarismo em caracteres arabicos.

AQVI IAZ ESTACIO DE
SAA PR° CAPITÃO E CO
QVISTADOR DESTA TERRA E
CIDADE E A CAMPA MÃ
DOV FAZER SALVADOR
COREA DE SAA SEV P
RIMO SEGD° CAPITÃO
E GDR° COM SVAS ARMAS
E ESTA CAPELLA ACA
BOV O ANO DE 1583.

« Por baixo desta inscripção vião-se as armas de sua casa.

« E, removida a lapide, com facilidade conheceu-se

então que não havia deposito algum, como era de presumir, por isso que, sendo o corpo de Estacio de Sá sepultado em Villa Velha, povoação e fortaleza por elle fundadas nas immediações do Pão d'Assucar, só dezeseis annos depois é que seus ossos forão removidos para a nova povoação do morro do Castello, traçada por Salvador Corrêa de Sá, que a firmou com o marco da conquista, que ainda existe á porta principal do templo, e que dahi a um seculo se ficou chamando Cidade Velha, para distincção da novissima povoação que se estendeu pelos valles de S. Bento, da Misericordia e Ajuda, e ainda da primitiva, conhecida por Villa Velha. Assim, pois, era uma sepultura rasa sobre o solo artificial da igreja, o qual foi cavado cuidadosamente na extensão de dez palmos sobre cinco de largo e cinco de profundidade.

« E, começadas as excavações, apparecêrão nas primeiras camadas de argila alguns ossos de criança, e depois ossos de adulto, e finalmente onde terminava o aterro e começava o solo primitivo da montanha, encontrárão-se ossos que por sua antiguidade merecêrão ser recolhidos separadamente dos outros. E, tendo-se concluido a exhumação, e levados os restos mortaes para a capella provisoria de S. Sebastião, estabelecida na sacristia da mesma igreja, entoou frei Caetano de Messina com os demais sacerdotes de sua missão um *memento*, a que assistirão S. M. o Imperador, as pessoas aqui de-

claradas e grande numero de individuos de todas as classes, e finda a cerimonia religiosa recommendou S. M. Imperial que se lavrasse o presente auto, sendo os ossos préviamente sujeitos a exame scientifico, de que forão encarregados pelo mesmo augusto senhor os Drs. José Ribeiro de Souza Fontes e Francisco Ferreira de Abreu, para serem quanto antes encerrados convenientemente em urnã duradoura, e depositados no mesmo lugar, sob a lapide que os cobre ha 279 annos.

« E, feito o exame ordenado por S. M. o Imperador, apresentárão os mencionados doutores as 12 seguintes conclusões:

« 1.^a Que forão evidentemente reconhecidos e com precisão determinados durante a exhumação (pelo 1.^o perito) e pelos exames ultteriores feitos em commum, apreciada a disposição e natureza do solo, os limites da sepultura indicada como devendo conter os ossos de Estacio de Sá.

« 2.^a Que nessa sepultura não fôra inhumado cadaver algum, mas sim depositadas as peças pertencentes a tres esqueletos; este facto se deduz naturalmente da falta de relações anatomicas em que forão encontrados os diferentes ossos, accumulados sem ordem, confundidos entre si, como assim do respectivo exame anatomico dos mesmos.

« 3.^a Que os ossos encontrados no primeiro jazigo ou camada superficial, a uma profundidade apenas de dous palmos mais ou menos, procedem de dous individuos distinctos, o primeiro dos quaes teria no maximo 15 annos de idade, e cujo sexo não pôde ser determinado, e o segundo era um adulto.

« 4.^a Que as peças osseas do primeiro jazigo, separadas das do segundo por uma espessura de terreno de tres palmos pouco mais ou menos, e visivelmente distinctas destas ultimas por sua maior consistencia e peso especifico, pela melhor conservação dos seus elementos, e por outros caracteres mais, procedem indubitavelmente de individuos que succumbirão posteriormente, e em uma época muito mais approximada de nós. Procedem ellas dos restos de outros membros da mesma familia ou tronco, e que mais tarde forão tambem trasladados para o mesmo jazigo.

« 5.^a Que as peças osseas encontradas no segundo jazigo, e em grande parte carcomidas ou destruidas pela voracidade do tempo, parecem pertencer todas a um unico e mesmo esqueleto.

« 6.^a Que este esqueleto pertenceu a um individuo do sexo masculino.

« As proporções e grossura geralmente observadas

nas peças osseas que melhor se conservarão ; o notavel desenvolvimento das desigualdades e asperezas destinadas ás inserções musculares, como assim das espinhas osseas e dos sulcos diversos ; o volume das extremidades articulares dos ossos longos dos membros ; o comprimento, a grossura e a notavel incurvação da clavicula encontrada ; a grande espessura do frontal, como dos fragmentos de outros ossos largos do craneo ; que serão igualmente encontrados ; os caracteres anatomicos das vertebrae achadas, e sobretudo a disposição das duas porções iliacas dos respectivos ossos coxae, nos induzem com effeito a acreditar que o esqueleto de que se trata pertenceu a um individuo do sexo masculino ; não podendo todavia deixar de lastimar a impossibilidade em que nos achamos de apreciar a disposição geral da excavação da bacia, o gráo de concavidade da face anterior do sacrum, as dimensões e configuração dos buracos infrapubianos, o gráo de afastamento das cavidades cotyloides, como assim as dimensões dos principaes diametros do pelvis, elementos cuja apreciação imprimiria a esta nossa conclusão o desejavel caracter de certeza anatomica.

« 7^a Que esse esqueleto procede de um individuo cuja idade póde, com grande verosimilhança, ser calculada entre 35 e 50 annos.

« Na deficiencia dos elementos anatomicos que

principalmente caracterisào semelhantes idades sobre o esqueleto — união completa da primeira peça do sacrum com as outras; soldadura do apendice xyphoide com o corpo do sternum, como assim do sacrum com o coccyx — baseamos esta nossa conclusão sobre — a completa soldadura dos discos epiphysarios das vertebrae encontradas, e sobre o estado das suturas dos ossos do craneo; as metades do frontal erào perfeitamente reunidas ou soldadas; a sutura fronto-parietal e as porções encontradas das suturas sagital e lambdoid são ainda muito apparentes, com quanto a união das peças osseas e o encravamento das suas dentilações seja assaz completo. O segundo molar encontrado é alvo e pouco gasto na sua corôa.

« 8.^a Que este esqueleto devia pertencer a um individuo cuja estatura approximada e provavel deve ser avaliada em 1.^m 741, por isso que o osso tibia tinha 0,36 c.

« 9.^a Que esse individuo seria de um corpo regular, pois a clavicula encontrada tinha 0, 14 c., o que inculca que o peito na sua parte superior, de um extremo clavicular a outro, offerceria mais ou menos 0, 32 c.; por outra, que era um individuo de typo portuguez e de estatura regular.

« 10.^a Que os ossos pertencentes a este esqueleto,

despidos tanto quanto foi possível da terra argilosa que lhes era adherente, pesárão 7 libras e 5 onças ou 117 onças; a saber: os ossos que por muito quebrados não forão classificados, e os detriectus pulverulentos, 56 onças; ossos classificados 61 onças.

« 11.^a Que os ossos reunidos pertencentes aos dous esqueletos encontrados no primeiro jazigo pesão 128 onças.

« 12.^a Que, finalmente, as peças osseas encontradas no segundo jazigo, e que fizerão o mais particular assumpto dos nossos estudos e analyse, estiverão indubitavelmente inhumadas por um immenso periodo durante seculos, pelo menos dous, pois que seculos são necessarios para reduzir os ossos humanos ás condições em que forão encontrados os restos que, com todo o fundamento, se julga pertencerem a Estacio de Sá.

« E para que conste a todo o tempo se lavrou o presente auto, que é assignado por S. M. o Imperador e por todas as pessoas acima designadas.—
D. PEDRO II, IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL. — *Augusto Duque-Estrada Meyer.* — *Dr. Antonio Dias Coelho Netto dos Reis.* — *Frei Caetano de Messina.* — *Visconde de Sapucahy.* — *Dr. Joaquim Manoel de Macedo.* — *Joaquim Norberto de Souza e Silva.* — *Dr. José Ribeiro de*

Souza Fontes. — *Carlos Honorio de Figueiredo.* — *Antonio Alves Pereira Coruja.* — *Antonio Manoel de Mello.* — *Manoel Ferreira Lagos.* — *Felizardo Paes* *nheiro de Campos.* — *A. D. de Pascoal.* »

No fim desta transcrição veio-me á lembrança que um homem *serio*, um desses altivos e carrancudos senhores que torcem o nariz a tudo que lhe cheira a poesia, achou *poesia*, *id est*, *estravagancia e falta de juizo* na exlumação dos restos de Estacio de Sá, e nas subsequentes honras que serão prestadas á memoria do assignalado varão, olhando-me um pouco de revez, teve a complacencia de dirigir-me a palavra, perguntando:

— Para que serve isso?

Isso é um adjectivo que, pronunciado com certa contracção dos labios, exprime o profundo desprezo que sente, quem o pronuncia.

Confesso a minha vergonha: não pude responder ao *homem serio*, porque recei perder o restinho de confiança que lhe merecia; mas, pensando comigo mesmo nos tributos de gratidão que se devem pagar aos varões prestantes que flolescêrão no passado, pensando que as honras prestadas aos benemeritos que já não vivem, são incentivos que excitão á prática de virtudes, pensando que a historia do passado é um thesouro que só os brutos desprezão, puz-me a avivar na memoria os feitos de Estacio de Sá, e, idéa desperta idéa, lembrança cha

ma lembrança, recordei-me de um facto do tempo desse distincto capitão, facto que bem pudera ser aproveitado para a instituição de uma festa muito popular e muito util, e que, sem a menor duvida, teria o seu encanto pelas recordações que despertaria.

As *regatas* de Veneza, sem duvida muito famosas pelo numero, riqueza e velocidade das gondolas que tomavão nellas parte, e pela pompa com que se celebrava essa festa nacional, não o erão menos pela sua origem romanesca. Ninguem ignora que os venezianos commemoravão com as regatas a libertação das noivas venezianas que atrevidos piratas haviam raptado.

Pois bem: nós temos igualmente uma origem historica e romanesca para a instituição de *regatas* no Rio de Janeiro, e nesse ponto não nos levará vantagem a antiga rainha do Adriatico. Mais ainda: nos tempos primitivos da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, celebrava-se annual e regularmente uma solemnidade que então tinha o nome de *festa das canôas*.

Para que algum incredulo não pense e diga que estou improvisando, declaro alto e bom som que tenho por mim os valiosos testemunhos de dous veneraveis escriptores, um que é o bom Santa Maria no seu *Anno Historico*, tomo II, § 3º, pag. 397, e outro que é o massantissimo Simão de Vasconcellos na sua *Chronica da Companhia de Jesus*, livro III, § 96, pag. 352 e seguintes.

Em resumo a historia foi esta: em dias de Julho de 1566, quando Estacio de Sá tinha já lançado os fundamentos da cidade de S. Sebastião, perto do Pão de Assucar, e se mantinha alli diante dos francezes e dos tamoyos seus alliados, vierão alguns destes selvagens em vinte canôas simular um ataque, e realmente provocar os portuguezes, que deixando-se illudir, sahirão em quatro canôas a combatê-los: fingirão-se os tamoyos amedrontados e forão-se retirando; com o que, ainda mais animados os portuguezes, lançarão-se em seguida e perseguição do inimigo; mas de subito, ao dobrar um cabo, virão-se no meio de duzentas canôas que cercarão as suas quatro: o combate era desigual e o exito não podia ser duvidoso, tanto mais que alguns francezes animavão e dirigião os indios; succedendo, porém, atear-se o fogo na polvora de uma das canôas, e logo a mulher do principal ou *Guaijará*, que assim se chamava, ao ver o incendio, começou, tomada de pavor, a bradar que era ardil dos portuguezes para queimar a todos os tamoyos e logo deita a fugir, assim como o Guaijará e todos os seus companheiros de combate. Os portuguezes attribuirão a milagre de S. Sebastião o terem escapado a tão grande perigo; o padre Simão de Vasconcellos diz que foi visto um soldado, muito gentil-homem, apparecer de canôa em canôa, combatendo contra os selvagens, e referindo-se ao padre Joseph de Anchieta, pretende que esse soldado fosse S. Sebastião. Certo é que voltarão á cidade nascente

aquelles bravos de Estacio de Sá e os seus valorosos alliados, os indios do intrepido Ararigboya, e em acção de graças por victoria tão assignalada, começarão a celebrar no dia 20 de Janeiro, dedicado áquelle santo martyr, a solemnidade que por muito tempo ficou conhecida por *festu das canôas*.

Creio que os meus companheiros de *passeio* devem-me estar muito agradecidos pelo resumo que fiz de não sei quantas columnas do livro aterrorador do padre Simão de Vasconcellos; mas em vez dos louvores que mereço por serviço tão relevante, eu peço em premio — a *instituição de regatas* — no Rio de Janeiro.

Digão-me cá: os venezianos armando-se em guerra e fazendo-se ao mar em perseguição dos piratas que lhes tinham roubado as suas noivas, e emfim batendo-os, e trazendo em triumpho as suas bellas, tiverão para as suas regatas origem mais interessante, do que essas quatro canôas de portuguezes e indios alliados que não recuão diante de duzentas canôas inimigas, e que pelejando com ardôr tem por companheiro no combate o proprio S. Sebastião, que espanta os inimigos com um fogo milagroso, que se diria, naquelle caso e por aquelle motivo, uma celeste flamma?

Que importa que o sobrenatural se misture nesta tradição com os factos registrados na historia? Todos os povos amão e guardão zelosos suas tradições

com todos os milagres que as exaltão, e vêem nellas um encanto e a poesia do seu passado.

Aproveitemos o pouco que temos em uma curliíssima vida de tres seculos e meio.

As *regatas* são instituições utilissimas: não é preciso demonstra-lo.

Achar na sua historia uma origem romanesca para a instituição das *regatas*, é ouro sobre azul para qualquer nação.

Pois então?

Restaure-se entre nós a *feira das canoas* com a instituição das *regatas*: o dia da festa maritima está marcado pela historia: é o dia 20 de Janeiro.

Que nos falta? Quem queira ser o juiz da festa?

O juiz da festa acha-se natural e suavemente eleito sem empenhos, nem cabala.

O juiz da festa deve ser á corporação da marinha brasileira, que prestará assim um grande e *bonito* serviço á patria e ao martyr S. Sebastião.

Disse:



CORRECÇÃO DE ALGUNS ERROS.

Apezar do mais esmerado zelo que empreguei na verificação dos factos e datas, de que fiz menção na serie destes *Passeios*, e da paciencia incrível com que procurei informações á respeito dos individuos e personagens, a quem tive de referir-me, incorri sem duvida em erros numerosos, que irão sendo corrigidos á medida que se reconhecer a verdade occulta ainda nas sombras do passado.

O que posso asseverar é que não commetti um só erro voluntariamente, e que não me poupei á trabalho para dissipar as minhas duvidas. O que muitas vezes me faltou, foi quem me quizesse informar.

Entretanto a respeito de algumas inexactidões já tive a satisfação de receber obsequiosos esclarecimentos, e para não deixa-las correr como verdades, ajuntarei aqui as seguintes notas, que servem para corrigir os erros que me escaparão, e de que já estou convencido.

I.

No estudo que fiz do *Passeio Publico do Rio de Janeiro*, (Tomo I — pagina 79 e seguintes), tratando do artista que com tanta habilidade e delicadeza executára os ornatos dos dous primitivos pavilhões do terraço daquelle jardim, escrevi que essa obra fôra devida a um brasileiro notavel pelo seu merecimento, e que era conhecido por duas differentes alcunhas—*Xavier dos Passaros* e *Xavier das Conchas*, alcunhas provenientes dos seus delicadissimos trabalhos de pennas e conchas; e acrescentei que não me era possivel dizer, qual das provincias do imperio podia ufanar-se de ter sido o berço patrio desse brasileiro.

Errei gravemente nesta informação.—*Xavier dos Passaros* foi um artista muito differente do *Xavier das Conchas*, e é certo que forão ambos contemporaneos, e que servirão e florecerão no

tempo do vice-rei Luiz de Vasconcellos. O primeiro distinguio-se na *Casa dos Passaros* (edificio onde se estabeleceu depois o Real Erario e se conserva até hoje o Thesouro Nacional) casa, que o vice-rei mandou construir para estaleber nella um muzeo de historia natural, e onde o artista primava no trabalho de encher e preparar *passaros*. O segundo, o *Xavier das Conchas*, illustrou-se no Passeio Publico do Rio de Janeiro; e assim pois errei confundindo este com o *Xavier dos Passaros*.

O *Xavier das Conchas* era militar e cultivava a arte, em que se mostrou tam notavel unicamente por gosto e amor.

Corrigindo deste modo o erro que commetti, vou ter ainda o prazer de apresentar aos meus leitores uma breve noticia do berço patrio, da familia, e da vida do nosso *Xavier das Conchas*.

Francisco dos Santos Xavier, muito mais conhecido por *Xavier das Conchas*, filho legitimo de Verissimo dos Santos e de D. Ignacia de Arao, nasceu na cidade do Rio de Janeiro no anno de 1739, e foi baptisado na freguezia de N. Senhora da Candelaria.

Destinando-se á carreira militar, assentou praça de soldado na mesma cidade do Rio de Janeiro á 12 de Setembro de 1752, e foi logo depois destacado para a ilha de S. Catharina, onde se conservou em serviço activo trinta e dous annos quatro mezes e vinte dias subindo successivamente aos postos de cabo de esquadra, condesctavel, almoxarife das fortalezas e ajudante de auxiliares. Durante esse tempo desempenhou diversas commissões difficeis e importantes, e entre outras a de examinar, se era possivel estabelecer navegação entre a serra e a costa do mar, rompendo-se as lagoas para fazer communicar a Villa da Laguna com o rio Tramandahy. Executando esta commissão Francisco dos Santos Xavier caminhou apé cerca de cincoenta leguas por pantanos, desertos, rios, e lugares quasi intransitaveis, conseguindo apresentar em 17 de Fevereiro de 1763 um roteiro, em que deu informações detalhadas de todo o terreno.

Sendo sargento, commandou por espaço de nove annos a fortaleza de N. Senhora da Conceição da Barra do Sul, em Santa Catharina, e fez á sua custa nessa fortaleza um armazem, e dous qnarteis: foi promovido em 27 de Junho de 1776 a ajudante do Terço de infantaria e cavallaria de S. Catharina e teve de andar pelas freguezias disciplinando os soldados.

Tendo obtido tres mezes de licença veio Xavier muito á proposito ao Rio de Janeiro; porque o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, conhecendo o seu grande prestimo, o encarregou, por portaria de 18 de Outubro de 1787, de notaveis trabalhos na obra do Passeio Publico que então fazia executar, e mandou que se lhe pagassem os seus soldos em quanto elle se demorasse na cidade do Rio de Janeiro occupado naquelle serviço.

Sabe-se como forão e como são habeis em delicados trabalhos de conchas, pennas, e escamas os catharinenses: sem duvida Francisco dos Santos Xavier aprendeu essa arte mimosa durante os longos annos que esteve em S. Catharina, e tam famoso se tornou em taes trabalhos que mereceu ser conhecido por *Xavier das Conchas*— Como se houve o artista nas obras de que foi encarregado no Passeio Publico já ficou dito na discrição que deixei no lugar competente.

Xavier foi por portaria do mesmo vice-rei Luiz de Vasconcellos datada de 17 de Outubro de 1787 confirmada por patente dada pela Rainha D. Maria I a 13 de Fevereiro de 1789, promovido á capitam de infantaria e governador da fortaleza da Conceição, do Rio de Janeiro e encarregado da inspecção da real fabrica das armas da mesma fortaleza, e sendo á 15 de Julho de 1790 por portaria do vice-rei conde de Rezende reformado no posto de capitam com meio soldo dessa patente, continuou todavia no commando da fortaleza, onde foi encarregado de algumas importantes commissoes, como, por exemplo, do fornecimento dos petrechos bellicos para as náos e fragatas da esquadra real, e coube-lhe tambem a guarda de presos da inconfidencia e de outros.

Por portaria do vice-rei datada de 16 de Outubro de 1801 foi promovido a tenente-coronel com o soldo de sargento-mór, con-

tinuando a commandar a fortaleza da Conceição, e sendo-lhe contado aquelle soldo desde 18 de Março de 1801 por carta regia de 18 de Maio de 1802.

Francisco dos Santos Xavier casara e enviuvára em S. Catharina, e d'ahi troucera para o Rio de Janeiro dous filhos, fructos da sua legitima união. Nesta cidade passou á segundas nupcias á 15 de Janeiro de 1790, e foi sua mulher D. Rosa Francisca de Vasconcellos Vahia, filha do mestre de campo Bartholomeu José Vahia, e irmã daquelle que foi depois no Imperio do Brasil conde de Sarapuly.

Sendo tenente-coronel e ainda governador da fortaleza da Conceição falleceu Xavier a 5 de Julho de 1804.

II.

Descrevendo os dous primitivos pavilhões do *Passeio Publico do Rio de Janeiro*, disse eu que os quadros elypticos passavão por ter sido obra do mestre Valenitm. Não é exacto. O mestre Valentim não foi pintor : infelizmente não sei ao certo quem foi o artista a quem se deverão aquelles bellos trabalhos, *de que não ha mais noticia alguma.*

III.

Em um dos *Passeios*, em que estudei o Imperial Collegio de Pedro II, dice (no Tomo II pagina 72) que antes do Regulamento de 24 de Outubro de 1857 que alterou algumas disposições dos anteriores relativos aos estudos de instrucção secundaria do municipio da Côte, *havia espalhadas pela cidade algumas aulas de instrucção publica secundaria, uma de latim, uma de philosophia etc.*

Houve nesta informação um notavel engano da minha parte. Antes do regulamento de 24 de Outubro de 1857 havia no municipio da Corte não *uma* ; porém *tres* aulas publicas *grauitas* de latim, cujos professores erão o Padre Agostinho Marques de Gouvêa, João de Castro Silva, e o Sr. Jorge Furtado de Mendonça, um dos actuaes professores de latim do Imperial Collegio de Pedro II.

E ainda bem que desfasendo este engano, ganha dobrada ou triplicada força a argumentação, que apresentei á paginas 72 e seguintes do Tomo II.

IV.

Tratando da igreja do Rosario, e competente irmandade, fiz censuras justissimas, lamentando a decadencia e ruina daquelle templo ; fui porém involuntariamente injusto não estabelecendo uma excepção á favor de quem muito a merece.

Foi a injustiça devida á falta de informações, que procurei debalde por algum tempo e que só recebi depois de impresso o *Passaio*, em que desse assumpto me occupei.

Rendo agora um tributo á verdade, corrigindo esse erro.

Nos ultimos tres annos, isto é de 1859 a 1862 e tambem no corrente de 1863 as adminisirações da irmandade de N. Senhora do Rosario e de S. Benedicto tem enpregado verdadeira solidude nos reparos da igreja do Rosario : as obras progridem com o possivel ardor, e estão em esperançoso adiantamento, merecendo portanto elogios aquellas administrações.

Aproveitando o ensejo, que me offerece esta nota, darei ainda as seguintes informações sobre o patrimonio da irmandade de de Nossa Senhora do Rosario e de S. Benedicto.

A irmandade possui 13 propriedades nas seguintes ruas :

Rua do Ouvidor—casas ns. 138, 140, 142, 144, 146, 148.

» d'Assembléa—casa n. 31.

» do Senhor dos Passos—casa n. 53.

da Lapa—casa n. 75.

» Larga de S. Joaquim—casa n. 105.

Travessa do Rosario—casas ns. 2, 4, 6, e 6 A antigo consistorio.

Largo do Rosario—casa n. 1.

Renderão estas casas durante o anno de 1861 rs 10:932,540 e pagarão de decima á Fazenda Nacional 1:865,096 rs.

Procedendo-se em 1861 a avaliação dos predios da irmandade, importarão ellas em 150:000,000 rs.

FIM DO SEGUNDO VOLUME E DA PRIMEIRA SERIE.

INDICE

Das materias do 2º volume.

PASSEIOS :	PAGINAS
XXIII	<i>O Imperial Collegio de Pedro II...</i> 4
XXIV	<i>O Imperial Collegio de Pedro II...</i> 46
XXV	<i>O Imperial Collegio de Pedro II..</i> 32
XXVI	<i>O Imperial Collegio de Pedro II...</i> 47
XXVII	<i>O Imperial Collegio de Pedro II...</i> 62
XXVIII	<i>O Imperial Collegio de Pedro II..</i> 76
XXIX	<i>O Imperial Collegio de Pedro II....</i> 91
XXX	<i>O Imperial Collegio de Pedro II...</i> 106
XXXI	<i>A Capella e o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto.....</i> 121
XXXII	<i>A Capella e o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto.....</i> 137
XXXIII	<i>A Capella e o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto..</i> 153
XXXIV	<i>A Capella e o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto....</i> 168
XXXV	<i>A Capella e o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto..</i> 187
XXXVI	<i>A Sé do Rio de Janeiro.....</i> 202
XXXVII	<i>A Sé do Rio de Janeiro.....</i> 218
XXXVIII	<i>A Sé do Rio de Janeiro.....</i> 235
XXXIX	<i>A Sé do Rio de Janeiro..</i> 250
XL	<i>A Sé do Rio de Janeiro.</i> 265
XLI	<i>A Sé do Rio de Janeiro....</i> 282

XLII	<i>A Sé do Rio de Janeiro.</i>	300
XLIII	<i>A Sé do Rio de Janeiro (Passeio Supplementar)</i>	316
XLIV	<i>A Sé do Rio de Janeiro (Passeio Supplementar)</i>	322
	<i>Correcções de erros</i>	357



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).